

VERSOS
DE
FILINTO ELÍSIO

TOMO IV

ODE

A FILINTO

Musa vetat mori.

HORAT.

COM sacrílego arrojo o Céu tentaram,
Fitando o trono eterno, ímpios gigantes;
Porém a Dextra, que maneja o raio,
Trocou a audácia em cinza.
Tal dos zoilos que às Musas se atreveram
Confundindo o rancor do Engenho ao brilho
Mostrou baldadas da Calúnia as artes,
Contra imortais esforços.
Na torrente dos séculos profunda
Impérios, gerações desaparecem:
Mas nomes como o teu, Filinto ilustre,
Comum destino escapam.
Quem, como tu, do Luso plectro arranca
Olimpíacos sons; quem vibra as cordas
Da Orfeia Lira, que ameigou das sombras
O desabrido Númen;
Não teme horrores do Aqueronte avaro:
Se a fortuna se obstina, à Morte cede;
Mais dóceis que os mortais, curvam-se os anos
Ao poder d'harmonia.
Transpondo o negro vau, que absorve as chamas
Do ignaro vulgo; as miserandas terras
Tu deixarás Filinto, e das idades
Terás a vida e culto.
Embora da existência o pego incerto
Ostente ora procela, ora bonança:
O sábio em seu propósito seguro,
Plácido sulca as ondas.
Sem medo à Morte, sobranceiro à Inveja
Indómito a desastres, e a tiranos,
Igual o encontra na verdade absorto,
Fado severo, ou meigo.
Desta arte o Sábio a Eternidade atinge,
E quando as Musas seu renome exaltam,
Distinto entre imortais seu nobre assento

Raia brilhante ao Mundo.
Tal se me antolha teu destino excelso,
Quando, Filinto, aos ares te remontas,
E rápido cruzando a etérea via,
Fulguras entre os astros.
Da Moral, da Virtude aceso lustre
Tu, farol Venusino, inda mais brilhas,
Pois a negrura teu fulgor não doura,
De coroados monstros.
Tu, rígido sectário da Verdade,
Seu preclaro cantor, nunca aviltaste,
Divino metro sobre as torpes aras
Da sórdida lisonja.
Da estúpida Arrogância os Simulacros
Já Tu mais incensaste. Eis porque a pátria
Perdeste, e a paz, e os bens; que te arrancara
Maléfico Alvedrio.
Céus! que horrível Mistério a Lusa glória,
Cobriu sempre de luto? Ah! que elementos
Estranhos combinou! Mérito, exílio,
Talento, e desventura!
Depois, que Génio mau de Lísia acerbo,
Avarento, fanático Ciúme,
Dominou seu solar, de Stígia peste,
Infectou seu regaço.
Da Intriga as Serpes que o vil Ódio nutre
Com venenoso bafo amorteceram
Os louros de Pacheco, e o rico Esmalte,
Que lhe adornara as cinzas.
De Lísia desde então lavrou no seio,
O atroz flagelo da Grandeza sua,
Que em menoscabo da nativa glória,
Deu seu alarde a estranhos.
Prófugo assim da pátria, que idolatras,
Que inda serves, Filinto, Ah! porque gemes?
Justa ao mérito alheio, a pátrios dotes,
Não é adversa Lísia.
Se o coração simpático não mente,
Sua voz ouço alegre à minha unir-se,
E grata ao nome teu, folgar, soberba,
De dar-te o berço e o aplauso.
Mas de seu nome os inimigos feros,
Seu seio devorando, hão decretado,
Perseguição em prémio à Sapiência,
Ao Engenho extermínio.
Ah! e até quando, expiadores Fados,
Sofrereis tal labéu, de Lísia indigno?
Mas, qual palma Idumeia a Glória surge,
Ao peso que a comprime.
O dia da Virtude, inda que turvo,
Perante os da Fortuna, é sempre belo;
E no seu ocidente a nuvem despe,
Que a Inveja lhe criara.

Assim rotos os véus da tempestade
Que, densos, Céu estivo enegreceram,
Torna o sol mais formoso, e nova gala
Reveste a Natureza.

V. P. NOLASCO. [1]

Cheltenham, 4 de Setembro, de 1813

SONETO

À ODE DE FILINTO ELÍSIO

Melhor que os Cisnes, discantou Marreco.

MUITO mais alto, do que soa a história
De Egípcios monumentos, se ergue o Canto,
Que de Ulisses o error, de Tróia o pranto
Pode gravar no templo da Memória.

Minha voz de ave rouca, e transitória
Mal seguirá, Filinto, aquele encanto
Que tu, já Cisne, de harmonia espanto
Soltas no voo perenal da Gloria.

Aos sons da Marrequeira, a pausa escura
Não tardará do olvido; e tu cantando
Vencerás a mudez da Sepultura.

Debalde vou teus anos modulando.
Fica atrás, quem te vê na Olímpia altura
Já da morte e do tempo ir triunfando.

A.J. F. M.

Londres, 23 de Dezembro, de 1817

STANCES

À UN POÈTE PORTUGAIS EXILÉ

GÉNÉREUX favoris des filles de mémoire,
Deux sentiers différents devant vous vont s'offrir,
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir!
Ton destin, ô Manoel, suivit la loi commune,
Ta muse t'enivra, de précoces faveurs,
Tes jours furent tissus de gloire et d'infortune!....
Et tu verses des pleurs!....
Rougis, plutôt rougis d'envier au vulgaire
Le stérile repos dont son cœur est jaloux;
Le ciel a fait pour lui les trésors de la terre,
Mais le Pinde est à nous.
C'est là qu'est ton séjour, c'est là qu'est ta patrie,
C'est là, divin Manoel, que seront tes autels,
C'est là que l'avenir, prépare à ton génie
Des honneurs immortels.
Ainsi, l'aigle superbe au séjour du tonnerre
S'élance, et soutenant son vol audacieux
Semble dire aux mortels: Je suis né sur la terre
Mais je vis dans les cieux!
Oui, la gloire t'attend, mais arrête: et contemple
À quel prix on pénètre en ses parvis sacrés!
Vois; L'infortune assise à la porte du temple,
En garde les degrés.
Ici, c'est ce vieillard que l'ingrate Ionie
A vu de mers en mers promener ses malheurs.
Aveugle, il mendiait pour soutenir sa vie,
Un pain mouillé de pleurs.
Là le Tasse brûlé, d'une flamme fatale,
Expiant dans les fers, sa gloire et son amour,
Quand il va recueillir la palme triomphale
Descend au noir séjour.
Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,
Luttant contre le sort, ou contre les bourreaux;
Il semble que le ciel aux cœurs plus magnanimes,
Mesure plus de maux.
Impose donc silence aux plaintes de ta lyre,
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil;
Mais toi, fils d'Apollon, que ton malheur t'inspire
Un généreux orgueil.
Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare
Te chasse loin des lieux qui furent ton berceau,
Que t'importe, en quels bords le destin te prépare
Un glorieux tombeau?

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaîneront ta gloire aux lieux où tu mourras;
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage

Que tu lui laisseras.

Ceux qui l'ont méconnu regrettent le grand homme,
Athènes à ses proscrits ouvre le Panthéon,
Coriolan expire, et les enfants de Rome

Revendiquent son nom.

Aux rivages des morts, avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains,
Aux Sarmates grossiers il a légué sa cendre,
Et sa gloire aux Romains.

ALPHONSE DE LAMARTINE

SONETO

A FILINTO, PELO SEU AMIGO E ADMIRADOR OLINTO

Descends du haut des cieux, auguste Vérité,
Répands sur mes écrits ta force et ta clarté.

VOLT. *Henr.*

TU que voas além da vista humana,
Quando sublime estreitas leis quebrantas,
E com douto delírio o mundo encantas,
Pulsando destro a lira Horaciana:
Tu de quem a facúndia igual dimana,
Se os novos Gamas, se os antigos cantas,
E em língua pura, e altíssima levantas
Mais majestosa a Musa Lusitana.
Bem como águia que aos filhos seus ensina
A remontar-se ao Sol, que sopesados
Os leva, e fende a etérea azul campina,
Assim me eleva aos dois cumes sagrados,
Oh! mostra-me o licor da Cabalina,
E os arcanos de Apolo mais vedados.

ODE

Niort, 23 de Março de 1814

E que importa que grasnem roucos gansos
Nos lodos, que ao Parnasso a entrada cobrem,
Ouvindo o branco Cisne empavonado
Cantar no alto do Monte?
Que fez a Homero a voz de um Aristarco?
Ou Bávio, ou Mévio à tuba Mantuana?
Zombaram do Orco os Épicos divinos,
E os zoilos pereceram.
No livro do Destino em letra eterna
Certeira a Parca pôs, que um home' egrégio
Por glória grande a combater tivesse,
Do Mal-dizer os dardos.
Que vontade se tem por clara e pura,
Que toldar não a intente o monstro odioso?
Mas à sórdida língua a força abate
De Astreia a nobre espada.
Parto da negra Inveja nunca cessa
De influir nos corações, que a mãe corrompe,
O ardor de escurecer uma alma ilustre,
Que emparelhar não podem.
É selo ao génio excelso o ser ladrado,
E tanto quanto brilha; assim pouco uivam
De Délia ao meio rosto os cães vadios,
E vendo-o todo enraivam.
Filinto, continua a mofar deles,
E de seus vãos latidos; que o teu nome,
E os versos teus a mão gravou de Febo
No templo da Memória.

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA LEITÃO

Este muito prolixo *Testimonia veterum*, e enfastiado argel de outros elogios *ultra modum* com que me têm assoberbado vários Curiosos, nem eu, nem os Leitores, nem os mesmos que os compuseram, creram tal. Nem o *divin* que o Autor *des Stances* me imbuta, nem a alcunha de *Horácio Lusitano* que descarados me encampam, valia comigo tem. Um louvor moderado, mas sincero que me viesse de Elpino, de Garção, ou do bom Duriense me contentaria mais, que todas essas encarecidas exuberâncias.

Mas dir-me-ão os pientíssimos Leitores, porque consentes, que alagarteiem o avental do teu livro com as floreadas farfúncias, que nem nós, nem tu, nem os panegiriqueiros mesmos acreditam. Ei-la aí vai a verdade nua e crua: faltava para enegrecer um certo número de páginas, um adequado chorrilho de palavras, e arrancou o Impressor do cadoz da pasta esses esquecidos palanfrórios.

DISSE.

AO SENHOR FRANCISCO MANUEL
DO NASCIMENTO
(FILINTO ELÍSIO)

No dia de seus anos, 23 de Dezembro de 1817

Rapiamus, amice,
Ocasione de die...
Obducta solvatur fronte senectus.

HORAT. *Epod.* 10.

ODE

ENTRE as hórridas, fúnebres ideias,
Imagens tristes, férvidos queixumes
Da humanidade enferma,
Que Déléfco delírio me arrebatá,
Que entusiasmo santo
Me volve n'alma, o coração me enleia!....
Onde me fica a terra, onde a morada?
Já tão longe de mim que des-parecem.
Novos ares respiro
Novas decorro sendas, novos climas...
Que suaves acentos,
Doce harmonia fere em meus ouvidos?
«Áureas Liras cantai, cantai sonoras
Seus faustos anos, seu plausível Dia
Que no Helicon sagrado
Canções festivas, mais que nunca altíloquas,
Neste dia ressoem...
Festeje-se o natal do Horácio Luso.
Onde me elevas Musa? Aonde, ao Pindo?...
Anelante seguia... Eis d'improviso
Brilhante véu se rasga,
Objectos mil a vista me deslumbra...
Para que os sons escute
No rouco peito a débil voz enclaustra.
Além das castas filhas da Memória
Da ilustre Grécia e Roma excelsos Vates,
O bicípité monte
C'os plectros de ouro cândidos adornam.
Stá Camões, Tasso e Milton,
Cingem-lhe a frente verdejantes louros.
Os sons que se ouvem são do Deus Apolo,
Que voltado a Camões solta este canto:

«Oh Cisne de Ulisseia
Exulta, exulta... o teu Filinto caro
Vencendo a Morte, e o Tempo
Hoje feliz ditosos anos conta.
Áureas Liras cantai, cantai sonoras
Seus faustos anos, seu plausível Dia.
Maior do que seu Fado,
Da Inveja as lanças, da Ignorância as iras
No broquel da Virtude
Sossegado aparou, baldou superno.
E ousou o Tribunal infame e pérfido
Do bom saber algoz tenaz e iníquo,
Roubar à Pátria Lusa
Tanto esplendor e Génio, tal triunfo?...
Graças ao canto amigo
Que astúcias lhe frustrou, burlou desvelos!...
Venceu enfim, zombou dos ferros Bonzos,
Aos pés calcou o rude Fanatismo,
E as Neptuninas Ondas
Em veleiro baixel cortando afouto,
Na valorosa Gália
Livre, adorável paz contente goza.
Berço d'Heróis, Alcáçar de Minerva,
Egrégia França! Tu lhe abriste os braços
Que a Pátria lhe negara!...
Plácido, puro asilo da inocência,
Ao proferir teu nome
Que mágoa extrema o peito me assoberba!
Quantos em ti fecundos Génios vagam,
Que em Lusitânia reluzir deveram!
Entregues do Infortúnio
Aos pesados grilhões a vida arrastram
Em erma soledade...
Obscuros vivem, faltam-lhes Mecenas.
E a pujante Versúcia, o pedantismo,
A lisonja venal, o crime infenso
Alta a cerviz entonam!...
Qual, debatendo as cortadoras plumas,
Manso retalha os ares,
Águia altiva de Febo scrutadora,
E c'os opacos olhos, aves tímidas
O acelerado, trilho apenas seguem,
Assim, caro Filinto,
Sobre as da Fama penetrantes asas
Da Glória ao Templo voas,
Extática deixando a turba ignara.»

POR BENTO LUÍS VIANA [IV]

A FILINTO ELÍSIO

Quam tibi grandiloquo lyrici peperere labores,
Gloria per populos non peritura volat.

ODE

PORFIADAS fadigas que Honra e Glória
Agora me prescrevem, caro amigo,
Pulsar a doce Lira
Rigorosas m'o vedam.
Aos que a Natura esconde Arcanos áureos,
A aflita mente espargue a curta vista.

Do Alcáçar de Lineu e de Esculápio
Não desliza importuna minha ideia,
E quando em lassas horas
Lições de Horácio escuto,
Eterna admiração em mim trasborda,
De Poeta assomos descorçoado perco.

Ontem que, modulando, me ensaiava
A cantar-te, qual canta Ismeno Cisne,
No papel inda a pena
Soberba não rugia,
Quando etéreos espaços dividindo,
No alvergue meu desmonta Apolo irado.

Corisco estragador, troante raio
Que de mim junto o berro vomitasse,
De terror tão disforme
Meu peito não ferira:
«Fraco mortal, depõe a rouca Lira,
(Me diz o Deus) o bÍjugo Cabeço

Subir não ouses, tu, a quem meu Estro
Arrojados negou os altos voos
Se encómios tecer queres
Ao meu Filinto amado,
A altas Liras o dá, Cantores outros
Que co' a Fama o seu Nome aos astros levem.»

PELO MESMO

AO SENHOR FRANCISCO
MANUEL DO NASCIMENTO
(FILINTO ELÍSIO)

Sume superbiam,
Quæsitam meritis, et *illi* Delphica
Lauro cinge, e volens, Melpomene, Comam.

HORAT. *Lib. 3. Od. 24.*

SONETO

NAS mãos trazendo Láurea florescente,
Desce Apolo do Pindo: vem rodeado
Das Musas, que s'entranham de alto agrado
Em ver Filinto, em dar-lhe aplauso ingente;
Do mago Plectro, ao vê-lo, som Cadente
Seu Nome exímio canta sublimado,
Canta... e de vivo júbilo assaltado
Alada voz disfere preeminente:
«Altíloquo rival do Venusino,
Émulo de Camões, teu Génio raro
Pindárico roubou fulgor Divino.
O, devido a teu mérito preclaro,
Em torno a frente cinge, Loiro dino
Tu que és dos Filhos meus, Filho o mais Caro.»

POR BENTO LUÍS VIANA

AO SENHOR FRANCISCO
MANUEL DO NASCIMENTO
(FILINTO ELÍSIO)

SONETO

APENAS que extinguiu Parca inumana
Do Luso Vate o sublimado Canto,
Chorou do áurito Pindo o Coro Santo,
Saudoso a aclama, inda hoje, de tirania.

Eis vê, que aspira à de Camões ufana
Glória teu estro, que se afouta a tanto:
Presto põe termo à dor, põe termo ao pranto,
Vê novo lauro à gente Lusitana.

Ergue de Cirra o Deus a mão da Lira,
E a ti, Filinto, o Númen inclinando,
Contente ouve teus sons, sons que ele inspira.

Exulta... Exulta, ó Cisne memorando,
Que ovante a grata Fama os pólos gira,
Além dos Tempos o teu Nome alçando.

PELO MESMO

OBRAS INÉDITAS

DE

FILINTO ELÍSIO

ODE

A EL-REI D. JOÃO VI.º

..... Oh ditoso o Vate
De lisonja insuspeito, que nas cordas
Da Lira ingénua teus louvores puros,
Melhor que os desse Augusto, ou de Alexandre,
Ferir com mão ousada.

RAMLER

ESTROFE I.^a

ESTA Europa, que abraçam por dous lados
As Neptuninas ondas,
Onde lindas Nereias, desparzidas
As auri-verdes tranças,
Se assomam junto às margens, a avistarem
Dos majestosos Régios aposentos
As elevadas cúpulas;
De intrépidos Heróis, de guapas Damas
Valor sem mancha, e polidez honesta:

ANTISTROFE I.^a

Esta Europa, que das partidas do Orbe
Facilmente é Princesa,
Sempre alcançou de Jove o ser quem desse
Supremas leis aos Povos.
Vimos Roma; e, antes dela, a Grécia vimos
Sujeitar a Ásia; e em mais chegadas Eras
O Lusitano hardido
Senhor nas costas de África, ir ufano
Cravar os seus pendões nos fins do Oriente.

EPODO I.º

As Leis melhores, o mais sábio Oráculo
Da Divina imortal Filosofia
Tens de encontrar na Europa,
Sócrates e Platão, de quem dimanam
Os luzeiros, com que hoje se esclarecem
Tão activos Ingenhos;
Que, a, que beberam, santa e sã doutrina,
Derramam no Universo, generosos.

ESTROFE II.ª

Deu novo berço às Musas renascidas
A Itália; a França acolhe
Com risonho semblante, ampara, e preza
O Saber foragido.
C'os despojos da Grécia se enriquece;
E os que de Constantino o Império deixam
Os sobe aos tronos Clássicos
A Gália de ciências cobiçosa
Se o duro Maomé os pôs em fuga.

ANTISTROFE II.ª

Aqui ressoa o Eco modulado
Dos que, em Liceus, Atenas
Cantos ouvira a Alceu, Píndaro, Homero.
Lá Sófocles... AMÉRICA
Toou na Lira! O som que eu não tocava,
Musa, tu com teu plectro, tu o feriste.
Porque das Gregas raías
Me arredas as lembranças harmoniosas?
Os tons, que emulam ir banhar-se em Dirce?

EPODO II.º

Porque me impeles, Musa, a que enobreça
Os de América germes generosos!
Vem teu ignoto impulso
Dalgum pujante mérito, ou façanha
Influída por ti? por ti ganhada?
Move pois por diante
As cordas, e no atento ouvido entoa
Sons, com que Varões tais sublime adornes.

ESTROFE III.ª

Houve Homem justo, das Virtudes molde,
Que ansioso, em terra estranha,
De ir delas desparzir splêndidos raios,
Deixou da Pátria o seio,
Em que bebera as máximas sagradas

Do Brio, do Valor, e as da Justiça.
Partiu da Elísia ilustre
Co' a Esposa, que nos méritos o iguala,
E qual astro segundo co'ele brilha.^[M]

ANTISTROFE III.^a

Assim vai Cadmo, em busca de Hermione;
Assim ao Filho manda
Que estranhos mares corra, ignotos Climas,
Té que a enganada Europa,
No falaz Touro nímio-confiada
Encontre, ou tome rumo, onde a depare.
Cabra! Oh mui ditoso!
Ditosa a Tempestade, que ante os olhos
Te pôs o áureo Brasil de gemas rico!

EPODO III.^o

Quão mais ditoso, se entalhando a viras
Calíope, nos serros pontiagudos
Da Barra da Metrópoli,
O nome de João, suas virtudes,
Seu digno esforço, no deixar a Pátria
(De saudades centro!)^[M]
Deixar os Povos que ama, e ir ser amado
Dos que vai aditar c'o Real semblante.

FRANCISCO MANUEL

ODE

À RAINHA DONA CARLOTA

Assim, mercê de Febo, a nosso arbítrio
Fazemos cidadãos da Eternidade
A mil e mil, c'o poderoso cármén
De néctar borrifado.

ALFENO CÍNTIO

SOBRE Hinos imortais irás subindo
Rainha Augusta a Olímpicos alcáçares,
Onde as hostes da Inveja não se afoutam
A cometer escala.
Têm de em vão forcejar o Tempo, a Morte
Alçando irados os talhantes gumes;
Teu nome pelos Vates defendido
Dos seus estragos zomba.
Dá às Musas plena fé. Oh! não liviano
Julgues encómio, com que a Heróis prendamos.
Nascido às abas do último Ocidente
Posso fazer-te eterna.
Junto à praia Meónia ousado Cisne
Cantou tão alto, que lhe ouviu a tuba
A fria Tule, o apavonado Eoo,
No celebrar a Aquiles.
Do Pindo nos assentos mais subidos
Se recosta Virgílio: inda as Aónias
Recordam na teorba a tão suave,
Tão duradoura Eneiada.
Quem não conhece o destemido Gama?
Lê seus feitos o Dace, o Messageta.
E oh! quão cultas Nações o Vate invejam
Dos fortunados Lusos!
As façanhas que as Musas não recolhem
No virgíneo regaço, e não as tecem
Peritas mãos de mélicos Cantores,
Mal vêem à luz, – perecem.
Com denso véu as cobre escura noite
E em báratros vorazes despenhadas,
Nunca mais surgirão à luz do dia,
Por mais que os séc'los volvam.
Lívido Esquecimento, no seu golfão
Não sorverá, Rainha augusta, as santas
Acções puras de Amor, e de Clemência
Que dão prazer no Empíreo.
Tu, os Lusos corações a ti prendeste,

Em brando, em desejado cativoiro,
No espargir almo riso, espargir laços
Que os ânimos nos cingem.
Se, a Deus, piedosa, as mãos Reais levantas,
Vêm descendo dos Céus, em nuvem grata,
Graças que te ornam, graças que mor culto
Nos teus Lusos inspiram.

FRANCISCO MANUEL

ODE

23 de Dezembro de 1817

Sic mihi tarda fluunt ingrataque tempora.

HORAT. Ep. 1. Lib. 1.

No quarto ano do lustro sexto-décimo
Entrei: quem sabe se eu findá-lo obtenha?
Não m'o dá a crer a ruim Melancolia
Que, em solidão, me rala.
Paris, para Filinto é ermo insípido,
Se dos Lusos que vêm, já stantes Lusos
Lhe falta a desejada companhia,
Que ele, única, apetece.
Da Pátria o amor, que na alma eterno lhe arde,
Lhe influi amar os seus, e em preço tê-los:
Os que, ao nascer, em braços o tomaram,
Lhe ouçam o adeus extremo.
Lá stá (me digam) a Ópera, a Comédia:
Que vale Ópera a um surdo? Apenas ceva
Em gesto, em rico traje, em bastidores
A vista com desleixo.
A musica que amou, com gosto sumo,
A quem deu, com fervor juvenis anos,
Em vão devolve amável melodia;
No ouvido os sons se baldam.
Nos sítios, em que splende a Formosura,
A Graça, a Polidez, que assento cabe
Ao decepado Velho, se lá intenta
Entremeiar-se inútil?
Onde estais, Mathevon, Araújo, Alfeno?
Cortou-vos imaturos crua fouce;
Cortou minha alegria, e o laço estreito
Da constante Amizade.
Tive um Amigo perspicaz, bom crítico,
Bondadoso por génio: – hoje amuado
Sumiu fala, sumiu papel e pluma
Com emperrado arrufo. [vii]
Tenho o meu Verdier, o meu Constâncio;
Mas ferrenha a Perguiça m'os malogra:
Só Viana se dói do triste Velho,
Tal qual vez, dá-lhe alívio.
Se qual eu amo os Lusos, tal me amassem!...
Tempo houve em que a Pousada de Filinto
Ondas de Amigos acolhia. – Em quê, hoje
As hei desmerecido?

ODE

BEM CLARO FICA, etc.

AO SENHOR BACHAREL DOMINGOS MAXIMIANO TORRES

Conamur tenues grandia.

HORAT. *Lib. 1. Od. 6.*

QUANDO cheio de Apolo onnipotente,
Inquietos os filhos, a alma em fogo,
 Vás ^[viii] banhar-te ligeiro
 Nas ondas de Aganipe;
E a fronte coroadada de almo louro
Desces furioso do partido monte:
Dize, Alfeno, qual re-trilhada via
Deixas aos rudes Vates sinalada;
 Quais árvores, quais rochas
 Deixas ao dextro lado;
Qual combro sobes, em qual antro as Musas
Encontras prazenteiras, e singelas:
Quando aprendes o arcano recatado
Da Lírica harmonia, os pensamentos
 Arrojados, altivos,
 Com que, émulo de Píndaro,
Reforças na áurea corda o som sublime,
Soberano do ouvido, e da memória?
Em que bosque de murta, e de amaranto
Acertaste c'o vencedor Cupido?
 Com que meiguices ternas,
 Com que seguras vozes
Lhe arrancaste a doçura encantadora,
Que de Safo animou o aceso canto?
Aquele doce voz, que junto ao Moura
Abrandou os Ulmeiros da floresta,
 Que fez parar da Noite
 A argentada carroça,
Para ouvir as ternuras, que espalhavas
Com saudoso acento à tarda Nise?
Aquele Cinto, aquele Livro anoso
Nunca Amor o mostrou a Anacreonte;
 Nem a mimosa Vénus
 Lhe confiou as Graças,
Com que cantaste a nítida Maria,

Do nosso Mathevon honrada prole.
Ah não sejas de tantos dons avaro:
Abre as portas à luz, que em ti escondes;
 Aponta ao teu Filinto
 As calcadas veredas;
Que, após teus passos, não rejeito ousado
Subir do gran Dirceu ao alto assento.
Se tu me dás a mão, que ásperas rochas
De alcantilados, íngremes despenhos
 Podem acobardar-me?
 Que louro há tão subido,
Ou tão defeso aos Déléficos alunos,
Que, em ti fiado, intrépido eu não colha?
Já, qual sinto, não sei, na alma ferir-me
Celeste raio de entendido lume,
 Que me esclarece, e anima!
 Que mão potente, e súbita
Me arrebatava de mim, de mim me arranca,
E por sítios ignotos me caminha?
Lá vejo um serro altivo, que ameaça
Com duas pontas o sagrado Olimpo...
 Que vento impetuoso
 De sopro inteligente
Vem desta longa, cavernosa gruta?
São vozes, são acentos numerosos.
Aqui Apolo veio, quando ovante
Despiu da vida a tábida Serpente.
 «Sim, esforçado Apolo,
 Deus, mais que muito ousado,
Tu não temeste os tétricos alentos,
O terrífico som do atroz Destino.
Intrépido à caverna te arremessas,
Talhando as vagas do feroz sussurro
 E em cheio te embebeste
 No fatídico arcano:
Deus, cheio do Deus, anunciaste
O segredo dos Fados encobertos.
Tu deste à Pítia os rábidos furores,
O torvo olhar da retorcida vista,
 As erriçadas comas,
 As cores assanhadas,
Lívidas, roxas, na tremente face,
E a rouca voz no afadigado peito.»
Já não me espanto do Camões divino,
Da tuba que entoou furiosa e dura;
 Do Adamastor fragoso,
 Nem dos presságios negros,
Que despediu, de cólera abafando,
Ao coração impávido do Gama.
«Nesta caverna acolho, atento, agudo
(Ouço uma voz, que todo me estremece)
 Só Vates sublimados,
 Que entre muitos escolho.

Aqui entrou o altissonante Elpino,
O claro Coridon, o teu Alfeno.»

ODE

AO SENHOR DOUTOR FÉLIX DA SILVA DE AVELAR BROTERO [ix]

..... Nec, si quis scribat uti nos
Sermoni propiora, putes hunc esse Poetam.

HORAT. *Lib. 1. Satyr. 5.*

CRAVE embora o Gageiro
Na curva praia os olhos desejosos;
Entre os desiguais tectos,
Cuide entrever o esguio campanário
Da velha freguesia
Se um Nordeste ponteiro se arremessa
Das seixosas montanhas,
O nadante focinho retorcendo
O navio, respinga
Arfa, joga de lombos e garupa,
Toma em revés o rumo;
E, a despeito do leme todo à banda,
E da dextra manobra;
Enquanto o grão Diabo um olho esfrega,
Vai dar estouvado
Em Pantana co'a carga, e c'o Piloto.
Assim, sem mais despique
Me acontece c'o Potro ali potente:
Mui ufano o cavalgo,
Pego-me às crinas, bato-lhe as ilhargas;
De chouto, aos salavancos, [x]
Amontoadas nuvens atropelo,
E de longe, e devoto
No bipartido monte ponho a mira;
Como a grimpa farpada
Os ventos fita no espigão sonoro;
Ou qual, c'os olhos longos,
No esbroado poial repatanado
O anual Círio espera
Gordo estalajadeiro, em mês de Agosto;
Ou qual por entre os ramos
Da emaranhada selva abastecida
O caçador vigia
O orelhudo Coelho, que retouça.
Já compridos Poemas
Entro arrojado a debuxar na mente:
Carlos Magno, e os seus Doze

Já de Épica fadiga me encarregam;
Grita-me, lá da China,
Ora rico, ora às garras c'os lagartos,
O Fernão Mendes Pinto,
Nunca atéqui de Apolo celebrado...
De Didos, e de Circes
Traço as brandas paixões, traço os furores:
Novo Camões, ou Tasso
Novas ilhas de Amor, novas Armidas,
Com pincel desenvolto,
Pinto aos vindouros em soberbos quadros...
Já Pindáricas Odes
Abocanho daqui, dali, absorto...
O vulgo se embasbaca
No alto voo do novo cavaleiro;
E os Heróis mais graúdos,
De meu canto uma nesga me suplicam...
Mas, oh desastre infando!
Ah! que não sei de nojo como o conte!
Mal da Helicónia fralda
Começo a resfolgar os ares puros;
Eis que o ruim ginete
Insofrido da carga não celeste,
Dá sacões, escoucinha,
E me estira, como um Cação, por terra.
Nem deve esperar menos
Quem, co'a fronte de neves salpicada,
Os favores requesta
De malignas Donzelas logrativas.
A travessa Fortuna,
Filósofo Avelar, tu bem o sabes
Toma por passatempo
Desmanchar bem traçados pressupostos;
Qual o rapaz traquinas
Se diverte c'o embaralhar os bilros
Da aguçosa rendeira;
Ou de inveja do amigo habilidoso,
C'o dedo malfazejo,
O castelo das cartas lhe escangalha.

EPIGRAMA

QUANDO na minha infância, uma Criada
Velha, junto do lar me adormentava,
C'uma história de bruxas decantada,
Cri nas bruxas; e à velha já a contava
 Cá no meu rol por bruxa,
 E por bruxa machuxa:
Mas depois que estudei, e andei de noite,
 Sentenciava a açoite
Todo o que em bruxas cresse. Eis de repente
(Salvo seja) uma noite m'embruxaram,
E tantas nódoas por sinais deixaram,
Que em pulgas bruxas ninguém é mais crente.

ODE

AD SODALES

..... Dissipat Evius
Curas edaces.

HORAT. *Lib. 2. Od. 11.*

Di purpureo licor tazze spumanti
I molesti pensier, spargan d'oblio;
E fra festive danze, e suoni, e canti
Trapassiamo, d'Amor fidi seguaci,
In grembo del piacer, l'ore fugaci.

ENQUANTO assanha os ventos furibundos
O encarquilhado Inverno, e das masmorras,
Em que Eolo os enfreia revoltosos
As portas lhe franqueia;
Enquanto a rouca voz da tempestade
Atroa, abala e o retorcido raio
Os ufanos Palácios, rudes Choças
Derroca, acende, arrasa;
E as árvores despidas, e lascadas
Dos furações, da pedra assoladora
Nos calvos serros dão magoado assunto
Aos olhos, às vontades;
Enquanto a Primavera não penteia
C'os Zéfiro suaves as madeixas
Dos verdes, dos umbrosos arvoredos,
Nas espáduas dos montes;
Festejemos, Amigos, o potente,
O rubicundo Baco; as Ninfas belas
C'o dourado, e vermelho suco, alegres
À porfia brindemos:
Ruins cuidados afugenta o Vinho,
Tristezas denegridas afugenta,
As faces avermelha, aviva os olhos,
Dá forcas, dá prazeres.
Hoje demos ao Génio horas festivas,
Horas, que leva o Tempo esquivo a rojo,
Sega os anos co'a fouce, e a ampulheta
Inquieto sacode.
Hoje, que em sonhos vi, na madrugada
De Baco O temulento Pedagogo,
Encostado em dous Faunos, acenar-me
Que lhe siga as pisadas.
Levou-me a ver os Campos venturosos

Dos que afogam no vinho as amarguras,
As ambições, as iras, as vinganças,
Os sustos, cor de cera.
Apontou-me pendentas das videiras
Mil formas de risonhos passatempos,
Cupidinhos a atar macias Damas
C'os famintos Amantes.
Daqui férvidos ósculos reclamam;
Dalém ressoam choros namorados,
Arde o Campo em desejos, ardem almas
Nas frâguas do Deleite.
Jazem nas camas uns de moles parras,
Co'as mentes vagabundas por Elísios;
Outros, co'a taça em punho, se abalançam
A girar grandes Mundos.
«Esta glória te espera, e a teus Amigos,
Mal que vos humedeça o louro Brómio.»
Disse: e cansado enceta a taça ardente
C'os rorantes bigodes.

EPIGRAMA

SOPRANDO os dedos Febo assim gritava:
«Morramos, Clio, que não temos fogo.»
E Clio, que de frio tiritava:
«Tens mais (lhe diz) que ardermos já e logo
Coplas, Romances, Épicos modernos,
E aquearmo-nos bem, por quatro Invernos!» [x]

MOLHADURA

DE CERTA OBRINHA

... Barb'rous nations, and most barb'rous times
Debas'd the majesty of verse to rhymes.

Maudit soit le premier dont la verve insensée
.....
Voulut avec la rime enchaîner la raison.

BOILEAU

Maldito consoante a quanto obrigas,
Que fazes serem brancas as formigas!

AFIGURAI-VOS um possante Vate,
Que (não como quem busca, ou quem reflecte)
Hardido corre, voa, segue, alcança,
Nunca em seu voo afrouxa; e se por caso
Quis da sfera descer, logo atrevido
Força as asas, e no Olimpo as plantas pouosa.
Nos ouvidos lhe troa a voz de Apolo,
Que o chama, a que ele acode, como a flecha,
Bem disparada do arco, no alvo fere.
Ora, coberto de poeira honrosa,
Do Laurífero Pindo baixa opimo,
C'os despojos vocais de Hinos eternos,
Com que o virtuoso amor da Pátria c'roa.
 Ei-lo que assento as Musas lhe franqueiam
No veloz carro; e eis que ele estende a dextra
Acenando, co' a palma triunfante,
Ao forte vencedor, que os inimigos
Do Rei, da Pátria destruiu com arte;
Ao sapiente Juiz, que insubornável
Fecha à calúnia a peçonhenta boca,
Doma a cerviz do maculoso vício.
 Seus versos astros são, que a luz espalham,
Nos longínquos vindouros, penetrando
Pelas sombras do Tempo esquivo, e cego.
Seus Cantos batem asas, que os remontam
Pela amplidão etérea, e que os remessam
Dum Pólo ao outro Pólo – des-medrosos
Da Inveja, ou já do jugo de Pedantes.
Rompendo assim as nuvens olhos fitos
No Olimpo reluzente, ou já nas folhas
Do austero Fado, em que gravados jazem
Da Era vindoura incógnitos sucessos,

Acaso cuida o desenvolto Vate,
Que há no mundo uma velha Filaminta,
Que só conhece os versos, quando arrastam
Por fixo rabo-leva, os consoantes?

Maldito consoante, ensosso filho
Do bastardo saber presumptuoso,
Ind'-hoje por Poetastros perfilhado,
Para aleijado espeque de más trovas,
Para entufar Soneto campanudo,
Ou dum Outeiro a Décima rançosa.

Como sua, e tresssua o triste Orate,
Quando teimosa, oh Rima, lhe escoucinhas
No pecante toutiço amartelado!
Quantas penas forrara, quanto enojo,
Com mandar à tábua a Rima arisca,
Com gastar o esperdício dessas horas,
Em bons versos, que soltos brilharão!
Porque não dispendeu profícuo o tempo
Em traçar tal ficção com gosto puro,
Em solto verso, que contente os sábios,
Pela valente, e bem polida frase?

Vi eu Poeta, obediente à Rima,
(Que com ele jogava as escondidas)
Dar maior torcedor ao pobre ingenho
Que não dá tratos pícaro Alfaiate
Ao pano escasso, co' a fiel medida,
Quando arma a surripiar ou manga, ou nesga,
Sem que o Dono o perceba, o talhe o sinta.
Digam que usou Camões, que usou Bernardes
E Ferreira, e Caminha, e tanta gente
Pôr, nas fraldas do verso, esses cadilhos
Pendurados; que em Odes muito guapas
Do Dinis, do Garção campam coleiras
Mui garridas de chocalheiros guizos,
Que eu direi, que os não louvo, nem reprendo. [XIII]
Se esses Poetas bons, que eu amo, e estimo,
Inda, mau grado seu, grudam a rima
A bons versos, quem sabe se assim usam
Por ameigar, co' essa lisonja, ouvidos
Estragados; ou se é que pôs a pena,
Chocalhinhos no verso, afeita, há muito,
De usança antiga, a consonos badalos;
E por irem co' as turbas; ou por pejo,
(Pejo mau!) que Tarelos, que Mulheres
Lhe arguam não ter posses consoanteiras.
Alguns há, que talvez põem, sem resguardo,
(Tal já me sucedeu) algumas rimas,
Que imprevistas, e esconsas lhe escaparam.
Que assim vai a Devota, (em companhia
Da comadre, ou vizinha, a vida alheia
Descosendo, e trincando) uma trás outra,
Passando as contas do tenaz Rosário,
Sem cuidar, que conversa, e que não reza.

«Tu falas contra o belo consoante
(Me diz dali mui lépido um Peralta)
Porque veia não tens; não tens nos cascos
Cabedal de Poeta; e co' essa prosa
Mal amanhã, que alcunhaste VERSOS,
Nos desgostas da rima, que não trincas;
Como a Raposa de uvas, *que são verdes.*»

«Delambido Peralta, (lhe retruco)
Não consiste, em vencer dificuldades,
O mérito dum Vate, a Apolo aceito.
Já, para ser corrente, e sonoro
Tem que empenhar sobejo esforço, e lida,
Sem lhe ajoujar da Rima o atroz trambolho
Não seja o Vate volantim de corda,
Que equilibre a maroma, e dance teso,
C'os pés dentro dum saco, para gozo
De pretos, ou de pícaros basbaques.

A rima, que te enleva e que assim gabas;
Quanto achada, depois de mil torturas,
Fez perder ao Poeta um pensamento,
De mais valor, que cem milhões de rimas;
Deslavou toda a cor, mareou o brilho
Do verso, que ia enérgico sem ela.
Como rompe da Aurora o alegre carro,
Trazendo a Luz, que as terras alumia,
Vinha rompendo na alma do Poeta
Uma ficção mui guapa, mui luzida...
Eis que emperrada a sarrazina rima
Deita à ficção um véu de esquecimento,
Que chupa, que desbota, que desmancha
A polpa, a cor, o fio bem traçado,
Dá com tudo a través, ou já desmedra
Que é morte-cor, o que era imagem viva.

Bem foi de certos Moços a ufanía
Tanger com garbo, no pandeiro Délfico,
As soalhas dos *ados, idos, osos,*
Cuidando tantas lanças meter na África
Do Pindo, quantas rimas garganteavam.
Mas luziu-lhe a Razão, quando maduros;
Sentirão que o *tim-tim* dos consoantes,
Em vez de modular, faziam grulha,
Contra as leis do bom gosto; e os proscreveram.

Para a Razão quadrar c'o consoante,
Era força estirar o pensamento;
E o que num verso cabe, sem aperto,
Torna lugar sobejo em dous; que a Rima
É desse desperdício a causadora.
Sentiram, que era força pôr inúteis
Epítetos, pôr cunhas, e mais cunhas,
Para dar do repique as badaladas,
No métrico-sonante campanário.
Não vi eu tal Poeta consoanteiro
Arrumar o enxadrez de *inos, e anos*

Antes que lhe apontasse o pensamento,
Com que havia de encher as casas vagas
Do tabuleiro seu? Não vi por isso
O soneto sair tal e quejando;
Por ser, para o Patau metrificante,
A rima tudo, e o pensamento nada?
O pesado grilhão do consoante
Arrastra as asas do Estro sempre altivo;
E quebra o sofrimento, c'o aturado
Cavar da rima; embota-lhe a agudeza,
Com que penetra no âmago do assunto;
Destruí a ideia, se não trouxe rima,
Quando nasceu, ou não achou Padrinho,
Que, ao bautismo, lha desse; e encaixa-lhe outra
Ideia, em seu lugar, sensaborona,
Mui somenos, que lhe abortou rimada.
Razão, que só bastara a bons juízos
Para a Rima enterrar no esquecimento:
Que se conforme fora da Poesia
À Natureza a Rima, a Natureza
A dera a Gregos, e Latinos, quando
Lhes deu benigna o metro harmonioso.»

«Mas (me direis) os Gregos, e os Latinos
Tinham os espondeus, tinham os dáctilos,
Com que a seus versos davam formosura.»
«Quem vos tolhe (digo eu) dar-lhes, como eles,
Medindo, e modulando o ritmo vosso,
Iguar canto, ou diverso no concerto,
Tão mimoso aos ouvidos, que bem valha,
Sem rima, o canto Grego, ou já Latino?
Não deu a Itália canto harmonioso,
Sem socorro de ensossos consoantes?
Não o deu a Castela? e nós, os Lusos
Não cantámos também sem essa rima?
Inda o Milton, na sibilante língua
Da Britana Albion, não deu Poema,
Em branco verso, que ganhou renome,
Nas nações eruditas desta Europa,
Ao seu Autor? à Pátria? Lede, Lede.»

Deixo já de falar (tempo perdido!)
C'o tal Peralta, que me cansam néscios.
Eis me vem abafar os sons da c'rela
Minha gorda Pachorra, amiga velha,
E c'um tal segredinho, que me emborca
Nos atentos ouvidos, me dá parte
Da matreira intenção, porque esses Bichos
Pela patroa Rima tanto punem.
Sabei, que esta os defeitos lhes disfarça
Co'a zanga tonadilha: que sem ela,
À vergonha do mundo apareceram:
E que o valente, e puro verso solto,
De que Milton usou, usaram Mestres
Na arte de poetar destros pintores

Pede vasto saber, pede mestria
Na erudição da língua, afim que as vozes
Escolhidas com arte a luz espalhem
Na teia da ficção; essa é a causa
Porque no seu *Perdido Paraíso*,
Usa hipérbatos, usa latinismos,
Usa palavras, usa antigas frases
(Que Addison tanto louva em seu estilo)
Por desviar-se da comum loquela,
Armazém dos pedantes consoanteiros.

Sim; que com siso creu, que a peca rima
Nunca apósito foi frisante, e guapo
Para ornar Poesias de árduo empenho;
Mas somente ouropel, que a triviais trovas
De guapice, com falsos luze-luzes;
Ou muleta, que ajude os aleijados
Versinhos de má morte. Uso, e mau uso
Lhes deu voga; e correntes, e moentes
Tégora os deixou ir por esse mundo,
Para empecilho serem, serem seca
Do genuíno Vate. O Inglês Homero
Jamais imaginou, que desinências
Tão sensabores fossem harmonias,
Que mimosos ouvidos deleitassem.
Sentia muito bem, que a quantidade
Das sílabas, saber bem alterná-las,
(Como as falsas, e consonas, na música)
Variá-las num verso e noutro verso,
É quem dá boa música à poesia.
Tanto mais, que antes que ele, o tinham feito
Peritos Espanhóis, e Italianos,
Tornando à antiga liberdade as Musas,
Solto, o poema heróico, dos cepos.

Demos, que Homero, vindo dos Elísios,
Desse cá volta ao mundo, curioso
De saber como cantam cá os Cisnes
Descendentes de Godos, e Sicambros;
Demos, que encontre certa mulherinha,
Que faz beicinho a versos não rimados.
Como lhe vejo arcar a sobancelha,
Olhar por cima do ombro, e com desprezo
Dizer-lhe: «Tola! E quem te deu licença
De falar, ante mim, da poesia?
Cuidas, que é ser Poeta, a fraca indústria
De marchetar com rimas peca prosa?
Pega na agulha os trapos arremenda
De teu marido, e as cozinhas rodilhas.
Deixa os versos a quem no sp'rito ferve,
Estro ardente, um Ingenho alto, e facundo,
Que com sublimes sons enleva as almas,
Debuxa ao vivo, e as cores do conceito
Reluz no coração, na ideia cala,
Onde abra-se, estremeça, onde lastime.

Tais são da poesia os dons valiosos;
 Tais, se souberas ler-me, em mim os viras,
 Em Píndaro, em Virgílio, e Horácio os viras,
 Não rimas, e iguais drogas – atavios
 Lidados, mal assentes, e enjojosos.
 Mil consoanteiros tomos delambidos
 De Académicas trovas serão lixo,
 Se concorrem c'uma Ode, onde rutilem
 Os dotes da facúndia ousada, e nobre,
 Os rasgos do pincel, raiando vida,
 Acção, afeitos, em seu breve quadro...»

Mais ia por diante. Eis que repara
 Que, com a boca aberta, a Filaminta
 Ouvia tudo, e nada compreendia.
 Vai ter com quem o entenda, e deixa a velha.
 E nós deixemos lá o Homero, amigos;
 Falemos entre nós no nosso assunto.
 Reflecti sem paixão na traquinada
 Do ajoujado zam-zam dos consoantes,
 (Traquinada pueril) e achareis certo,
 Que o que neles disfarça o absurdo, é o uso
 Em que estais de os ouvir: que assim não ferem
 Os ouvidos da antiga vizinhança,
 Do ferrador os mazorrais martelos.

Ponde ante os olhos sempre este axioma,
 Que Estro é quem faz bons versos, não a rima:
 Que esta os versos tão pouco aformoseia,
 Que antes lhes é ridículo flagelo;
 E que é um frenesi disparatado
 Teimar contra a razão, que a desaprova,
 Contra o bom Gosto, e santa Antiquidade,^[xv]
 Que nunca conheceu tais consoantes,
 E que, se os conhecera, os apupara.

Um crime (e esse é bem grave!) bastaria
 Para a perpétuo exílio enviar a rima:
 O enojo que ela dá a exímios Vates,
 E a tarefa de atá-la ao pensamento.
 Vede Corneille, tão difuso às vezes,
 Tão enleiado em declarar a ideia
 Que hardido concebeu com estro activo,
 Quando encostado aos mais divinos quadros,
 Lhes reverbera a cor nos seus poemas.
 Quem foi ré desse enleio? Foi-o a rima.

Dize-me, Apolo, que conceito fazes
 Disto, que chamam rima uns melquetrefes,
 Uns biltres, umas certas sabichonas,
 Regateiras de trovas bordalengas,
 Que ignorantes da sólida poesia,
 Do celeste falar, do arrebatado
 Voo, que enfia o Estro (desdenhando
 Preceitos de gramáticos magriços,
 De Autores de poéticas, que nunca
 Viram a luz de teus potentes raios)

Vai beber, no congresso dos celícolas,
As lições da virtude, os são louvores
Dos Heróis (que orna o Vate com seu Canto.

Dize; e não me encareças a resposta,
Que quero um piparote dar, com ela,
A certo Bonzo, a certa Bruxa tonta,
Rebutalho do Pégaso enjoado.

Bruxa, que inchada, ao ver-se arrumadora
Dumas regras compridas, e outras curtas,
Em que, como atafais de arrieiro novo,
Entrançou ela alagartadas rimas,
Nos quer desbautizar do nome Délfico,
Quantos nos versos o zam-zam desprezam,
Quantos sabem ser versos, e bons versos,
Os que cantaram Gregos e Latinos,
E nas línguas modernas mil poemas,
Que essa párvua não leu, ou não entende.
Nem para ouvidos tais, de lição baldos,
Poetaram tão ínclitos Ingenhos...

Mas largando ia eu mais rédea aos chascos;
Que tem largas ensanchas este assunto...

(Doutro golpe virá, se não vem deste.)

Quando. ^[xvi] – Eis me atalha um ronco strepitoso,
Com que se abre a parede, ao rés da banca,
Em que, por defastio, escrevo a miúdo
As trovas, que aqui vendo para ajuda
De comprar pão, feijões, e às vezes carne,
Nos dias domingueiros; e – oh prodígio!
Eis que rota despede um braço nu,
C'um bilhete na mão, e em Grega nota.

Foi gran ventura achar-se à minhailharga,
Noutro lado da banca, estudioso
Escrevendo stenógrafas rabiscas,
O pacato Pinheiro, que lê Grego.
Ele me acorçou, e deu sentido
Às greguices do escrito, as quais rezavam:
«Ao vir ao mundo o Filho duma Virgem,
Todo o Nume até então Orac'li-parla
Perdeu a voz: Eterno cadeado
Lhes pôs o Deus Menino, que não gosta
De gente, que dá muito à taramela.
Mas, como não tolheu a nota escrita,
E como sei, d'há muito, que és mimoso
Das nove Raparigas do Parnasso,
Espera um pouco, enquanto aqui te arrumo,
Noutro papel, um conto acontecido
Nas fraldas desta bífida montanha.»

Enquanto espero, tiro de algibeira
O lenço, e logo a caixa de tabaco,
Resfolgo uma pitada retumbante,
E atuando-lhe a resposta pachorrento,
Comentando o sucesso, c'o Pinheiro.

Ei-lo, que torna o mensageiro braço,

Ei-lo o Pinheiro, que traduz, do Grego,
 O prometido conto, e assim dizia:
 «Quando Virgílio, à beira do Permesseo
 Ouviu falar de *rima*, e *consoante*,
 E que ninguém sem rima ousava agora
 Cantar Hinos, falar em seus amores,
 Nem Baco saudar num Ditirambo;
 Franziu logo o nariz, e deu aos ombros,
 Com desprezo de quem de tal usava.»
 «Que pífia poesia!» – «Eis se despede
 Menencório no rosto, e vai-se em busca
 De Horácio, e de Catulo, a quem reconta
 Assim o seu enojo.» – «Vocês sabem
 Que droga é *consoante*? Ou têm ouvido
 Desses, que descem do canoro monte,
 Do conselho das Musas, que mania
 Prendeu nessas Muchachas, para urdirem
 Tal zigue-zague em mélicos labores?
 Sem esses perendengues farfalhudos
 Não eram nossos versos, e os dos Gregos
 Bem lidos, bem prezados? E inda agora
 Os genuínos Vates não se ilustram
 Co' a nossa imitação? Ou porventura
 Cuidam esses Pataus que a aguada rima
 Lhes dá a graça, que aos nossos versos falta?
 Como são néscios! Que não stá na rima
 A Déléfica donosa formosura;
 Na ficção nova stá, e na urdidura,
 Na valentia, e cores do fraseado,
 Na gala da alusão, no ousado tropo,
 Ousado, mas pedido, mas frisante,
 Que regale, que enleve, ouvido, ou lido.
 Dêem-lhe alma, dêem-lhe rosto ao pensamento,
 Que ele singelo em seu formoso asseio,
 Rejeitará mal postas maravilhas.
 E eu, d'antemão, bem firme lhes seguro
 Que quem lhe ouvir seus versos, mal atente
 Se trazem guizo, ou não, de consoante.»
 «Acho, que tens razão (lhe diz Horácio)
 Mas também acho, que connosco perdes
 Tua eloquente apóstola parlenda.
 Razões disseste lá, que nós na ponta
 Da língua temos, como tu, sabidas;
 Que, por sabê-las bem, bem praticá-las,
 Com deleite são lidos nossos versos,
 E de cor os memora quem bem sabe.
 Mas dessa, com que vens secar-nos, rima,
 Não sei mais novas, que da velha Serpe.
 Aqui perto, neste âmbito de murtas,
 Ouvimos conversar Chiabrera, e Tasso:
 Mais modernos que nós, talvez que indiquem
 Alguma luz, que te esclareça o ponto.»
 «Bons dias, meus amigos (diz Catulo

Entrando o mírteo cerco).^[xvii] Que tal corre,
Cá pelo sítio, a veia Cabalina?
Há por hi novas Odes altaneiras,
Que o Carro a Febo, a Jove ó Raio roubam,
A Vénus a Cintura, o No às Graças?

Há poemas de altíssima escritura?
Nova Argos, novo Tifis sulcam mares,
Estranhados das velas atrevidas?

Mas não – Vimos os três de rexa^[xviii] velha
Saber de vós, que Bicho, ou que Aventesma
Seja o que chamam *ríma*, e qual influxo,
Ou qual préstimo tenha. O bom Virgílio,
Só de ouvir falar nela, por acaso,
Todo se estramunhou, depressa veio
Tirar de nós, do enigma a quinta essência;
Mas nós, que estamos tão patinhos que ele
No caso, que a pedrinha no sapato
Lhe deitou, aqui vimos que desates,
Mui *tim tim* por *tim tim* o nó da cousa.»

«Não direi o que é rima (acode o Tasso)
Que enfadou-me ela muito e quis lançá-la
À margem, como mula des-serviça.
Bem o sabe o Chiabrera.» – «Sim (diz este)
Mas eu ta explicarei, sem ser difuso:
Sem que por tanto cuides que eu a estimo;
Antes sou da opinião do amigo Tasso.
A rima é um cascavel, que os Trovadores
Punham na cauda a certa prosa insulsa.
Ignorantes do verso harmonioso,
E pés cadentes dos poemas vossos;
(Como a quem negou Febo o dom celeste,)
Capucharam discantes enfezados,
Fundados (quem o sabe) nuns tais versos
Leoninos chamados, porque davam,
Co' a desinência, estalos nas ilhargas,
Como faz o Leão, quando co' a cauda
Açouta os dous quadris para assanhar-se.

Aos homens e mulheres dessa quadra,
Meio broncos, ou stúpidos guerreiros,
Lhes toou mui gaiteira a chocalhada
Da rima, e lhes fez eco, no ouco da alma;
Como o som dos badalos das garridas,
Como o som da tremonha dos Moinhos,
E o som da nora, na calmosa sesta,
Como o som dos chocalhos da *manada*,
E outros mil de monótona *toada*.
Ouviste este *ada, ada?* pois é rima:
Que a fiz sem o querer. Que gosto lhe achas?
(Catulo) – «*Que enjoo! Que bestial sensaboria?*»
Como tu, Horácio, nos ouvidos toscos,
Nem tu, Catulo, brecha abrir puderas,

Puderam bem entrar neles a frouxo
As verdoengas trovas coleiradas
C'o chocalho da rima *zanga-zanga*.

Depois viemos nós, a quem foi cargo
Ornar de guizos a teorba nossa,
E pôr negaça a gostos corrompidos,
Para os colher na rede, e doutriná-los
Na scola das virtudes, e altos feitos.
Este é todo o mistério, e o mais é pulha.»

«Mas, meu Chiabrera (o Tasso lhe replica)
Não dizes tudo. Dize, que eu zangado
Co' a rima, quis compor em verso solto;
Que ordinário clamei, que a consonância
Da rima é dissonância do bom senso.
Que se é por grão Poeta celebrado
Pelo vulgo, e por sabichões da moda,
Vencedor de barrancos consoanteiros
E volteador de corda mui famoso,
Quem troca os pés com graça, e quem ufano
Quis ostentar instinto, e paciência,
Aperreado à rima, e leis modernas
De metro, nunca em Grécia, ou Roma usadas,
Um Acróstico mau, um bem suado
Mau labirinto o páreo ganhariam,
Em concurso c'uma Ode a mais formosa,
À qual faltasse a fúfia tranquitana.
Pois vai Filosofia cerceando
A escravidão feudal, os desafios,
Desmedremos também os altos cantos
Do cativo do insensato emprego,
De andar ao faro da fugiente rima,
Qual podengo a perdiz aforoando.
Cortemos-lhe esses feios barambazes
Dos consoantes, que nas mesmas eras,
A literária Europa acometeram,
C'os duelos, de rondão; ^[xix] ferrepeando,
Qual escrava, a Poesia, que liberta,
Desde o seu nascimento, campeará,
Não sofrendo mais leis, que as leis suaves,
Que lhe ditou, com gosto, a Natureza.
Quebrem-se quantas peias, quantos laços
Nos pés, nas mãos das Musas tão senhoras,
Escoimados gramáticos ataram.

Passeiem, corram, voem as Camenas,
Soltas, e airosas, ostentando ao mundo.
Ora o rápido tiro de seu voo,
Ora o brio dos passos mesurados.»

«Eu sempre ri de mim (torna o Chiabrera)
Quando arrumei no verso os consoantinhos:
Fiz-me comparação c'o fogueteiro,
Que arruma no canudo os ingredientes,
E os estouros, que hão-de atroar os ares,
C'o rompante foguete de respostas.»

«Que frisante que vem o teu apodo!
(Diz dum canto o Garção que solapado
Tinha ouvido a conversa.) Eu assim sempre
Que ouvi strofes Pindáricas do Pina
Ou Soneto, à Tarouca, do Baía,
Bem campanudo, bem aconsoantado,
Por bem fogueteada noite o tinha
Em arraial bizarro, onde se esmera
Círio de Nazaré, ou da Atalaia.
Vocês não viram tal. – Perderam muito.»

SONETO,

DE FREI JERÓNIMO BAÍA A UM GIRASSOL

AMANTE Girassol, Águia das flores,
Que com *vista* de *bronze*, em olhos de ouro
Cantas no louro Deus, no Deus do louro,
Iguais a suas luzes teus ardores:

Tu, que finezas mil, e mil rigores,
Mostras sem prémio, e vestes sem desdouro,
Pálido pelo amor, pelo sol louro,
Cores do teu amor, do teu sol cores:

Também pálido sou, também amante,
Um sol amo também, pois amo Estela,
E *se foges veloz*, sigo constante.

Mas eu te venço a ti, vence ao sol Ela,
Pois tu no amor pigmeu, eu sou gigante,
E Estela é sol na luz, e o sol estrela.

VIVA

APOLOGIA

DAS OBRAS NOVAMENTE PUBLICADAS POR FRANCISCO MANUEL EM PARIS

Ode, que quis ser Ode, e quis ser Sátira,
e parou em cousinha desenxabida: quis soltar canto de Cisne,
e destampou em grasnido de marreco

TEMPERE a Lira em tom altissonante,
Com, soberbo furor as cordas fira;
Do celebrado Pindo,
Veja sobre ele os raios vir caindo:

Invoque as Musas, chame a seu socorro,
Grandes ideias dos Heróis antigos;
Do poético fogo iluminado,
Mande ao Céu seu espírito elevado.

Busque no antigo Grego, ou no Romano,
Não desprezando o Venusino Horácio,
Um venturoso exemplo,
Que seguir possa da Memória ao templo.
Ornada conte fabulosa História,
Conte da Pátria os casos já sabidos.
Mas seja por tal modo
Que possa compreendê-lo o mundo todo.

Como hábil pintor em quadro breve
Um todo faça de diversas partes,
Nas cores, na expressão, e no desenho
Mostre feliz o Criador ingenho.

Deixe de parte pompa aparatosa
De palavras, que muitos não conhecem
Que se louvor pretende,
Só o terá de quem o não entende.

Julgue-se enfim no Olimpo luminoso
Já pelas mãos da Fama coroado,
Quando, para cobrir mil disparates,
O estilo imita dos obscuros vates.

Das sibilas os tempos já passaram:
Não iludem fantásticas ideias;
Inda que simples seja a Natureza
Vem em si mesma sólida beleza.

Se queres pois (contigo agora falo),
Armazém novo de rebusco antigo,
Seguir sábio conselho,

Para nada não faças aparelho.

Fala como falaram teus passados,
E se Poeta és, ajunta a rima;
Porém eu, que de ti penso o contrário
Conselho-te a fazer um Dicionário.

Se os olhos não cantares de Marfisa
E as ternas graças em *suave verso*,
Talvez que possas com melhor efeito
Adequirir mais fama, e mais proveito.

~~~~~

Eu não sei fazer críticas anónimas. A quem me quiser responder, aqui ponho o meu nome, e a minha residência.

*Clemente de Oliveira e Bastos.* [xx]

Boulogne-sur-Mer, vis-à-vis la Paroisse.

# A VARIEDADE

## GARATUJA POÉTICA DEDICADA AO SENHOR H. J. B.

Il Variare è tonte  
E de' trastuli, e degli unam piaceri.

QUANDO me lembro ter entrado em Mafra,  
Num imenso salão, vestido em roda,  
D'alto-abaixo, de estantes ajoujadas  
De enfadonhos, quiméricos delírios;  
Que apenas cá, e lá, luz um Salústio,  
Entre as trevas de sábios embelecocos  
Mais longe um Píndaro, um Virgílio, um Tasso,  
Quasi quasi corridos de se verem  
Entre bruta, e enojosa companhia,  
Digo entre mim: «Oh quanto a melhor uso  
O bom Gosto assentara aqui seu templo!  
Com que ânsia eu não iria requerer-lhe,  
Que mandasse primeiro os seus Meirinhos  
Fazer penhora nestes grossos fardos,  
E postos em leilão, no Pelourinho, os  
Comprassem, por dez réis de mel coado,  
As tendas, para embrulhos de alfazema,  
Por *secula* sem fim. Então lustrando,  
Com água benta da Castália pura,  
Estas polutas, râncidas estantes,  
Entraras em triunfo a tomar posse  
Da sadia morada. Ali, contigo;  
Sentada em junto sólio, mui graciosa,  
Cortejada de Agrados, de Prazeres,  
Viria enfeitar tudo a VARIEDADE,  
Com leis fáceis, leis brandas, e agradáveis.»  
Oh gracioso primor da Natureza,  
Atractiva, donosa Variedade,  
Que quanto airosa tocas, formoseias!  
Tu, pelo Mundo informe, bruto, e feio,  
Lançaste, no principio, as ricas roupas  
Do vistoso matiz variegado:  
Tu és meu Nume, Nume dos que aspiram  
Ao renome imortal do Desfastio.  
O tempo, que correndo atropelado,  
C'os pés arrasa, ou com a fouce estraga  
Os soberbos, fundados Monumentos,  
As leis do teu Império contribui,

Co' as multímodas faces que renova,  
Duma só que arruinou. Tudo o que agrada,  
Tem na mudança, tem no vário aspecto  
Fundamento aprazível. Sem a indústria  
Dessa tua inventora dextra, o Mundo  
De perdurável forma, sempre o mesmo  
Cansaria o desejo, mais que a vista;  
E os homens morreriam definhados,  
Mais de enojo, que de árida doença.

Ah! vem, oh deleitosa Variedade:  
Acode-me c'o teu risonho enleio,  
E borrifa de agrado estas rabiscas!  
Quando tu desces do celeste Coro,  
Onde, com diversíssimos concertos,  
Divertes os Celícolas ditosos,  
Vêm todos teus Ministros diligentes,  
C'os cheios cofres de riqueza imensa,  
C'os artífices vasos de elegantes  
Invenções multicores, esquisitas.  
Aos teus joelhos vês prostrados logo,  
Os Alunos das Artes elegantes;  
Clio te vem pedir festivo enfeite,  
Para o verso sublime, ou delicado,  
Que na mente do Vate, seu mimoso,  
Com engenhosas mãos, traçou aguda;  
E Urânia um perfumado ramilhete,  
Com que dê gala, ajunte louçania  
A complicados cálculos austeros,  
Que alvo pó sinalou em negro mármore.

Se a tua mão viçosa não arruma  
Os quadros, na opulenta galeria  
Do férvido Poeta, escravo do Estro,  
Na pomposa ficção altissonante,  
Com tristonhos, pesados pés, o Tédio  
Vem tomar posse da pecante obrinha,  
Toma-a nas frias mãos, a aperta, e gela;  
Com desbotado acesso chega a Obrinha  
Ao sôfrego Leitor, que a cada lauda,  
Depara co' a incivil sensaboria:  
Boceja, as mãos lhe afrouxam, cai em terra  
O Livro, ou o Papel desenxabido.

Como são para ver! como recreiam  
Verdes Campinas de felpuda relva,  
Quando as esmalta de coradas flores  
A liberal, vistosa Primavera!  
Tais são os Cantos dum sublime Vate,  
Traçados por Calíope divina,  
Se vir bordá-los queres engraçada,  
C'os teus garridos, lúcidos matizes.

Então o Tédio, que anda sempre alerta  
De tudo quanto o Ingenho em si revolve,  
Mal vê, favónias, da venusta Deusa  
Às mãos cheias, verter vivido ornato

Nos versos de Garção, de Elpino, e Alfeno,  
Volta as costas, e os olhos retorcendo,  
Murmura, em sua dor, raivosas pragas  
Contra o Nume, que o seu Império estreita:  
Vai sentar-se, escumando, em amplo trono  
De dourados, não lidos, larga margem,  
Volumes Silvianos, , e Cujácios ,  
E os outros empoeirados bacamartes,  
Que pejam, com desonra, as Livrarias.

Para ensossas espaldas da cadeira  
Das Cadavais Exéquias fez escolha,  
Com outros livros mais amplo-stampados  
Das Cerimónias da perluxa Roma.  
Com capa carmesim de térciopelo,  
Brochas douradas de água, está acenando  
Sensaborão encosto, sobre a mesa  
A Henriqueida, empolas assoprando,  
Soporífero cofre de fastio,  
Que entranha o sono, pelo cotovelo  
De quem nele se encosta, e vai trepando  
Pelo braço, pescoço, e face acima,  
Té que entra nos retretes <sup>[xxii]</sup> das pestanas.

Que direi dos profundos voluções  
De Lógica, aguçada de argumentos  
Em *Bárbara*, em *Barroco*, em *Baralípton*?  
Que direi eu com vozes competentes  
De pontos melindrosos da Escritura,  
Tratados, discutidos, explicados,  
*Enucleados* sempre, e sempre escuros?

Junto às paredes, em comprido fio,  
Postos em rumas pelas mãos do Tédio,  
Os Feitos, os Sermões, Genealogias  
No pálido salão de enojo eterno  
Sonolentas fumaças vaporando,  
Dão vágados de ilusa doutorice,  
A Leitores de crassa catadura.

Pelo chão (gravunhadas alcatifas),  
Se estendem antigas Éclogas de Albano,  
Mil versinhos anões, trovas de outeiro,  
Poemas, sem poético chorume,  
Farfalhudos de Rípios, e de Rimas,  
Cabedal de Tarelos do Parnasso!

Nas caligantes frestas, leves pendem,  
Dando à lóbrega luz passage esquiva,  
As cortinas de fumo dum magriço,  
Remendam de fartados brasões de armas,  
Das muitas que no tecto, em pergaminhos,  
Desenrolou o Tédio, último emplastro,  
Com que amodorra o Esp'rito mais gaitero.

Aqui, muito a pedir de boca, vinha  
Dar notícia cabal de Pagens, Servos,  
De Conselheiros, Leis, Usos, Costumes  
Deste Anarca, e de seus Estados mornos;

E eu vos contara tudo por extenso,  
Se não fora, que alguns dos que hoje vivem,  
(Por modestos, à moda do Talaia)  
Não folgaram de ver seu nome escrito  
Andar aí, por bocas desse mundo.  
Agradeçam-me o dó, que deles tenho:  
Bem que muitos me tenham merecido  
(Por inveja, ou malévola calúnia),  
Que, a baração, e pregão, eu os levasse  
Pelas praças, e ruas literárias.

A pena quer correr; que é vasto o assunto  
Quando os Autores maus entram em réstia:  
Mas mais que muito, oh Musa tagarela,  
Pede fim a longuíssima carreira;  
E já me olha jovial-malício o Nume,  
Que invoquei no rompante do Poema.  
C'um tom de voz galante, e despejado,  
Que aqui ponha o remate me aconselha,  
Se ao Tédio não quiser pagar tributo:  
E apontando umas letras verde-scritas,  
No campo da peanha<sup>[xxiii]</sup> em que preside,  
Li dous versos, que um douto Amigo, há muito  
(Frutos de gosto são, lidado estudo!)  
Na afortunada Elísia me inculcava:  
LONGOS VERSOS INFLUEM LONGO ENOJO.  
ESCARMENTA NAS ODES DO BEZERRA.

## A PRIMAVERA

SALVE, oh Divina, oh rósea Primavera,  
Que a Terra visitar, donosa Virgem  
Vem, para a cumular de benefícios!  
Vem; que aborridos, longo tempo os Campos  
Esperando-te estão. Vem; que as florestas  
Solitárias muito há que te desejam.

Parecida c'os Zéfiros livianos,  
Chegas apenas, que co' a aérea planta  
Vás animando os prados, que discorres.  
Das pegadas te brota, oh Mãe de flores,  
E ri, nascendo, a mole Violeta.  
Mal chegas, vêm contigo as gorjeiadas  
Alvoradas dos bosques; Maio lindo  
Primogénito do Ano, coroadado  
De fastosas grinaldas multicores,  
Te vai fazendo alegre comitiva.

Com meiga luz raiando a alegre Aurora  
Debruça o dia dos erguidos montes;  
Aclamada dos matos, das Campinas,  
Saúda os prados, que alma enriquecera  
Co' a renascente espiga, que se nutre  
Para a ansiada fouce do Ceifeiro.

Não espalha inda o Sol do meio-dia  
Crestado ardor, nem fende inda o seu raio  
Da Terra o seio, nem as frescas sombras  
Busca a Juvenca ainda; entre o florido  
Trevo, acesa em desejos, olha, e berra.

Possante Primavera, remoçado  
Sente o redil lanoso o teu influxo,  
Pelas relvas do arroio alegre pula;  
Com mor ruído as torrentes vêm rodando  
A despenhar-se nos umbrosos vales.

Os pastios fecundos se alentaram,  
Os altivos Narcisos, régias Tulipas  
Ouviram tua voz. Já se embalançam,  
Chegam-se, ameigam-se, e por Ti criadas  
Te obedecem, amando, e sendo amadas.

Diligente o Cochicho alteia o voo  
Ousado aos ares, e c'o Canto inspira  
Na alma do Lavrador contentamento.  
Ai! que não sente a pérfida arte humana!

A quem suaves quebros não desarmam.  
Ao terno Rouxinol a mágica arte  
Da melodia és tu quem lha ensinaste;  
De ouvi-lo pasmam os auritos bosques,  
Seus modulados hinos entram na alma,  
E a preparam do Amor aos meigos toques.

No delicado ramo do Espinheiro  
Recém florido, embalar-se deixa  
Do bocejo do Zéfiro, e lá solta  
Brilhantes sons, que lavram na espessura.  
Suspensa busca em vão vê-lo a Pastora,  
Que a ouvir-lhe o canto, vê que o Amor o inspira.

Dás novo lustre às faces das donzelas,  
Que as Graças dotam de p'rigoso agrado;  
Na alma dos Jovens brotam os desejos  
Vívido novo ardor, que lhes ensina  
A adivinhar suspiros amorosos.

Já vagar vejo cobiçosas vistas  
De tudo conquistar: vejo olhos pretos,  
Que brilham, subjugando os mais rebeldes:  
Azuis lânguidos olhos; que sem custo  
Triunfam da isenção, por feiticeiros!

Na flor da idade, como o teu influxo  
Deixarei de sentir? Tua viva flama  
Me arreda da Cidade, e seu bulício.  
Louco bulício! A Ti, oh Primavera  
Busco no camponês sagrado asilo.

Vejo-te, e em brincão bando Risos, Jocos;  
Vejo Vénus, c'ó seu maldoso Filho; <sup>[xxiv]</sup>  
Vejo as Ninfas, co'as Graças meio-nuas,  
Que ora fogem dos pérfidos Cupidos,  
Ora leves trás eles vão correndo.  
Deitado à sombra de entrançadas Tílias  
Cada dia virei ver-te, e encostar-me  
Nas margens deste arroio, té que o sono,  
Guiado pelas mãos do Amor, me enleve,  
E me encante c'um sonho deleitoso.

Vos, que ao vero deleite dais valia,  
Que imolais os prazeres da Cidade,  
A gozos mais suaves, vinde; as Terras  
Primavera fugaz curto visita.  
Gozai do breve prazo, que ela outorga.

E vós, Moas formosas, vinde vê-las  
As sombras namoradas, onde esperam  
Suspiram vossa vista Amantes meigos.  
A rósea Primavera nos inveje

Do rosto as rosas, sejam feiticeiro prémio  
Mil ternos corações a vós submissos.

## O ESTIO

ONDE te foste, oh linda Primavera?  
Que novas dás de ti, Celeste Moça?  
Porque tão presto as terras desampar?  
Muito há, que ando no alcance dos Favónios,  
Donoso bando, comitiva tua.

Talvez (dizia) que eu no Campo a encontre,  
Onde Ela, com as Ninfas, brinca, e folga.  
 Talvez que a nova flor colher lhe agrada,  
Nos esmaltados Campos; mas os Campos,  
Tanto, como eu, os vejo entristecidos.

Convidada a dançar por Drias, Ninfas,  
Não presa Ela dos Bosques o retiro,  
Deslembrada do Mundo? Ulmos sagrados,  
Se ma escondeis, entre os frondosos ramos,  
Vergai os topes, repeti seu nome.

Mas não movem os topes seus os Ulmos.  
 Nem na folhage a escondem, que sombria  
Veste lutos, perdido o verde-ledo.  
 Rouxinol, onde está a tua Amante?  
 Mudo está; que o deixou a Primavera.

Campos desamparados, e florestas;  
 Comigo suspirai, gemei comigo;  
 Meus prantos repeti, prantos que ouvisteis.  
 Rosas, que vos murchais, Rosas já mortas,  
 Não terei de c'roar, convosco, a frente.

Fugiu a Primavera; dias tristes  
 Vemos só, de atrás nuvens enlutados.  
 A Terra a viu fugir; e seus sorrisos  
 Nos dá com mor reserva; principia  
 A despir-se das roupas mais mimosas.  
 Já a não fecunda o matutino orvalho,  
 Com que o vapor suave recendia;  
 Nem esvoaça o Zéfiro amoroso,  
 Pelo esmalte dos prados florescentes,  
 Nem navega nas ondas das searas.

Chegar os Campos viram esse ingrato  
 Irmão da Primavera, qual Monarca  
 Vir andando severo, e majestoso,  
 Desejado de muitos, e bem vindo;  
 Mas, à vinda do Estio, emudeceram.

Toma a Terra prazer; mas comedida,

Qual, do segundo Esposo em braços, leda.  
Aceita a Viúva as maritais carícias;  
Mas inda, na lembrança, lhe vislumbra  
Do primeiro Marido o amante beijo.

«Que lindo, que era o seu primeiro Esposo!  
Que tem de ver, c'os seus estes abraços?  
Este, que ora me cinge, não é aquele,  
Que, primeiro, me deu toques no peito;  
Meu Bem, que toda a posse tomou na alma.»

Assim consigo fala; e Amor em tanto  
Vai da sua saudade triunfando,  
E lhe entranha o prazer. Assim a Terra  
Dos agrados do Estio toma gosto,  
Mas não tão vivo, como o da outra Quadra.

Estio Soberano formidável  
Fez aliança c'o Sol, que dobra ardores,  
E c'os acesos raios abre as fendas,  
Nos grossos pastos, arde nas Campinas,  
Que enverdeceu mimosa a Primavera.

Deixam as feras os gostosos prados,  
Para se ir embrenhar pelas florestas;  
Vêde-as ir açodadas, sequiosas,  
Cortar, correndo, os plainos ressequidos,  
A se dessedentar no fresco arroio.

Nos amenos vergéis lasso o rebanho  
Deslembra o pasto, seu deleite outrora,  
E as frescas sombras só, calmoso busca.  
Baixa a fronte, ruminando o Boi tristonho;  
Todo o bruto, insofrido, a tarde espera.

Touro, a quem ensoou o meio-dia,  
Já não restruge os vales, com mugidos;  
Vê em roda estiradas as Bezerras,  
E junto delas, sem paixão se deita,  
Tardio, como um monte, que se alui.

Em tanto o Sol se pesa sobre os trigos,  
De todo o seu incêndio abraseado,  
Na Sfera azul lá reina solitário,  
Sem que invejosos Austros o seu disco  
Ousem toldar, com inimigas nuvens.

O Trigo mansamente amadurece.  
Co'a mão na fouce, o Segador espera  
Impaciente; e o calor do Estivo raio  
Vai, em tanto as, c'roadas de áureas flores  
Cabeças, inclinando, ressequidas.

Vem, vem, Amigo, antes que o Estio escape;  
Vem já. Verás do Campo o novo aspecto:  
Que aqui não tem de vir azoar-te o enxame  
Importuno dos fátuos, que não sentem  
Quais prazeres no Campo ofrece o Estio.

Arma o Ceifeiro a mão; dum talho, e doutro  
Bastas espigas caem; tais na Guerra  
Brônzeo trovão horrendo inteiras filas  
Derriba, uma após outra, até que os montes,  
Vão medrando, dos pálidos cadáveres.  
Como o Soldado alegremente brada  
Quando ensaca os despojos do inimigo;  
Alegre o Lavrador rende ao Céu graças,  
Verá, sem sustos assomar o Inverno;  
Dará de rosto à, que ele traz, penúria.

Talvez te agrade mais, Amigo, a sombra  
Das árvores, que aos raios devorantes  
Do Sol a entrada neguem: vem sentar-te  
Comigo no vergel, que opaco frio,  
C'o folhado espaldar, nos oferece.

Estes ramos curvados te convidam  
C'o saboroso peso de seus frutos.  
Delicioso gosto! Não enjeites  
As dádivas amigas, que benéfica  
Esta árvore, em meu nome, te apresenta.

Vês Baco embalouçar-se nessas parras?  
Fazer negaça ao Sol c'os cachos de âmbar?  
Que anúncios nos não dá grato, e risonho!  
Já dança, nesses bagos, a Alegria,  
Que há-de vir embeber-nos de deleites.

Vem des-negociar-te, nestas vinhas.  
Às leis do coração demos largueza,  
Até que Ocidentais escuras nuvens  
A nós encaminhadas, nos avisem  
Da borrasca, que mate dá no dia.

Quando a Legião das Gralhas se alevante  
D'ao pé de nós, no bosque próximo a abrigar-se,  
Manso deixando este campestre sítio,  
Iremos, dos trovões acompanhados,  
Que ao longe toam, escapar à chuva.

## O OUTONO

**P**AI da abundância, benfeitor Outono,  
Sê também, nos meus Cantos, celebrado.  
Vejam-te os Vales, e de alegre clame  
Robusto o Vinhateiro, oh *Pai do Vinho*,  
Rei, nas férteis encostas, te apregoe.

Cantei a leda Primavera; ouviram-me,  
Coroados de rosas, as Campinas,  
Com silêncio, os Poéticos louvores.  
Cantei, num fresco bosque retirado  
Vorazes fogos do pujante Estio.

Agora a minha Musa, engrinaldando  
De pâmpanos a fronte, entoa alegre  
O Outono benfeitor. Enriquecido  
O Agricultor te exalta, entre o tumulto  
Das danças, e seus rústicos folgares.

Anima os Cantos meus, faze que espertem  
Tanto Estro na alma, como o teu sab'roso  
Néctar. O Vinho inspira Amor, e Brios,  
Quando o Moço sensível, quando Sábio  
Que entende o que é prazer, regado o bebe.

Essa terra, em que tu reinar devias,  
Qual terna Irmã, curiosa cultivava-a  
A Primavera; e co' as mimosas flores,  
Que, com matiz donoso, acobertavam  
Fecundos gomos, te anunciava a volta.

Sabia o Camponês ao raiar da Alva  
Pisando o orvalho, a abençoar as flores,  
Que a Noite fez brotar, e ia sorrindo  
Às esperanças do vindouro Outono,  
Que, com ávidos olhos, contemplava.  
Ama servir-te o Estio; amadurece  
Só para ti a fruta; o Sol dourado  
Para ti só, estende ao dia o curso  
Para ti manda ao ar fecundas nuvens,  
Donde as chuvas refrigeras dimanam,

Vem em nosso favor, bizarro Outono,  
Tu, que ora aos Campos volves ledos o rosto,  
Qual lépido Mancebo; ora embuçado  
Em tristes, feios véus, pesas em nuvens,  
Alagadoras de estendidos prados,

Vem, em nosso favor! bizarro Outono;  
Não embuces, na nuve, <sup>[xxv]</sup> a linda face,  
Que meiga nos sorri; traze por sócios  
Os alígeros Zéfiro amenos,  
E o trovão fragoroso nos ausenta.

Deixa as tímidas Moças, que inda habitem  
Retiros, que o ardor seu folgar lhes viram,  
Quando, com róseas c'roas, nestas relvas,  
Dançavam, ou nos braços dos Mancebos  
Caíam, para deles lhe ir fugindo.

Estas árvores, inda abobadadas,  
Ao Amador feliz dar sombra podem;  
Pode, em nossos vergéis, colher ainda;  
Mais saborosos, mais contentes frutos,  
Que tu, na árvore estiva, lhe ofereces.

Amor lhe dita a escolha, quando, em mimo,  
Ele os teus colhe, para a sua Amada;  
Ou se ela os foi colher, e lhos presenta,  
Na benéfica dextra, ele, a milhares,  
Imprime gratos beijos amorosos.  
Qual dia iguala os deleitosos dias,  
Que enfeita para ti, oh meigo Outono,  
Benigno o Sol, com branda amenidade!  
Teus Zéfiro então, correndo os Campos  
Se alcançam uns aos outros, e se afagam.

Já as Beldades, oh Sol, de ti não fogem;  
Antes, pelos jardins, te andam buscando;  
Tu lá lhes stás sorrindo, e lá teus raios  
Moderados, lhes vêm pousar nos peitos,  
Que a seus amantes beijos se não negam.

Um bando (em vão!) de nuvens invejosas  
Vem dar combate ao Sol, e espalha a noite,  
Pelas jeiras; o Sol vence o combate,  
Triunfa; e vão fugindo, de medrosas,  
Ante o seu vitorioso vulto, as sombras.

Cuidoso, e manso, e as nove Irmãs donzelas  
Ladeando-o, vai um Vate atravessando  
Risonho vale: assim ia já Thompson,  
Cada aspecto da Madre Natureza  
Consid'rando, e cantando seus primores.

Tu vês, Outono, o Vate; e ouves atento  
Do teu Mimoso o Canto arrebatado:  
Tu lho agradeces, meigo-estremecendo,  
Nas movediças folhas do arvoredado,  
No arroio, que serpeia murmurando.

Até que o Sol se esconde fugitivo,  
Detrás dos bosques, e um sorriso aos vales  
Dá, de relance, e foge; a alva Donzela,  
Dos abraços do Amante, assim lhe foge,  
E, na fuga sorri, voltando o rosto.

Dos balcões do Oriente, se ergue a Lua  
Argenti-fronte, e muda olha, e contempla  
Os vastos Campos, vindo acompanhada  
De Orbi-vagos Planetas: nenhum deles  
Tem, contudo, mais que Ela à Terra afecto.

Calada a Natureza, nada quebra  
O seu sacro silêncio. O Amante Jovem,  
É quem só, no ar, espalha seus queixumes.  
Melancólico geme, c'o ermo arroio,  
Ou sinistros fantasmas se lamenta.

Amparado da noite, corre o Cervo,  
Co' a Companhia, os outeiros tão prezados,  
E lá, sem sustos, pasta, com delícia,  
Nos Campos inimigos, cujo Dono,  
Lasso de o perseguir, a frouxo dorme.

Cantarás, Musa, o cruento passatempo  
Da Caça, que inventou Guerreiro ocioso?  
Da trompa cantarás os sons ferozes,  
(Cruel prazer!) que estruge spessos matos?  
E os Cães, dobrando horríficos latidos?

A crueza humana, ah! não a immortalizes,  
Com teus sons; quanto o Céu criou destrui.  
Rompeu a paz, que unia as Criaturas,  
(Paz que tinha fundado a Natureza!)  
Antes que ele feroz as perseguisse.

C 'o seu clamor terrífico alvorota  
O Javali, que jaz; que em nobre fúria  
Aceso, a seu contrário dá ruim paga.  
Matar tímido Cervo, dar clamores  
Lhe apraz, e a Casa decorar c'os Cornos!  
Convida a redes pérfidas, as Aves  
De terna condição; chumba os donosos  
Músicos da floresta; regalando  
Sua sanguínea mesa, com milhares,  
Que mata. Menos cru é o Açor, que ele.

Não cantes, Musa minha, tais cruezas:  
Do tope dos outeiros pampinosos,  
Te está Brónio clamando, que o discantes.  
Tudo clama alegria; que a Celeste  
Bondade nos c'roou as esperanças.

Alegres brados dão Mancebos; Moças;  
Vindimando, lhe escapa o dia curto.  
Os Moços, os teus dons, fecundo Outono  
Sôfregos colhem, nesta, e aquela cepa,  
C'o exemplo das Amantes, animados.

Este rouba das faces bem coradas,  
Vindimador robusto, acesos beijos,  
E ao peito palpitante aperta a Bela,  
Rindo do seu rival, que o vê de longe,  
Com olhos, que faíscam de ciúme.

Ébrio o Deus pampinoso, c'o seu néctar,  
Vai-se, e festivo clama, ao pôr do dia.  
Como outrora partiu, do anual festejo,  
Quando avistou de longe ansiosa, e mesta  
Do ancião Cretense Rei, a linda Filha.

Nessa incógnita praia, oh Ariadna aflita,  
Onde, a dormir, Teseu te deixa infido  
Te deparou Lieu; nem foi tão squivo,  
Que além fosse; antes colhe aos leves Tigres  
A brida, e eles submissos logo param.  
Ei-lo se achega a ti; e lastimando-te,  
Parece tomar parte em tuas mágoas;  
Na face o pranto, com beijar-te, o enxuga.  
No Carro, oh Deusa, te acolheu: tu logo  
De suspirares, por Teseu, cessaste.

## O INVERNO

LONGO-ausente acolhei-me, oh santos prados;  
No seio manso vosso; e bem que nua  
Do verde adorno esteja a vossa face,  
E pelos pés do Inverno magoada,  
Torpecida, muito há, que eu vos suspiro.

Bem que não soem, pelos verdes bosques,  
Voz de Prazer, Canções de Primavera,  
Nem, pelos dons de Ceres, dance o Zéfiro,  
Nem da Maceira a buliçosa rama  
Por entre os bastos frutos, lhe revolva.

De teu divino rosto, assaz e muito,  
Oh vivífico Sol, me vi privado;  
E de teu alto brilho, oh Céu puríssimo.  
Santo prado acolhei-me; lasso venho  
Da Cidade, e de seus folguedos tristes.

Farto venho de festas insensatas,  
Que os dias, e inda as noites lhes consumem.  
Lingue a Alegria lá; boceja, dorme,  
Quem não gosta da taça profanada  
Das sem-sabores graças dos praguentos.  
Corro insofrido a vós, como o Cativo,  
Que o grilhão roto, do atro cárcer foge.  
O claro dia, e a ti, oh Sol benéfico,  
Meus olhos abençoam; teu luzeiro  
Restaurador a longos tragos bebem.

Nas veias corre mais ligeiro o sangue,  
Mais largo o coração sente a influência  
Deste ar mais puro. Eu já respiro, e sinto-me  
Medrado em vida nova; a fronte alisa-me  
O Amigo que me ri, nos braços tendo-me.

Nada há que iguale as tuas roupas  
Em des-nevada alvura, Luminosas,  
Com que cobres a Terra: em balde a vista,  
Para te olhar segura, toma alento;  
Torna atrás, de teu brilho deslumbrada.

E o Sol, vitorioso, os raios frecha  
Sem estorvo; em teu lúcido ornamento;  
Que ávido os agasalha, e ufano, co'eles  
Se enfeita, e manda à Sfera aberta, e limpa  
A disparada luz, com splendor novo.

No grémio do repouso os bosques dormem;  
Vasta nudez, profunda paz os prende;  
Mudo o rumor se some: ouve-se raro  
Gorjeio dalguma Ave anacoreta,  
Que errante, e vaga, o pasto, em neves, busca.

Ergue-se, e baixa, com tinido horrível  
Destruidor machado; a dobres golpes,  
Na selva antiga fere o tronco amigo,  
Que aceso aquece o Filho; o tronco, que antes  
Cobrira o Pai, com benfeitora sombra.

Salteada do Aquilão, que investe, e rugue,  
Cada tronco do bosque curva, e geme,  
Geme, e sacode a neve amontoada  
Pelo tope, e alongados broncos braços,  
Para a chover na prole dos arbustos.

Que lindo enfeite, é o destes troncos cândidos!  
Quão magnífico brilha, ali pendendo  
Dos ramos o Cristal! Sem que o derreta  
O Sol, que franca entrada tem, no bosque,  
Hoje despido da folhuda rama.

Mais loução, que antes, o gigante Pinho  
Salva, c'o verde tope, os troncos todos;  
Verde, que o Inverno desbotar não pode;  
E se ufana, com fresca juventude,  
Entre a gelada alvura deslumbrosa.

E o Rio, que (pouco há) rodava fero,  
No raso campo, a linfa, e parecia  
Infel, na incerta via, à flórea margem,  
Hoje esquece o correr; na espádua dura  
Homens sofre, e sustém Cavalos, Carros.

Bando hardido arma os pés alvoroçados,  
E à foz do Rio, em seu deslizo, voga.  
Tal, solto o pano, a Nau dirige à barra  
A fita proa, e escapa, no ágil voo,  
Ao curioso olhar, que a vai seguindo.

Como rápido esvai o dia, em meio  
De Invernais passatempos! Todo assombros  
Olho estas cenas, té que a vespertina,  
Solitária mudez a novos gozos  
A mim, e a meus amigos nos convida.  
Junto ao rústico lar nos stão chamando.  
Com calor mais benigno nos penetra,  
Que os ecónomos fogos da Cidade,  
Quando, em roda, sentado c'os amigos,  
Mansamente entrançamos os discursos;

Neles versa a benévola Amizade,  
Versa, e diverte ingénuo, alegre esp'rito.  
Com pérfido sorriso, não se atreve  
A vil Maledicência dar um passo,  
Nem mostrar entre nós seu torpe vulto.

Jovial Gracejo, Irmão do airoso brinco,  
Que entrar não temes, no meu tecto humilde,  
Tu, no nosso congresso, te abres praça.  
Ai do Vício, e da Afectação ridícula,  
Que deparou cair em nosso grémio.

Prende o Silêncio toda a voz em torno,  
Mora o sossego em Casa, e pela Aldeia;  
Menos que, ardente, no presepe próximo,  
Mova o Cavallo as crinas, c'os pés bata,  
Pedindo, com relinchos, o sustento.

Graciosa a Lua, de astros ladeada,  
Nossa atrevida planta ao Jardim chama.  
Então nos olha o Céu tão majestoso,  
E os seus Mundos, sem número, nos olham,  
Solenemente tácitos vagando.

Não se cansem meus olhos de admirar-te,  
Céu, assento, e morada do Ente eterno:  
Nunca de ouvir-te canse o meu ouvido,  
Quando entoas, com sons melodiosos,  
Do Criador a vasta Omnipotência.

Quando infiarei da minha vida o curso  
Ditoso sempre, sempre sossegado?  
Sempre dado à Amizade, e ao sério estudo?  
Quando ibernos vireis. Serões solenes,  
A mim, à Musa, aos meus amigos dados?

Ouve-me, oh Fado; e assenta-me uma Choça  
A mim, e a Dafne, nestes santos prados:  
Que eu grato aceitarei, junto da Amada,  
Esse ermo Inverno, a cujo aspecto treme  
O ocioso habitador das turvas Cortes.

Quão breve corre o Dia! e as Horas voam  
Insensíveis, se emprego útil lhes damos!  
Nem se sabem contar, nem se percebem,  
Quando, Amor, lhes dás asas, dás nascença  
Aos afeitos, que as Horas santificam!

Quão veloz foge o Dia! o Sol, lá do alto,  
Nos vê, se regozija: ali deter-se,  
Por 'star connosco, grato desejara;  
Mas força é que se apresse; já no alcance  
Lhe vem a Noite, amiga dos Amantes.

Ricas Horas, (ariscas a Importunos!)  
Os mais puros prazeres vos completam.  
Oh rica solidão, eu te saúdo.  
Tu me entranhas de gosto a cada instante  
Quando Dafne querida me acompanha;

E, entretida em labores de seu sexo,  
Corre c'os dedos rápidos as obras,  
Que interrompe algum tanto, e vem beijar-me,  
Aplaudir-me, afagar-me, dar-me o prémio  
Do Amor, que estou cantando, ou da Amizade.

Não nos falta quem ame vir a ver-nos,  
Neste nosso retiro. Amigos caros,  
Vós sois de nossas práticas o assunto;  
Os hinos repetimos, que cantastes  
À Virtude, ao Amor, e à Amizade.

Desejo (às vezes), que inspirou o Afecto,  
Num trenel nos conduz um caro Amigo.  
Que felizes que somos! Nossa porta,  
Que não ama importunos *Visiteiros*,  
Só prazenteira se abre a quem nos ama.

Pisa (Mas raro!) o umbral com pé profano  
Que vem c'o amiga; mas de nós desmente.  
E vai-se; que esta nossa humilde Choça  
Se esquiva a Parvos, acham-se mal quistos:  
Os Fátuos, os Malvados, mal aceitos.

## ODE

### AO IL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> COMENDADOR JOSÉ MANUEL PINTO EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM ROMA

Ad summam, sapiens uno minor est Jove.

HORAT. *Lib. 1. Ep. 1.*

QUÃO cegos, quão errados no caminho  
Da sólida verdade,  
Foram esses mortais, que imaginaram,  
Que em letras expuseram  
Serem de toscos troncos produzidos  
Os homens; e inda agora  
Conservarem da origem tosca os rasgos!  
Tão bronco é Homero, ou Newton?  
Jazem na mente de Rousseau divino  
Brutezas duma enzinha?  
Quem pode compassar giros dos Orbes;  
Quem dar semblantes, gestos  
A ideias incorpóreas, fingidas,  
Vem de raízes brutas?  
Tu de árvore Celeste só puderas  
Ser, Rousseau descendente:  
Que só rompem dos troncos do alto Olimpo  
Tal siso, e tais virtudes.  
Sim, de árvore Celeste vêm os homens;  
Que como tu, oh Pinto,  
Compreendem <sup>[xxvi]</sup> co' a alta mente o vasto cerco  
Das Artes, das Ciências;  
E que ornam co' a grinalda das Virtudes  
Quanto a ciência abrange.

## EPITÁFIO

AQUI jaz, mui contente de seu Fado,  
Jacinto Palmeirão;  
Que quatro lindas vezes foi casado,  
E quatro foi cabrão.  
Casou pobre, e morreu rico, e faceira.  
Quanto val ter mulher bela, e Loureira!

# ODE

## À LIBERDADE

### DEDICADA

AO IL.<sup>MO</sup> E EX.<sup>MO</sup> SENHOR MARQUÊS DE BOMBELLES,  
EMBAIXADOR DE S. M. CRISTIANÍSSIMA EM PORTUGAL

Jupiter illa piæ secrevit littora genti.

HORAT. *Epod.* 16.

**Q**UE é o que eu ouço, oh Deuses!  
A minha ebúrnea lira,  
Que repousa, depois que a clara glória  
Cantei soberbo, do Albuquerque duro,  
Não tocada ressoa,  
E, do Vate incurioso, a mão convida?

Respeitável Prodígio,  
Aceito o auspício fausto:  
Feitos altos, a Musa, que te excita,  
Em grandiloquo metro me aparelha.  
Já me assinala as cordas,  
E ao meu sujeito ouvido o canto ajusta.

Qual, da Siciónia praia,  
Parte o Agenório incerto,  
Buscando a linda Irmã, mal confiada  
No falaz touro de nevada frente;  
E dobra ansioso as crespas  
Pontas dos alongados promontórios:

Por insólitos mares,  
Calcando insanos medos,  
Dalém Colomb, daqui o ínclito Gama  
Vão tremular Ocidentais bandeiras  
Entre povos, que ajoelham  
Ante homens Numes, dos trovões Senhores.

Os Tritões insofridos,  
Que os não rompidos mares,  
Com desatado arrojo, assim devasse  
Do extremo Ocaso o morador afoito,  
Depõem a ingrata nova  
Ante o trono do céruo Tirano.

Neptuno enfurecido  
Do s3lio se arremessa,  
E c'o braço potente abala o fundo  
Do mar, que se amontoa, e se espedaça;  
Que encapelado atira  
De serra a serra, os descorados lenhos.

Eis já, Cabral, descobres  
Os Brasis não buscados:  
C'os salgados vestidos gotejando,  
Pesado beijas as douradas praias;  
E, aos Povos, que te hospedam  
Ignaro do vindouro, os grilh3es lanças.  
A Bondade, a Inocência,  
Que imemoriais imperam  
Nos Reinos não avaros de áurea veia,  
Dos costumes da Europa espavoridas,  
As gentes desamparam  
Miserandas.... Então a Liberdade,

As asas, não manchadas  
De baixa tirania,  
Soltou isenta pelos ares livres;  
Mal que avistou a Escravidão ao longe:  
Roupas trajando santas,  
Vir estes climas demandar ditosos.

Ao vento se desfraldam,  
E as velas já branquejam,  
Que as leis escuras trazem, sanguinosas;  
Trazem cordas, grilh3es; trazem segures,  
(Da Liberdade em troco)  
Para as Nações, que o crime mal conhecem.

Geme a América ao peso,  
Que insolente lhe agrava  
Dos Vícios a coorte maculosa:  
O veneno da Europa se derrama,  
E os mudos vales troam  
C'o trémulo fragor do bronze rouco.

Témis, co' as mãos ao rosto,  
Súbito os olhos cerra,  
Quando encara as fogueiras flamejando,  
O Rei maniatado, o algoz sedento,  
Pelo ouro mal-devoto  
Decependo as cabeças inocentes.  
Mas.... Que doce violência  
Me retira de tanta  
Cena de horrores? Qual me esparges néctar  
Musa, pelo mortais, pesados membros;  
Que mal toco, ligeiro,  
As azuladas, transparentes ondas?

Deste licor banhado,  
O dulcíssimo Orfeu,  
Assim seguia a próvida Calfope,  
Desde os mares da Grécia, ao Nilo ignoto;  
Quando o mistério Egípcio  
Quis registrar, do alto saber avaro.

Salve, copado Bosque,  
Salve: plácido asilo  
Da casta, foragida Liberdade.  
Lá vejo o Templo seu áprico,<sup>[xxvii]</sup> imenso,  
Que encerrar-se não deixa  
De brônzeas portas, artesoados tectos.

Lá vejo, inda entalhado  
Nessa árvore robusta,  
Do humaníssimo Penn o nome grato:  
Inda os costumes são, que ele plantara,  
Recendem nestas veigas,  
Orvalhados de amiga tolerância.

Aqui, nos terrões toscos  
Sentados, aceitavam  
Os Selvagens indígenas o preço  
Da terra já além dada: exemplo insigne,  
Que insculpirá infâmia  
Nos que as plagas não suas cativaram!

Não mais, não mais, oh Musa;  
Não mais furor me acendas.  
Sinto o sangue correr atropelado,  
O cérebro assaltar-me aguda chama  
De fatídico incêndio:  
Já, do futuro, a Jove arranco as chaves.

Como risonha, e destra  
Treze Regiões discorre:  
Como co' as alvas mãos lhes quebra o jugo,  
E as toma, a Liberdade, em anel firme!  
Como as dextras lhe enlaça,  
Sopra em seus peitos brios, esperanças!

Soltam-se os pendões livres  
Ao teu sisudo aceno,  
Filósofo Franklin, que arrebataste  
Aos Céus o Raio, o Ceptro à Tirania;  
E ao teu aviso, em Boston  
O Lírio ajudador tremula, ovante.

De honra e valor armado,  
Washington, ali te ergues,  
E ao Congresso indeciso a fé abonas.

Tu és sua muralha, e seu escudo;  
Qual, outrora no Lácio,  
O Fábio tardador, à aflita Roma.  
Os Sócios protegidos,  
Os Tiranos exaustos  
São eternos brasões da tua glória,  
Que cresce triunfal na redondeza,  
Como os círculos crescem  
Em lago, que no centro foi ferido.

Neste limpo terreno  
Vira assentar seu trono  
A sã Filosofia, mal aceita;  
E Leis mais brandas regerão o mundo,  
Quando homens mais humanos,  
C'o raio da Verdade, a luz espalhem.

Já de Sapiência ricos  
Exames Filadélfios  
Vão conquistar com almo ensino a Europa;  
Sem baionetas, sem canhões escravos  
Vão plantar generosos  
Ramos da restaurada Liberdade:

Quais, do flórido Himeto  
Melíficas abelhas,  
Entre as asas do Zéfiro amparadas,  
Vão demandar, com voo desejoso,  
As remotas devesas,  
Que hão-de adoçar c'os fabricandos favos.

## LIRAS

Vê como brilham no azulado tecto  
As nítidas estrelas,  
Que nas pousadas belas  
Engastou o riquíssimo Arquitecto.

Lá vem, Delmira, por detrás do monte  
A Lua prateada,  
Que deixa desmaiada  
De tanto astro a luz, co' a clara fronte.

Verás da Aurora o apavonado riso  
Revestindo as campinas,  
E às tochas diamantinas  
Doutro splendor maior trazer o aviso:

E num coche flamívomo, o Monarca  
Da luz vivificante,  
Alagar radiante  
Os Céus, a terra que estendido abarca.

Só não verás (o porque estou ansiando)  
Nos teus olhos formosos,  
Dous sóis mais graciosos  
Abrir-se para mim, amor raiando.

# ODE

## AO SENHOR AUGUSTO MARQUET D'URTUBISE

VERDADE austera me ressoa na alma.

Mortal, ouve o teu Mestre.  
Sobre as asas das Musas remontado,  
Bebi lições augustas;  
Ela me nomeou, ela me envia,  
De suas leis constantes, pregoeiro.

Ordem guardam nas rápidas campinas,  
Esmaltadas de estrelas,  
Exércitos de mundos, que navegam  
Espaços sem medida;  
Mas ordenadas órbitas rodando,  
Espreitam do alto Nume o antigo aceno.

Ordem mantém, quanto ele tem criado:  
Ela rege sob'rana  
Zéfiros brandos, Euros tormentosos;  
Nas mãos tem a cadeia  
Que ata o verme arrastado pela terra,  
Ao Rei soberbo, que dispõe do mundo.

O Bem geral da vasta imbele Prole  
É nossa lei primeira.  
Feliz serei, se não quebranto iníquo,  
Com criminoso insulto,  
A tranquila ventura dos Humanos,  
Único bem, para que à luz fui dado;

Se, contra o meu Dever, não lutam na alma  
Paixões descomedidas;  
Se esse interesse vil, que as esporeia;  
Que levanta as querelas,  
Me não tolda no peito alto domínio,  
E a cativa Razão c'os pés não calca.

O sujo Charco dos brutais deleites  
Com amarga peçonha,  
Embebe os talos das viçosas plantas:  
Enfastiadas horas  
Vem embotar o gume do Desejo,  
E dos marmóreos Paços foge o Sono.

Só desata Alegria limpas fontes

No coração, que é puro:  
Pelas portas das lóbregas masmorras  
    Mete serenos dias  
O puro irrefragável testemunho  
Da benéfica vida, ao Crime adversa.

Conquanto não me exprobre atroz remorso  
    Maléficas lembranças,  
Que me importa que os Bens, a Vida, a Fama  
    Sejam lanço do Embuste?  
Que pelo pó me arraste, desvalido,  
A traidora Fortuna, caprichosa?

Duro não peço ao soberbão piedades  
    Nem quartel ao injusto:  
Agravado, inocente, mal punido  
    Tenho de ser ditoso,  
Co' a paz suave, na cabana humilde,  
Entre os braços do puro Regozijo.

Porque hei-de cobiçar os bens sobejos  
    De que desdenha o Sábio,  
E porque tanto o imprudente anela?  
    Assim, por leves nadas,  
Caem dos olhos, lágrimas mimosas  
Aos ignorantes, ávidos meninos.  
Próvido Fado o Bem, o Mal reparte:  
    Ora meigo nos leva  
Por prados, que de rosas nos tapiça;  
    Ora, para arrancar-nos  
Da mão ferrenha do contente Vício,  
Por veredas de abrolhos nos empucha.

Da luta audaz c'o indócil Apetite  
    Te lembrarás com gosto,  
Quando se abrir um dia à tua mente  
    Esta harmonia, esta Ordem  
Que, do futuro austero o véu nublado  
A nossos olhos temerários veda.

# ASTÚCIA

## CONTRA AMOR

VINHA Amor resoluto a assetear-me:  
Eis, que eu lhe oponho um Odre aos cegos tiros.  
Farpão sobre farpão cuida encravar-me,  
Ouvindo astutos, lânguidos suspiros.  
    Quando vazia a aljava,  
    E a voz morta me sente,  
A ver o estrago o Atirador chegava,  
E as feridas contar na rês jacente.  
Mas, do meu couto, pelas asas cruas  
    Colho o Daninho;  
    Nas nalgas nuas  
Pesadas mãos colérico lhe assento.  
    O Coitadinho,  
    No seu tormento,  
    Em vão me chora,  
    Piedade implora;  
Que eu surdo a rogos, surdo a terno pranto,  
Por me vingar de tanto insulto e tanto,  
    Que em minha vida,  
    Este homicida  
    Me fez acintemente  
    Com ira incontínente,  
No odre, que me amparou, sanhudo o afogo,  
Onde deu um arranco, e morreu logo.

# ODE

## À MINHA MUSA APETITOSA DE CORRER MUNDO

Tu, nisi ventis debes ludibrium,  
Cave. ....

HORAT. *Lib. 1. Od. 14.*

**M**USA, que te afoutaste a ver comigo,  
(Mal aceita na pátria) estranhas terras  
Hoje sem mim te vás, desamparada,  
Tentar incautos Climas.

Não confies na aragem lisonjeira  
Nem nas azuis campinas perguiçosas  
Retalhados cachopos se te escondem  
Nas fermentidas águas.

Teme o estrangeiro Céu, teme as tormentas  
Desse pego famoso por naufrágios  
Mais possantes baixéis, de louro ornados,  
Fraquearam rendidos,

Às severas rajadas; e rompidas  
As mal colhidas velas, uma serra  
De água encurvada acapelou trementes  
Os descorçoados bordos.

Não convém aos humildes a afoiteza;  
E as praias coalhadas de destroços  
Te vedam os arrojos; nos alheios  
Te inculcam que escarmentes.

Dorando, que bonanças te encarece,  
Não acomete os mares, nem permite  
Que as suas naus seguras, e alterosas  
Desaferrem do porto.

## SONETO

MOTE

A mágica Poesia os Céus encanta.

GLOSA

CO'A dextra avermelhada Jove horrendo  
Quis aluir dos Orbes a estrutura,  
E ao bárbaro lançar a prole impura  
Do lodo vil, mil raios devolvendo.

Já nas entranhas do Etna está gemendo,  
Aos golpes do martelo, a massa dura,  
Já nos ares se espessa a nuve' escura,  
Que há-de fender-se com fragor tremendo...

Em tanto se ergue aos Céus um som Divino,  
Que das Musas entoa a turba Santa.  
Lá rompe o firmamento cristalino;

Esfria a Jove o raio, iras quebranta.  
Que valia não tens, Aónio Hino!  
A mágica Poesia os Céus encanta.

## SONETO

AOS ANOS DA SENHORA D. E. V. M. J. M.

O Tempo tragador, co' a fouce afiada,  
Corta anos em agraço, nos maduros;  
Do seu cego furor não 'stão seguros  
Letras, Valor, Beleza celebrada.

Move as sortes fatais co' a mão pesada,  
O Fado, surdo a votos, e a conjuros;  
Baralhando c'os nomes vis, e escuros,  
Um Nuno impávido, uma Inês amada.

Somente foge às Parcas sanguinosas  
O nome honrado, o puro benefício;  
Ilustre esforço de almas generosas.

Consagre-se o teu dia natalício,  
Eugénia, com festões de vivas rosas:  
Dia ditoso, dom do Céu propício!

## AD GALLOS

Quum ortis inter Magistratus dissidiis, aseptisque in Italia cladibus, nova belli  
civilis incendia nuntiarentur.

ANNO VII

QUÆ vesania, quis furor!  
Quam cæco miseri turbine volvimur!  
Sors brutis melior feris  
Si nullo regitur gens moderamine.  
At quo, quò ruitis? novæ  
Cur cristæ galeis, telaque, et impiæ  
Aptantur manibus faces?  
Ardebitne sua Gallia dextera?...  
Eheu! jam satis et super  
Certatum est odiis exitialibus;  
Cives parcite civibus,  
Atque iras acies vertite in hosticas...  
Palent; nec moniti audiunt,  
Feralique premunt ora silentio.  
Errandi ne necessitas,  
Aut erroris amor desipientium  
Turbam præcipitem trahit?  
Nec jam certa Rei nec Ducibus fides;  
Expers Curia consili  
Delirat, populus plectitur inocens,  
Quo Discordia devias  
Mentes proripiet? Numquid adhuc parum  
Fusum est sanguinis, et piget  
Tristes imperii relliquias suis  
Non convellere sedibus?  
Ergo funeribus funera, (proh dolor!)  
Accedet nova stragibus  
Strages, opositæ læta Britannicæ!

## TRADUÇÃO

OH desatino! oh fúria!  
Qual (tristes!) cego vórtice nos volve?  
Se aos homens nada enfreia,  
Sorte melhor aos brutos coube. Onde ides  
Assomados? Que novos  
Cocares embebeis nos capacetes?  
Que lanças, que fogachos  
Empunhais co' essas mãos despiedadas?  
Será, quem ponha o fogo  
À França a dextra vossa? Ai! mais que muito  
Com stragadores ódios  
Se combateu téqui. Poupai, magnânicos  
Sangue Francês, Franceses:  
Vertei na hostil coorte as vossas iras.  
Infiam.... nem já escutam  
Avisos meus. Mortal silêncio lhe ata  
Os lábios. No despenho  
Lança, a esse bando néscio, ânsia de errarem?  
Ou lhes faz o Erro força?  
Nos Cabos, na República a Confiança  
Vacila: de prudência  
Falta, delira a Cúria. Paga-o o Povo  
Inocente. Oh Discórdia,  
Onde impeles as mentes transviadas?  
Não é inda bastante  
O já vertido sangue? E bem vos pesa  
Não ter desarraigado  
Do sítio os tristes restos deste Império?  
Cumpre (oh mágoa!) que às mortes  
Mortes se unam, e a estragos mais estragos?  
Delícias de Albion ínvada!  
Tectis squalida dirutis,  
Oppressisque silent artibus oppida:  
Desertis dolet in viis  
Pubes immeritis orba parentibus;  
Indignoque terit pede  
Fraternis silices cædibus ebrias;  
Et cultore carent suo  
Versis in gladios arva lignonibus.  
Urget dedecus additum  
Damnus, inque dies vix medicabili  
Gliscit pernicies malo,  
Dum rerum bona pars irrita defluit.  
Ingens præsidium et jubar  
*Sublatum ex oculis quærimus anxii:*  
Adsit qui velit improbas  
Fraudes et *rabiem tollere civicam;*  
Adsit qui PATRIÆ STATOR  
Scribi, ac terrificam strenuus audeat

*Refroenare licentiam, et*  
Libertate nova luxuriantibus  
Metas figere aheneas;  
Præsens Ille suis carus et exteris.  
O Navis, tibi creditam  
(Seram orbis requiem, fataque postera)  
Serves depositum, precor:  
Quamvis remigio nudaque linteis,  
Tot defuncta periculis,  
Mauros o utinam, rite faventibus  
Euris, effugias sinus;  
Spem gentisque bouam vota que sospites!  
Esquálidas as vilas emudecem,  
Esbroadas as Casas,  
As Artes oprimidas: as Crianças  
Nas ermas ruas, órfãs  
Choram dos pais as mortes não devidas;  
Com pé sanhudo, as pedras  
Roxas do sangue fraternal, pisando.  
Forjados em alfanjes  
Os enxadões, de seu Cultor carecem  
As jeiras. Sobreposta  
Carrega sobre as Perdas, a Desonra.  
No mal, quasi incurável  
Dum dia em outro, o extremo dano cala,  
Enquanto em balde escoa  
Boa parte dos bens. O esteio ingente  
O splendor, que dos olhos  
Nos desviaram, ansiosos inquirimos.  
Acuda quem destrua  
Ímprobos fraudes, Cívicas vinganças.  
Acuda quem se atreva  
A ter nome de Pai da Pátria; e as rédeas  
Aos devassos terrores  
Encolher alentado; e pôr balizas  
De bronze aos desmandados  
Co' a Liberdade nova, aos seus (presente)  
Amado assunto, e a estranhos.  
Rogo-te, oh Nau, que salves a confiança  
Em ti depositada  
(Tardo Sossego do Orbe, e extremos Fados!)  
Bem que desarvorada  
De mastos, e velame; e tantos p'rigos  
Hajas corrido. Oh praza  
A Deus, que às praias Mouras bons Favónios  
Te escondam, e nos rimas  
Da França o anelo, e as esperanças boas!

## EFEITOS

### DO AMOR MAL CORRESPONDIDO

QUANDO uma Mocetona lhe resiste,  
O soberbão Inglês crê que ela o ofende;  
O Italiano chora, e se arrepende:  
Nada há hi que console o Espanhol triste;  
O Alemão come, bebe, e se consola:  
Para o Francês – repúdio é carambola.

# ODE

## À LA FORTUNE, DE J. B. ROUSSEAU

**F**ORTUNE, dont la main couronne  
Les forfaits les plus inouïs,  
Du faux éclat qui t'environne  
Serons-nous toujours éblouis?  
Jusque à quand, trompeuse Idole,  
D'un culte honteux et frivole  
Honorons-nous tes autels?  
Verra-t-on toujours tes caprices  
Consacrés par les sacrifices,  
Et par l'hommage des mortels?

Le Peuple dans ton moindre ouvrage  
Adorant la prospérité,  
Te nomme Grandeur de courage,  
Valeur, Prudence, Fermeté.  
Du titre de Vertu suprême  
Il dépouille la Vertu même,  
Pour le Vice que tu chéris:  
Et toujours ses fausses maximes  
Érigent en Héros sublimes  
Tes plus coupables Favoris.

Mais, de quelque superbe titre  
Dont ces Héros soient revêtus,  
Prenons la Raison pour arbitre,  
Et cherchons en eux leurs Vertus.  
Je n'y trouve qu'extravagance,  
Faiblesse injustice arrogance,

# ODE

## À FORTUNA, DE J. B. ROUSSEAU

QUERES co' a falsa luz que te rodeia,  
Sem termo, deslembrar-nos,  
Fortuna, que os flagícios mais estranhos  
Com cega mão coroas?  
Até quando hão-de honrar os teus altares,  
Ídolo fraudulento,  
A ti rendidos os mortais insanos;  
E pródigos de vítimas,  
Com vergonhosos, frívolos respeitos,  
Adorar teus caprichos?

No teu menor Feitura acata o Povo  
O teu próspero Nume:  
Valor te chama generoso Brio,  
Siso, Constância chama.  
Para enfeitar o Vício que perfilhas,  
Vás despir a Virtude  
De seus mais nobres, mais altivos foros.  
Falso discorre, e exalta  
Os mais facinorosos teus validos  
Como os Heróis egrégios.

Embora os ornem títulos honrados  
Aos teus Heróis ufanos;  
Venha a Razão, extreme-lhe as Virtudes  
Co'a, vara, judiciousa;  
Lá lhe aponta injustiças, arrogâncias,  
Fraquezas, devaneios.  
Trahison, fureurs, cruautés.  
Étrange Vertu qui se forme  
Souvent de l'assemblage énorme  
Des Vices les plus détestés!

Apprends que la seule Sagesse  
Peut faire les Héros parfaits:  
Qu'elle voit toute la bassesse  
De ceux que ta faveur a faits:  
Qu'elle n'adopte point la gloire  
Qui naît d'une injuste victoire,  
Que le Sort remporte pour eux:  
Et que devant ses yeux stoïques,  
Leurs Vertus les plus héroïques

Ne sont que des crimes heureux.

Quoi! Rome et l'Italie en cendre  
Me feront honorer Sylla?  
J'admirerai dans Alexandre  
Ce que j'abhorre en Attila?  
J'appellerai Vertu guerrière  
Une Vaillance meurtrière  
Qui dans mon sang trempe ses mains?  
Et je pourrai forcer ma bouche  
À louer un Héros farouche  
Né pour le malheur des humains?

Quels traits me présentent vos Fastes,  
Impitoyables Conquérants?  
Des vœux outrés, des projets vastes,  
Des Rois vaincus par des Tyrans:  
Des murs que la flamme ravage;  
Des Vainqueurs fumans de carnage;  
Un Peuple au fer abandonné:  
Des Mères pâles et sanglantes,  
Arrachant leurs Filles tremblantes  
Des bras d'un Soldat effréné.  
Vejo traições, furores, crueldades...  
Que hediondas Virtudes!  
Bruto parto do enorme ajuntamento  
Dos mais horrendos Vícios.

Sabe, oh Deusa, que só a Sapiência  
Produz Heróis perfeitos;  
Que ela acusa os senões dos que esse nome  
Por mercê tua alcançam:  
Nem brasões, que forjou vitória injusta,  
Têm cabimento co' ela.  
O Acaso os granjeou, não teus validos;  
E tais heróicos feitos  
Com vista stóica os sobre-vê e os conta,  
Entre os ditosos crimes.

Honrarei Sila? porque a Itália e Roma  
Meteu a ferro e fogo?  
Louvarei de Alexandre a crua insânia;  
Que em Átila aborreço?  
Queres que chame bélica Virtude  
Os brios homicidas,  
Que as brutas mãos ensopam no meu sangue?  
Não dobrarei a Lira  
A que entoe um Herói feroz, nascido  
Para estrago dos homens.

Abro os vossos anais, Leões sedentos;  
Daqui, dali descubro  
Sobejas ambições, largos projectos.

Aqui rasas muralhas,  
Lá Reis atropelados por tiranos.  
Do golpeado povo  
Em sangue quente o Vencedor fumeia;  
E as Mães sem cor, e esquálidas  
Dos braços do soldado infrene arrancam  
As tremebundas Filhas.

Juges insensés que nous sommes,  
Nous admirons de tels exploits!  
Est-ce donc le malheur des Hommes  
Qui fait la Vertu des grands Rois?  
Leur gloire féconde en ruines,  
Sans le meurtre et sans les rapines  
Ne saurait-elle subsister?  
Images des Dieux sur la terre,  
Est-ce par des coups do tonnerre  
Que leur Grandeur doit éclater?

Mais je veux que dans les alarmes  
Réside le solide Honneur.  
Quel Vainqueur ne doit qu'à ses armes  
Ses triomphes et son bonheur?  
Tel qu'on nous vante dans l'Histoire,  
Doit peut-être toute sa gloire  
À la honte de son rival.  
L'inexpérience indocile  
Du compagnon de Paul-Émile  
Fit tout le succès d'Annibal.

Quel est donc le Héros solide,  
Dont la gloire ne soit qu'à lui?  
C'est un Roi que l'Équité guide,  
Et dont les Vertus sont l'appui;  
Qui prenant Titus pour modèle,  
Du bonheur d'un Peuple fidèle  
Fait le plus cher de ses souhaits:  
Qui fuit la basse Flatterie;  
Et qui, l'ère de sa Patrie,  
Compte ses jours par des bienfaits.

Vous chez qui la guerrière Audace  
Tient lieu de toutes les Vertus,  
Concevez Socrate à la place  
Du fier meurtrier de Clitus.  
Vous verrez un Roi respectable,  
Insensatos Juizes admiramos  
Tais feitos, tais ruínas!  
Faz a virtude pois os Reis preclaros  
Co' as desditas dos homens?  
Nem seus louros fecundos de destroços,  
Sem mortes, sem rapinas  
Não se podem suster? Deuses da terra,  
Imagens dos do Olimpo,

Quereis patentear o poder vosso  
No estampido, nos raios!

Surja embora da guerra, e das conquistas  
A perdurável Honra.  
Qual vencedor deveu à mera lança  
Os felices triunfos?  
Quanto Herói não ganhou na História quadro,  
A quem rendeu mais glória  
O desar do rival, que o próprio esforço?  
O indócil e inexperto  
Varrão, co' infausta intrepidez de Canas,  
Esclareceu a Aníbal.

Mas qual é, Musa, o Herói que em si só funda  
Da sua glória a base?  
Lá vejo um Rei, que firme na virtude,  
Toma por Mestre a Tito;  
E na Equidade os olhos encravando,  
Põe seu mais doce anelo  
Em bem afortunar o leal povo;  
Que espanca a vil Lisonja  
E vero Pai da Pátria, com bondades  
Assinala os seus dias.

Tu, ante quem a bélica afouteza  
Vale as virtudes todas,  
No auge de fero matador de Clito  
Põe Sócrates benigno;  
Verás um Rei grandioso, respeitável,  
Humain, généreux, équitable,  
Un Roi digne de vos autels.  
Mais à la place de Socrate,  
Le fameux Vainqueur de l'Euphrate  
Sera le dernier des Mortels.

Héros cruels et sanguinaires,  
Cessez de vous enorgueillir  
De ces lauriers imaginaires,  
Que Bellone vous fit cueillir.  
En vain le Destructeur rapide  
De Marc-Antoine et de Lévide  
Remplissait l'Univers d'horreur:  
Il n'eût point eu le nom d'Auguste,  
Sans cet Empire heureux et juste  
Qui fit oublier ses fureurs.

Montrez-nous, Guerriers magnanimes,  
Votre Vertu dans tout son jour.  
Voyons comment vos cœurs sublimes  
Du Sort soutiendront le retour.  
Tant que sa faveur vous seconde,  
Vous êtes les Maîtres du Monde,

Votre gloire nous éblouit.  
Mais au moindre revers funeste,  
Le masque tombe; l'Homme reste;  
Et le Héros s'évanouit.

L'effort d'une Vertu commune  
Suffit pour faire an Conquérant.  
Celui qui dompte la Fortune,  
Mérite seul le nom de Grand.  
Il perd sa volage assistance,  
Sans rien perdre de la constance  
Dont il vit ses honneurs accrus:  
Et sa grande âme ne s'altère  
Ni des triomphes de Tibère,  
Ni des disgrâces de Varus.  
Um Rei humano e justo,  
Digno de teus altares: mas o altivo  
Conquistador do Eufrates  
Será, se o pões de Sócrates no posto,  
O repúdio dos homens.

Heróis cruéis, Heróis sanguinolentos,  
Cessai de empavonar-vos  
Dos quiméricos louros, mal colhidos  
Nos campos de Belona.  
Em vão o Destruidor arrebatado  
De Lépidio, e de António,  
De horror cobria o mundo; que de Augusto  
Nunca alcançara o nome,  
Se os seus furores não lavara manso  
Com justo, almo governo.

Exponde à clara luz vossa virtude,  
Magnânimos Guerreiros;  
Volva a Fortuna a roda. Como a aguardam  
Esses peitos sublimes?  
Enquanto ela as proezas vos bafeja  
Senhores sois do mundo;  
Co' brilho nos cegais. Mas se os azares  
Despede carrancuda,  
Cai a máscara aos pés, desfaz-se o Herói!  
E que nos resta? O Homem.

Para um Conquistador sobeja esforço  
De trivial virtude:  
Mas só merece bem de Grande o nome,  
Quem subjuga a Fortuna;  
Quem perde os seus afagos, sem que torça  
Da rígida constância,  
Com que susteve as cumuladas honras;  
Nem lhe verga a alma ilustre  
C'o triunfo invejoso de Tibério,  
Nem co' a rota de taro.

La Joie imprudente et légère  
Chez lui ne trouve point d'accès;  
Et sa crainte active modère  
L'Ivresse des heureux succès.  
Si la Fortune le traverse,  
Sa constante Vertu s'exerce  
Dans ses obstacles passagers,  
Le Bonheur peut avoir son terme:  
Mais la Sagesse est toujours ferme,  
Et les Destins toujours légers.

En vain une fière Déesse  
D'Énée a résolu la mort;  
Ton secours, puissante Sagesse,  
Triomphe des Dieux et du Sort.  
Par toi, Rome, après son naufrage,  
Jusque dans les murs de Carthage,  
Vengea le sang de ses Guerriers;  
Et suivant ses divines traces,  
Vit au plus fort de ses disgrâces  
Changer ses Cyprès et Lauriers.  
Às imprudentes, leves alegrias  
Fecha as modestas portas;  
E o desatino das ditosas quadras  
Rege c'o argos receio;  
Quando a Fortuna o vexa com reveses,  
O afã robusto emprega  
Contra os empeços, que em seu rumo topa.  
Encurte-se-lhe a dita:  
Que ele, c'os pés seguros na Sapiência,  
Zomba dos leves Fados.

Em vão a altiva Deusa decretara  
A morte a Eneias pio.  
Tu, potente Sapiência o defendeste  
Da Fortuna e dos Deuses.  
Por ti vingou a naufragante Roma,  
Nos muros de Cartago,  
A afronta de Varrão, de Emílio o sangue;  
E os passos teus trilhando,  
Mudar viu, no rigor de seus desastres,  
Em louros os ciprestes.

## ODE

### À FELIZ ACLAMAÇÃO DA FIDELÍSSIMA RAINHA DE PORTUGAL A SERENÍSSIMA SENHORA D. MARIA I.<sup>a</sup>

*No dia 13 de Maio, do ano do 1777.*

Enquanto apascentar o largo Pólo  
As estrelas, e o sol der luz ao mundo,  
Onde quer que eu viver, com fama e glória  
Viverão teus louvores na memória.

BARRETO. *Liv. 1. Estanc. 132.*

EIS descem as Camenas  
Do bífido Parnasso;  
Num puro vaso de águas consagradas,  
Que traz nas mãos Calíope,  
Versífica virtude,  
Apolínea ousadia ardentes fervem.

A que mortal sequioso,  
Musa, o licor destinas?  
Com que altos hinos vás a alma abrasar-lhe?  
Que Herói de claros feitos  
Queres, com nova glória  
A Alcides comparar, ao divo Aquiles?  
Bebe (me diz) esgota,  
Ousado, a grande taça:  
Banha de almo licor o esquivo seio:  
Que tens de volver hoje  
Divinos pensamentos  
Na atropelada boca altissonante.

«Queremos que hoje Elísia,  
Com nunca ouvido Canto,  
Celebre a nunca vista Soberana;  
Que o tempestuoso leme  
Do governo meneia  
Ela, o primeiro Rei, do Reino Luso.

Para mais animar-te  
Aqui tiro do peito  
O Fatídico livro, a inteira folha,  
Que as acções de Maria

Encerra em Letras faustas.  
Lê-as; e nega-te a cantar, se o podes.»

Povos, ouvi atentos  
Oráculos divinos,  
Que beberam meus olhos assombrados.  
Que grande luz se espalha  
Na mente, e ao peito desce  
Doce, e suave, e de prodígios cheia!

Eis os tempos ditosos,  
Desejados dos Lusos.  
Que em folhas, na Cumeia lapa ondearam,  
Consigo as eras de ouro,  
No peito, e no semblante  
Nos traz ao trono a cândida Rainha;

No assento Majestoso  
Quão bela representa  
As sãs virtudes, que lhe pulsam na alma!  
Nunca no trono Assírio  
Semramis famosa  
Ganhou tais cultos do vencido Oriente.

Já correm a amparar-se  
Da sua régia sombra  
As Artes, as Ciências desveladas.  
Oh quão bem que entenderam!  
Já, com mão benfeitora,  
Lhe abre na pátria prósperos asilos.

Os portos franqueados,  
Vêm depor na Ulisseia  
Veli-vagos baixéis do Orbe as riquezas;  
E as Quinas vão ufanas  
Nos ombros de Neptuno  
Levar a ambos os Pólos, teus louvores.

Vem, século ditoso,  
Dos bens enriquecido,  
Afortunar os fortes Lusitanos:  
Outras graves conquistas,  
Outras pazes honrosas  
Venham com novos Gamas, e Albuquerque.

Do teu formoso rosto,  
Dos olhos refulgentes  
Trasborda o amor dos teus vassallos:  
Das tuas mãos grandiosas  
Já caem cento a cento  
As benignas mercês, bem repartidas.  
Teu Povo afortunado  
Aos Céus envia as graças

Da Rainha, antes Mãe, mais que Rainha:  
E as arredadas gentes  
Buscam na Elísia abrigo,  
Do teu brando governo convidadas.

Aos vaidosos Monarcas  
Darás roedora inveja,  
Porás grilhões à língua da Calúnia,  
Que exprobrava odiosa  
Ser fraca a mão femínea  
Para as rédeas suster dum grande império.

Tu, de Príncipes dignos  
Benemérita herdeira  
Os passos pisarás, que eles correram:  
Na strada da Vitória,  
Do mérito no templo  
Tens por Norte os Avós, o Pai por Mestre.

Já num lugar excelso  
O sólio te preparam  
Entre Cat'rina ilustre, e Isabel santa  
E já com alvoroço  
Tecem teu elogio,  
Quando à sfera imortal mui tarde subas.

## DEBIQUE

### OFERECIDO AO SENHOR H. J. B. ....

Compadecido de que a las hermosuras legas, por justos juicios se les aya revestido en el cuerpo tan extraña gerihabla, y viendo que los clamistas de noche, al son de campilla dicen: Acuérdense hermanos de los que esta en pecado mortal, y de los que andan por la mar, y de aquellos, y aquellas que están en poder de Francelhos. Por todas estas cosas he resuelto...

QUEVEDO.

EIS que, como Quevedo, me resolvo  
A debicar convosco, meus Francelhos,  
Que vos desempulhais de meus socates,  
C'um baboso dizer – *Patrão da lancha*  
*Carregada das drogas da antigualha.*  
Cuidais que me insultais: e eu tenho em honra  
Ter os Clássicos lido, e ter lembrança  
De suas nobres frases, quando escrevo.  
Que assim luzia Freire, assim Vieira,  
Dous lumes da eloquência Portuguesa  
No século anterior. Que (por desgraça  
Da língua nossa!) os outros Escritores  
Imitar não souberam. Sucedeu-lhes  
Um frasear mesquinho um mui poupado  
Meneio de palavras. Já dessa Era  
Todo o termo por néscios não sabido  
Era a desterro injusto condenado.  
Então se entrou a arremessar no Olvido  
*Soer quiçá, mau grado, apraz, azinha,*  
E outras vozes de enérgica estreiteza,  
(Nobres na Castro, nobres nos Lusíadas)  
Para as substituir com termos oucos,  
Com palavrões sesquipedais, bazófiros,  
Com advérbios de longo rabo-leva,  
Como este, que dum verso a casa ocupa:  
MISERICORDIOSISSIMAMENTE,  
Que se cantou por fecho dum soneto,  
Impresso numas festas muito régias.  
Veio, por fado mau, fortuna insulsa,  
Depois, para desonra deste século,  
Um falar mascavadas francesias,  
Que se apossou dos cascos dos Tarelos,  
E pôs o peito à barra, muito ufano,  
A enlabuzar a língua Lusitana

Com certa mixtifória frandulagem.  
Vendo que não pegavam tais unturas,  
Mais que em carinhas tolas, macaqueiras,  
Mais que nuns certos Naires, certos Bonzos  
Nalgumas Mulherinhas de refugo,  
Ou Rapazes da fúfia; e que homens lidos,  
E os de juízo assente os apupavam,  
Deram-se então a baforar vapores  
Com que o lustre da língua mareassem,  
E assim se desforrassem dos remoques,  
Com que o Dinis , e Elísio os chasqueavam.

Como vos enganais; meus badamecos!  
A língua Portuguesa pura, e clara  
Viverá quanto vivam amadores  
Da Latina facúndia, Mãe da Lusa,  
Quanto vivam Camões, vivam Ferreiras:  
E a vossa língua, eivada de Galeno,  
Morrerá, como as modas dessa Laia.  
Morrerão os *Telónios*, as *Malbrukas*;  
Morrerão as *Condutas*, os *Afrosos*,  
Com os mais da relé do *francesismo*.

Quando a primeira vez ouvi as falas  
Desses Francelhos, que na língua Lusa  
Metiam Francesias, cismeí muito  
Donde esse destempero acarretaram.  
Cismeí, ... cismeí, ... e à força de cismar-lhe,  
Adormeci cismando. Eis vem-me um sonho:  
E como em sonho aprendo muito, agora  
Direi o que sonhei, que vem a pêlo.

Vi um vasto Palácio, com feitio  
De Alfândega Mourisca, onde as fazendas  
Eram missangas, talcos, azeviches,  
Toucados à francesa, schalls à Turca.  
Mil Bonifrates, mil Tarinas sécias  
Rodeavam tais fardos, e os cheiravam,  
Namorados da guapa mercancia. ....  
Eis que se abre uma porta. Vou entrando,  
Na sala, que era térrea, e por paredes,  
Por tecto, e por caixilhos das janelas,  
Tinha papel pintado, sem mais nada,  
Unido, e preso por painéis, por cantos  
Com cordas de viola, sem mais pedras,  
Mais cal, mais tábuas, mais ferrage, ou tornos,  
Que o tal papel... Eis vejo um Cavalheiro  
De mui pretos bigodes retorcidos,  
Castelhano no traje, e na postura,  
Com carinha de escárnio... «Este é Quevedo  
(Disse eu logo entre mim) Que bom encontro!»

EU

«Não me dirá que sítio é este?» QUEVEDO

Amigo;  
Este é o Reino da moda. Eu vim cá vê-la,  
Para dela contar as maravilhas  
Aos meus pataus; como é meu uso antigo,  
Chasqueá-los com sonhos de caveiras,  
Chafurdas de Plutão, Latini-parla...»

EU

«Meu Senhor, meu Quevedo, Cavalheiro  
De Santiago, e Momo do Parnasso,  
Já que em Latini-parla aqui me toca,  
Não me dirá (des-que anda nestes sítios)  
Se co' a Galici-parla deu de acerto?»

QUEVEDO

«Que me diz lá. Besta é, que eu não conheço,  
A tal Galici-parla. No meu tempo  
Chamavam *falar culto* o intermeado  
De Latim na conversa, e na escritura,  
Mas entrançar *francês* é mais asneira.  
Que ao menos o *Latim* vislumbres dava  
De quem aulas cursou, sintaxe soube;  
Mas *francês*, ... de que deu lições um birba,  
Um...»

EU

«Meu senhor, vai o tiro inda mais longe.  
No seu tempo o latim lá se falava  
Metido em réstea com *atqui*, com *ergo*:  
Hoje o *francês* se fala em assembleias  
Mui de cutiliquê, muito entonado,  
Por quem nem steve, nem nasceu em França;  
E inda os que mais graúdos se espanejam,  
Não sabem o que lêem, que não comprehendem  
A alusão deste dito, a força, o chiste  
Daquela frase, ou da acepção genuína  
Dos termos mais correntes. Lêem *Molière*,  
*La Fontaine*, e jejuam da finura,  
Que encerra a voz, que lêem a trôxe môxe.»

QUEVEDO

«Eu inda não entrei ness' outra sala,  
Cujas portas, bem vê, que bipatentes  
Têm quatro conclusões por almofadas:  
Inculcam bem sabença. Talvez demos  
Lá dentro co' a instrução, que haver pretende.  
Entremos.»

Lanço a vista pela sala,  
Onde, em palmos de Arraz traci-comidos

Toda a Ilíada em quadros entrevejo  
Lacerados, e noutros só os fios  
Despidos da lã tinta; os móveis eram  
Os de Nestor... ou netos do Dilúvio.  
Deito-me logo a ver, com sério afinco,  
Os gestos das Figuras, que compunham  
O conspícuo auditório. Vejo barbas,  
E grisalhas melenas de Profetas,  
Quais vão na Procissão de S. Francisco;  
Um que aponta c'o dedo o pó, e as cinzas,  
Em que todos nos temos de tornar,  
Outro ossos descarnados, e a caveira  
Despertadora do final arranco.  
Mas o que mais lá vimos, nunca visto,  
Foi umas tantas Velhas desdentadas  
Com caras de Sibilas. Eram doze;  
No feitio, nos trajos diferiam,  
Uma da outra, mas todas eram velhas,  
E um rolo de papéis cada uma tinha  
Na mão direita: os olhos tinham fitos  
Na imagem do Futuro, que era um Vulto  
Anuviado, e esquivo, e sós uns visos  
Dava, de vez em quando, pouco claros,  
Que súbito as Sibilas escreviam.

EU

«Não vejo aqui fazenda, que me quadre.  
Em que haja de parar o Galicismo  
Muito há que eu já o sei. Escárnios, vaias  
Esperam ajoujar esses Tarelos,  
Que traficam language hermafrodita.  
Vejamos, se há aqui sala do passado,  
Que da Galici-parla a moda asnática  
Descubra na raiz.»

QUEVEDO

«Vamos mais dentro  
Aqui vejo uma porta acobertada  
De velhos manuscritos quasi cegos;  
Forçoso é que haja dentro antigas cousas.»

EU

«Não muito antiga é a moda, Já taludo  
Era eu, quando pariu na nossa Elísia  
Certa má Fada o tal falar mestiço.  
Mas entremos, talvez ache o que eu busco.»  
QUEVEDO

«Não entre. Vejo muitos Petimetres,  
Muitos Bonzos de buço amoladinho,

Damas à *la Titus*... Ali há mércia;  
Que *Çagoão de Francelhos* diz o rótulo.  
Vamos lá. Como tudo afestado  
Está de Orelhas d'asno!!! orelhas d'asno  
Dá o Bedel a quantos vêm sentar-se  
Em frente do Orelhíssimo francelho:  
Ouçamos o que diz, que há-de ser guapo.»

FRANCELHO-MOR

«*Elèves* meus *charmants* eu sou *gostoso*  
De ver quanto *foissonna* a nossa moda.  
Graças vos dou da contumaz *conduta*,  
Com que este nosso *affère interessante*  
*Puxais* com nobre ardor, e dais *ressurça*  
A Damas, Bonzos, *piruetantes* Naires  
De falar *culto*, sem saber mais língua,  
Que nacos de livrinhos de fitinha,  
Vede quanto vos poupo do trabalho,  
De estudos, de gramáticas prolixas,  
De ler Barros, Lucenas, Britos, Freires,  
E tantos alfarrábios afonsinhos,  
Com que Elpino, Garção, Filinto, Alfeno  
Têm queimado as pestanas. Vós entre eles,  
Campais nas mais brilhantes assembleias,  
E os acanhais, *mistificais-los* todos  
Quando querem falar, *moquamos* deles;  
De modo que se calam; muito apenas  
Lançam um *golpe de olho* de través  
Sobre nós, que é *garante* irrefragável  
Do *interditos* que ficam destas vozes,  
Que lhes *frapam* no mais sensível da alma.  
Pois se nós lhe atiramos mui redondos  
C'um *sentimento*, (bem que escuro seja  
A nós, e a muitos seu significado)  
Então vo-los dou eu por concluídos.  
E olhando-se entre si, *levam espáduas*:  
Eu os vi que *flancando-lhe* um *ressorte*,  
Um bem gritado *afroso*, estremeciam,  
Espantados da nossa vasta ciência.  
Eles não ousam *deployar* dos lábios  
Termo, ou frase, que não lhes traga o cunho  
Dalgum rançoso autor, que nós não lemos;  
E nos *pourvu* que do francês nos venha  
A palavra, ou a frase, temos gáudio  
De lhes dar corrimaça, e *persiflage*.  
Quem nos defende afrancesar a língua  
C'os termos desse século gabado  
De Luís quatorze, e autores de alto *rango*,  
Que estima toda a Europa, a Europa estuda.  
Se em Francês são sublimes, mais sublimes  
Darão ao Português lustre *eclatante*.  
Desterremos com eles esta *affrosa*

*Platitude* da língua seiscentista.  
 Toda a clássica frase, que ignorarmos,  
 Gritemos logo – *Drogas da antigualha* –  
 Insultemos as Obras de Filinto,  
 As de Alfeno, Bocage, e outros sédiços.  
 Digamos, que o Garção, se ele aprendera  
 A falar como nós, fora um portento;  
 Fora o melhor Poeta Lusitano,  
 Que nem o Camões mesmo lhe chegara  
 Ao bico de sapato. O Dinis... esse  
 Inteiro se perdeu co' a tal Arcádia.  
 Tomasse ele as lições da nossa 'scola,  
 Talvez que com seus versos igualasse  
 Do Telémaco nosso a bela prosa,  
 E mesmo alguns sermões, nossos consócios,  
 Ter-lhe-íamos aqui *dressado* státua.  
 Verdade é, que *Escrivães* temos bem poucos  
 Que os *fin*s *recuem* desta língua sécia;  
 Mas o nosso Telémaco mil vale.  
 Se não teve atéqui *chalans* em barda,  
 Que acudissem à compra, *ele* é o motivo  
 Que inda a língua rançosa tinha muitos  
 Partidários, e que o nosso falar culto  
 Poucos adoradores tenha. Poucos,  
 Desses amantes do falar dos Barros,  
 Só para o criticar, de ódio banzando,  
 O lerão... mas acharam-se bem *dupes*;  
 Que o nosso stilo a que *arrivar* não podem  
 Lhes fez perder o gosto de ir avante  
 De mais de duas laudas. Em *revanche*,  
 Pelo Reino, e Colónias estendemos  
 Muito ao largo este nosso *seduisante*  
 Falar francês, que aflige esses rançosos,  
 Po seu *patoá* puristas obstinados.»  
 Assim falou. Quevedo logrativo,  
 Voltando a mim o rosto: «Que tal acha  
 A destampada arenga?»

Eu

«Obra de néscios.»

~~~~~

Amor da Pátria, e desejos de que se não escureça inteiramente a glória que nos
 granjearam entre as nações estranhas os bons Autores do nosso bom século literário,
 e não outro algum motivo, me incitaram a destruir (se me é possível) com as armas do
 ridículo a seita do francesismo, que tanto desonra a clássica linguagem Portuguesa.
 Bem sinto em mim não ter forças bastantes para a empresa; mas arvoroo o pendão, e
 vou mostrando o caminho a outros mais valentes do que eu. Eia, moços astuciosos,
 amantes de bom Camões, terçai as lanças, e arremetei-me com esses espantalhos;
 derrotai-me esse exército ingrato, que se rebela contra a Pátria, e contra os que com
 suas doutas penas a ilustraram. Se soubessem os tais Francelhos a estimação que os

estrangeiros doutos fazem da nossa língua, quando a entendem, e que têm Lusíadas, ou algum dos nossos Escritores de bom século; e se soubessem a mofa que eles fazem dos que os não sabem imitar, porque não sabem o preço avaliar da língua que ora falam, e em que, por desdouro seu, agora escrevem, envergonhar-se-iam (se ainda de pejo conservam algum retraço), e se tivessem juízo, cuidariam em desaprender essa gíria da tal Galici-parla.

SONETO

DE arco, flechas, e facho carregado,
Venda nos olhos, pela Mãe cingida,
Me entrou no sótão, onde gasto a vida,
O rapaz, que dá a todos grão cuidado.

«Rapaz lhe digo) eu acho-te escusado
Esse facho a quem traz sempre impedida
A vista, como tu.» (Cupido) – «Vista homicida
Me dá, por entre a Cega venda, o Fado.

E vê, se eu vejo ou não.» Nisto o maldoso
Põe mira na alma, e lá certo o lume
Crava, cevado em amargor cioso.

«Assim pago (diz rindo o ruim Nume)

A quem zomba comigo, e mal jocoso
Me acha escusado o facho do Ciúme.»

EPODO

Illi robur, et æs triplex
Circa pecus erat, qai fragilem truci
Commisit pelago ratem.

HORAT. *Lib. 1. Od. 3.*

COM olhos não enchutos, caro Albano,
As Tágides tristonhas
Te verão arrancar do seu regaço;
Verão a murta, o louro,
Com que elas te c'roavam à porfia,
Mal seguros na frente
Descorarem, vergar com feio susto
Do gigante *Infortiato*,
Ordenação, Pandectas, Pufendórfios,
E Guerreiros, e Pegas.
Quanto entra, pelo Oceano, o Padre Tejo,
Irão as verdes Ninfas
Acompanhando o teu baixel esquivo:
Os peitos fora da água,
E c'os erguidos braços acenando,
Darão o extremo adeus.
Depois curvadas ante o Rei dos mares,
Ajudadas de Tétis,
Pediram ternas para o seu poeta
Venturosa viagem.
E tu, perdido o amor à Pátria, a Chelas
(A Chélas saudosa!)
Contra o gosto de Irmãs, e dos Amigos,
Nos pinhos voadores
Co' as pandas asas ao Galerno francas,
Desamoroso Albano,
Irás, rompendo as costas de Neptuno,
Ver a curva Baía.
Ante as aras de Némesis severa
Irás pesar a culpa
Do bilingue Tapuia, ou sáfio Negro,
Nas trémulas balanças.
Entre as rumas dos Feitos, entre as Crelas
Te esquecerás das Musas,
Dos Europeus Amigos saudosos.
Te esquecerás de Alcipe;
As Dríadas queixosas deste Vale
Murmurarão de ti:
«Lá jaz Albano em feio esquecimento
Nessa América terra,
Nos braços da civil correspondência,

Entre as férvidas Damas.
A mui formosa Alcipe descorada
C'os sopros da Doença
Cansada chamará o seco Albano,
Quando ler seus Poemas.
Quem fará ressoar em roda os montes
C'os louvores de Alcipe,
Quando os aplausos da Prelada eleita,
Em nocturno Parnasso,
Puserem franca a *contumaz* janela,
Coro das Musas Lírias?
Não ouviremos mais, como *arrancava*
Alcides o membrudo
O ladrador trifauce a boca abrindo,
Dentre as exiles sombras;
Nem como a *Pitonisa rabeando*
Na trípode sagrada
(Do fatídico Deus a mente cheia)
Convulsa pelos membros,
Cabelos eriçados, rosto em brasa,
Alienada de si,
Borbotava enigmáticos furores,
Pela fumante boca.
Glória da Elísia, glória do alto Pindo,
Formosa, e douta Alcipe,
Não terás quem te diga: – *Se estou triste,*
Mal volto à mente a vista,
Transtorno-me de triste em ser contente.
Tu, Filinto queixoso,
Filinto triste, louvarás a Dafne
Com raros toscos versos.»

FÁBULA

A LEOA, E O RAPOSO

COM ternura a Leoa a teta dava
Ao filhinho, que em todo esse contorno
Tem de reinar um dia.
Diz consigo o Raposo:
«Antes que um ano volva (se ele vive)
De todos nos fará franca iguaria.
Com bom jeito a catástrofe atalhemos.»
Logo vai em pessoa
Visitar a Celsíssima Leoa.
«Como, Senhora, (diz com estranheza)
Dá vossa Celsitude ao Régio Infante
Tão liviano sustento?
É criação de mimos.
Corços, Cabras montesas, gordos Porcos
Bezerros alentados
O manjar devem ser único, e forte
Dum Rei destas montanhas, e florestas.
De sangue, e não de leite,
Se nutra quem do vosso Real ventre
Saiu para reinar.»
Conselho, que lisonja,
Acha no nosso orgulho a porta aberta.
Assim foi este pela Mãe cumprido;
E a compleição do tenro Leãozinho,
Que des-tetou do leite,
Não resistindo às forças da carniça
Estourou.
Tal lucro, da Lisonja, a Mãe tirou!

Quantos há que se esmeram
Em aguçar o ingenho de seus filhos!
Pai há, que diz: «Meu filho tem sete anos,
Mas que grande memória!
Sabe a fábula, a história...
Que há hi, que ele não saiba!»
Nem há Pai, entre os Pais, que em pele caiba
C'o ouvir papaguear o seu pequeno;
Que em vez de digerir
O mui forte alimento,
Com que o estômago débil lhe abarrotam,
Embaça, ou arrebenta.
Eis que a criança tola
Semelha ao Pai patola.

TROJANI BELLI SCRIPTOREM,
MAXIME LOLLI, etc., etc.

Epístola 2. do Livro 1. de Horácio, traduzida

MÁXIMO Lélio, enquanto tu declamas
Em Roma, repassei eu em Preneste
Esse Scriptor de guerreada Tróia,
Que melhor que Crantor, e que Crisipo
E mais em cheio, diz o que é formoso,
O que é torpe, e o que é útil, ou nocivo.
Porque eu assim o entenda (a estares vago)
Dou meu motivo. O Conto em que se narra,
Que em lenta guerra, pelo amor de Páris,
Se travara c'os bárbaros a Grécia,
Encerra estos de stultos Reis, e Povos.
Vota Antenor, que a causa à guerra atalhem:
Mas, por salvo reinar, viver a gosto,
Que dirá Páris? – *Não podeis forçar-me...*—
Dá-se pressa Nestor a compor pleitos
Entre Aquiles, e o Atrida. Amor abrasa
Este, e de mão comum a ambos a Ira.
Os Gregos pagam quanto os Reis deliram.
Motins, dolo, ruindade, ira, e cobiça
Dentro, e fora dos muros de Ilion alta
São culpas lá comuns. Mais: do que pode
A virtude, ⁽²³⁾ e o saber, útil transumpto
Em Ulisses nos põe. Depois que este houve
Domado Tróia, sabedor previsto,
De muitos homens viu Cidades, Usos;
E enquanto apresta a volta a si, e aos outros
Muitas penas sofreu pelo mar largo,
Sem que as ondas adversas dos trabalhos
O submergissem. Sabes que as Sereias
Lhe cantam, que co' a taça o brinda Circe;
Que se sôfrego, e parvo, como os sócios,
Tal bebe, agora torpe, e desjuizado
Avassalado à meretriz jazera,
Qual Cão imundo, ou Porco afecto ao lodo.
Nós só viemos a fazer quantia,
E a consumir searas, quais Amantes
De Penélope ruins, ou quais os Moços
De Alcínoo Cortesãos, que se esmeravam
Em curar o carão mais do que é justo
Dormir té meio-dia caprichavam,
E pôr às lidas cabo ao som da Cítara.
Ladrões se erguem de noite a matar homens:

Tu, por guardar-te, não é bem que acordes?
Se não corres, enquanto tens saúde,
Correrás quando hidrópico; e se os livros
E a luz não pedes, antes que abra o dia;
Se não fitas no estudo, e honestas cousas
O teu ânimo, apenas que despertes,
Tem de te dar tortura o Amor, a Inveja.
Se não dize: porque a tirar-te apressas
O que te empece à vista, se demoras,
Para além do ano, o que a alma te consume?
Metade avança da obra o que a começa.
Arroja-te a saber. Enceta. Aquele,
Que furta o corpo a melhorar de vida
É bem como o Aldeão, na aba do rio,
Que espera que ele escoe; e o rio corre,
E correrá volúvel eras, e eras.
Toda a mira se aponta em ter dinheiro,
Em ter mulher formosa, nobre, e rica,
Que lhe procrie filhos; e a que o arado
Domestique maninhos, e devesas.
Não queira mais quem tem suficiente:
Não Casas, não Herdades, nem Dinheiro
Despedem febres, salvam de cuidados.
Convém que o possuidor ande sadio
Se intenta dar bom uso a seu granjeio.
A quem cobiça e teme, tanto valem
Casas, ou Cabedais, quanto Pinturas
Aos olhos emplastados, ou à gota
Fomentações, ou Cítara a ouvidos
Doridos das matérias neles podres.
Quanto deitas em sujo vaso azeda,
Despreza os apetites: Apetite
Que se compra com mágoas é danoso.
Sempre vive em pobreza o Aparento.
Põe alvo abalizado a teus desejos.
Definha-se o Invejoso, em ver o estranho
Medrado em bens. Os Sículos tiranos
Mor tormento que a Inveja não traçaram.
Quisera o que não foi à mão à Ira,
Não ter feito o que fez mal conselhado
Da dor, da mente ruim, se prepotente
Se assomou no punir com ódio inulto.
Insânia breve é a Ira. Tu modera
A vontade, que se ergue c'o domínio,
Se a não trazem sujeita; esta sopeia
Com freio, com grilhões. Enquanto é dócil
O potro, e a cerviz tenra, o Mestre o adestra
A seguir o caminho, que lhe ensina
O Cavaleiro. O Caçador cachorro,
Desque soube ladrar, na sala, à pele
Do Veado, guerreia pelas selvas.
Recolhe agora oh Moço, estas palavras
No peito, que ainda é tempo; e te oferece

A quem melhores, saiba. Longos tempos
Conserva a infusa o cheiro, em que embedida
Foi, quando nova. E, ou fiques, ou brioso
Te adiantes; ronceiro, não te aguardo;
Nem lido eu me ombrear c'os que ante-correm.

OS NOVOS GAMAS

ODE

..... Nil mortalibus arduum est.
Cælum ipsum pertimus.....

HORAT. *Lib. 1. Od. 3.*

ASSIM deixou de Creta as cem Cidades
O fabuloso Mestre,
As estranhadas nuvens dividindo
Com atrevidas penas;
Assim nos ensinou a ser Monarcas
Do ligeiro elemento.
Mas, do arrojo agastada a Natureza,
Sob alçapão ferrado
O temerário arcano pôs seguro,
E aos séculos vindouros
Com manto espesso de nublada treva,
Lhe encobriu o jazigo.
Que não vence indefesso, ímprobo estudo,
Que põe na glória o fito!
Que marcos não transpõe esporeado,
Destemido desejo!
Viram da Morte a hedionda catadura
(E com pausados olhos)
Os Heróis arrojados, que na lança
Levaram sanguinosa
Conquistados Impérios, e deixaram
Impávida memória.
E os que, seguindo as leis da árdua Virtude
Calcaram denodados
O colo insidioso da Calúnia,
Dragão de atro veneno.
Já tinha em frágil lenho submetido
Os Reinos de Neptuno
Mortal, desprezador de dúbia morte;
E, alongando a carreira,
Da roxa Aurora visitado o leito;
Do tardio Bootes
Penetrado os gelados escond'rijos
C'o sagaz Astrolábio.
Já, devassando os términos do Mundo,
Inquietos humanos
Tinham serras longínquas, ínvios ermos
Trilhado aventureiros;

Com mão profana as lôbregas entranhas
Da terra revolvido....
E tu, Vulcano, que as Lipáreas Ilhas
Regias indomável,
Regido foste, e a sábias mãos sujeito;
Para os humanos Joves,
Em dura scola, trabalhaste os raios,
Que estalam com ruína
Nas cerradas falanges, nos reparos
Das munidas Cidades.
As Estrelas, os Orbes despedidos
Reconheceram regras;
E o Raio assustador, que vago, e solto
Estendia, ou quebrava
O roxo trilho do farpado incêndio,
Hoje a Franklin submisso,
Pela perita barra, ingrata via,
Relutante discorre.
Só resistia ufano, e mal sofrido,
Ao tentame frustrado,
Do vasto Eolo o Império mal seguro,
Diáfanas campinas.
Os rijos Aquilões, Euros fogosos
C'o sopro amedrentavam
A progénie arriscada de Japeto:
As águas infamadas
C'o nome do Mancebo mais-que-afeito
Com descorados medos
A empresa ambiciosa represavam.
Debalde a Natureza
Ao pertinace esforço se esquivava
De sustos povoando,
O largo plaino dos desertos ares,
Desamparadas quedas
Opondo, escarnecidas, por barreiras!
O Disvelo incansado
Que aguça a vista à Sensação reflexa,
Arremessado rompe
Pelos montões de obstáculos, e investe
C'os penetrais vedados
A arrancar o segredo perigoso,
Para escalar os Astros
Intexe um Globo, imitador dos Orbes,
Que giram no ar vazio....
Eu mesmo o vi. Obediente ao mando
Deixou airoso a terra;
Sobre as frentes dos homens assombrados
Levantado Planeta,
Sulcava as raras ondas majestoso:
(Em soberbo triunfo
A regrada Ciência aos Céus subia)
E furtando-se aos olhos
A nova Estrela prefazia o giro.

Tal Júpiter subido
Tira bizarro, pelo etéreo campo,
Os satélites fidos,
De um Pólo, ao outro Pólo passeando,
Na clara, estiva noite.

TRADUCTION

DE L'ODE PRÉCÉDENTE

C'EST ainsi que jadis, d'un vol audacieux,
Dédale osa franchir l'immensité des cieus,
Et que, planant soudain au-dessus des nuages,
A ses pieds orgueilleux il foula les orages,
De l'empire des airs il traça le chemin;
Mais dans les noirs replis d'un vaste souterrain,
La nature, en courroux contre ce téméraire,
Enferma son secret: et sa prudence austère
Contre un désir fatal voulant nous prémunir,
En déroba l'entrée aux races à venir,
Et les enveloppa d'un voile de ténèbres.
Mortels ambitieux! pour que vos noms célèbres
Passent de siècle en siècle à vos derniers neveux,
Que ne surmontez-vous? Quel précipice affreux
A vos bouillans désirs peut servir de barrière?
Les héros, emportés par leur fureur guerrière,
D'un regard intrépide, en volant à l'honneur,
Ont fixé du trépas le glaive destructeur;
Ils ont, d'un fer sanglant dirigeant la victoire,
De leurs noms redoutés éternisé la gloire.
De l'austère vertu, d'autres suivant les lois,
Ont de la calomnie étouffé les cent voix,
Et sans craindre l'effet de sa dent venimeuse,
D'un pied hardi foulé sa tête insidieuse.
Méprisant les fureurs du perfide élément
L'homme avait asservi l'empire da trident.
Emporté vers les lieux où le jour vient d'éclorre,
Il avait salué le berceau de l'aurore,
Et l'astrolabe en main, le pied sur les glaçons,
Parcouru des autans les sauvages prisons;
Sur un mobile pin, faible jouet de l'onde,
Des mortels inquiets, aux limites da monde,
Avaient déjà porté le ravage et la mort,
Et s'étaient confiés aux caprices du sort,
Dans des climats lointains, où l'œil découvre à peine
De quelqu'être vivant une trace incertaine.
La terre avait senti leur sacrilège main,
Mesurer ses hauteurs et déchirer son sein.
Toi qui, dans Lipari, tenais le rang suprême,
Indomptable Vulcain, tu fus contraint toi-même
De fléchir sous la main d'un habile artisan;
Dans un étroit fourneau, resserré, mugissant,
Tu te vis obligé de forger le tonnerre,
Pour en armer les bras de ces dieux de la terre,

Qui dans les murs d'acier des bataillons pressés,
Et les débris sanglans des palais renversés,
Se font jour, et près d'eux font marcher le carnage.
Bientôt on vit dans l'air suivre une règle sage,
A ces corps dégagés, ces globes radieux,
Qui jusque-là semblaient être errants dans les cieux.
La foudre en vains éclats consumant sa puissance,
A nos fers aimantés soumit sa résistance.
Du vaste dieu des vents les fluides éclats
Résistaient glorieux à vos vains attentats;
Ce dieu gouvernait seul ses transparens domaines;
Des fiers enfants du nord les sifflantes haleines
Effrayaient de Japet les fils aventuriers.
Cet Archipel fameux, dont les flots meurtriers
Ont hérité du nom du téméraire Icare,
A leurs projets hardis ouvraient un gouffre avare.
Pour dompter leurs désirs sans cesse renaissans,
La nature toujours prit des soins impuissans,
Des champs aériens peupla les vastes plaines,
De soucis dévorants et de chutes certaines,
Leur fit voir des rochers les sommets décharnés.
Leurs trépas instruisant les peuples consternés...
Mais rien ne les retient et rompant les barrières,
De ces lieux interdits à leurs yeux téméraires,
En arrachent soudain les secrets dangereux.
Un globe, tel que ceux qui roulent dans les cieux,
Gonfle ses vastes flancs d'une vapeur légère,
Monte avec son auteur, et plane sur la terre.
Moi-même je l'ai vu, d'un air majestueux,
A son ordre docile étonnant tous les yeux,
S'élever dans les airs et voguant avec grâce,
Laisser loin après lui l'empreinte de sa trace.
C'est alors qu'emporté sur ce char glorieux
Le génie alla prendre un rang parmi les dieux;
Puis en astre nouveau, loin de nos yeux profanes,
Décrire son orbite aux plaines diaphanes.
Tel un beau soir d'été du Monarque des cieux,
L'astre resplendissant se soustrait à nos yeux
Et marchant entouré de ses gardes fidèles,
Trace d'un pôle à l'autre un sillon d'étincelles.

SONETO

NÃO pesquises, Leitor, com cenho austero
Toscos versos, às mágoas arrancados;
Ao som de meus grilhões foram cantados,
Em cativo de rigor severo.

Longe depus o alinho, longe o esmero,
Com que cantei favores delicados.
Penas, rigores saem mal limados
Das fábricas dum Nume duro, e fero.

Mover a mágoa quis com ais sentidos,
A mão que me prendeu com meigo encanto,
Quando, por versos, entoei gemidos.

Para os que Amor condena a amargo pranto,
Para os peitos de crus farpões feridos,
Não para vós, Censores, solto o canto.

HINO A BACO

..... Dulce periculum est,
O Lenæe, sequi Deum
Cingentem viridi tempora pampino,

HORAT. *Lib. 3.*

I

VEM, vem, potente Baco,
Vem domador das Índias invencível,
Que os mosqueados,
Rábidos tigres
Reges sob'rano,
C'um açoite de vides dobradiças,
Que a desdenhada c'roa da Princesa
(Antes que estrelas fosse)
Com corimbos, com pâmpanos ornaste.

II

Tu, grande Rei, governas
Os reinos da Alegria, e do Deleite;
Nossos humores
Rápidos, lentos,
Punges, refreias:
Tu animas as danças, os festejos,
E ameigas no teu colo as lindas Graças,
Que o riso airoso negam
Aos ímpios, que os altares teus não beijam.

III

Cai aos teus pés rasgado
A teu aceno o selo do segredo;
Francas as portas
Tens dos Ministros,
Dos Reis cuidadosos,
Se entrar em seus defesos Paços dignas:
Tu, se co'a recedente, invicta dextra
O coração lhe espremes,
Pela boca espirrar-lhe o arcano fazes

IV

Com branda, amiga força

Despedes das contentes companhias
Rancor pesado,
Seco silêncio,
Grave Etiqueta;
Tinges de meiga cor nossos costumes,
E a fronte do sisudo desencrespas.
Por ti, ri a Virtude
Ao Amor, e a seus brincos buliçosos.

V

Vem, Baco, de mãos dadas
Co' a mole Ociosidade voluptuosa;
Vimíneos cestos
De almas botelhas
Sátiros leves
Dos ombros fulos, ante mim deponham,
Aqui vazem rubi, aqui topázio
De trasbordada espuma,
Aqui rindo, o sedento seio alaguem.

VI

Oh Nictíleo valente,
Só de entoar na lira os teus louvores,
Não sei que flama
Vivida, fúlgida
Serpeia, e corre
A assetear, c'os petulantes raios,
As costas encurvadas dos Pesares...
Eis que trepa... eis que sobe
À casa da Razão, e m'a alumia.

VII

Novo discernimento
Com novo rádio extrema ideias novas.
Cruzam em bandos
Gentis conceitos
Louçãos, garridos.
Nova série de acções de Heróis corados
Passam mostra no espelho do Futuro:
Outro Povo, outros Tempos
Se me of'recem, me esperam, me convidam.

VIII

Que furor me arrebatá!
Que novos Céus descubro, novos Mundos!
Tudo são vinhas!
Tudo parreiras....
Um mar vermelho
Se estende, e ondeia crespo de navios

Sem flâmulas, sem velas... Não... são dornas;
São frotas, são armadas
De undívagos tonéis conquistadores.

IX

Cá descem das montanhas
Despenhadas correntes auri-dulces
Do Carcavelos,
Do bom Setúbal,
Que aquece o seio,
Que ameiga, que aviventa a alma dos Velhos.
Aqui dormentes sombras prazenteiras
Se debruçam das parras
Sobre alaistradas moitas de Bacantes.

X

Como ronca o Sileno
Entre vazios potes do cheiroso
Néctar sadio!
Pelos bigodes
A crespia espuma
Lhe ondeia ao som do fôlego cantante.
Arrepiados, strídulos adufes
Ali jazem cansados
C'os pampinosos vingadores tirsos.

XI

Sobre esteios nodosos
Repousa, e estende os racimosos braços
A alegre vide;
C'o inchado bojo
Regala a vista
O bago aceso; guapo as mãos convida,
Entre as viçosas folhas reluzindo.
Que de enfeitados templos
De Devotos, que o bom Evan consola!

XII

Destemido me assento
Ante esta ara divina, e rubicunda....
Como apressados
Mil sacerdotes
De pés fendidos,
Carregados de vítimas undosas
Vêm ornar-me este altar! Ponde no meio
A grande, a das quatro asas,
E ma adornai com bastiões de frascos.

XIII

Pela micante borda
Desta bojuda taça espanca-enfados
Saltam Prazeres...
Vê como pulam,
Vê como estoiram,
C'os pés brincões, as apinhadas bolhas!
E no meio do lago que derrama, ...
Olha nadando as Ninfas
As Ninfas da Alegria galhofeira.

XIV

Olha, através das ondas
Que talham co'alvo peito lá no fundo
Baco risonho,
Mui recostado
Num trono de hera,
Que me acena co' tirso folheado.
Eu vou, eu vou, Leneu irresistível.
Nos palácios do seio
Meu hóspede serás. Entra de golpe.

XV

Oh como um Deus é grande!
Onde quer que aposenta, ocupa tudo.
Os quartos da alma,
Os da memória,
Té qui tão cheios
De mordazes tristezas, de infortúnios,
Tudo desalojou, tudo acha estreito
Para a pousada sua.
Baco embebeu-me todo, e eu sou um Baco.

XVI

Em fogosos Etontes
Nos leve a repelões Apolo o dia;
Como nos instantes
As Horas voem;
Tácita a Lua
No carro argênteo acolha o fugaz Tempo:
Que eu transbordando Baco, zombo e rio
Do seu bater das asas,
E lhe dou vaias c'o tinir dos copos.

XVII

Vaias lhe dou sonoras,
Quando cheio de Ti, por Ti Poeta,
Nos bordões grossos
Da cava Lira

Dou quatro golpes,
Com que este ar freme, atroa, estruge,
E vai pelas cavernas rimbombando,
Té que acorda a Delmira,
Que do foguedo de onte'inda hoje dorme.

XVIII

Onde foste esconder-te
Deslavado Dorindo, que os mistérios
Do agosto Brómio
Celebrar hoje
Foges esquivo!
Vem beber cores, vem beber saúde
Mas sacras taças deste altar perene:
Afoga-me esses filtros
Com que Esculápio te danou o peito.

XIX

Tu por acaso julgas
Que uma água sem sabor, sem cor, sem força,
Nas frouxas veias
Pinte, apressure
Pálido sangue?
Encha de ardor o coração ensosso,
E discretas faíscas mande à testa
Donde alegria aos olhos
Desça, e desça à boca o dito agudo?

XX

Só foi dado a Lieu
Povoar de altas ideias o juízo;
No verde Pindo
O douto Horácio
Nunca viu Ninfas,
Sem que a mente primeiro confortasse
Com sangue de bacelo. Dali versos
De atrevida harmonia,
Dali Prazer lhe vinha, vinha força.

XXI

Cheio de ousado brio,
Que esta c'roa me dá de Louro, e de Hera.
Aqui aguardo,
E os desafio
C'o copo em punho,
Os duros Valentões famigerados
Da viçosa Chamusca, ou Lavradio:
Não há hi desalmado
Gigante, Encantador, que eu não arrote.

XXII

Acende em roda os fachos
De resinoso crepitante pinho:
Entre mil lumes
Trémulos, rútilos
Bebo esta grande
Taça ao grande Évio, estoura a ti, Delmira,
Que auri-crinante chegas oportuna...
Ai como os campos dançam!
Dança a mesa! Dobrados vejo os frascos!

ODE

AO SENHOR M. J. DE C.

..... Neque fervidis
Pars inclusa caloribus
Mundi, nec Boreæ finitimum latus,
Duratæque solo nives
Mercatorem abigunt? horrida calidi
Vincunt æquora navitæ?

HORAT. *Lib. 3. Od. 24.*

CIPRINA, ou louro néctar,
Que do peito os cuidados afugenta;
Trabalhados manjares,
Da Lira os sons, das aves os gorjeios
Não matam sede de ouro,
Que se aferra nas íntimas entranhas
Desse torvo avarento,
A quem nunca, nos olhos sempre alerta,
Coou plácido Sono:
O Sono, que antes busca a choça humilde
Do simples Pegureiro,
Do que os dourados tectos dos Monarcas.
O que em riqueza excede
Quanto África possui, e inda áureas minas,
Que virgens guarda a Terra,
Bem que quasi dous terços da Cidade
Abarque o seu alcáçar;
Se o Nume, que às leis todas dá de rosto,
NECESSIDADE dura,
Os cravos de diamante nele enterra,
Sua alma ali cativa
De sustos se não salva, e a cerviz sua
Curva sujeito ao laço,
Que, com certa mão lhe atira a Morte.
Oh quanto com mais siso
O Scita guia a casa vagabunda,
Onde mais se lhe alvitra!
Quanto aprouve melhor à Natureza
Dar campinas sem marcos,
Lavouras dum só ano, aos duros Getas!
O mar erguido em serras,
Ou quando o Arcturo desce, ou sobe o Capro,
Ao sábio não demove,
Contente da sua áurea mediania:

Pedrisco, o não assusta,
Que as esperanças quebra ao Vinhateiro;
Nem crestadas searas,
Nem burladas as árvores de frutos:
Arda o Sol gele o Inverno,
Que há que enojá-lo possa? Os bens, que ele ama
Imortais são, como ele.
Homem só tu feliz! Homem só rico!
Se as honras ambiciosas,
Se os Palácios, que roçam pelas nuvens,
Se a ambrósia, e doce néctar
O peito não contentam, que se nutre
Só do tranquilo abono
Da consciência sã, do mal lavada,
Com que fim solto o pano,
A correr mares, à mercê de Eolo?
Perigos apalpando,
Por colher os tesouros de mil climas?
Debalde impam riquezas
Na alma, em que sôfrega ansia a fio nasce.
Talha, ávido mercante,
Desde a Aurora ao Poente, o mar iroso,
Cerca do Norte ainda
Até à Maura areia, meio mundo;
Com ímproba fadiga,
Vai, se o podes, fugindo de ti mesmo...
Mas fugir te é vedado
Do Sobrosso, que te urge, e Sobressalto,
Que do baixel o leme
Meneia a bel prazer. Mas eu que a Musa
Ama, farei que os ventos
Por Albion semeiem meus pesares:
Por Albion, que agora
Tisífone atribula, e que esmorece
Com ver, oh Castro, os lenhos,
Que aparelha o mimoso da Fortuna.

SONETO

NASCI. – Logo a meus Pais custou dinheiro
O baptismo, que Deus nos dá de graça.
Tive uso de razão. – Perdi a graça –
Dei-me ao rol – chegou a Páscoa –dei dinheiro.

Quis casar c'uma Moça. – Mais dinheiro.
Brinquei com ela. – Não brinquei de graça:
Que aos nove meses, me custou a graça
Para o Mergulhador Capa e dinheiro

Morreu minha Mulher. – Não lhe achei graça:
E menos graça no arbitral dinheiro
Da Oferta; – que o Prior não vai de graça.

Se o ser Cristão requer sempre dinheiro,
Como cumprem com dar graças de graça
Os que as graças nos vendem por dinheiro?

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS

DESFECHO POÉTICO

.....Credat, Compadris, et istud
Certum habeat, fertur quod vates nemo sobradi
Levantasse casas. Imo experientia monstrat
Andare hos miseros semper pingando, nec unquam,
Qua matent fomem, vel panis habere fatiam.

Queixumina.

E como vem sereno, ladeado,
Das Musas, pelos ares deslizando,
O Senhor Febo Apolo! Pela pinta
O conheci, mal o avistei de longe.
Eis se apeiam da lúcida quadriga,
Batem à porta, e entrados já no pátio,
Enfiam a escadinha ao canto esquerdo,
Sobem de pastucada. Eu de barrete,
E os surrados chichelos arrastrando,
Os recebo cortês, lhe ofereço a Casa
Ei-los sentados. Mui sob'rano, e dino
O Deus, que cria o ouro, e cria os versos,
Assim se explica... Venho de propósito,
Os dons oferecer-te, que possuo.
Que desejas de mim? Dize-o sem pejo,
Não gosto de acanhados; pede afouto;
Que esse teu termo honesto, e cãs honradas,
E mais que tudo, os gratos elogios,
Que me tens dado, e às nove Mocetonas;
Muito há que estão por ti mercês clamando.
– Eu, meu rico Senhor, (torno em resposta)
Que lhe posso pedir? – Dê-me dinheiro,
Que é só quanto me falta: que os tais versos
Dê-os vossa mercê a quem lhos peça,
Para castigo seu, e inveja alheia.
Ficou mamado o Deus do verde Pindo;
Que tal retruque, dum Poeta velho
Nunca ouvi-lo cuidou. Mas disfarçando,
Mudou conversação, e disse a Clio:
«Tu, que sabes que género mais ama
De Poesia, e em que ele mais se exerce,
Tira-o dessa algibeira, e dá-lho a rodo.»
Mui lampeira a Mocinha desenrola
Odes, mais Odes, mais... Deus nos acuda.
Deito a fugir gritando; – Senhor Febo,
Guarda as Odes, que de Odes já me enfado;
E mais do que eu, se enfadam meus Leitores.
Corre a Musa traz mim – pela guarina
Me agarra co' as mãozinhas de alabastro

«Escuta, escuta (diz) meu pobre velho,
Olha estas guapas Odes, escolhidas,
Entre mil de estrondosa bandarrice:
São três, para os teus grandes três amigos,
Pinheiro, Brito, Olindo, que o salgado
Neptuno vomitou do verde bojo....»
– Adeus, Senhora Clio; gratifico-a.
C'um abraço, que eu dê em cada um deles,
Bem rijo, avanço mais, que com dez Odes.

SONETO

NA véspera timbales, e fogueiras,
No dia de manhã, na Igreja armada,
Velas a arder, Mordomos na bancada
Vestidos sécios, crespas cabeleiras.

No coreto as rebecas grunhideiras,
E os músicos começam a assuada;
Sobe em tanto um Burel a estreita estrada,
A vazar do alto gral, saco de asneiras.

Ferve o namoro, anda alvo lenço em quente,
Todo o Peralta, e toda a Moça boa
Pisca seu olho, ou arreganha o dente.

Escarrinho daqui, dali ressoa
A trompa do nariz... E é o Céu contente
Deste culto de Deus cá de Lisboa?

ODE

À FELIZ INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA EQUESTRE DO FIDELÍSSIMO REI DE PORTUGAL DOM JOSÉ I.º

No dia 6 de Junho, de 1775

Non imerenti marmoribus super
Ex ære signum Lysia consecrat;
Josephus ille est quem sonoro
Per populos agit ore Fama;
Cœlo inserendus sic Patriæ Pater
Princepsque terris incolumis diu
Spectetur, æternumque regnet
In domina, Reparator Urbe.

ANT. MATHEVON DE CURNIEU.

AS correntes auríferas, que entorna
Da Urna undosa o Tejo,
Na estrada, que soberbas enfiavam,
Se represam de assombro
Ante a praça vaidosa de Ulisseia.

Qual via o flavo Tibre laureado,
Na septícole Roma,
De Anciãos Heróis magnânimas estátuas,
E, honrando-lhe as virtudes,
Beijava as bases dos ufanos bronzes,

Não dá glorioso nome o Ócio brando:
Por íngremes atalhos
Rompe o Varão altivo, que procura
Ter fama encanecida,
Que se ouça nos vindouros mais distantes.

Assim os Décios, pródigos da vida,
E os Cecrópios Monarcas
Pela Pátria animosos se votaram;
E, em pacífica empresa,
Assim lidou Sólon, assim Licurgo.

O radiante esplendor da Majestade
Acaba c'o Reinante:
Só a pesar dos anos brilha egrégio
Seu nome, saudoso,
Se ele o soube esculpir em almas nobres,

No côncavo da Tuba Mantuana
Ondeiavam hoje ainda
Do pio Herói os sempre claros feitos;
E, na santa Solima,
Guerreia ainda o Capitão ilustre.

Sim: dignos Filhos do imortal Tonante,
Vós demandais meus versos.
Eis solto a voz, eis lanço mão da Lira:
Do bifrente Parnasso,
C'os dons das Musas, vos farei eternos.

Dai lugar, Antoninos, e Trajanos,
Ao novo Pai da Pátria;
Com arrojado salto o vau transpondo
Do Tártaro invejoso,
José, deixa após si os Alexandres.

José magnânimo ente vós sublime,
Entrando gosta o néctar,
E na aula marchetada alto repousa.
As Musas apressadas
A festejá-lo com os Hinos correm.

A Fama com cem línguas pregoeiras
Atroa o azul convexo.
As Virtudes se alegram, se gloreiam
No bem medrado Aluno
Da sua sapiente, alma doutrina.

Todo o Templo do são Merecimento
Se alvoroça, e revolve:
Em tropas, uns aos outros se perguntam,
Os Varões excelentes,
Quem da tanto rumor ao manso templo?

Erguem-se do alto assento, os degraus descem,
Amiudando os passos,
João segundo, Manuel afortunado
O justicioso Pedro,
O grão Dinis, os bélicos Afonsos.

Musa, que ao brando Orfeu, no fausto Oriente,
Em braços acolheste,
E a voz suave, douta modulaste,
Sustém meu canto agora,
Move na lira a trepidante dextra.

Alto Varão, de respeitada frente,
Os graves passos move
Ao novo Semi-deus encaminhado,
É João Quinto, o Grande,

A quem escuta o Valoroso Filho.

«Fizeste o que não pude. Cinge o louro,
Que o Deus, que aqui nos rege,
Guardado tinha para quem, com brio
Os Monstros aterrasse,
E à Virtude, e à Ciência Altar erguesse.

Dos ditosos Vassalos Rei ditoso,
Abre virtuoso exemplo
Para a tua Nação, para as estranhas;
E longas eras vive,
Adorado dos Bons, dos Maus temido.

Assim disse: e Minerva que honrar traça
O Herói do seu ensino
Depõe a desgrenhada Égide torva;
Ligeira Divindade
Dá dois passos, e à porta Empúrea aponta.

Numa áurea nuve eis desce ao rico leito,
Em que o Tejo recosta
A verde testa do diadema ornada,
E às Tágides, que escutam,
Sob'rana ordena heróicos labores.

«Tu, nas (que eu te ensinei) telas falantes
Recamarás, Lágea,
De José Pio a provida Abundância;
O paternal carinho,
Com que acudiu à lúgubre Lisboa;

Quando rasgado o seio em mil voragens,
De flamívomo alento,
De Vulcano, e Neptuno acometida,
Tremeu nos duros eixos,
E de cinza alastrou a coma de ouro.

Quero que Tu, Olmida, noutro quadro
Mo bordes destemido,
Calcando com pé firme asp'ros abrolhos
De malévolo Embuste:
Saia radioso do vencido assalto.

E Tu, que em imitar-me te assinalas;
Dextríssima Orítia,
Co' a sábia agulha as cores enleando
Tira na tela ao vivo
A Ciência, voltando aos Reinos Lusos;

Os Liceus despejados de quimeras,
E de inúteis ambages;
A clara luz no centro desparzida

Dos penetrais escuros
Do recôndito estudo, emaranhado.

Vós dareis alma à seda auri-mesclada,
C'os duradouros feitos,
Enquanto eu a mim tomo a empresa altiva
De inspirar novos cantos,
Do novo Augusto, a novos Mantuanos.»

SONETO

MOTE

Tanto pode um Ciúme atraído.

GLOSA

DESPE a Nemeia pele, arroja a massa
Alcides, que na ervada veste ardia;
Lava-se em sangue, as carnes arrepia
Grudadas c'o veneno, que as traspassa.

Eis uma faia, eis um cipreste abraça,
E arranca; agudos ais aos Céus envia:
Bate raivando a terra, que mugia;
E os rochedos c'os punhos despedaça.

Triste Lichas, pelo ar, da mão ingente
Foste em giro três vezes volteado;
Hoje te açouta o mar, rocha inocente.

O fogo enfim o Hercúleo sp'rito alado
Desatou doutro fogo mais ardente.
Tanto pode um Ciúme atraído.

ODE

Haia, no dia 4 de Julho de 1794

Curam, metumque... rerum juvat
Dulci Lyæo solvere.

HORAT. *Epod.* 9.

QUE me vale ter sido em verdes anos
Prendado por Polímnia
Com o dom do alaúde Venusino,
Se o deixo quedo, e mudo,
No dia mais festivo dos meus dias?
Que ingrato sou a Apolo!
E que ingrato aos solícitos amigos!
Hoje das garras curvas
Da assanhada superstição hedionda
Me esquivou, me esquivaram,
Amigos bons, e o meu risonho Fado.
Nas lóbregas masmorras,
(Onde tanto inocente martirizam)
Se arrastra o Monstro, e raiva,
Mordendo as mãos, donde escapou a presa.
Moço! Ligeiro, e prestes
Traze aqui copos, traze aqui garrafas:
Pelo lembrete escolhe
Aquele *doce* Baco, que douraram
As cepas de Araújo,
Junto à Ponte feliz do claro Lima.
Bebe, Filinto, e alegre
Enfeita agora com viçosos Lírios
O sonoro instrumento;
Que não só tens de antigas amizades
Cantar (salvo do p'rigo)
Mas de novas cantar quem do Mosa
O generoso peito.
Quando mais pronto me cingia ao Canto,
Me belisca na orelha
Apolo, e diz: «Escuta; e narra aos homens
Como a Amizade houveram.
Jazia a humana prole bronca e dura;
Errantes, despegados,
E sós, e sem amor, e sem Esposas:
Mais estranha que aos brutos
Lhe era ternura dos gerados filhos.
A progénie dos robres

Só na enzinha, e em seu fruto afadigava;
Houve homem mais humano,
Que ao bom Jove implorou celeste alívio
De tão sobejos males;
Que a Jove comoveu. Então dos homens,
Dos Divos o Monarca
Do mais nobre, e mais íntimo do Peito,
Deu aberta à Amizade,
(Qual a Palas Minerva lhe rompera
Da frente radiosa).»

SONETO

AO S.^R D. M. J. R. D.

DESCE a meus braços, desce, alma Alegria
Consolação de míseros amantes:
De teu rosto, e teus olhos radiantes
Me vem mais claro o Sol, mais claro o dia.

Treme de ânsia a cruel Melancolia
Só de te ouvir as vozes exultantes;
C'o passo enleiado, os peitos palpitantes,,
Foge a tarda Moléstia, a Dor impia.

Já sinto, pelos membros desgostosos,
Sacudir me um vital Esp'rito ardente
Do frio sangue os passos vagarosos;

Já o prado ri, e este ar é mais luzente;
Que vem com Márcia os Risos graciosos,
Com que a mim, com que ao mundo traz contente.

ODE

Unde nil maius generatur ipso
Nec viget quidquam simile aut secundam,

HORAT. *Lib. 1. Od. 12.*

Par toi la Vérité démasqua l'Imposture:
Tu fus de nos tyrans la terreur et l'effroi,
Et le vengeur, de la Nature,
Et l'interprète de sa loi.

A. M. DE C.

COMO quando ao descer da escura treva,
Sobre o mudo horizonte,
Aqui luz uma strela, além outro astro;
E logo vem rompendo
Por centos, por milhares infinita
Cópia de resplendores,
Pela abóbada azul circum-brilhante:
Assim, quando a *Heloísa*
Desceu às mãos da ardente juventude
Aqui faísca um lume
Além outro: e ao passo da leitura,
Vão com ela raiando,
Luzeiros pelo *Emílio*, pelo *Pacto*
De Social Congresso.
Desejadas virtudes resplandecem,
Em chuva, na escrita
De Rousseau imortal. Toda estrelada
A Liberdade raia;
E o vulto do embruscado Despotismo
Se amargura, e se encolhe.
Animoso Rousseau, tu deste a regra,
Com que os homens se igualam;
Tu clamaste por vício o cativoiro,
Deste soltura à infância,
Dos laços que rejeita a Natureza;
Deste saudável pejo,
Com que se honre, e se enfeite a formosura;
E aos homens apontaste
O rumo de ser livres, de ser homens...
Em que pese aos Tiranos!

LOURENÇO DA SILVEIRA, E MATOS [xxviii]

MANIFESTO

..... Namque in rnalos asperrimus
Parata tolo cornua

HORAT. *Epod.* 6.

AH frades! frades! Ah relé maldita
Da boca da sagrada Natureza!
Quando não fora o terem presa os frades
Nos cepos do P.... a nobre Europa,
Os Reinos da Ásia, a América singela
E de África os sertões; o ter curvado
Aos pés do P*** as coroadas fronte:
Que ódio execrando, que cruel catigo
Não pede ao Nume a desgraçada gente,
Contra uns facinorosos, que inventaram
O infame tribunal, que põe mordaça
Na boca da alumiada sapiência?
Desce, que é tempo, do Celeste Alcáçar
Santo Raio dos Céus, Razão sublime,
Espalha o teu luzeiro, que afugente
Do cérebro dos homens ignorantes
As trevas, que tão pérfida tecera
A Monacal superstição grosseira.
Hoje encontras c'um trono já erguido,
Por teus Alunos na liberta França.
Tu és, Razão, a Lei, a Liberdade;
Tu és o cofre das mais sãs virtudes.
Com tanto, que nas mãos tomes a mente
Dos mortais, e que à tua ideia a moldes
De curva, que era co' asp'ro Despotismo,
De frouxa co' temor supersticioso,
Tu lhe altivas a frente. O peito esforças,
A cativa, gemente Cristandade,
Que enfileirada em campo irá mui foute
Desbaratar os bandos malfeitores,
E irá pisar, com mérito desprezo,
Do general o timbre, o Diadema.

CLEMENTE DE OLIVEIRA E BASTOS [xxxix]
Lugduni Batatiphagorum, 11 de Novembro, de 1796.

ODE

Assim como em selvática alagoa
As rãs, no tempo, antigo, Lícia gente

CAMÕES.

E hei-de inda eu aturar, um mês prolixo,
A vista casmurral destes Piúgas?
Terei de encasmurrar-me, à pura força
De residir entre eles?

Oh que não, minha Clio!... Um teu abraço
Divinamente dado, pode alçar-me
Novo Cisne, e das asas c'o remígio,
Fender-me ares mais leves.

Pouco te peço. Em quanto apresto o voo,
Dá-me o rir de Demócrito; que os temas
Já Momo mos compôs cá nestes brejos
Da fedorenta Holanda.

É certo o que em mim sinto! Olhai, Amigos.
Já Clio me escudou. Já pelo peito
Começam a empurrar-se as gargalhadas,
Que vêm de escala à boca.

Não vedes a Galhofa, que me tinge
O rosto, os olhos de folgaz despejo?
Oh dai-me os parabéns; que esmaiam sumem-se
As tristezas, e enojos. Ah! se Clio, que pode dar-me os voos
De novo Cisne, desse *chocalhinho!*...
Mais longe punha o fito, mais ao largo
Espriava a galhofa.

Paciência! Dai, contudo, ao baço ensanchas,
Que enchentes vêm de riso. Olhai compostas
Desses focinhos as chorudas bebas [xxx]
C'um Nariz, e um Cachimbo.

Que a tais caras tão gordas, tão vermelhas
Do ardor genebro, da batata impante,
Não convém nome de avivado rosto,
Mas de focinho, e bebas.

Vistes vós, na panela, roxa couve
Que depois de ferver horas, e horas
Deita à flor d'água, lá dos ranços do unto,

Dous olhos de gordura?

Pois viste a efígie da Holandês ^[xxx] caraça,
E o bolhão, que ergue as folhas na fervura
Remeda o fumo, que bochechas lhe incha,
Quando cachimba, e sorna.

Com mudez emperrada a fala açaima:
E se algum monossílabo lhe escapa,
Põe cadeado aos outros, que não mexam,
Mais do que um, d'hora em hora.
Pois as bebas das caras das mulheres;
Nem por mais brancas, nem melhor coradas
Se salvam de mui mudas, de mui bestas
Sem sal, sem gesto, ou gala.

Se se impertiga um Bátavo Peralta,
Mono de mal assentes francesias,
Para então quero eu risos, e remoques
De ameno desfastio.

Como me lembra então o bom Fontaine?
Quando nos conta os ademais bizarros,
Com que o Burro da Fábula arremeda
Gaifonas do fraldeiro?

O Francês bonifrate em seus meneios,
Dá graça a mil risíveis mogigangas;
Que o Bátavo pesado mal afecta
Com sensabor nojoso.

Dos homens apupado, e escarnecido
Aborrido dos Numes, e enjeitado,
Mal poderá Saturno, a quem semelham
Salvá-los d'embeleco.

Talvez, que Jove, um dia, em que lhe rale
Juno olhi-toura os bofes, com ciúmes,
Converta, de agastado, estes Lapuzes,
Em verdenegros sapos.

Então, (se a tanto se me alarga a vida!)
Dou por cá um rabisco, a ver-lhe as caras
Mudadas em trombíferos focinhos,
De que o cachimbo é tromba.

Mal pena cabe a embezerrados monos,
Esquivos da amigável convivência,
À qual Deus destinou os homens, quando
Lhes deu a fala em dote.

SONETO

Dat veniam corvis, vexat Censura Columbas.

JUVENAL. *Satyr.* 2.

QUIS pôr na cena a Orestes, avexado
Pelas sagradas Fúrias (Lastimoso
Spectáculo!) amostrando o braço iroso
De sangue Maternal inda manclado.

Quis c'o este exemplo aos olhos transladado,
Assustar todo o filho despiedoso;
Foi meu trabalho vão, sobre pechoso.
Dou-o à Censura, fica lá amuado.

Que podem censurar de arte, ou ciência
Fr. ***, Fr. ***, Fr. Flatulência,
Com Fr. Mofo, Fr. Fardo de avaria?

Ou que cabe no seu boçal miolo;
A não vir de estragada fantasia,
Em que é sábio, o que em tudo o mais é tolo?

SONETO

COM CONSOANTES FORÇADOS

MOTE

Para ti corre a flux a Cabalina.

GLOSA

PARA ti se teceu Cambraia	fina,
Para ti Febo os vates	examina,
Para ti dança a fofa áurea	Menina,
Para ti anda a Nau sempre à bolina.	
Para ti perdem Musas a	cetrina,
Para ti nasce a Rosa	purpurina,
Para ti a sanfona o Cego	afina
Para ti bate o adufe na	petrina.
Para ti dá nas Moças má	mofina
Para ti canta e chora a	Caterina
Para ti pisca os olhos lá da	esquina.
Para ti mal se bole de	franzina,
Para li clama a Fama na	buzina,
Para ti corre a flux a	Cabalina.

SONETO

Vi, que cansado de frechar, um dia
Cupido, sobre a relva reclinado,
Num seco esgalho o coldre pendurado,
Contente do amplo estrago alto dormia.

Vi, que Élia astuta, c'um listão, prendia
Ambos os pulsos do Rapaz vendado:
Arco, e farpões no joelho recurvado
Quebrava, e a venda em tiras lhe fazia.

Acorda Amor; e – «Oh Élia, que fizeste?
Eu tas levava, as armas, que quebraste,
Findo o sono, que incauta me rompeste.

Sabe, que nessa venda, que rasgaste,
Librava o meu poder, tu mo tolheste;
Mas de vencer os Numes te privaste.»

ODE

Dedimus, profecto grande patientiæ documentum, et sicut vetus ætas vidit quid ultimum in libertate esset, ita nos quid in servitute, adempto perinquisitiones et loquendi audiendique commercio; memoriam quoque ipsam cum voce perdissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci, quam tacere.

TACIT. *In vita Agricolaë.*

QUAL, no cume do Cáucaso escarpado,
Despede ao longe as ramas orgulhosas,
Membrudo tronco, vegetal gigante
Entre áridos penhascos,

Negrejando esvoaçam os abutres
Famintos, em redor do Rei alpestre;
Azuis-fiscais serpentes se debruçam
Das raízes, silvando;

Tal se arraiga o medonho Despotismo
Num trono descarnado; aos pés, e aos lados
Sôfregos Cortesãos, vis Delatores
Tecem calúnias, roubos.

Bando de infames máximas de escura,
Perversa catadura, no ar librado,
C'o as longas, torpes asas estendidas
Assombra, e em-noita o trono;

Seu hálito pestífero derrama,
Pela Corte, Cidades e Campinas,
Contágios de costumes desregrados
Que ânimos são definham.

Iníquos Lémures ligeiros levam
Té às raias do Império, à fraude, o crime,
A pobreza, a rapina, o cativoiro,
E a pérfida lisonja.

Sacerdotes subtis, soberbos nobres
Engordam co'a substância, e puro sangue
Que dos mesquinhos maltratados Povos
Malvadas mãos espremem.

Mil verdugos tiranos, afivelam
D'opíparos tiranos, afivelam
Nas bocas dos Autores destemidos
Os freios, as mordaças

Mas lá vem longe, c'um bastão de ferro,
A Desesperação tardia e certa:
Lá no trono, à mão cheia descarrega,
O ruinoso golpe.
Cai o Tirano, ou assustado corre
A arredar-se dos olhos da vingança;
E o negro bando, que embruscava o trono
Fende medrosa estrada.

A culpa, à vossa inércia ponde, oh Povos,
Que deixais reforçar-se em vosso sangue
Essa hidra, que com bocas cento e cento
Vos chupa, e vos devora;

E esses astutos Malandrins, que as mentes,
Com fósforos teológicos vos cegam,
Para melhor as garras vos ferrarem
Nas míseras cervizes;

E vendados, e presos arrastrar-vos,
Se tendes sangue, ao pasto dos abutres,
Ou ao cepo do algoz, se tendes língua,
Que os vícios lhe descubra.

JOSÉ PINHEIRO DE CASTELO BRANCO

ERROS DA VIDA

ERRAMOS, logo apenas que nascidos:
Erramos inda mais, quando crescidos;
E nossos erros, na viril idade,
São de mais pesarosa qualidade.
Quando velhos nosso erro é já tontice:
E se a Razão nos luz lá na Velhice,
E só para (em mau grado) arrepender-nos.
Mas lembram-me inda certos erros ternos,
Que me afaçam, em quanto a vida dura,
E atalha esse erro o eu ir-me à sepultura.

SONETO

QUANDO em Maio, as correntes debruçando,
Pela encosta de fresca formosura?
Arroio de cristal orla a verdura
Por entre rotas quedas murmurando:

A cândida açucena, aos ares dando
O rico traje de mimosa alvura,
Quando ufana o formoso enfeite apura,
De Flora o vário esmalte avassalando:

Ensaio foi de frívola ousadia,
Que a Natureza deu; mas do arremedo
Zombou Amor, quando o teu gesto urdia.

Que ela te imite, afasta, oh Márcia, o medo.
Artífice tão primo não confia
A toscas mãos seu divinal segredo.

ODE

..... Naturaque mitior illis

Contigit; ut quædam, sic non manifesta videri
Forma potest hominis.

OVID. *Metamorph. Lib. 1.*

Quiconque est loup, agit en loup.

LA FONTAINE

SE, pelas Nacionais, outrora régias
 Tuilerias passeio,
E c'o mármore topo do Flautista,
 Que o multi-furo tubo
C'o sonoro sopro inchar parece,
 Digo entre mim reflexo:
«Este home' é Holandês.» Este uma flauta
 Emboca, e não dá som.
Os Casmurros, que eu vi lá pelos brejos,
 Têm boca, e não dão voz.
Os cachimbos tomaram por insígnia,
 Como este tomou flauta.
São sinais de mudez flauta, e cachimbos
 No mármore, e Casmurros.
Como vivem os Lobos pelas tocas,
 Por negras espessuras,
Vivem esses Casmurros pelas tristes
 Aldeias, e Cidades.
Como, de longe em longe, em seus presepes
 O Boi, o Potro, o Burro
Solta mugido, solta agudo rincho,
 Ou zurro arrepiado:
Como outros brutos mais dão raros uivos
 Dão eles as palavras.
Tanto é potente o natural costume
 Da primitiva origem!
O Homem primeiro, que habitou, fugido.
 Essas fétidas praias,
Que se viu só, perdida a confiança
 De humana companhia,
Tanto rezou, e enjoou a Divindade,
 Com pedimento de *homens*,
Que Deus, por dar um tanto a tal canseira
 Foi desbastando o bronco
De alguns Ursos, de Lobos, e de Sapos
 E lhe deu Holandeses.

SONETO

ESTA, que vês, Caverna triste e escura,
Foi de Anfriso Pastor gentil morada;
Tão gentil, quando foi dele habitada,
Quão feia, ora, que é sua sepultura.

Uma Pastora, mais que as penhas dura
Foi (por seu mal!) deste Pastor amada:
De surda à sua queixa namorada,
Lhe fez perder a vida, de amargura.

Pastor, que o caso ouviste lastimoso,
Beija esta campa, chora o bom Alfriso,
Zagal, que nos será sempre saudoso,

Dele, para as Pastoras, toma aviso.
Se Elas te amam, desfruta amor gostoso
Se te são desdenhosas, dá-lhes um riso.

Paris, 4 de Julho de 1797.

ODE

Quo me, Bache, rapis tui
Plenam'

HORAT. *Lib. 3. Od. 25.*

QUE tenho eu que fazer, em tão chuvoso
Tão deslavado dia? Não passeios,
Não vista de viçosas formosuras
Podem prender-me os olhos.

Irei dormir? Não fora mau, se um Demo
De métrica relé não me azoara
O revoltado miolo, e a leve pluma
Na mão não me embebera.

Dormi; dormi a sono solto, oh Musas,
Que não irei, com voz estorvadora,
Quebrar-vos o descanso, como o atrevem
Tanto vate das dúzias.

Cá me irei remendando como possa
Com retalhos do Métrico Palito,
Co'as nesgas do Malhão, dando-me as linhas
O Venusino Mestre.

Virá Delmira, e o roxo humor da vide
Vertendo neste copo transparente,
O nome lhe dará, dará a virtude
Nas ondas da Castália.

Mas inda à mente não pariu o assunto,
Nem sabe o verso a quem descubra a mama,
E já na pena aponta a apoiadura,
Que cai pinga a pinga!

Hoje, quatro de Julho, foi o dia
Em que os *Clérigos tristes* me mandavam
Citote, e seu morcego me queriam
Nas tocas do Rocio.

Oh Luz divina! Oh Deus das providências!
Tu dás nos corações certas pancadas...
Tu me salvaste; e aos pés fizeste aceno
De pôr-se em polverosa.

Sofri desterros, fomes, e as misérias,

De quem dobrões não roda em terra estranha,
Perdi amigos, e mui meigas Damas
Na saudosa Pátria

Mas falei, sem mordança inquisitória;
Escrevi, sem temer malsins Censórios,
Dei dous trincos bem rijos para os Bonzos,
E mais dous para os Naires.

Lugduni Batatiphagorum

ODE

AO SENHOR FRANCISCO JOSÉ MARIA DE BRITO

No dia 23 de Dezembro, de 1793, dia dos meus anos

Credite me vobis folium recitare Sibyllæ.

JUVENAL. *Satyr.* 8.

QUE me rendeu vir cá mprar na Holanda?
Vermelhos olhos, dentes abalados:
E o do siso, com tanta dor nascido,
Com tanta dor tirado.

Meus firmes dentes, meus agudos olhos
Tão mimosos de mim, tão prestadios,
Hoje nutantes, hoje enremelados
Amaldiçoais a Holanda.

Que tínheis vós que ver, por estes brejos?
Graças da Natureza? Primor da Arte?
A Primavera em flor? O Outono em fruto?
Sol claro? Limpos ares?

Todo o bom lhes negou Deus justiceiro.
Frio sol, longa neve, escuros ares,
Mau fruto, e peço, e pouco, com mil lidas
Extorquido às areias,

São dons, quais Jesus dera carrancudo
A Judas, e a Pilatos, se Pilatos,
E Judas convertidos lhe pedissem
Hospício em Katwyk.

Quantos ornatos vês pelas Cidades,
Por Salas, por Jardins, Quintas, Aldeias
São cinzas da Alegria em mortas Urnas.
Oh sepulcral vivenda!

Pois se quereis com sons harmoniosos
Regalar os ouvidos delicados....
Fugi daqui, do arripiado grasno
Que arranhando esganiçam.

Lá stá Itália, stão as Lusas terras
Dotadas, pela Deusa da Harmonia,

De meiga língua, de celeste canto,
Que as almas vos enleva.

Contam, que Apolo, e as nove Irmãs, um dia,
Que vinham de tomar seu regabofe,
Nas salas de cristal, de búzio, e nácar,
Do barbi-longo Oceano,

Puseram pés nas praias Batatífagas,
Curiosos de ver com os seus olhos
(Não crer *Jornais*, e desmentir *Viagens*)
O refugio do Mundo.

Que haviam de eles ver? Viram areias,
Viram charcos, lagoas verdoengas,
Animais de dous pés sem pluma, ou cauda,
Pasmados da visita.

Que ao ver caras de gente; ouvir voz meiga,
Tal grito estrugidor, tais alaridos
Levantaram as Rãs, os verdes Sapos
E os trombudos Piúgas,

Que Apolo, e as Musas, com voaz arranco,
Trilharam estrada do ar, tapando ouvidos;
E longe de tais berros, tais bezerros
Se puseram em salvo.

Cobrados da assoada, ali Apolo
Consultou as Piérides des-surdas:
Que castigo, que maldição cabia
À matula azoinante?

O susto atroador então deposto,
Tália abriu os já risonhos lábios,
E soltou a sentença em áureos ditos
De zombadora graça:

Sejam *Sapos*, e *Koákem* seus cantares:
Sejam Saturnos, sem social deleite:
Fiquem mudos; ou rasquem voz tão ruda,
Que raspe, quando a empurrem.

FÁBULA

O DEUS PAN, E UM ALDEÃO

UM Aldeão tinha herdade, e mui rendosa
Mas (por mal de pecado)
Visitada dos pássaros a miúdo.
Logo que à seara o Estio
Curvava a testa, e cabisbaixa a punha;
Da colheita as primícias
Os Pardais vinham desfrutar lampeiros.
O Aldeão desadorava
Bramando. E que nos presta termos Deuses
(Pagão era o tal rústico)
Que gulosem ofrendas, sacrifícios?
Que val dar culto a Numes,
Que connosco não obram com justiça?
Seus templos são celeiros,
São adegas, de vinho, e trigo, e bolos.
Ninguém com mãos vazias
Entra lá; mas ligeiro, e leve sai.
E o galardão quejando!!!
Pedrisco, Incêndios, Tempestades, Cheias,
E maldições que farte.
Que assim pagam ingratas Divindades....
Mas cumpre ser devoto,
Ou parecê-lo ao menos: que é boa arte.
Bofé, sem tal mania,
Não vira nenhum Deus, à minha custa,
Assado no seu forno.
Mais longo iria o bruto co' a parlenda...
Mas chiton! que viu gente;
E o que viu era um Deus, um Deus humano:
Que um Deus pagão às vezes
Nos pregou peça, com o tal disfarce.
Ouvira ele as blasfémias;
Dissimulou porém; vai seu caminho.
Mas eis que pára, e afável
Diz: «Que rico trigo! Nunca eu vi mais grado.
Deves de estar contente.»
«Ah senhor! (lhe responde o meu Tartufo)
Mais, que eu mereço, os Deuses
Me concedem, e eu só o instante aguardo
Da ceifa, em que as primícias
Lhe oferte.» O Deus despede-se; e o Velhaco
Que o seu papel assenta
Ter bem comediado, e ser chapado
Na arte de bem dar ópios:

«Festeja-se amanhã se eu bem me lembro
 O Deus Pan; faz ao caso
 Deslumbrá-lo com dádivas.» O hipócrita,
 A certo logro se arma,
 Que não lhe saiu bem. Rosnou consigo,
 Que os Deuses ter propícios
 Custa caro, e que ponto nunca deram
 (Como os frades) sem nó.
 E que é toleima impá-los com ofrendas,
 Que nos saiam da bolsa;
 «Mais val, que os convidemos com o alheio.
 (Dorme, que é noite velha)
 O Vizinho, e na vinha há ricas uvas;
 Demos-lhe uma saltada.»
 Vai manso, e manso, e falseando o trilho....
 Velhaco tolo, ignoras
 Que não há para os Numes noite escura?
 Entra na vinha, apanha
 Os mais chorudos cachos.... Ai do mísero!
 Que eis na mais clara glória
 Se espeta ante ele o Deus co'a dextra armada
 Dum tanchão rechonchudo.
 «Dize, infame blasfemo, aqui te colho
 (Disse o Deus Pan severo)
 Do que os pássaros comem fazes queixas?
 Não sabes, que são todos
 Os animais do Criador feitura;
 Que herdaram o que apanham?
 E que é sempre o Céu justo em seus decretos?
 Queres que morra tudo
 Que Deus criou, e comam só os homens?
 Vivam todos; que às Aves
 Deu Deus os campos para seu sustento:
 Do seu comem sem culpa.
 Não são bons os precalços, quando as caças,
 E as levas ao mercado?
 Das Costelas, do visco tiras lucros?
 Mas com que lei, malvado,
 Tomas auso de usar do bem alheio?»
 Mui beato, mui concho
 Lhe responde o Aldeão: «Meu bom fidalgo,
 Se o fiz, foi para ofrenda
 Ao Deus Pan, que melhor, que algum dos Numes,
 Merece o nosso culto,
 E acatamento, e fé.» – «Ah grão velhaco
 (Replica o Deus colérico)
 Infame exemplo sejas para sempre!
 O templo ornar com roubos!
 Fazeres-lhe presentes de maldade!»
 Disse Pan, e à mau-tente
 Chove nele bordoadas, como pedra.
 «Por dó (diz) não te mato.
 Não dó de ti, mas dó dos teus crianças.

A eles o agradece.
Mas lembra-te da Lei que claro fala
E na alma está 'sculpida:
Teme os Numes, não faze a alguém agravo.
Terás gradas searas
E do Deus Pan esta lição aceita.»
Dos tais beatos anda o mundo inçado:
Cuidado co' essa gente de olhos baixos,
Mais daninhos mil vezes que os raposos,
Mais ruins que o pulgão, e que a lagarta.
Santos no parecer, por aí andam
Contas na mão, punhal na faldriqueira,
Falando em Deus a mim, a ti, a todos,
Palavrinhas de mel, alma de canto.
Ao som de trompa espalham as esmolas,
Enfeitam santos, mandam dizer missas:
Mas é muito a miúdo, à custa alheia.

ODE

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR D. JOSÉ MARIA DE SOUSA E PORTUGAL

..... Nec tu pessima numerum
Ferres.

HORAT. *Lib. 4. Od. 8.*

QUAL vai honesta Virgem passeiando
Pelo Campo esmaltado de boninas;
Aqui colhe a flor branca, ali a roxa,
Que entrança no toucado;
Assim ando eu colhendo entre os Amigos
As flores das virtudes, dos talentos,
A generosa acção, esp'rito ardente,
Que entranço nos meus hinos.
Que emprego há hi mais digno dos bons versos!
Apolo, e as Musas vêm mui presto ao Vate
Com águas da Castália, humedecer-lhe
A desenvolta veia.
Tempera-lhe uma a Lira, outra lhe afina
A voz, que há-de entoar sagrada Canto,
Febo lhe inspira os sons que ele bebera
De Júpiter supremo.
Influxos tais senti, quando cantava
Araújo, Braamcamp, Brito, Bezerra,
E o bom Souza, que dá licor (que Baco
Plantou na Lusitânia,
Com suas mãos Divinas) para o bródio,
Com que entre Amigos, entre Damas belas,
Celebro o dia, em que escapei às garras
De malévolos Bonzos. [xxxiii]
Também sentia influxos tão Celestes
Quando Márcia, ou Delmira ressoavam
Nas doces cordas da suave Lira,
Dicada à formosura.
Ali era meu gosto sobre humano
Cantar os seus agrados, os seus mimos,
Merecidos da minha fé constante,
Do meu coração terno.
Hoje, que a mão do Tempo rigorosa
Me esfriou os ardores da áurea Idade,
Só canto da Amizade os sãos louvores,
Com singela harmonia.
Nem tu, Morgado, levarás menores

Os prémios de teu peito franco, e nobre,
Na Lira de Filinto, grata aos Lusos
De índole não esquiva.

PRÉDICA BERNARDA

CERTO frade, arrotando Sapiência,
No púlpito, a altos brados declamava
Contra os Pais, contra as Mães sem consciência
Que ensinam mal os filhos; e provava
Com Santa Mónica o seu razoamento.
«Santo Agostinho foi grão libertino:
Mas tanto fez a Mãe com seu ensino,
Que deu fim ao seu mau procedimento:
Fez dele um Santarrão, que mil Santinhos,
Iguais aos que beijamos nas verónicas,
Deu a Deus. Dai-me Mónicas, e Mónicas,
Dar-vos-ei Agostinhos, e Agostinhos.»

ODE

A ALCIPE, E DAFNE, DEPOIS DE LARGA AUSÊNCIA

Vos ego Sæpe meo vos carmine compellabo.

CATUL. *De nuptiis Pelei.*

ABUTRE mais faminto, que o de Tício,
Co'as unhas aferradas nas entranhas
Meu renascente coração rasgava,
C'o rosto insaciável;
Seva Euménide exércitos ferozes
De infaustas aves me assanhava à frente,
Que grasnando-me agouros, me atroavam
Os trementes ouvidos.
Quando embebido em lôbrega saudade
Olhava o Céu, e lhe pedia alívio,
Uma nuvem se rompe, e avisto claro
O Círculo dos anos.
Sisudo Génio, com potente dextra,
D'Oriente a Ocaso lhe ia compassando
O justo movimento, e abrindo a Clio,
Sucessos de alta História.
Eis da cadeia eterna de aço fino,
Cujos fuzis o Fado quis que fossem
Uns, dias tristes, outros, faustos dias,
Aponta um, todo de ouro.
Vinhem-lhe em roda os Risos, os Prazeres
Compondo alada corte: adiante a Aurora
Soltava do regaço apavonado
Perlas, que o Ganges bebe.
Cupido, sacudindo o aceso facho
Abrazava em desejos Vales, Montes.
Já corníferos Sátiros ardentes
Cansam as alvas Ninfas;
Que envergonhadas fogem, mas fugindo
Nuas, lançam talvez, a furto, os olhos
Ao petulante alcance; ainda correm,
Mas frouxam a corrida.
Nas pontas dobradiças dos Ulmeiros,
As pintadinhas Aves, balançando-se,
Com festivais gorjeios, à porfia,
Desfecham a alvorada.
Ouro é todo o horizonte; e majestoso

Instiga o Sol flamívomos cavalos,
Que a íngreme vereda a pulos tomam
Fogosos, escumando.
Este era o dia próspero, e risonho,
Em que eu tornei a ver Alcipe, e Dafne,
Dia, a mim, mais feliz, que o feliz dia,
Que me lançou ao mundo.
Apenas raia, no *alto*, a luz serena
Dos olhos fúlgidos das minhas Vénus,
O Abutre da tristeza, erguendo o voo,
Me desafronta o peito:
O exército das ávidas saudades,
E a torpe Fúria, General raivoso,
Mordendo os braços; e a silvar-lhe as serpes,
Ao Tártaro fugiram.

CONTO

ENTRAVA pela loge dum Barbeiro
Certo Rapaz ansioso de ter barba
Avie, Senhor Mestre, (lhe dizia)
E o pachorrento Mestre, que não via,
No liso rosto, um só sinal de barba,
Lho lava, e lho re-lava:
Já lhe alteiam na cara
Batidos, rebatidos, todo espumas
Três altos de sabão. Eis que ora o Mestre
Toma um cachimbo, acende-o, e vai sentar-se
À porta, ver quem passa, mui serôdio.
O Rapaz, de esperar desesperado,
Lhe pergunta, que faz, que o não barbeia?
Mui logrativo o Mestre lhe responde:
«Estou sperando, que lhe aponte o pelo.»

ODE

AO SENHOR TIMOTHEO LECUSSAN VERDIER

Nam quis iniquæ
Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se?

JUVEN. Sat. I.

VEJO apontar o Inverno pelos cumes
Dos Hiperbóreos serros;
Com ele apontam procelosos ventos,
Truculentos negrumes;
Roucas rajadas de saltão granizo,
Com fragor se desatam
Pelas roturas do arrastado manto.
Lambem-lhe em roda a grenha
Roxos coriscos, rápidos relâmpagos:
O desabrido Bóreas
Lhe faz corte, a geada arrebanhando,
Que há-de espargir a frouxo
Pelas nuas campinas descontentes.
Já hirsuto o arco atesa
Para os farpões de tremedores gelos
Nos disparar agudos.
Ei-lo que estala, e os crepitantes frios
Me açoitam as vidraças.
Todo me encolho, todo me arrepio,
Já só de ouvi-lo, e vê-lo.
C'os olhos cerco os desprovidos cantos
Da casa, e das gavetas,
Por ver (desabrigado, tiritando
C'o penetrante frio),
Se, para lhe aparar as estocadas,
Acho de prata escudo,
Forrado casacão, ou pilha de achas,
Inverni-fugo couto.
Mas, ai de mim! que tudo está despido!
O lento, crebro sopro
Da Disgraça, aferrada em meu alcance,
Varreu, sem piedade,
Quanto viu, quanto achou. Quanto é ditoso
Quem vê, sobre o cabide
Da rica, e recheada guarda-roupa,
Tufar empanturrado
Pelado Gabinardo Zibelino!
Vê, no redondo estojo,

Regalo aquecedor! no lar ardente
Ondadas labaredas!
Cuidar que hei-de ir, com barretada humilde,
Pedir, co'a bolsa em punho,
Ao soberbo Estanceiro, repimpado
No trono mercantil,
Carrada escassa de velhaca lenha:
Por que não venha a Parca
Co'as fadadas tesouras, c'os novelos
Visitar-me imatura...
Ver que o quente sertum acolchado,
O lanoso vestido,
O Lusitano, tépido capote
São de subido preço,
E que a bolsa engelhada em vão escorro,
Sem que deite chorume,
São flechas mais pungentes, que as do Inverno.
Hoje virei-lhe o buxo;
E ela do sujo, esfarrapado forro,
Entre cotão sediço,
Dez réis vomitou sós, muito esfalfados.
E vós, crê-lo-eis, Vindouros!
Eu, que não vira nunca da Pobreza
A magra catadura;
Que, à sombra dos herdados arvoredos,
Descansado dormia,
No regaço da intacta Probidade:
Eu que no altar da Honra,
Do rígido Dever queimava incensos;
Que à Pátria, aos meus, sem termo
Dei quando pude, e soube; e dera o sangue,
Se o sangue meu pudera
Resgatá-la do ignaro cativoiro...
Eu vivo desterrado,
Roubados os meus bens, roubado ainda
O prémio da Virtude!
E o Geral des Bernardos; que só teve
Por disvelo, e doutrina,
Anafar brando as roscas do cachaço;
Rode sege, e dobrões,
Dê roupas, dê brilhantes, jogue rijo...
Oh Terra amaldiçoada!
Qual cheiroso Ananás, se foi plantado
Entre aldeanas couves,
Esmorece, definha, e não dá fruto
Ou dá-o ensosso, e peço;
E finalmente morre atassalhado
Das rústicas raízes:
Tal vive e Sábio, peregrina planta,
Em terreno ignorante.

EPIGRAMA

QUANDO o Cantor de Trácia, o Orfeu divino
Às pousadas desceu do Reino escuro,
Plutão, por lhe punir o desatino,
Lhe entregou a Mulher.
Depois, por um decreto mais maduro,
Quis-lhe honrar o talento melodioso,
Que lhe enchera os ouvidos de amplo gozo;
E tirou-lhe a Mulher.

ODE

Damnosa quid non imminuit dies?

HORAT. *Od.*

DESTERRADO da Pátria, e dos Amigos,
Que posso eu escrever-te, Caro Alfeno?
Agudas mágoas, tétricos cuidados
A mente me povoam.
Nem Prometeu, no Cáucaso cravado,
Por compreender dos Numes o segredo,
E designar dos homens a Ventura,
Com mal aceito ofício,
Sentiu tão rijo os pontiagudos cravos
Rasgar-lhe as carnes, transpassar-lhe os membros;
Nem lhe rói tão ferrenho o diro Abutre
As vividas entranhas.
A Virtude, que ao templo do Renome
Nos levanta, com mão mais que pesada
(Por provar os que c'roa) descarrega
O açoute do Infortúnio.
Aristides assim sai ao degredo
De saudoso pranto acompanhado:
Foi-lhe culpa o levar ventage a todos
Na difícil Virtude.
Ingrata Pátria de varões ilustres,
Ingrata luz te aclara. Eu de que pasmo,
Nascido entre tartufos, me persiga
Fanática Impostura!
Felices, os que obscuros escaparam
Do sevo Monstro aos olhos cavilosos! ,
Com brandas mãos Elísia inda os afaga,
Com mimo ao peito os cinge.
Cercados dos Amigos não trincados
Gozam da aura natal. Amados, amam:
E lêem suas Canções às Damas meigas,
De quem graças recolhem.
Ai daquela Ave, que, do Ninho, ausente,
Desliza o voo por estranhos ares,
Que se queixa, e não vê ao seu queixume
Vir compassiva Rola!

OLHO VIVO C'OS TAIS MERLOS

ORA viva o Talento! Aqui (há anos)
De Itália veio quem ganhou dinheiro,
A divertir Burgueses, e Aldeanos,
Com trocar olhos, trastornar inteiro
Todo o teor do rosto; tais fazia
Re-tortas carantonhas, que Abridores
Em stampas as tiravam à porfia,
E à porfia as compravam Compradores.
Que não valem Caretas! Com Caretas
Lisonjeiras alcança o Pertendente
A Beca, o Ofício, a Tença; co'as galhetas,
Dadas com torta cara penitente,
O Esopo da Vitória cativava
Certa Viúva rica. Prelaturas,
Conezias, e Mitras a si trazem
Hipócritas manhosos, que bem fazem
Caretas, que são manto de imposturas.

ODE

..... Fugit retro
Lævis juvenas, et decor arida
Pellente lascivos amores
Canitie.

HORAT. *Od.*

QUE errado pões, Leitão, a confiança
Nos anos folgazões da verde idade!
O sangue petulante,
Que pelas veias hoje se atropela
Cansado da carreira,
Com frias vozes pedirá sossego.
Se amiúdas sem termo as romarias
Aos templos de Amatunta perigosa;
O Círio, que devoto
Arde ante as pulcras aras jactancioso,
Derrengado o verás,
Da rápida Velhice ao bafo inerte.
Alterna co' repouso as lidas duras
Se queres estender da vida a teia:
O Sábio não fatiga,
Além do justo, as serviçais potências.
Nem sempre Hércules bravo
A Clava meneou, co'a mão nervosa.
Conserva-te um carão vermelho, e nédio
Para o décimo lustro, quando as Ninfas
Começam a avistar-nos
No rosto as rugas, na cabeça as brancas.
Que gáudio é então lográ-las
Co' a cor sadia, e desempenho airoso!
Como em Teios o verde Anacreonte,
Rosada a face, os olhos cintilando
Chamava a desafio
As bazófilas da altiva Mocidade;
E da Ciprina areia
Saía coroadado co'a vitória.
Aguçosas nos fiam as três Velhas
O curto estame da veloz Idade:
Só bem lhe atalha os fusos
Quem com sisudo freio leva a passo
O ginete alfario,
Que relincha batalhas, e carreiras.
C'o jogo, c'os passeios revezando,
E c'os sons de Melpomene, e Tália,
As Matinas de Vénus,
Alongarás o tempo inestimável;

Verás dançar na bolsa
As valem-tudo, fúlgidas carinhas.
E com novo vigor esparecido,
Ora, na Lira, cantarás as noites
 Dos ledos Aciprestes;
Ora o rival d'Ariosto trasladando,
 Tomas quinhão na glória
Da Tarasca imortal, sem par Donzela.

O DOUTO MÉDICO

MAL vem a Febre de furor armada,
Lavra dos bota-fogos, no edifício,
 Labareda ateadada.
Eis corre a Natureza ao pronto ofício,
Arca por arca luta c'ó a agressora;
 E a gente spectadora,
Buscando quem desmanche a agra pendência,
Traz um Cego, que ornou Médico lauro.
Este o bordão vareja de Epidauro,
De pancadas de Cego faz ciência;
Se aleija a Febre, o enfermo tem saúde;
Se a Natureza – aprestem-lhe ataúde.

ODE

A DELMIRA

No dia 20 de Julho de 1783

Felice chi vi mira;
Ma più felice chi per voi sospira:
Felicissimo poi
Chi sospirando fa sospirar voi.
Ben' ebbe amica stella
Chi per Dona si bella
Può far contento in un' l'occhiu, e l'desio,
E sicuro può dir quel core è mio.

Del Cavalier Guarini.

AMANTE incurioso, que se paga
Do sorriso afectado, e das ensossas
Carícias duma Lais, se nega a entrada
Do Amor no santuário.
Bem gostou de prazer mais delicado,
O que amou, na donzela pudibunda,
O forçado repúdio, que desmentem
Os olhos mal irados;
E o que, dobrando os súplices joelhos,
Graça pediu, sem culpa, e escutou brando
O mimoso queixume que espairose
O caminho à ternura.
Amor lhe desce, do tesouro Cíprio,
Divinos dons, que a astuta Mãe negara
A celestes amantes – reservados
Para mortais mais dignos.
Que insólito deleite mais que humano,
É ver, nos olhos da gentil Delmira,
Brilhar um amoroso sentimento,
Clarão do incêndio da alma!
Ver, d'entre as perlas da virgínea boca,
Vir nascendo um sorriso namorado,
Qual rosa vem rompendo rubicunda
O orvalhado casulo.
Leve Furto, nas asas, arrebatada
A Cítera as primícias dum suspiro,
Que errava a medo, e que espreitava oculto
Pudico desafogo.
Como lhe ondeia a miúdo o níveo seio,
Quando co'a voz ingénua, que se escapa
Dentre as barreiras do acendido pejo,

Me diz – Filinto eu te amo! –
Como suave fogo vai calando
Até o âmago da alma, quando ao colo
Me lança os lentos braços torneados,
E a face me oferece?
Não sou mortal então: divino alento
Me cõa pelas veias estranhadas;
A alma absorta se engolfa c'os sentidos
Num pego de prazeres.
Até que as praias do ávido Cocito
Orfeu saudou co'a Lira lacrimosa,
Despedaçado pela raiva amante
Das Ródopes donzelas,
Sobre um ermo rochedo sobranceiro,
Para o Hebro piedoso debruçado,
As águas que paravam para ouvi-lo,
Saudoso entristecia.
Das Ninfas de rendê-lo cobiçosas
(Embebido em seu pranto) não curava;
Crebros desejos, com que ardia o monte,
Não lhe prendiam na alma.
Leves conquistas de of'recidas, graças
Não valem o carinho saboroso
Do vencido desdém: nasce o Fastio
No chão do Gozo fácil.

SONETO

CALADA estava a Terra, o Oceano quedo,
Serenos o Ar, o Céu de cor rosada;
A mal desperta rosa rociada
Movia-a o vento em plácido segredo.

Soltava a Aurora a trança de áureo enredo,
De rubins semeando ao Sol a entrada;
Que, mais que nunca, a fúlgida arraiada
Lançava sobre as pontas do arvoredos.

Eis no prado apontou Márcia formosa,
Mais brilhante horizonte ao mundo abrindo,
Com dous sóis de outra luz mais graciosa.

Lá te vás ^[xviii] entre as nuvens encobrindo,
Altivo Rei da esfera luminosa.
Assim ao ver-te a Lua foi fugindo.

ODE

Non est meum si mugiat Africis
Malas procelis, ad miseris preces
Decurrere.

HORAT. *Lib. 3. Od. 29.*

SOBE acima dos Reis o home' animoso,
Que do peito insofrido arreda o peso
Dos sustos, com que a Estima de si próprio
Tiranos abafaram.
Clio o remonta nas lembradas asas,
E no Templo imortal vai recostá-lo;
Enquanto a bem ganhada Saudade
Lhe tece o elogio.
Jazem na ignóbil treva sepultados
Mil duros vencedores; nunca a pluma
A mão amiga do facundo Vate
Pejou em seu abono.
Pisa do Elísio a afortunada grama
Viriato, que co'a dextra vingadora
Os corpos apontava golpeados
Pelas traições Romanas.
Ao lado aceita esse Aio malogrado,
Que ao fanático Moço predissera
Os ruins conluios, e a forjada ruína
Em Africanas terras.
Não se escalam com louco atrevimento
Do oculto Fado os muros diamantinos;
Mas a Pendência entre-descobre ao sábio
Um albor do Futuro.
O Piloto sagaz pressente ao longe
O zunido da enxárcia, o masto roto
Co'a fúria do tufão que vem no ventre
Da naufragosa nuvem.
Já na pródida mente apresta os braços
Para inclinar o leme ao salvamento;
Ou com eles romper, na irada spuma,
Sonoros rolos de água,
Sentimos, Silva, o mal que acurva a triste
Pátria, que ameaça, com mais turva estrela,
Os Netos: mas assaz forçosos somos,
Que possamos tolhê-lo?
Por onde quer que as ondas nos arrojem,
Da salva praia, aos sócios acenemos;
E a voragem que sorve, e a sequaz vaga
Brademos ansiosos.

A VERDADEIRA GENEALOGIA DE CUPIDO

JÁ por escrita os Gregos nos deixaram,
Que das Graças Irmão o Amor nascera.
Mas, segundo as autênticas Memórias
Conservadas no Arquivo de Cítera
Mais chegado Parente lhe é Cupido
Da mais jovem das Graças sendo filho.
E rezam as Memórias, que Eufrosina
Gostava de uvas; (foi no Outono o caso.)
Um cacho bem corado, bem maduro,
Que entra cabal na dorna, muito tenta.
Tentou-se a jovem Graça; a mão lhe lança:
Mas Baco, que muito há, que lhe anda à espreita,
A pilha, e a seu prazer lhe dá castigo.
Eufrosina assustada deu, contudo,
Desse castigo, à luz, o Deus Cupido;
Que lembrado, e fiel à origem sua,
Antes que embeba no arco a aguda flecha,
Que atira a Jove, a Marte, e à mesma Vénus,
Nos lagares de Baco lhe dá a têmpera.

ODE

.....Horrida bella
Ausi omnes immane nefas.

Sævit amor ferri, et scelerata insania belli.

VIRGIL. *Æneid.* 6.

Æneid. 7. v. 461.

DE exércitos brutais trilhada a Europa,
De hostis baixéis o Oceano retalhado,
Armas luzem, relincham os ginetes,
Rimbomba a artelharia.
Onde ides de tropel, aonde algozes
Matar vossos Irmãos, com arte, e canto?
Brotou o Inferno pois, milhões de Alectos,
E vo-las pôs nos peitos?
Contra uma só Nação, que de Senhora,
A duros Déspotas ceder desdenha;
Que des-trama a traição, que conspiraram
Malévolos Ministros?
Em tanto atribulada a Natureza
Se esconde, co'as mãos veda ao rosto, aos olhos
De avistar golpes, de escutar gemidos
Dos filhos sem ventura.
Reis, que acurvais com orgulhoso ceptro
O miserando Povo ignaro, e dócil,
Dobrai a alta cerviz à voz mais alta
Do caviloso Pitt.
Esse Rei dos soberbos Potentados
Abre as asas ao Despotismo, e manda,
Das Ilhas da afogada Liberdade,
Ameaços, e insultos.
Envergonhai-vos, Déspotas ferozes;
Não sois potentes a prostrar co'as armas
Homens que se respeitam. Querem soltas,
Como a vontade, as obras.
Quanto me agrada, oh nobre Sousa, a tua
Recta intenção, que abona injusta a força,
Se, em despeito dos donos, clama alçada
Nas possessões não suas!
Oh quanto hei-de sentir a tua ausência,
Órfão do ingenho teu brilhante, e raro;
Sempre bom, sempre douto, sempre amigo
Da honra, e da verdade!

CONVERSAÇÃO

ANTÓNIO

FELIZARDA, que tu mui bem conheces,
Que nunca amou ninguém, sei que ama; e muito.

JOSÉ

Assaz me dizes. Quem é o venturoso?
É Lucindo, que há muito a namorava?
(ANT.) Como te enganas! Ela amou-lhe sempre
Os presentes; mas nunca amou o Dono.
(JOS.) Já sei: ama Gelónio, que tem sege,
E que lha empresta para ir ao Baile.
(ANT.) Menos inda. Ama a sege, e não Gelónio,
Se te digo! Ela nunca amou amantes.
(JOS.) Pois que ama Felizarda? Ama o marido?
Ela, que o tres-viu sempre como a morte!
(ANT.) Tomara-o ela ver cem léguas longe.
(JOS.) Menos que ame seu Pai; que ame seus filhos.
(ANT.) Seu Pai!... seus Filhos!... Vás de meio a meio
Errado em teu conceito. (JOS.) Agora acerto
Ama não amar nada. (ANT.) Ama, extremosa...
(JOS.) A quem! Acaba. (ANT.) Adora o seu Cãozinho.

ODE

No dia 4 de Julho de 1805

Jam Procyon furit,
Et stella vesani Leonis,
Sole dies referente siccos.

HORAT. *Lib. 3. Od. 29.*

DESPEDIDA a Estação, que às flores dava,
Com benévolo orvalho, brilho, e cores,
Vem, com ardentes fogos, o Cão Sírio
 Secar quanto ornou Maio.
Secas as ervas, secas as gargantas,
Cuidem na rega os hortelões curvados:
Nós cuidemos em des-rolhar garrafas
 De vinhos, de licores.
Bebamos à saúde dos bizarros
Amigos, que das garras dos Tartufos
Me salvaram; e dão com que ora os brinde,
 Suficiente modo.
Bebamos a Araújo, a Sousa, a Brito,
E àquele, que imprimir seu nome veda;
Mas que eu estampo eterno, no meu grato
 Coração. Bebamos;
Que o Sol vem furioso, e nos dispara
Virotos de secura. Rapaz, deita
Desse louro licor, que deu Borgonha,
 Para alegrar esp'ritos.
Quem me dera que ouvissem as saúdes,
E o tinir alegríssimo dos copos
Os vis familiares, e seus Bonzos
 E, ouvindo-as, enraivassem!
Mando à Stige as lembranças desabridas
Deste dia, e o *Citote* Inquisitório.
Venha assistir-me a Deusa da Amizade,
 E os seus leais Devotos.
Só dela, e deles quero recordar-me;
Que a vida, e o salvamento bem lhos devo,
Venham também os novos (que graciosa
 Me deu a França) Amigos.
Entre honrados louvores, entre brindes,
Um Sané, um Fouinet verão seus nomes;
Verão nos olhos meus, no meu semblante
 Raios de amiga escolha.
Que é meu prazer colher nos meus Alunos
O prémio de benévolas fadigas,
Quando o gosto lhes vejo, o empenho assíduo

Com que as entranhas sondam
Da Lusitana Língua, dos bons versos,
Que a Dinis, que a Garção tanto afamaram,
Fundados em Camões, na lição pura
De Gregos, de Latinos.
Contente, oh Clio, bebe aqui connosco
Um copinho social de *Gotas de Ouro*:
Cantarás mais suave, e mais brilhante
Meus dias hoje salvos.

À SENHORA D. J. R. D., NO DIA DE SEUS ANOS

NÃO sei qual, Vénus fez, mimo, a Cupido,
Que este, de agradecido,
Uma festa compôs, festa a seu jeito.
Um anúncio foi feito,
E posto nas esquinas de Amatunta
Por que ali fosse junta
Tropa de Musas, Graças, Jocos, Risos,
E até Momo c'os guizos.
Sentinelas à porta: e todo o humano
(Por evitar engano)
Fique de fora, Eis Márcia se apresenta;
Eis que impedi-la intenta
O Guarda. – Vem Amor, que ao Guarda ensina
Que ela é prole Divina.

ODE
AO SENHOR DOUTOR
VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA^[xx]

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
a Portuguesa Língua.

FERREIRA. *Carta a Pero Caminha.*

VELHO, e cansado a voz se me enfraquece;
Fogem de mim entorpecido as Musas,
E a Lira mal responde ao toque incerto
Da não segura dextra.
Que poderei cantar para louvar-te,
Que iguale co'a vontade agradecida
Ao mimo dos teus versos? Direi pouco
Em derreada prosa.
Regalou-me a linguagem não mestiça
Da Tradução difícil. Começava
Eu a ler, quando vejo... (Não me engano?)
Dous conhecidos vultos
Entrar no quarto, e aos lados meus sentar-se,
Pedir-me que a leitura alto lhe entoe...
Poderás crê-lo? Os puros Manes eram
De Ferreira, e Barreto,
Que a cada verso de elegância Lusa
As palmas, aplaudindo, rebatiam:
«Viva o novo Poeta Lusitano,
Que, honrando a língua, se honra.»
Eu continuava a ler, e recresciam
Os aplausos, os vivos. – Louvor digno,
Dado por tais Ouvintes; neste Ofício
Juizes valiosos.
Darwin, se ouvir pudera, e compreendera
O Português traslado do Poema,
Talvez que o stilo, a língua te invejara,
E te invejara o ingenho.

EPITÁFIO DO SENHOR ***

Gozou vivo de grã reputação;
Deixa, inda morto, assaz de opinião.
Em tudo se ostentou grão Sabichão;
Pronto desintrincou qualquer questão;
Sabia as oito partes da Oração;
Dava a todo dizer definição;
Sabia o que era sp'rito, e conceição;
Té dava aos Logogrifos solução.
Era ele homem honrado? Honrado?... Não.

ODE

Haia, 9 de Agosto de 1795

Vis consili expers mole ruit sua,
Vim temperatam dii loque provehant
In majus: iidem odere vires
Omne nefas animo moventes.

HORAT. *Lib. 3, Od. 4.*

JÁ a Paz firmou um pé na turva Europa;
E co'a florida mão vai afastando
Do Mosa, e de Pyrene as brônzeas lidas
Do horrífico Vulcano.
Mavorte as rédeas vira aos ferros brutos,
E o carro ensanguentado trilha agora
O Germânico chão, que muito indignam
Insultos de Monarcas.
De mãos dadas co'a sã Filosofia
A meiga Humanidade vai roçando
Os maninhos da stúpida Ignorância,
E à Paz franqueando via:
A cara Liberdade, que encerraram
Os Déspotas em lóbregos abismos,
Cujo nome saudoso até o raspam
De sobre a sepultura;
Já sacudiu a campa, e alçada aos tectos
Da Cúria Nacional, tremula em torno
O Tricolor Despeito dos Tiranos,
Com que aos Povos acena.
Enquanto Pitt, com vendas de ouro, oculta
Longe, às gentes, benéfica esperança;
Com puas de Ambição aqui encrava
Os passos à Prudência.
Mas também quebram fúria os rijos ventos,
E descai a tormenta, que roncava,
Quando o Sol assomando, em áureas cintas
Lhes abateu os sopros;
E lassos de brigar, desfalecidos,
Anseiam o repouso das cavernas:
As nuvens, já mais raras, se desunem,
E o Sol tiram sereno.

DESCRIÇÃO

PINTAM o Ingenho um Moço denodado
Na cor ardente, os olhos penetrantes;
Sobre a cabeça uma Águia: um inflamado
Globo, dentre as madeixas ondeantes,
Busca o cimo dos Céus, donde há baixado;
Dos ombros rompem-lhe asas navegantes;
Na dextra um arco donde estala a seta,
Ou já como Orador, ou já Poeta.

ODE

4 de Julho de 1779

Occidit, occiedt
Spes onis et fortuna nostri
Nomilis.

HORAT. *Lib. 4. Od. 4.*

MMORRERAM os meus bens, e a minha fama:
Nem doce Orfeu, nem arrojado Alcides
Desses Cérberos crus ouse arrancá-los
 Às garras cobiçosas.
Nova Medeia, ao filho que gerara,
Deu (quão pesado pode!) o duro golpe
C'o braço Novercal; c'o ervado alento
 Bafejou a Inocência.
Que prazer, da calúnia bem medrada,
Não colheram Devotos Embusteiros
Que em chamas cevam de Cristãs fogueiras,
 Caridade aleivosa!
Nunca foi salvo derramar verdades:
Tem sempre o Erro, em pé, o Cadafalso
Para o Sábio, que a máscara lhe rasga
 Lhe amostra a face horrenda.
A Ciência, que vira os são reinados
De João o justo, de Manuel ditoso,
Condenada ao desterro, assim dizia,
 C'os olhos arrasados:
«Mimoso reino, (que, inda ingrato, o estimo!)
Com que íntima saudade me despeço!
Chorando vão comigo as boas Artes...
 Quanto este adeus nos custa!
Bárbara turba de ignorante scola
Me fez descer das aras reluzentes,
Donde inspirava à Lusa Mocidade,
 Puras, amplas doutrinas.
Caís nas mãos de algozes tonsurados,
A quem sempre neguei meu raio puro.
Filhos, que eu tanto amei, ireis de rojo,
 Beijar-lhe as mãos cruentas.
O Pedantismo ao meu lugar alçado
(Com que desgosto o vejo!) sopra os torpes
Hálitos enojosos, que mareiam
 O templo que me erguestes.
Mas virá tempo, em que eu serei rogada.

Mais ínclito José, melhor Carvalho,
Lustrado o Templo, expulsa a vil coorte
Restaurarão meu culto.
Então, para o Saber, francas as portas,
Nestes meus penetrais achareis armas,
Que ponham em derrota irreparável
O pestífero bando.
Sustentados com máximas robustas
Dareis abalo ao cárcome, às raízes
Dessa árvore, de tantos fustigada,
Que só de mim se teme.
Inda, golpeada de acerados ferros,
Segura o tronco as ramas estendidas:
Dum rijo vaivém meu, prostrado em terra.
Chorará as raízes.
Vítimas da verdade, perseguidos,
Afrontados sereis pela Ignorância:
Mas sempre foram gratos os trabalhos
Que dão crédito às forças.
E passado o mortífero negrume,
Que o Fanatismo resfolgou morrendo,
Dias mais claros, dias bonançosos
Vos abrirei sem termo.»

SONETO

CRISTO morreu há mil, e tantos anos;
Foi descido da Cruz, logo enterrado:
Mas téqui de pedir não têm cessado
Para o Sepulcro dele os Franciscanos.

Tornou Cristo a surgir entre os humanos,
Subiu da terra aos Céus, lá está sentado:
E inda, à saúde dele sepultado,
Bebem (o saco o paga) estes maganos.

E cuida quem lhes dá a sua esmola,
Que eles a gastam em função tão pia?
Quanto vos enganais, oh gente tola!

O altar mor, com dous cotos se alumia;
E o frade, co'a putinha, que o consola,
Gasta de noite o que lhe dais de dia.

ODE

Paris, 23 de Dezembro, de 1779

..... Io triumphe,
Non semel dicemus, io triumphe,
Civitas onmis, dabimusque divis
Thura benignis.

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

MALDITO o Bonzo, e mais maldito o Naire,
Que calunioso urdiu o meu desterro;
Malditíssimo o 'stúpido fanático,
Que encomendou a queima!
Oh Pátria! oh Pátria! E pude assim banido,
C'os olhos arrasados de agro pranto,
(Não estalei de mágoa?) despedir-me
De ti, querida Pátria?
Oh Pátria, que vês ir o teu aluno
Desterrado sem culpa, e não abraças
Um diamantino escudo, com que o cubras
Não empunhas mil lanças,
Co'as mil dextas de teus valentes filhos?
Não pões em fuga stólios Satélites
Do infame Tribunal, não mandas a África
Tais Busires de loba?
Porque não clamas hoje arrependida
Dessa culpada inércia: «Oh Povo! oh Lusos
Abri, abri os olhos fascinados,
Com religiosas máscaras.
Nunca Deus ensinou fraudes, embustes;
Doutrina sim de amor, de piedade:
Tratos, barações, fogos são invento
De ávida hipocrisia.
Nem o zelo estanqueis nessas estéreis
Saudades de inocentes desterrados,
Dos homens, que estimais, que honrais na ausência
Por letras, por talentos.
Honrai-os com mais sólidos serviços:
Descosei, ou cortai a trama iníqua,
Calúnia enredosa, que pôs pulso
Ao demérito exílio.
Lá se empreguem as forças, vozes clamem;
Vozes, que atroem, forças, que derribem
Hipócritas Colossos, mentes surdas
De ignorante Governo.»
Vejo!... Ou falsa Esperança me alucina!
Vejo os Lusos, no alcance de alta Glória,

Rasgar o véu do Engano, arremessar-se
Às detestáveis portas;
Arrombar, arrasar... Olhar o centro
Desse antro de atrocíssimas cruezas;
Pasmado de indignação, vendo mistérios
De bruta barbaria;
Arredar o tropel de familiares,
De carcereiros tetricos, de algozes,
Despedaçar cordéis, e cavaletes,
E os arrancos dos tratos;
Queimar processos, destroçar denúncias:
E os Deputados, verem, cabisbaixos,
De par em par abertas as masmorras,
E os Réus à luz do dia.
Vem, vem, Dia feliz, e suspirado,
Dar alegria à Europa, aos Sábios honra;
Aos Sábios, que acenderam essa tocha,
Com que a Ilusão se abrasa.

A MANHÃ

ESPARGE a Aurora a fronte do almo dia
De ouro, lírios, e rosas;
Que deixa os Tétios braços
Febo, que enceta a rápida carreira.
Piróis, e Eoo, as crinas sacudindo,
Banhadas de alva espuma,
Do flamívomo Oriente
Batem, c'os pés ferrados, a couceira.
Lá esconde a Lua o prateado coche,
E a Noite a si recolhe
O manto das estrelas,
Que o pavilhão azul nos encobria.
A solícita abelha carregada
Do suco das boninas,
Vem, na doce colmeia,
Depor do Himeto os húmidos despojos.
Pelas verdes espigas os cordeiros
Os pulos amiúdam,
E a Pastora amorosa,
Traz eles, canta o seu amor singelo.
Com melífluo gorjeio as Avezinhas
À porfia discantam
A luz, que vem doirar-lhes
As moles plumas, e as moradas verdes.
Rasga o seio da terra o curvo arado;
E as grávidas sementes,
Com mão esperançosa,
Pelos regos frugíferos se espalham.
Leves Sonhos, batendo ingénuas asas,
Deixam doirados leitos
De virginais donzelas,
E ao reino escuro correm a acolher-se.
Os perguiçosos braços estirando
Acorda o Namorado,
Que a Noite (oficiosa)
C'o gesto, afortunou, da amada Fílis.
E, em raios luminosos alagado
O rúbido horizonte,
Nas empinadas serras,
Nos esmaltados vales brilha o dia.

ODE

AO SENHOR JOÃO DANIEL DE BRUYN

..... Neque,
Si chartæ sileant, quod benefeceris,
Mercedem tuleris.

HORAT. *Lib. 4. Od. 8.*

QUANDO arde o antigo, e o novo mundo em guerra,
E os dous rivais Impérios,
(Quais Cartago mercante, e a inquieta Roma,)
No equóreo campo lutam;
Descem florestas dos erguidos montes,
E à sábia voz do Artífice
Tomam asas os despojados robres;
Na decotada cima
Tremola a flâmula, onde ondeavam folhas;
E dos mágicos portos,
Novas aves, transpõem o mar, voando,
Entre ruidosa espuma.
Os bravos Almirantes, fogo a fogo,
Sobre as nadantes quilhas,
Pelejam pela pátria, e um nome ufano;
Mas a cega Fortuna,
Sem respeito, aos Heróis dispensa as balas:
Os d'Estains são feridos,
Como o inexperto, tímido soldado.
Tropeçando em perigos,
C'uma venda nos olhos, caminhamos,
C'o Acaso, e o Medo ao lado,
As Graças dão a mão à Formosura,
E a estrada lhe alcatifam
De rosas, que envenena a Desventura:
Em torno das tiaras
Os precusores d'Átropos revoam;
E a Morte, que inda o poupa,
Desafia, sem causa, o temerário;
Sem que escape da foice
O Ministro prudente, que combina
As sortes dos Monarcas.
Já, revolvida a Urna dos Destinos,
Jove tirou infausto
A espada, que esgotou em Siracusa

O sangue d'Arquimedes;
Jove dela extraiu ao Pintor Ródio
As mercês de Demétrio.
Não se abrem menos prontos aos talentos
Os cancelos de Dite;
E os caminhos Tartáreos vão cobertos
De suspiradas almas.
Nem tu, De Bruyn, os Cressos, os Sejanos
Creias mais venturosos:
A vida alonga o que melhor a emprega,
O que a mão benfeitora
Estende ao inocente, inteiro amigo;
E aos reveses o esquiva,
Que a recatada Inveja lhe prepara;
Ou que o toma nos braços
Quando a Calúnia o ofusca, ou c'um encontro,
O derriba da roda.

MEDEIA

TRAGÉDIA DE SÉNECA

ACTO PRIMEIRO

CENA I

MEDEIA

OH Deuses conjugais, oh tu, Lucina,
Do leito genial auxílio, e guarda;
Tu, que a Tífis o leme meneavas,
Palas, na estranha nau, domando as ondas;
Tu do sanhudo mar largo Sob'rano,
Sol, Tu que o louro dia no Orbe espalhas;
Tu, que aos calados sacrifícios mandas
Confidente clarão, Lua triforme;
Todos por quem Jason me jurou, Numes,
E, os que mais cumpre, que Medeia implore,
Caos de eterna sombra, e Vós, oh Reinos
Da celeste aversão, Vos ímpios Manes,
Oh Rei do sólio lúgubre, oh Rainha
Roubada com mais fé, com mais lisura
Com voz infausta vos invoco; vinde.
Soltas as serpes da madeixa impura,
E as mãos cruentas na afamada teia,
Vinde, oh Deusas, verdugos dos flagícios:
Horrendas vinde, quais o nupcial leito
Outrora me ladeaste: horrenda morte
Trazei à Noiva, ao Sogro, à Régia stirpe.
Dai-me um mor mal, com que pragueje o Esposo.
Viva assustado, odioso, foragido;
Corra erradio, e pobre estranhos lares;
Esposa me apeteça; e porta alheia
Demande conhecido; os filhos sejam
(Porque mor mal não possa desejar-lhe)
Retratos de seu Pai, da Mãe retratos.
Dei-os à luz, vinguei-me – Estou vingada.
Em vão semeio vozes, e queixumes...
E eu que poupo o inimigo – Os nupciais fachos
Vou-lhe arrancar das mãos – e a luz ao Dia.
Tanto esperas de mim, Meu Régio Tronco,
Oh Sol, que o vês – que deixas ver-te – e manso,
No carro, os campos medes retrilhados,
E o azul convexo! Aos berços não recuas
Da Luz infante, e o dia não recolhes?
Dá-me as rédeas, oh Pai, dá que em teu coche,

Desatando a carreira pelos ares,
 Dome os brutos de bocas flamejantes.
 Abrase-se Corinto, e a praia dobre,
 Os dous mares, mesclando as ondas, sorvam.
 Mas só me falta o prónubo Pinheiro;
 Levar-lho eu mesma ao tálamo; e acabados
 Os rogos, e oblações, ferir-lhe as Reses
 No altar votado – Rasga, se és Medeia,
 Pelas entranhas, porta ao grão castigo.
 Se inda do antigo ousar traços conservas,
 Despe o fêmeo pavor, verte os esp'ritos
 De empedernido Cáucaso inumano.
 Sim: que este Istmo verá quanto atentado
 Já o Ponto, e o Fásis viu. De tropel na alma;
 Surgem-me hórridas, brutas feridades,
 À terra, aos Céus estranhas; e tremendas.
 Feridas, mortes, e a funérea Cloto
 Vagando pelas veias... Leves feitos,
 Ensaio juvenis, quando eu Donzela.
 Mas hoje, que sou Mãe, dor mais pesada
 Forjo no meu saber, mores cruzezas.
 Apresta-te, Ira minha, o furor todo
 Disfere em perdição – Fique em memória
 Que emparelhou co'a voda o meu repúdio.
 Mas, qual deixas, Medeia, o teu Esposo?...
 – Como quando o segui.–Rompe as tardanças.
 A Fé, que o Crime atou, o Crime a rompa.

CORO

*De mulheres Coríntias, que cantam o Epitalâmio
das vodas de Jason, e de Creusa*

Aos tálamos dos Reis, prósperos Numes,
 Os Deuses, que o Céu pisam, que o mar regem,
 Assistam; e os devidos, faustos votos,
 Povos, exponde.
 O dorsi-branco touro, o colo erguendo,
 Se prostre ante os ceptri-geros Celestes:
 Novilha de alvo pêlo, ao jugo pronta
 Dobre a Lucina.
 Rês mais tenra a quem ata às mãos sanguíneas
 Do torvo Marte, e amiga infestas gentes:
 No trasbordado corno ampla abundância
 Próvida guarda.
 Vem co'as teias leais, e a Noite espanca
 Co'a dextra auspiciosa, aqui, (cingida
 C'o róseo laço a frente) os passos ébrios
 Márcido guia.
 Astro, que o dúbio dia abres, e cerras;
 (Tardo aos amantes) ávidas suspiram
 Mães, e Esposas que os teus, quanto antes, soltes
 Lúcidos raios.

Sobejo a Virgem vence em formosura
 Áticas Noivas; nos Taigeteus serros;
 Quantas nas artes mancebis exerce
 Sparta sem muros;
 Quantas no sacro Alfeu, na linfa Aónia
 Se banham. – Ceda ao General Esónio
 (Se ao garbo dais a palma) a Prole salva
 Do ímprobo raio,
 Que os tigres junte ao carro; e da asp'ra Virgem
 O louro Irmão, que as trípodas revolve.
 Ceda Pólux, e ceda o Irmão, que os Cestos
 Destro meneia.
 Moradores do Olimpo, assim vos peço.
 Realce a Esposa a todas as Consortes;
 E a todo o Esposo em garbo em gentileza
 Jason realce.
 No Coro virginal, quando Creusa
 Se presentou, gentil superou todas;
 Que assim perdem c'ó Sol a formosura
 Alvas estrelas;
 Foge das Pleias o apinhado bando,
 Quando acurvando a Lua as cheias pontas,
 Com luzeiro não seu, no trilho usado,
 O Orbe rodeia.
 Tal cora alvo marfim, quando banhado
 Na Tíria concha; ou tal da nova Aurora
 Orvalhado o Pastor, de Apolo encara
 Lúcido o brilho.
 À Aónia Virge' (é grato agora aos Sogros)
 Dá a mão, Noivo feliz, que arrebatamos;
 A quem tímido, oh ímproba Medeia,
 No hórrido leito,
 Com mão forçada, contra ti, cingias.
 Folgai, Moços, c'os lícitos dictérios;
 Lançai às Núpcias versos alternados,
 Moços, e Moças.
 Dão raras largas contra si os Amos.
 Briosa Prole de Lieu tirsígero,
 Tempo era já de lançar fogo ao pinho
 Basti-rachado.
 C'os ébrios dedos a solene chama
 Lhe sacudi: palreiro Fescenino
 Convícios festivos derrame; e a turba
 Solte os seus ditos.
 Em muda escuridade busque o leito,
 Aquela, que c'ó Esposo forasteiro,
 Anelou desposar-se, indo fugida
 De iras paternas.

EPITÁFIO

QUE UM MARIDO GRAVOU NA SEPULTURA
DA SUA CONSORTE

MINHA esposa aqui jaz. Que bem, que jaz!
Por sua, e minha paz.

ODE

..... Mea
Virtute me involvo, probamque
Pauperiem sine dote quæro.

HORAT. *Lib. 5. Od. 29.*

NÃO quis a minha Musa desvairada
Té-qui ditar-me sonorosos versos:
Temeu talvez de aparecer diante
Da tua douda Clio.
Por mais que forcejou a Saudade,
Com súplicas, com prantos, de abrandá-la,
Dura negou; e inda hoje mal me outorga
De estro um relance avaro.
Ela é fêmea, Billing; é como a Deusa,
Que Antio governa; e Deusas têm caprichos.
Assim como sofri desta os reveses,
Sofro os desdêns dess'outra.
Quanto val calejada Paciência,
Contra um Mundo embebido em ignorâncias!
Égide adamantina, em que despontam
As flechas do infortúnio.
Eu, da Calúnia, e Inveja alvo patente
No seu bojo aparei ódio de frades,
Angústias, perdas, ameaçados fogos,
E a Maternal Megera.
Quando o Gama, no Cabo tormentoso,
Ouviu as vagas com fragor horrísono,
Espedaçar-se nas agudas rochas,
Em borbotões de espuma;
E o imenso Adamastor, de carregado
Vulto, pronosticando desventuras
A ousados lenhos Lusos, que cortassem
Seus mares insofridos;
Assim falou aos nautas descorçoados:
«Ditoso Rei nos abre o Templo da Honra,
Se atropelamos medos, e perigos,
com esforçado rosto,
Para a meta transpor de intacta glória.
Não vos espante o Mar, erguido em serras,
Nem os Ventos, em crua briga, soltos,
Nem Trovões bramidores:
O mor rigor do Fado é já vencido.
Nada temais comigo. O Sofrimento
Põe no cimo da Roda as almas fortes,
Derriba as apoucadas.»

TRADUÇÃO DUMA PROSA POÉTICA

AFORTUNADA é a gente, no Universo,
Que em regozijo os dias seus desfruta.
Afortunado o Rei, que a mesa cerca
Com Príncipes, Princesas soberanas
De Estados Comarcãos; e recendendo
Aromas as Cativas, florescentes
De juventude, as taças lhe enchem rasas;
Quando Cantores primos associam
C'o Sol da Lira as vozes. Tais no Olimpo,
Em frequentes banquetes, aos Celícolas
Hebe moça, e formosa, lhes derrama
A ambrósia, o néctar; pela Olímpia abóbada
De Apolo, e Musas cânticos ressoam:
Brilha em todos os olhos, a Alegria.

Junta às vezes, em roda do seu trono,
Jove esses Imortais, co'eles consulta
As cousas cá da terra; como alterca
C'os Grandes do seu Reino, um Soberano
O público interesse. Pareceres
Vários os Divos dão: e enquanto entre eles
Contendem cada qual com calor sumo
Em sustentar o alvitre, o Deus supremo
Decreta, e em todos prende alto silêncio.

Revestidos de seu Poder os Numes
Imprimem no Universo o movimento;
E aos fenómenos raros, que nos pasmam,
Eles a causa dão, eles a força.

Cada manhã a sempre moça Aurora
Com róseas mãos, do Oriente as portas abre,
Esparge pelos ares a frescura
Pela estrada do Sol rubis semeia,
E matiza de flores veigas, prados;
Das Aves à alvorada a Terra acorda,
E se enfeita, para acolher o Nume,
Que lhe dá cada dia nova vida.
Assoma o Sol, alardeando em torno
Quanto lustre, e ufania é competente
Ao Monarca do Etéreo: as leves Horas
Lhe vêm guiando o Coche despedido.
E ei-lo já, que se entranha pelo imenso
Espaço, que ele de chamas, de luzeiros
Assoberba. Porém quando ele aponta
Ao Palácio de Tétis, logo a Noite
Que as pisadas lhe segue eternamente,

Estende o manto escuro; e vai sem conto
Engastando no pavilhão celeste
Diamantinos fogos. Vem rodando
Outra carroça então, com luz mais branda,
Que os corações consola, e que os inclina
A meditar sensíveis. Uma Deusa
Por condutora tem, que muda, e queda
Vem de Endimião colher amantes cultos.
Brilhante esse arco, em lindas cores tinto,
Que dum pólo se encurva ao outro pólo,
São passos luminosos, que estampara
Íris, trazendo à terra ordens de Juno.
São Zéfiros, Tifões, Génios que sopram
Ora úteis virações, ora tormentas;
Auras brandas, que brincam pela Sfera:
Austro, Euros, que lutam, que batalham,
Para alv'rotar o mar em cachões roto.
 Nas fraldas dessa encosta há uma gruta
Da fresquidão, e do remanso asilo;
Lá duma inexaurível urna emborca
A benéfica Ninfa arroio fértil,
Que os prados rasga; dessa gruta a Ninfa
Ouve os votos da nítida Donzela,
Que contempla, na cristalina veia,
Os atractivos seus. No opaco bosque,
Que é morada das Drias, dos Silvanos,
Não se embebe em silêncio, nem soidade
Vossa alma, sim em susto arcano. Efeito
Da divina (presente) majestade.

ODE

AO SENHOR *** FILOLUSO

Centum potiore signis
Munere donat.

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

TU queres comprender quanto na Lusa
Linguagem mal ignota
Altivo disferiu Camões divino?
E a lastimosa Castro,
E o Adamastor membrudo, ameaçando
Os baixéis Portugueses,
Que ousados suas ondas devassavam,
Vê, que prémio desd'ora
No bicípete Pindo se te apresta.
O sonoro Vate,
Ao teu empenho grato, cheio o peito
De avultada alegria,
Convida as nove Musas, a que teçam
Um hino relevado
Em que louvem teu génio resoluto
A sujeitar-se à lida
De aprender desta Filha, a mais genuína
Da Romana facúndia.
As frases, e o recôndito segredo
Um florão encravando
Na c'roa doutras línguas, que já cinges.
Clio, que mais que as outras
Irmãs, ama a Camões, se apressa, em júbilo,
A cantar teu desejo;
E a te influir na mente claridade,
Que raie em teu estudo.
Esse dom vale mais, que státuas cento
Erguidas pelas praças.

SONETO

OS altares de Gnido são vedados

A ingratas Damas, a Galãs perjuros,
E em calabouços míseros, e escuros
Se aferrolham os pérfidos culpados.

Só dos braços do Deus são apertados

Os que, contra desdéns, ciúmes duros,
Conservaram no peito afectos puros,
De aleive, e de esquivança não manchados.

Mal piso o umbral do Templo respeitoso,

Me ri Amor, ao prémio me convida;
E diz-me, abrindo o arquivo precioso:

«Esta Márcia, de ti tão mal perdida,

(Por virtude de encanto meu forçoso,)

Te pague, em mimos, mágoa tão sentida.»

ODE

AO SENHOR

ANTÓNIO MATHEVON DE CURNIEU

..... Quid æternis minorem
Consiliis animum fatigas?

HORAT. *Lib. 2, Od. 11.*

SACODE, Mathevon, da alma afligida
Pesadas nuvens do Futuro ignoto:
Nem te agoures desastres,
Talvez nunca vindouros.
Quando, da fatal Urna, Acasos tira
Com cega mão, o Fado inexorável,
Lhe caem dentre os dedos,
No Vaso, os que antevimos.
Sem fruto imaginamos, resolvemos,
Velamos, sentinelas dos sucessos:
Vem sempre ao mais previsto
Improvisa a Desgraça.
Emenda as Sem-razões da ímproba Sorte,
Do Mal, do Bem distribuidora iníqua;
Suaviza, c'o acerto,
O que é nulo atalhar-se.
Ante as roxas fileiras espumantes
Do risonho Lieu, nos tersos copos,
Não ousam as Tristezas
Apresentar batalha.
Mal desce a nossos peitos doce fogo
Do Moço imberbe, que se enfacha em parras,
Perde as rugas a fronte,
As Mágoas desalojam.
Pois, se em meio colocas dos manjares,
O encostelado Lombo respeitoso,
Que se nos dá que o Turco
Tenha guerras, ou pazes?
Cuida n'hoje: que os Deuses são ditosos,
Sem saber do Vindouro as fatais vezes,
Se as Jove não declara
Por soberano arbítrio.
Repara como Jónia, os ledos anos
Desfruta à sombra do celeste louro,
Ora doce cantando

Ao som da branda lira;
Ora brilhando em círculo discreto
C'o dito agudo, co'a tenaz memória
Alegra, anima, instrui,
Sem revolver futuros.

ODE

4 de Julho, de 1799

..... Et quidquid unquam concipitur nefas
Tractavit.

HORAT. *Lib. 2. Od. 13.*

E consente inda o Povo Lusitano
O tribunal infame,
Tirano da Inocência, algoz dos Sábios!
Inda os raios de Jove
Com medonho estampido não rebentam
Na caverna tetérrima,
Onde esses tratos crus, onde mais cruas
Se dão inda as sentenças!
Desce, oh Filha do Céu, tu branda, e amável
Santa Filosofia,
Oh! do alto azul alcáçar, veloz desce,
Armada do ouro puro
Das virtudes sociais, e do luzente
Broquel – antes espelho,
Que transmuda, que impetra ânimos torpes,
E carnílices vultos,
Melhor do que Perseu a voraz Orca
Impedrou, dando amparo
A Andrómeda inocente, agrilhoadada
Entre broncos penhascos;
Porque expõe sacrílegos agouros,
Sacerdotais embustes!
Sacerdotais embustes, bafejados
Da Real ignorância
Me lançavam nas lóbregas masmorras
Da Inquisição nefanda,
Para vítima ser de ímpia Calúnia?
Garrotado num poste;
Alimento de activas labaredas,
Regozijo de Bonzos...
Mas tu Santa Amizade, então me abriste
Os compassivos braços;
Sopraste-me no peito afouto alento:
E o Monstro, que surgia
Co'a cabeça entonada, guelra acesa
A goela aparelhando...
Co'a boca escancarada, parou quedo,
Estupefacto, e mudo,
Vendo voar co'as brancas, pandas asas,

O estranho, pio lenho,
Que aos dentes lhe roubava o bom Filinto.
Eis, destorcendo a cauda,
Vai-se arrastando lento, e do Rocio
Na caverna se enrosca,
Té que em Lísia abra o dia, que já sobre
As Pireneias cimas
As luzes solta; e onde os Piróis flamígeros
Assomados escumam
Transpor da Espanha o tracto, e desse Lobo
Que honras, e vidas mói,
Vir-lhe ao covil calcar, com pés de bronze,
A catadura hedionda.

SONETO

JÁ vem a Primavera, desfraldando
Pelos ares as roupas perfumadas,
E os rios vão, nas águas jaspeadas,
Os frondíferos troncos retratando;

Vão-se as neves dos montes debruçando
Em tortuosas serpes argentadas;
Pelas veigas, o Gado, alcatifadas,
A esmeraldina felpa vai tosando.

Riem-se os Céus, revestem-se as campinas;
E a Natureza as melindrosas cores
Esmera na pintura das boninas.

Ah! se assim como brotam novas flores,
Se remoça todo o Orbe... das ruínas
Dos Zelos renascem meus Amores!

SONETO

AOS MANES DE J. J. ROUSSEAU

TU, pavor da tirana iniquidade,
Da Natureza as Leis nos descifraste;
E os seus agravos vindicar ousaste,
Rompendo os sete selos da Igualdade;

Tu, bom Rousseau, co' tocha da Verdade
(Aborrida dos Reis!) alumniaste
Os povos, e a ser Reis os ensinaste,
Sinalando os Forais da Liberdade.

Se é dado ouvir-me a voz, nesse jazigo,
Acolhe grato o obséquio reverente
Dum Vate (inda que humilde) virtuoso:

Virtuoso, não por medo de castigo,
Mas por tuas lições. Quanto eu ditoso
Fora, a ter, como o teu, estro eloquente!

ODE

A DELMIRA

Amor in altra parte non mi sprona;
Nè i piè sano altra via: ne le man come
Lodar si possa in carte altra persona.

PETRARCA. 77. 1.

ENTRE os braços tranquilos de Morfeu
Passava as horas da calada Noite:
Eis, se abre ante meus olhos novo dia,
Argentado de nuvens.
Nunca tão alvo dia, no áureo coche,
Tirou Apolo, do imortal arquivo
Do anoso Tempo, na sazão brilhante
Da flórea Primavera.
Vejo descer as duas Divindades,
Que mais aformoseiam o alto Olimpo;
CUPIDO, e VÉNUS, para mim sorrindo,
C'os olhos se falavam.
«Benigna mãe (dizia Amor a Vénus)
Tempo é que tantos cultos galardões:
A tão fino amador já nenhum prémio
Lhe poderá ser grande.
Tu tens em Chipre, em Pafos e Amatunta
Tanta Helena formosa, tanta Laura,
Com que felicitar podes Filinto:
Que te deténs? Partamos.»
E nisto ambas as mãos ambos me tomam;
E, qual retalha o ar ligeira flecha,
Entre si, entre as Graças, e os Amores,
Em Chipre me descendem.
Ali, dos bosques de amorosa murta,
Saem correndo alvíssimas donzelas,
Dentre os raros cendais aos olhos dando
Cobiçosa iguaria.
Outras em Danças, pelas mãos travadas,
Com leve, airoso pé tocando a terra,
Dão, na alma atenta, compassado assalto
De lembrada ferida.
Estas movem na Lira as áureas cordas;
Estas se enfeitam de gentis boninas,
Ao movediço espelho cristalino
Do límpido regato.

Quais, pelo bosque despedidas, seguem
O galhudo veado temeroso;
Quais, depostas as roupas avarentas,
Nadando se debatem.
«Tens patente, Filinto, o meu tesouro.
Nada te encubro, nada te é defeso:
Prendas, Beleza, sôfregas Meiguices
A tua escolha aguardam.
Mas não escolhes? Pensativo, e mudo,
Entre ti recolhidos os sentidos...
Achas escasso o prémio? Não to vedo;
Escolhe uma das Graças.
Nem mais podes pedir, nem mais eu dar-te.
Que ao meu leal Petrarca, a Anacreonte
Nunca os predeei, c'ó mais seguro enfeite
Da minha formosura.
Sou-te grato, Ericina (lhe respondo)
Delmira me é fiel, Delmira é meiga:
Nela tenho, de todo o teu tesouro,
A jóia de mais preço.»

MADRIGAL

AMOR, onde hás teu ninho,
No rosto de Delmira, ou no meu peito?
Soberano, e daninho
Nos seus olhos, o mundo tens sujeito.
No coração te sinto
Pelos estragos, pela viva flama,
Por desejo faminto,
Que as entranhas devora a quem bem ama.
Mas tu, Rei poderoso,
Que te ufanas de obrar tantos portentos,
Um feito generoso
Só te peço, e serás, em meus acentos,
Nume sobre os mais Numes;
Se mudando pousada,
Comigo, e com Delmira despegada,
Vens ao meu rosto, e o peito lhe consumes.

ODE

Paris, 23 de Dezembro de 1797, dia dos meus anos

Cervi luporum præda rapacium
Sectamur ultro, quos opimus!
Fallere et efugere est triumphus.

HORAT. *Lib. 4, Od. 4.*

QUE desastres que eu vi! que desacertos
Nos treze lustros da cansada vida!
Os homens menos tino têm, que os brutos,
 No que é de são proveito.
Debalde a Experiência de mil anos
Em bronze lhes escreve, em mármore duro,
Os erros dos Maiores: eles loucos
 Volvem do bronze os olhos.
Tintos de sangue fresco se avermelham
Alcantis da precípita Riqueza;
Os que cega a Ambição, vergam sem medo
 Na quina do despenho.
Inda de África um Juba, inda de Grécia
Um Perseu os grilhões nas mãos sopesam,
(Desonra de Sob'ranos!) inda raivam
 Das vaias do triunfo.
Inda ontem tantos Reis ajoelhados
Pedindo paz a insólitos Burgueses
Não são lições que calem no juízo
 De impróvidos Monarcas.
Que Pirro, nem que Antíoco poderam
Destroçar a República de Bruto?

EHEU! quam lacrymabiles
 Intra lustra decem vidimus aleas!
 Vecors Japeti genus
 Fatali rapitur stultitiæ rota:
 Campestris melius feræ
 Callent utile discernere noxio:
 Nequicquam innumerabilis
 Annorum series fixit aheneas
 Duris marmoribus notas;
 Majorum pereunt damna nepotibus,
 Pravi quatenus æneis
 Avertunt oculos indociles notis.
 Cruda cæde rubentibus
 Captant divitias præcipites viis;
 Audent bela per et neces
 Gemmis conspicuum tollere verticem.
 Atqui sat memorabile
 Exemplum, manicis Perseas et Juba
 Turpes, ludibrium insolens
 Victori populo, non sine morsibus.
 Et nuper male provida
 Submisere novis cola Quiritibus
 Reges, quando, humili prece
 Pacem invita rogans, palida cernuo
 Um com todo o saber da arte guerreira,
 Outro co'as forças da Ásia?
 E sois mais sábios vós, mais poderosos?
 Vós, Reis de pouca terra, e de pouca arte?
 Que ouseis lutar (vencidos tantas vezes!)
 C'os Repúblicos Francos?
 Nem sois vós quem lutais: luta arquejando
 Contra a Razão robusta o vão Orgulho;
 Lutam fogueiras, cárceres, verdugos
 Contra forros escravos.
 Quando França estender dous longos braços,
 Um que abarque Viena, outro Bengala,
 Onde ireis vós fugir? Que Pitts astutos
 Vos salvarão os tronos?
 Majestas diademate
 Plebeios tetigit suppliciter pedes.
 Quo vos cæcus agit furor
 Lynfatosque rapit! si neque rusticam
 Pyrrhus viribus integris
 Bruti progeniem strenuus et sciens
 Pugnæ comminuit; neque
 Ingens Antiochus totam Asiam trahens.
 Quid vos militiæ rudes
 Jam fractis opibus, tenditis altero
 Gallos Marte lacessere

Conjurata mori aut vincere pectora?
Retrovertere liberas
Gentes nempe jubet regia turgido
Fastu nixa superbia, et
Miscere imperii cuncta libidine:
At Fas juraque rumpite;
Pugnate exsiliis Carceribus, rogis;
Perstabit Ratio tamen,
Perstabit vegeto robore Gallia:
Quæ si in Danubium simul
Et Gangem validas injiciat manus,
Quis vos, quis Deus aut fuga
Armis expediet Sceptra sequacibus?

Latine vertit A. M. DE CURNIEU.

~~~~~

*O si sera tamen quoque  
Libertas placido lumine viderit,  
Abstergens veterem situm,  
Qui Bætim, patrium quique Tagum bibunt!  
Si lux aurea ferream  
Noctem discutiat! quàm gelido libens  
Vates liber ab exule  
Fiam marmoreæ Civis Ulysseæ!*

EPITÁFIO  
DE CERTO P.

**A**QUI jaz um prelado  
De emprestada memória,  
Que sempre recebeu, nunca pagou.  
Meu Deus, se ele pilhou  
Lugar na vossa glória  
Certamente pilhou-vo-lo fiado.

## DESTEMPERO

HÁ três dias, que acordo estremunhado  
Ao som duma monótona sanfona,  
Que canta – *Zingamocho anda no prado,*  
*Regamboleando a fofa –, ai tona, ai tona.*

## ODE

..... Quod adest avaro  
Usu occupemus. Postera quodlibet  
Fortuna volvat: juverit invidas  
Parcas fefelisse, et severis  
Particulam hanc rapuisse Fatis.

Saisissons un moment certain;  
C'est autant de pris sur les Parques.

HOUDART DE LA MOTHE

**I**NVEJOSOS os Deuses não quiseram  
Dar-nos de anos mortais cumprido fio:  
Porque, com mão prevista,  
A longa Experiência  
Nos não mostrasse a estrada da Ventura.  
No aceso ardor da impróvida carreira,  
Que moços, e garridos despejámos,  
Não demos os ouvidos  
Aos avisados termos,  
Que, da firme cadeia, nos inculca.  
«Buscai (diz sempre) os sólidos prazeres  
Nos braços do Dever, e da Saúde:  
Quebrai a taça de ouro  
Do empeçonhado Vício.  
O Mal, que evitas, val dobrado gosto:  
Que os Numes, se pousaram no alto Olimpo;  
Se de muros, e rochas o cercaram;  
Se apinharam em torno,  
Argos, e sentinelas,  
Foi por fechar entrada à Pena amarga.  
Podíeis ser felizes, quando as neves  
Vêm de cabeça povoar o tope:  
Mas as quebradas posses,  
E o peito, que Infortúnios  
Azedaram, sabor no Bem não tomam.»  
Pereira, ainda é tempo. Recolhamos  
As velas da Ambição mal disferidas:  
Daqui, dali lancemos  
A mão bem conselhada;  
Salvemos do naufrágio o Bem, que afunda.  
O derradeiro copo, que Natura  
Grandiosa, e compassiva nos of'rece  
Esgotemos avaros.  
Da Dita é gran segredo  
Dar costas à lembrança do passado.

Só merece de Sábio o nome, e a Dita,  
Quem fecha os livros de disputas oucas,  
Em que desponta o Ingenho.  
Nem há saber, que iguale  
O instante, que doiramos de Alegria  
De tres-dobrado bronze estende em roda  
Do coração, um muro, em que despontem  
As aguçadas setas,  
As retrincadas unhas  
Do esquadrinhado, velador Engano  
Que nos não desse Deus mais, que um só lume  
De embotado, e malvisto entendimento,  
Contra as tão derramadas,  
Imperceptíveis redes,  
Em que a singela Candidez se prende!  
Que nos não desse Deus um vivo facho  
De rutilante Luz, penetradora,  
Com que do falso amigo  
A máscara apareça,  
E aparecida a abrase o santo lume!  
Tu, que cem olhos tinhas disvelados  
Contra os assaltos seus cobertos, surdos,  
A teu mau grado viste  
Aberta larga brecha  
Na moeda, e no alcáçar da Amizade  
Desgraçada Lição, mas proveitosa,  
Contra novos vaivéns da arteira Astúcia;  
Tu, com cinzel tardio  
Tens de agravar no Templo  
Do velho Desengano, escarmentado.  
O corte escasso, que da teia Jove  
Talhou, convém bordar-mo-lo de flores  
Só vives longo tempo,  
Quando à Tristeza encolhes  
As asas, que ao Prazer, prudente, largas.  
O Fado, que se encobre, e se desvia  
Da vista perspicaz, cuida ansiar-nos  
C'o arcano do Futuro.  
Incauto! que não soube,  
Que, do ante-gosto, nos privou, da Pena.  
Assim o Nobre, nos defesos quartos,  
Evita agudos olhos do Entendido,  
Que na alma investigar-lhe  
Pode o impotente Orgulho,  
E a Parvoíce vã, coberta de ouro.  
Se o Valido, que bebe, a longos tragos,  
Da Fortuna o favor, visse o alfange,  
O desvalido cepo,  
Nas folhas do Destino;  
Fel lhe fora o favor fel a bebida  
E se entre adorações, visse no espelho,  
As cavadas costuras da doença,  
Que lhe ameaça o rosto,

Aborridos, e negros  
Passara a Dama os juvenis instantes.  
Só são nossos os dias, que ladinos  
Sabemos apanhar das mãos das Parcas.  
    Dá co'as portas no rosto  
    À Mágoa, ao bando escuro  
De algozes da alma, que trás si arrastra.  
Se ao Deus alegre da Outonal vindima,  
E à criadora Mãe da Natureza  
    Dás sóbrio o incenso justo,  
    O Letes perguiçoso  
Volverá teu Pesar na tarda veia.  
E, c'o leque arraiado, e divertido,  
A folgazã Loucura, dando vento,  
    À reverenda calva,  
    Te arredará do rosto  
As temporãs, avelhentadas rugas.

## ENIGMA

**T**ODOS fogem de mim, mas quão vãmente!  
Que dou, a quem colhi, pena sem cabo.  
Quem me perde blasfema, como um Diabo;  
De quem me ganha fujo incontinente.

## EPIGRAMA

«**P**ERMITA Deus (dizia moribunda  
A Tisífone Elvira a seu marido)  
Que se eu morro, e tu casas, atrevido!...  
C'uma Megera acertes furibunda,  
    Ciosa, e destampada...»  
    «Meu Bem, vai descansada:  
    Que o Cura, ao casamento  
Com tua Irmã, porá impedimento.»

## ÉGLOGA

**B**AIXAVA o claro dia; uma Pastora,  
Que dos olhos (por fim) da Mãe se esquiva,  
A um bosque espesso, do casal distante,  
O tardo andar do amplo rebanho apressa:  
Que muito, e seu mau grado a des-socega  
Ser já passado o prazo, dado a Tirso.  
Chega: mas, Céus! quais foram seus disvelos,  
Não o avistando, em toda aquela sombra?  
Em vão inquieta ansiada o chama a vozes;  
Que Eco só lhe responde Tirso, Tirso.  
Ira lhe acendem túrbidas suspeitas;  
E a mente encosta à mais cruel de todas.  
«Tirso perdeu-me o amor. Não pôde o falso  
Ser leal juntamente, e ser ditoso.  
Perde co'ele o valor Pastora amante.  
Se eu não o amara, inda ele me amaria.  
Antes de o conhecer, quanto me hão dito?  
*Amante bem querido esfria e vai-se;  
nem mais, que os seus desejos, o Amor dura.  
Esperança o mantém, Deleite o mata.*  
Assim, bem que aceitava na alma o culto,  
Que me rendia, envolto em mil finezas,  
Quatro vezes dourou o Sol os trigos,  
Sem que eu mostrasse ouvir suas endeixas.  
Quanto enfrear o Amor, que na alma ardia,  
Me custou, quando a fé lhe experimentava!  
Com que forças comprei, com que martírios,  
A quimera de amar com segurança!  
Cruel ao meu Pastor, a mim mais crua,  
De rigor, de desdém fazia alarde:  
Mas um dia fatal ao meu segredo  
Tirso me diz mui terno o amor, que sente.  
*Té quando (inda hoje o lembro!) me dizia,  
Serás de rocha ao fogo, em que me abraso?  
Temes, tão linda, aos pés rendido de outra,  
Ver-me of'recer-lhe os meus suspiros ternos?  
Se eu vivo, oh Céus! e sem te amar, Pastora,  
Quebre-se a flauta, o canto meu enfade,  
E os pássaros que ensino, às mãos me morram.  
Nem me dê flor o prado, o pomar fruto.  
Meus nédios touros, mansas ovelhinhas  
C'o suco de más ervas se envenenem:  
E eu mesmo as desampare ao roaz Lobo,  
Eu, alvo em que vossa ira empregueis toda,  
Aos Céus... antes a ti o juro, oh Filis;  
(Que amor te fez meu Nume, único Nume.)  
Nunca este amor se extinguirá. Confia,  
Que te amo, que o jurei; e que és formosa.*

O enleio, o amante olhar, silêncio inquieto  
Tudo então mo abonava de constante.  
A tão forçosos golpes quem resiste?  
Traidor enleio! Presos os sentidos,  
Alheada, e inquieta... e quasi sem querê-lo  
Me dou vencida ao fementido amante.  
*Amo-te (disse) e sou feliz, se pode*  
*Minha alma achar, na tua, igual fineza:*  
*Prometo sempre amar-te, oh caro Tirso.*  
*Desta fé penhor seja este cordeiro:*  
*Cresça, como ele cresce, a nossa chama;*  
*E amemo-nos (se é dado) inda mais que hoje.*

Quem dirá o que então nos nós dissemos?  
Quem mais amor? maiores juramentos?  
Quanto há de mais firmeza, e de mais mimos,  
Nesse instante feliz, da alma o dissemos.  
Caro instante! meiguices mais que curtas!  
Ou durai mais, ou não penetreis tanto.

Mal que aos desejos seus o ânimo entrego,  
Turba a Noite o singelo passatempo:  
Cumpre arrancar-nos de tão doces raptos.  
Ergo-me, e de água os olhos se nos rasam;  
E as mãos cerrando, ao prazo de partir-nos,  
Nada mais que – *amanhã* – dizer pudemos.  
Desde esse airoso dia, sempre a ponto  
Vem tomar, antes que eu, este retiro:  
Mas hoje o ingrato, em vão por ele espero,  
Frio no seu disvelo, a mim não corre;  
Ah que o pérfido, aos pés de outra Pastora,  
Lhe faz, cruel, da minha dor fineza;  
E por mais a adular, de mim zombando,  
Perjuro ri da minha crença ufana.  
No amante desleal vinga a inocência,  
Céu, que do meu pudor a entrega olhaste.»

Ela acabava: quando, eis Tirso assoma;  
E à vista do Pastor fogem as iras;  
E meiga, ansiosa, ingénua diz somente:  
«E sou eu, Tirso, quem convém que espere!»  
«Pastora, não te enfades (tornou Tirso)  
Nesta relva te aguardo além duma hora:  
Eis que chegavas...quando... Oh mal sobejo!  
Súbito um Lobo aos olhos meus se ofrece.  
Que susto para mim! oh Céus!... que arrastra  
O teu penhor, o amado cordeirinho.  
Que infausto agouro ao meu amor, oh Deuses!  
*Verás como desprezo a tua sanha.*  
*E sem rafeiro, e inerme. Amor me esforça!...*  
*E deste esgalho o sentirás nos golpes .*  
Nem até ao covil o ruim me escapa;  
Que a golpes meus perdeu a preza, e a vida.  
Na morte lhe vinguei tardados gostos.  
Que menor pena, a quem nos separara?»  
Disse: e a Pastora os medos seus reconta.

Tirso fiel replica com queixumes;  
Que, dócil às lições, Fílis aplaca,  
E com favores mil lava as suspeitas.

## DESENGANO PARA OS POETAS

QUANDO a veia lhe inflama  
Profético furor, altissonante,  
E aos borbotões derrama  
Maravilhas da boca redundante,  
Mal divinha o Coitado,  
Que um Crítico fleumático, se embica  
No termo aventurado,  
Na frase de través, que o mortifica,  
O nariz encrespando desdenhoso  
Mofa do charro estilo,  
Taxa de trivial, desengenhoso,  
O lidado desenho;  
Dá aos ombros, faz beijo, desaprova:  
«Esta palavra é velha, estotra é nova  
Eu riscara aqui isto, ali aquilo.  
Para tamanho empenho  
O autor tem poucas forças: eu quisera...»  
Bem néscio é nesta era  
Quem apura a saúde, o tempo, a vida  
Na Arte a mais ignorada, e mais mordida.

# ODE

## A DELMIRA

*No dia 20 de Julho de 1786*

Si tu veux que je boive, ami,  
Buvons à celle que j'adore;  
Je n'y saurais boire à demi,  
Verse-moi tout plein, verse encore;  
Ni l'Amour ni Bacchus n'en seront point jaloux,  
S'ils avaient vu celle que j'aime,  
L'Amour y boirait comme nous,  
Et Bacchus l'aimerait de même.

*Tendr. Bacch. Tom. I.*

QUEM sabe, se amanhã as negras Parcas,  
Com imaturo golpe,  
Não cortarão da nossa vida o fio,  
Para não mais atá-lo?  
Vai-me buscar, oh Moço, vinho anoso,  
De generoso cheiro.  
Deita por esses copos; deita a raso...  
Para quem poupas, sóbrio?  
Crês que honrarão os ávidos herdeiros  
Meus manes c'um ofício  
De lições nove, e nove responsórios  
De empinadas saúdes?  
Apenas mortos, desce, e vai connosco  
Nossa amiga memória:  
Os bens, que cá deixamos, não despertam  
Descuidos avarentos.  
Ensopemos, Amigos, as entranhas  
Em ondas de Alegria;  
Deixemos o Ambicioso definhar-se  
Após o cargo, as rendas,  
Que com escassa mão arredas dele,  
Tu, Fortuna acintosa.  
Bebamos a Cupido, a Ericina,  
Que com favónios sopros  
Da vida os gomos, na alma, nos alentam.  
Bebamos ao bom Baco,  
Que nos alimpa, e lava o leito imundo  
De pegajosas mágoas.  
Nem, por mal comedidos, nos esqueçam  
Nossas Damas formosas.  
Bebamos té que as almas se avermelhem;  
Té que os Deuses invejem

Da nossa sem-razão a graça alegre;  
Té que dos Céus baixando  
Venham trincar connosco os roxos copos.  
Alvíssaras, Amigos!...  
Ei-los, que descem. Como vêm risonhos!  
Que fumo é este? É nuvem,  
Em que baixam a nós, encapotados?  
Saíam, saíam sem pejo.  
Eu já topei com um; já tenho em punho  
O venerando Baco.  
E Vénus... olhai bem... Ei-la de frente!  
Eu com Deuses à mesa!  
Moço, renova o vinho; presto, presto.  
Põe-me aqui sete copos;  
Que sete letras tem, não mais, Delmira:  
Sete letras é pouco,  
Para lhe festejar tão grande dia.  
Contai comigo a ponto,  
E enchei meus sete copos, sete vezes.  
Acompanhai meu brinde;  
Que eu, fiel companheiro vos prometo.  
Igual festejo às vossas.

## ENIGMA

QUANDO as lasso campinas  
Torna Dezembro a acobertar de gelo,  
Tomam-me o posto tropas montesinas,  
Eriçadas de pêlo:  
Mas, solta apenas do regaço Flora,  
Fino esmalte na felpa verdejante;  
Que, eis delas triunfante  
Dou garbo à Ninfa, com que mais namora.  
Do Zéfiro rival,  
Como ele bandoleiro,  
Se ele de flor, em flor,  
De Ninfa, em Ninfa assim corro eu ligeiro:  
E milha estrela é tal,  
Que medro na privança,  
Quanto o Sol cresce em férvido esplendor.  
Mas quem crerá de mim tanta esquivança?  
Encostado no seio de Delmira,  
Nem sinto amor, nem gosto me suaviza.

## ODE

### À MORTE DUMA SENHORA

Donne, voi che miraste sua beltade  
E l'angelica vita  
Con quel celeste portamento in terra  
Di me i doglia, e vincavi pietate.

PETRARCA

**D**AI-ME, Amores, a Lira de Petrarca,  
Que outra Laura morreu. Quem terá pejo  
De soltar a seus prantos a corrente,  
Nos transes da saudade?  
E roubaram-nos tal tesouro as sombras,  
Que para sempre aos olhos no-la esquivam!  
Onde acharemos prendas e virtudes,  
Quais leva Ela consigo?  
Choraram quantos conheceram Laura:  
Inda chora quem vê o seu Amante;  
Mas quem chorará mais que tu, Elmano,  
A Esposa mais amável?  
Se, com a Lira, que inventou Cilénio,  
Me fora dado o Caduceu potente,  
Que do Orco, à luz do Céu, revoca as almas,  
A sua revocara.  
Se eu fora Alcides, essa nova Alcestes  
T'a arrancara às Euménides, e a Dite;  
E atalhando-te a dor, te renovara  
Os Cantos da Alegria.

## SONETO

COMO quando o Sol dobra aquele outeiro,  
Pela encosta do Céu, ao mar descendo,  
Vão as sombras das árvores crescendo,  
Corre enlutado o líquido ribeiro;

Pardo manto no serro sobranceiro  
A tormentosa Noite anda tecendo,  
Que se vai pelos vales estendendo,  
Para soltar-se em hórrido chuva:

Tal esta alma se assombra, e se entristece,  
Quando a nuvem de fúnebres cuidados  
Na tua ausência, oh Márcia, avulta e cresce.

Novos dias porém, auri-rosados  
Nasceram a Filinto, que esmorece,  
Se vêm contigo os teus gentis agrados.

# ODE

## À SAUDADE

Deux beaux yeux sont l'empire  
Pour qui je soupire:  
Sans eux rien ne m'est doux;  
Donnez-moi cette joie  
Que je les revoie;  
Je suis Dieu comme vous.

MALHERBE. *Liv. 5.*

### I

**S**E Amor me desse um dia, um só momento  
De liberdade à vista,  
Em que a chama, no peito reprimida,  
Possa subir aos olhos,  
E deles, em faíscas derramada,  
Incêndio ateie nos da minha Amada...

### II

Se Amor soltasse o laço estreito, e duro  
Às minhas brandas vozes,  
Que em palavras saísse retratada  
Minha alma respeitosa,  
E que inteirar, e enternecer pudesse  
Aquela, por quem arde, e em vão padece...

### III

Oh feliz dia! oh mui feliz momento!  
Mais do que todos digno,  
Que Apolo no áureo coche te conduza,  
Entre brilhantes c'roas  
De fúlgidos, raiados resplendores,  
No regaço de floridos Amores!

### IV

Oh cândida Diana, antes desejo  
Que, no teu seio plácido,  
Tu mesma tragas o ditoso Instante,  
Que aos Argos disvelados,  
Com ramos no Leteu humedecidos,  
Toque os olhos Linceus, toque os sentidos.

## V

Já creio, que assomando radiosa  
 Ao piedoso muro,  
 A vejo debruçar, pousando a medo  
 O alvo, mórbido seio;  
 Que já me estende a mão, que a minha toca;  
 Que me infunde o prazer co'a meiga boca.

## VI

Na boca (oh Céus) me pousa um Céu inteiro.  
 Ali veloz me acode  
 A alma toda a colher tão doce alento.  
 Que voluptuoso rapto!  
 Em que juntos, trocados, confundidos  
 Se alheiam, morrem, sentem os sentidos!

## VII

Oh formosa Delmira, de quais astros  
 Tomaste a luz formosa,  
 Com que acenais os ânimos mais frios?  
 De qual Deusa o deleite,  
 Que no teu brando rosto aceso brilha,  
 Senão da Deusa, das espumas Filha?

## VIII

Ah! não os volvas sobre mim tão ternos,  
 Que o peito me derretes.  
 Um lento fogo pelas veias coa,  
 Que os membros me quebranta.  
 Ou não me olhes com vista assim mimosa,  
 Ou não sejas tão longe, e tão medrosa.

## IX

Mas que digo, insensato! A quem os rogos  
 Envio delirados!  
 Tanto, Delmira, neste espr'ito moras,  
 E tanto te contemplo;  
 Que o retrato, que na alma está gravado,  
 M'o vem pôr, ante os olhos, meu Cuidado.

## X

Oh Deusa da terníssima saudade,  
 Númen de amantes tristes,  
 Tu, que asas dás ao leve pensamento,  
 Move a alma descuidada  
 De Delmira distante. Oferecida  
 Terás no Templo teu a minha vida.

# ODE

## EPITALÂMICA

Vem co'as teias leais, e a Noite espanca  
Co'a mão auspiciosa: aqui (cingida  
C'o róseo laço a frente) os passos ébrios  
Márcido guia.

SENEC. *Medeia*.

VEM, vem meigo Himeneu, acende o facho  
Nas aras da Virtude;  
Perfuma o sacro cinto nos aromas  
Mais puros da Amizade  
Vem de mãos dadas, com o Amor mais casto,  
Honrar o nupcial tálamo,  
Que mil Génios cobriram fervorosos  
Co' as flores orvalhadas,  
Que nos jardins de Idália, e de Amatunta  
Andaram escolhendo.  
Eles mesmos a alvura engrinaldaram  
Dos Lírios c'o Amarantho,  
Purpúreo; e quando a Rosa entreteciam  
Do espinho a aliviavam.  
Venha a Alegria, c'uma taça em punho  
De almo Brómio spumante,  
Que afugente os assomos dos pesares,  
E as carrancas do enojo:  
As Musas convidai, e as Graças lindas  
Coroadas de louro,  
E da Ciprina murta amor-spirante.  
Influí nos meus lábios  
Eloquente suadela, airoso mimo  
Me bafejai no rosto.  
Sede Guardas da minha formosura;  
Dela corram cadeias,  
Em que eterno se prenda o meu Esposo  
Prisão, que ele ame, e busque.  
Zelos fugi, fugi Desconfianças.  
De teu sagrado lume  
Serei, casto Himeneu, a veladora;  
Pelo teu facho o juro.  
Vem, vem, puro Himeneu, que já consinto  
Em trocar o alvo Lírio  
De púdica Donzela, pelas rosas  
De teu austero Nume.

## ÂNSIA DE DISTINGUIR-SE

CERTO valido rico, e muito nobre  
Dizia a um Charlatão astuto e pobre:  
«Dar-te-ei quanto quiseres,  
Se um alvitre me deres,  
Com que eu me dessemelhe dessa gente,  
Que anda a pé pela ruas:  
Vê, se co'as artes tuas,  
Me achas modo fidalgo, que alimente,  
Sem comer com a boca despreziva.  
– *Com ajudas, Senhor* – Oh bravo, viva!»

## CARTA

AO SENHOR TIMÓTHEO LECUSSAN VERDIER

*Paris, 3 de Setembro de 1785*

T  
RÊS vezes tem o sol fundido as neves,  
E três vezes dourado o aceso Estio,  
Sem que em tão longo tempo a tua pena  
Raras linhas traçasse perguiçosa.  
(E pode consentir-to aquela estreita  
Amizade tão lisa, e valiosa;  
Quando tantos com letras me prendaram  
Que eu nomeava apenas por amigos!  
Quantas vezes, as cartas recebendo,  
No peito o coração se alvoroçava,  
Na fachada cuidando de entrever-lhes  
Da anelada escritura o rasgo amigo!  
E tantas me enganei, que negligente  
Quanto bizarro, e cheio de bondade,  
Mais te custa escrever, que dar dinheiro;  
Bem que tenhas a pena bem talhada,  
Que com cadeados grite a férrea burra,  
Negociante sejas, e Poeta.  
E sube (e não de ti) que adeus dizendo  
Aos convites da solta Liberdade  
Ao jugo o colo indómito ofreceste!  
Sube-o, Verdier; e tão tardio o soube,  
Que viera a desoras o presente,  
Com que quisesses a minha grata Musa  
Brindar as vodas do feliz amigo,  
E ornar de louvor justo a formosura,  
E prendas raras da virtuosa Esposa.  
Quão diferente de ti, Filinto ausente  
Traz sempre dibuxado na memória  
O seu Verdier, o seu afoito amigo!  
Em toda a parte o busca; e cuida vê-lo,  
Ou passar junto ao Sena pensativo,  
Ou pelos arredores da Sorbona  
Co'a loba mal cingida, mal traçada,  
Choquento um tanto ou quanto, ires rosnando  
Pedaços de latim pelo caminho.  
Quando do Luxembourg a lentos passos  
Magoado enfio as tácitas lamedas,  
Vou mudo e só, sem ter a quem corteje,  
A quem gostoso fale, amigo abrace,  
Quais os tinha na Elísia em tanta cópia,  
Quando o Fado galerno me soprava.

Sobe-me à mente logo o desamparo  
Que me aperta inocente em terra estranha,  
Os bens perdidos, a manchada fama,  
E o que mais val, que os bens – os meus amigos.  
«Meu caro Verdier, c'um livro aberto,  
Aqui (digo entre mim) as verdes ruas  
Pisava deste bosque; ele mo disse  
Quando eu tão mal cuidava de pisá-las.»  
Que bem lembram palavras dos amigos,  
Nas longas horas da calada ausência!  
Ali quisera ver-te a mim tornado,  
Como quando em Lisboa entre os sabores  
Da lhana companhia prazenteira,  
Debicávamos pontos delicados  
Do bem, do mal, que despartiu no mundo  
A tão gabada, escusa Sociedade.  
Quer dar-me alguém a crer, que te hás mudado,  
Que os mares, que as montanhas que entremeiam,  
Qual, da vista, me arredam de teu peito,  
Que emprego hás feito de amizades novas...  
(Como que fácil fora c'os amigos.  
Mudar nas estações, como c'os trajes)  
Mas tão esquivo estou de acreditá-los,  
Que antes crerei nas bruxas malfazejas,  
Nos trasgos, nos fadados lobisomes,  
Nas fadas e nos frades..., que um minuto  
De crédito a quem diz que te mudaste,  
E do teu bom Filinto te esqueceste.

## ODE

### À SENHORA V. B.

Un bacio solo à tante pene, Cruda?  
Un bacio a tanta fede?  
La promessa mercede  
Non si paga baciendo: il bacio è segno  
Di futuro diletto,  
E par che dica anch' egli, i' ti prometto  
Con si soave pegno.  
Intanto or godi e taci  
Che son d'amor mute promesse i baci.

*Del Cavalier Guarini.*

**E** pude!... E não morri! quando das faces  
Lhe colhi o rubor! quando c'os olhos,  
Que volveu sobre mim, nadando em gosto,  
Me entranhou na alma um Céu!  
Oh quanto sou feliz! quantas invejas  
Não espalho nos ânimos dos Grandes!  
Trasborda-me a Alegria pela boca,  
Pelos olhos felizes.  
Aqui, oh Musas, vinde; aqui as liras  
Temperadas por vossas mãos divinas:  
Aqui do peito do amoroso Orfeu  
Me desça o meigo canto.  
Vitória canto, e o lume enternecido  
Das voluptuosas fúlgidas estrelas,  
Onde Amor estampou a minha sorte  
E o segredo dos Fados.  
Longos cabelos pretos, fronte airosa,  
Porte de Juno, esp'rito de Minerva,  
Gesto das Graças, mimos de Cupido  
E ternura de Vénus...  
Que belezas, que prendas, não buscaram  
Pousada em seu sujeito! Ah, torna; ah torna,  
A bem-aventurar-me, Amor, c'o fogo  
Da sua ardente face.

## EPIGRAMA

**U**MA cabaça a tanto patau-zinho  
Atordoou vazia:

E quanto mais os não atordoaria,  
A vir cheia de vinho!

## ODE

..... Multa petentibus  
Desunt multa. Bene est cui Deus obtulit  
Parca quod satis est manu.

HORAT. *Lib. 3. Od. 16.*

**N**ÃO peço aos Céus privanças orgulhosas  
De arriscados Sejanos,  
Nem largos campos de douradas messes  
Me empolam a cobiça,  
Na mente resignada, afeita ao pouco.  
As procelosas vagas  
Do infido Promontório corte afouto  
Quem toscos avoengos,  
De calejadas mãos, vilões honrados,  
Imprudente despreza;  
E ama ilustrar com os rubis do Oriente  
A vindoura progénie.  
Que se eu posso, em áurea mediania,  
Arredar de meus Lares,  
Da Fome o macilento-agudo rosto,  
E a lívida Tristeza,  
Contente dobro a meta dos desejos.  
Ou se as benignas Musas  
Não desdenham pousar no usado sotão;  
Nem das cãs se enfastiam,  
Que temporãs brotou mordaz Cuidado,  
Nas condenadas fontes,  
Sou mais rico, que os Cresos, mais ditoso  
Que o Samio Policrates.  
Verei, com leda sombra, em parca mesa,  
Não custosos legumes,  
Quais dava aos homens são das eras de ouro  
A Terra não forçada;  
E mecânico Baco, sem letreiro  
Trás si trará risonho  
A Musa Venusina c'o alaúde,  
Que discantou outrora  
Augustos e Mecenas, e alvas Lídias:  
Então entoaremos  
O generoso peito de Dorindo,  
Ou de Delmira o gesto;  
Já Mathevon de solida Amizade  
Ressoará nas cordas,  
Costumadas a dar preço à Virtude;  
Nas cordas, que coraram

Se eu, resvalando da vereda antiga,  
Caísse às plantas torpes  
Da caiada Lisonja, infame vício.  
Também Tu, nobre Costa,  
Nos meus sinceros versos terás parte,  
Tu, que guardar soubeste  
No enleio de Paris, no embate escuro  
De paixões, e de embustes,  
Inteiro o fio da Amizade, e da Honra;  
Que, ausente involuntário,  
Não perdeste a lembrança de Filinto;  
Bem que cruzaste as ondas  
Do deslebrado Oceano, que foi Letes  
A quantos daqui foram.

# ODE

Immortalia ne speres.

HORAT. *Lib. 1. Od. 9.*

**N**ÃO te enleves nos saltos encarnados,  
Nem na custosa pedra refulgente;  
Da placa os luzes-luzes não deslumbram  
A sorrateira Idade.  
Foste em vão, em Paris, Príncipe breve,  
Milord entre os libérrimos Britanos.  
Em vão Baxá serias de três caudas;  
Das honras zomba a Morte.  
Se hoje passeias os floridos campos  
Da verde-vecejante Mocidade,  
Lá te espera no fim do pomar curto,  
O tremedor Inverno.  
Himpando de magníficos serviços,  
De enfitados, selados pergaminhos,  
Conta o que em tantas lidas proveitaste?  
Cuidados, e Esperanças.  
Mal tardias virão fazer-te festa  
Quatro Ilusões do mágico Cupido,  
Algumas ventoinhas do Palácio,  
Lá do Pindo uns Ecos.  
Prazer escasso! Se o pregão da Fama,  
Da Fama bem ganhada por Virtudes,  
Não viesse afagar os teus ouvidos,  
C'os honrados louvores.  
A Amizade, que cultivar soubeste,  
Te cobrirá de flores a cabeça,  
Já quando raras cães mal povoarem  
A encarquilhada Calva.  
O grato, o ingénuo rosto, hoje risonho,  
Que com amiga mão desenrugaste,  
E o pálido Invejoso, que definha  
Te servirão de státuas.

## EPIGRAMA

UMAS cabeças vãs, uns ociosos,  
Despidos de Virtude, e de Talento  
Põem grande estudo, gran divertimento  
Nuns naipes maus, nuns dados acintosos:  
    Perdem por passatempo  
    O irrevocável Tempo.  
Néscios! Não vêem, não sentem consumida  
A Saúde, queixosa a Honra, a Vida?  
Só, depois de enfadar-se um dia inteiro  
Sentem o menos – sentem o dinheiro.

## ODE

Quid leges sine moribus  
Vanæ proficiunt?

HORAT. *Lib. 3. Od. 24.*

**A** Amizade, que pisa as vãs riquezas,  
Que desdenha das c'roas,  
E tem em pouco o infido Valimento,  
Vai buscar na desgraça  
O peito são, que as Penas não amolgam.  
Ela co'as forças, que houve da Virtude,  
Me arrebatou nas asas;  
E transpondo comigo longas terras,  
Sobre os tectos ilustres  
Da famosa Paz Júlia me susteve.  
Não sei que paz interna respirava  
O puro, e ledó seio  
Daquelas terras santas e singelas:  
Nos faustos horizontes  
Raiava a aurora do Celeste Olimpo.  
Vi as Letras sagradas, as Virtudes  
Dos séculos saudosos,  
Abrolhadas nos peitos consagrados  
Ao Nume omnipotente  
Desabrochar-se em frutos generosos.  
«Olha: (me diz) Aquele ancião honrado  
Da maligna fortuna  
Provou (sem culpa) os ríspidos reveses;  
Mas benfeitora dextra  
Lhe ameiga o aflito seio desabrido.  
Naquele sótão nu, lavado em prantos  
D'Órfãs desamparadas,  
Vê como entra com próvida vigia  
Inópino sustento,  
E como saem as Bênzões risonhas.  
Dentro do cárcer, dentro das masmorras  
Cala com ledó vulto,  
Com as mãos trasbordando de abundâncias,  
A Compaixão angusta,  
Que com paterna voz adoça as mágoas.  
Do bom cheiro de cândidos Costumes  
Recendem estes ares;  
Nos templos, e nas casas brilha o ouro  
De fúlgidas Virtudes,  
Tomadas do Pastor de gran valia.  
Ele aqui veio abrir Liceu de todas,  
E a Si se deu por livro:  
Mais fácil, que o insensitivo Stoico,

Ensina c'ó exemplo,  
Sem vanglória, sem máximas prolixas.»

## ODE

Extremum Arethusa, mihi concede laborem;  
Pauca meu Galo. ....  
Carmina sunt dicenda: neget quis carmina Gallo?

VIRG. *Eclog. X.*

CONCEDE, oh Musa este último trabalho,  
Que a Gratidão te pede.  
Ao *difícil* Tibúrcio poucos versos,  
Só de nova arte agradam:  
Mas quem pode a Tibúrcio negar versos,  
Que o coração inspira!  
Canta este dia, fausto à Liberdade  
E às cívicas coroas;  
Fausto dia, em que incólume Filinto  
Se desprende das garras  
Do horrído truculento Fanatismo.  
Eu vi o infando Monstro  
Sopesado nas asas sanguinosas,  
Amedrontando torvo  
Da enfiada Elísia as cúpulas soberbas,  
Rebanhar a seu lado  
Com penetrantes, assanhados silvos,  
O negro bando infame  
Dos satélites seus, com voz pesada  
Designar a masmorra.  
Os fuzis dos grilhões já os ouvia  
Rugirem arrastados,  
Ranger equúleos, e os ministros duros  
Entrançar os cordéis...  
Já lá se ergue a despótica fogueira  
Que convence a Inocência  
Com cem línguas de fogo abrazadoras...  
Quão falsas, quão diversas  
Das línguas, que um Deus justo, um Deus piedoso  
Mandava aos varões brandos;  
Que com vozes de mansidão venceram  
O relutante mundo!  
Eu te vejo... Eu te vejo, oh Deus clemente,  
Entre rasgadas nuvens  
De azul e branco, recortadas de ouro,  
Sentado majestoso,  
Arvorar o sinal da Piedade,  
O redentor Madeiro.  
Da tua doce fala estes me soam  
Maviosos queixumes.

«E pode quem Ministro meu se chama  
Armar-se co'as segures  
Da seva tirania? Assim se imita  
Um Deus, que deu o sangue  
Por dar das culpas o resgate aos servos?»  
Súbito acena afável  
À serena Amizade, que do seio  
Eterno à luz saíra,  
E que a seus pés, no trono, tem assento,  
Vá salvar de Filinto  
Os não culpados, sempre ingénuos dias;  
E à Compaixão ordena  
Que dos últimos seus tenha disvelo.  
Eu vi, Tibúrcio, a Deusa  
Pelos líquidos ares vir descendo,  
Guiar a mim o voo,  
Alvas e roxas desfraldando ao vento  
As enfunadas roupas....  
Que brandura no gesto lhe vertia!  
Que doces, meigas falas!  
Que cuidado benigno a des-socega  
À vista de afligidos!  
Eu não sei... Ou me engana a vista absorta  
Em tantos resplandores,  
Que das abertas nuvens vêm aos olhos:  
Mas vi em seu semblante  
Tuas nobres feições, tua brandura  
No gesto mavioso.

AGOSTINHO SOARES DE VILHENA E SILVA [xxiii]

## ODE

Quippe ita formido mortales continet omnes  
Quod multa in terris fieri cœloque tuentur,  
Quorum operum causas nula ratione videre  
Possunt ac fieri divino numine rentur.

LUCRET.

**C**OSTUMADOS a ver descer dos ares  
Granizo, raios, secas, e dilúvios,  
A um morador d'além dos ares deram  
Do Universo o domínio  
Os homens, e ora ao sol, ora a quimeras  
Nascidas na ouca ideia de embusteiros  
Levantaram altares, em que novos  
Verteram leite, e frutos.  
Medrou c'o medo o Engano, e a Barbaria;  
Tingiram, ante o Deus ignoto, os ímpios  
Cutelos nas gargantas inocentes  
De pálidas Donzelas.  
Os dons da Natureza desmentindo,  
Pérfidos Bonzos, dos mortais a dita  
À sujeição, às vítimas, à crença  
Astutos a atribuem.  
Nem são, se treme a Terra, ou Vulcão rompe,  
Secam searas, ou se alagam campos,  
Crises deste Orbe, mas ultrices penas  
Do desacato aos Numes.  
Insulto atroz comete o que investiga  
Físico arcano, causa dos sucessos:  
Querer ser como Deus sábio e previsto  
Contra embustes de Bonzos.  
«Povos sede ignorantes e submissos»  
(Vos clama o ardil, vos clama o sacerdócio)  
«Dai-nos honras, dai vidas, e fazendas  
Dar-vos-emos valia,  
Co'as Divindades, que nos céus tratamos,  
Que nos dão o poder, que os bons adita;  
Nos dão o açoute, que no ousado vinga  
Mal-curioso Ingenho.»  
Que crimes se pouparam! Que Hierofantas  
No Nada se sumiram, se alcançassem  
Os mortais, que da terra se levanta  
O Raio, que os assusta!

DO MESMO AUTOR

## AO LEITOR

..... Stulta est clementia cum tot ubique  
Vatibus occurras perituræ parcere chartæ.

JUVENAL. *Satyr.*

**N**AQUELA hora aziaga, escura, e vesga  
Em que eu quis dar à luz os meus versinhos,  
Que alvoroço! que trémula algazarra  
Não disparou dum canto, e doutro canto!  
Eram canas o ver como vêm todos  
À flor da água nos mares da memória  
C'os bracinhos de fora, a requerer-me  
No livro impresso o posto dianteiro.  
Lembrou-me ver o Padre Doutrineiro,  
Que ofrece uma verónica machucha  
A quem melhor disser um bom exemplo  
Do Bac'lo Pastoral, do Ano Virgíneo.  
Cuidei que via, em sôfrega assuada,  
C'ó dedo para o ar trinta Meninos:  
– A mim – a mim – (gritarem), Senhor Padre  
Também lembrou-me a Procissão devota  
Do rico S. Francisco d'Enxobregas,  
Que as almas vai tirar do Purgatório,  
Dentre as chamas de papelão pintado:  
Aqui uma alma roxa, outra trigueira;  
Acolá um fradinho barbeado  
Crespo, e louro o cercílio, nu em pêlo  
(Como estão no outro mundo as almas todas);  
Mais perto um Cardeal, uma Viúva,  
Ou Donzela de carnes pudibundas,  
Se apegam ao Cordão, a qual primeiro.  
Assim eram meus versos. Ah! Coitados!  
Se soubessem que fado os esperava,  
Seguro estou que presto preferissem  
Ficar no Purgatório do tinteiro,  
Do que indo a entrar no Céu de áureos louvores  
Despenhar-se no Inferno das más línguas

## ELOGIO DESTE SÉCULO

DESTA Era os gabos (calem-se os Praguentos)  
Canto ao Mundo admirado.  
Por onde quer que, em roda, a vista aguço,  
Só com Heróis deparo.  
De tais Varões cantar quero os louvores;  
Eco derrame ao longe,  
Des-ferrujando a língua, os meus acentos.  
Nem tu, oh Fama, cesses  
De dar à taramela, publicando-os  
Pelo Orbe, a cada instante.  
Servo dos servos ser se humilha o Papa;  
Apost'lo é cada Padre;  
Pelo justo, e razão briga o Guerreiro;  
E, esperto o Negociante  
Honra, verdade, e boa-fé professa,  
De inteiros Julgadores  
Tão gorda é a soma, que somente a vencem  
Letrados scrupulosos,  
Que apenas uma, ou outra vez, por ano,  
A Parte, e a Causa vendem.  
Cabe o raro saber louvar dos Médicos:  
Dos Récipes o tino  
Provam vivos, ou mortos os enfermos.  
Das Letras a República  
De quão grandes Ingenhos é fecunda!  
(Deixemos chasquear Momo)  
Os seus suores gratidão requerem  
Embora, todo invejas,  
Lhe estranhe Momo aos nossos Literatos  
A Sobeja modéstia,  
O pouco que compõem, e o quão serôdio.  
Que arvoredado de louros,  
Que vos verdeja, oh Príncipes sob'ranos!  
Oh Reis, quão Deuses fôreis,  
A ser tanto imortais, quanto sois nobres!  
Que algarismo somara  
Vossas virtudes, prendas, e talentos!  
Para nós, pobre povo,  
Só paciência (por azar!) deixastes,  
Grandes – inda mais grandes  
Pela alma perspicaz, que pelos postos;  
Dos Príncipes ao lado  
Cada Reino alardeia hábeis Ministros.  
E como os Reis de agora  
Já sabem governar *ex-proprio Marte*,  
Do ceptro é fácil a Arte:  
Todo o chiste é na mão, que o bem-meneia.  
Que afáveis os Ingleses

Recebem com estima os Estrangeiros!  
Que acanhados, modestos,  
Contentes c'ò louvor alheio, os Francos,  
Em si cerrados, mudos,  
Se esquivam de inventar sistemas, modas!  
O Alemão, quão brilhante,  
Adamado, inventivo se espanja!  
Quem não louva as Espanhas,  
Libérrimas, industres sem vã glória?  
E pé-de-boi o Belga,  
Nobre no trato, odeia o engano, a usura.  
O Cristão puro, e honrado  
Não dá tratos, não queima, não confisca:  
Traz do nariz na ponta  
O Pundonor. E o Turco, quanto o louvo  
Do bem que nos imita!  
Já bebe vinho, e diz quanto tem na alma.  
Ainda Era mais ditosa  
Para os Netos, as Parcas vão fiando.  
Inda mores prodígios  
Desfrutareis, Vindouros: alto orgulho  
Recolhei nas entranhas,  
E dai-me as graças, que cantai condigno  
De vossos Pais o acerto.

# ARRAZOADO

Si vacat, et placidi nationem admititis, edam

JUVENAL. *Satyr. 1.*

**J**Á me fizeram cargo os meus Censores  
De ter muito Latim portuguesado.  
Mais honra me fizeram, que eu mereço,  
Em dar sobejo preço os tais Senhores,  
Dar sobeja importância a quatro trovas,  
Que nuns borrões lancei por desenfado,  
E à luz dei só por míngua de dinheiro.  
Mas pois tão alto vai esse arruído;  
Permitam-me acudir por meu Cliente.

Se cunho Português dei a Latinas  
Vozes, e é Crime pôr-lhe cunho alheio;  
Réus desse crime são quantos escrevem  
Depois de tantos séculos na Europa,  
Que, c'o roubado estofo dos Romanos,  
Cobriram a nudez desses Vasconços,  
Que com vil lodo a face enxovalhavam  
Da Terra, a sáfios Bárbaros sujeita.  
Réu quero, com Camões, ser desse crime  
Voluntário; e não dar Francês bastardo,  
Qual dá da nova seita o soez cardume.

Sujeita a antiga Europa à antiga Roma,  
Falou polida a língua vencedora;  
Vencidos os Romanos pela bronca  
Hiperbórea relé, Sicambros, Cimbros,  
Nós Lusitanos com farragem Goda,  
Logo a Latina tela entretecemos;  
E não contentes inda, a bordadura  
De engasgado Mourisco lhe cosemos,  
Co'a franja multicolor de tantas línguas,  
Quantas não deu Babel no louco arrojo  
De querer ter mirante sobre as nuvens.

Convinha povoar as terras ermas  
Das gentes, que segou a fouce avara  
Dos belicosos Reis Conquistadores.  
Chamaram-se de incógnitas Províncias  
Povos de estranhas línguas, que o tecido  
Da nossa com mais tinta alagartaram.

Eis que começa de apontar na Itália  
Das Boas Letras a bem vinda Aurora:  
Acorrem dum, e doutro Reino, a Ela  
Os Moços, de Ciência cobiçosos;

Abraçam com ardor as doudas línguas  
E vêm contentes derramar seu lustre  
Pelo escuro sertão do pátrio idioma.  
Resta agora entender, se foi acerto  
Nos que a língua tão rude nos poliram  
C'ò Romano esmeril, tornando-a ao grémio  
Da perda opulência, ou se deixá-la  
No Vândalo paúl, Suevo, ou Godo?  
Quem não diz que mais val desbastar hoje  
Do bárbaro falar a Língua Lusa,  
Introduzindo os termos da Latina,  
Que o Vasconço primevo desbastara,  
Que estragá-la com vozes alforrecas,  
Babujem, que nas ribas Portuguesas  
Lança a lição de sécios Bonifrates,  
Que de alheio País só balbuciam!  
Gerigonça bastarda, mal intrusa.

Muitos, dos que hoje escrevem, franceseiam;  
Muitos, que nada escrevem, franceseiam;  
Francesear agora é tão absurdo  
Quanto o fora nos séculos Latinos  
Vandalear, falar Suevo, ou Godo.  
Francesear em Língua Portuguesa  
Se atrevem quatro tolos vangloriosos  
Duns laivos, que puseram mal assentes  
Na face maternal, que se envergonha  
Como eu quisera ver, pelos Franceses  
Apupados na praça esses basbaques,  
Que um termo ou frase Lusa entermeassem  
Em discurso Francês falado, ou scrito.  
Se não sofre um Francês, se ri, se zomba  
De quem com arrogância, ou com desprezo  
Do presente falar, clássico, e puro  
Estraga a língua com falar mestiço,  
Como sofremos seja franco a um biltre,  
Que ignora os livros dos Autores Lusos  
Nos meta à queima-roupa, muito ufano  
Contrabando Francês? Alguns macacos  
*D'afrosos, massacráis, sentimentistas*  
Versejam francesia a trôxe-môxe:  
Quem me dirá se é mais por se arredarem  
Do Latim, que no bom Garção e Elpino,  
No Camões os enoja, ou se é penúria  
De custoso saber, e vão direitos  
Pela strada Coimbrã da néscia moda?

Contudo, não direi (que fora absurdo!)  
Que na língua doméstica se encravem  
Latinos palavrões, como o fizeram  
Certos fidalgos fátuos: – *Oh Charonte*  
*Aproxima essa cimba*, – que é vicioso  
Todo o extremo, inda em obras de virtude.  
Mas se eu Confessor fora em reservados  
Casos, ao sacrilégio em *Belas Letras*,

E pureza de língua, penitência  
Mais leve dera a quem latinizasse,  
Que aos Tarelos, pedantes à la moda,  
Que, hoje, por néscio timbre franceseiam.

Vede o Crítico-mor, o culto Horácio  
Como aprova os que mesclam Gregas vozes  
Na Latina urdidura. Assim mesclava,  
(Encostado em Horácio) o Vate Luso  
No raso Português o ouro Latino.  
Quantos não vedes vós nestes sós versos  
De origem *Lácia* peregrinos termos:  
*Súbito* o Céu *sereno se obumbrava*;  
No *fundo aquoso*, a *leda lassa frota*?  
Quando escrevia: *Sirtes arenosas*,  
*Estridentes* farpões, e *Cão tri-fauce*,  
Falava Pinas, Paivas, e Azuraras,  
Ou falava arremedos de Virgílio?  
E quando Camões diz, com frase pura  
*Que famas lhe prometes, e que histórias,*  
*Que palmas, que triunfos, que vitórias?*  
Quando diz *salso argento, cervis dura*,  
Fala a língua Latina, ou fala a nossa?  
Fala, Tarelos, Português ornado  
Co'a louçania, que única dá gala  
À nossa língua, ouro precioso, e perlas,  
Não maravilhas de baforinheiros,  
Com que lhe descompondes o semblante.

Pode Ferreira, sem que alguém lho argua  
Dar, de Horácio, em vulgar, versos inteiros,  
Com que honre, e enfeite a língua que ama e preza.  
Que bem que soa em delicado ouvido  
Este verso (não tem parceiro em Veiga!)  
– *Que mil Naus, que dez anos não puderam* –  
Virgílio é na dicção, no som Virgílio,  
Com cunho Português, Latinas vozes.  
Que bem disse numa Ode o bom Alfeno  
*Calcando ilesa túrbidas procelas!*  
Latino é todo o verso, e todo é Luso.  
Todo é quasi Latim da melhor cepa  
*As soberbas falanges de almos Hinos*  
*Dirceus*, que bem cantou Garção numa Ode.

Só tu, pobre Filinto, atar não podes  
Mais um termo Latino, aos termos Lusos,  
Atar mais uma rosa às outras rosas  
Da grinalda que os Clássicos teceram?  
Foi lícito a Garção, a Elpino, a Alfeno  
Foi-lhes muito aplaudido o pressuposto  
De escorar na Latina a língua Lusa,  
E nada será lícito a Filinto?  
Tantas iras nos ânímos Censórios!

Quem lê os nossos bons, adverte e sente,  
Que no Stilo elevado, a nossa língua  
Se encosta no Latim, vozes Latinas

Enfeitam seu dizer por toda a estrada.  
E o meio de arrancar da grossaria  
Novas línguas de bárbara progénie,  
E limá-las co'as frases dos Virgílios,  
Dos Cíceros, e Horácios; que a quem delas  
Tomou algum sabor, tanto namoram.  
Nenhuma, com mais gosto, abre o seu seio,  
Que a língua Portuguesa, à voz Latina;  
Nem, sem muita razão, de Vénus, disse  
O bom Camões : *Na qual, quando imagina  
Com pouca corrupção cré, que é a Latina.*  
Mas diz muito espinhado algum Tareco:  
Não entendem Latim os sapateiros.  
E eu respondo que Horácio, que Virgílio  
Nunca escreveram para os Sapateiros  
De Roma: nem Camões, nem Garção nunca  
Para os taes de Lisboa poetaram.  
Poetas, por Poetas sejam lidos:  
Os sapateiros leiam Sarrabais ou Autos  
Da Imperatriz Porcina, ou Maria Parda;  
Leiam prosas de ensosso consoante,  
Ou versinhos anões bem deslavados.  
– Mas as Mulheres? (me replica o Néscio) –  
Vi Mulheres (respondo) e muitos viram  
Que em leitura, e juízo valem Homens  
E mais que certos Homens, que censuram  
Por inveja, por ódio, ou fraco ingenho.  
Mas inda essas Mulheres que se empregam  
A ler prosas, ou versos corriqueiros,  
Quantos, sem entender, passaram termos  
Latinos, ou na Corte pouco usados,  
E contritas choraram maviosas  
As angústias penais de Jesus Cristo,  
Ao lerem a Divina Fortaleza;  
Ou lendo as mágoas, queixas e amarguras  
Da Imperatriz Porcina, ou Mangalona?  
Ou c'os Zagais, c'os Reis se comprazeram  
Do nosso Redentor na fausta Aurora,  
Lendo as Loas, que no Natal Divino,  
Em tempos mais singelos, que os de agora,  
Diante de presépios mui vistosos,  
Representámos já? E eu fui um desses  
Que no Auto dos Pastores, e em mais outros  
Fiz meu papel a gosto dos vizinhos.  
Mulheres conheci sem arte ou estudo  
Mas de ingenho não rústico, que liam  
Com prazer o Camões, e com proveito  
E se uma, ou outra voz as represava  
No fio da leitura, perguntarem  
(Que assim pergunta muita gente boa),  
E arredado o tropeço, seguir via.  
Eis que escreveu Camões para Mulheres;  
E para Sapateiros escrevera,

Se Sapateiros perguntar quisessem.  
 Esmerar-se em falar linguagem pura  
 Limpa de francesismos, tem seu custo:  
 Encostar-se ao Latim, estrada nobre  
 Do polido falar com senso e gala  
 Pede estudo e saber, e pede escolha,  
 Que não cabe no instinto de macacos  
 Enviscados de ignara ensossa moda.  
 Por se forrar a estudos, os tais monos  
 Besuntam de Francês falas, e livros,  
 E censuram a esmo a mim, e aos outros,  
 Que não sabemos francesiar, como eles.  
 Cuidam esses pataus, que se eu quisesse  
 Como eles escrever afrancesado,  
 Me faltariam posses? Eu que vivo  
 Há vinte anos e mais, entre Franceses;  
 Falando muito raro, e ouvindo menos  
 Português puro, falta de bons livros,  
 Que a castigada frase me renovem  
 Que me acudam com termos esquecidos;  
 Como um pobre soldado sem socorro  
 Sem vitualhas, em sítio prolongado;  
 Não tendo um Dicionário, onde consulte  
 O sentido, ou pureza do que escrevo!  
 Mas *absit*, que eu jamais renegue a língua  
 Do meu Camões, de Coridon, de Elpino,  
 Para falar tarelo galicismo.  
 Falo e escrevo, limalhas desluzidas  
 De ouro cavado (há muito!) em bons Autores,  
 Tesouros de linguagem Portuguesa,  
 Bem descontente de que os mal imito.  
 Sou qual Mineiro, que poupado e velho,  
 Em seus cansados anos come e gasta  
 Os restos dessas minas, que cavara  
 Nos sertões do Brasil, e vê com pena  
 Ir-lhe mingando o amuo dos cartuxos,  
 E faltar-lhe outras minas, outras forças,  
 Outra idade, para ir cavar mais ouro.  
 Enfim, Amigo, inda eu mais largo fora  
 Em tão largo sujeito, se não crera  
 Enojar-te co'as mui sobejas provas,  
 Que do bico da pena vêm saindo,  
 Vêm correndo em tropel, sem maior custo,  
 Que o custo de enfiá-las na carreira;  
 Bem lhe eu poupara ao meu amado Amigo  
 O enfado de me ler, e a mim o enfado  
 De escrever tão miúdos argumentos:  
 Mas vai tão mal o século perverso,  
 Despido de bom senso, e sã leitura,  
 Que a lagarta, e pulgão prende nas folhas  
 Prende nos frutos, em que ardidos mordem.  
 E o mísero Poeta, que trabalha  
 Por dar úteis, por dar prazer sem vício

De bastarda dicção, culpado assunto,  
Colhe por galardão de seus suores  
Risos de néscios, mofas de Tarelos.

## MADRIGAL

**N**UMA noite de inverno fria e escura,  
Deitaram-se a dormir ambos num leito,  
O Amor com a Amizade:  
E Momo, que não perde travessura,  
Trocou-lhes com bom jeito,  
Os fochos de diversa qualidade,  
Mas na forma e na luz mui parecidos.  
Quando pela manhã, ambos erguidos,  
Foram provar nas almas dos humanos,  
Este a luz pura, aquele a chama ardente;  
Foi da intenção o efeito diferente.  
Nise no peito logo  
Sentiu suave chama de Amizade;  
E Filinto do Amor a iniquidade,  
No atraído fogo.

## AVISO AO LEITOR

1

**A**LERTA, alerta, Amigos; olho vivo.  
Corramos a aprender melhor language;  
Demos cores da moda, e sécio traje  
Ao albornoz do Português nativo.

2

No Francês se acha tudo: até a língua.  
Haja vista ao Telémaco capado;  
Que tendo o Bluteau bem folheado  
Só deparou com aspereza, e míngua.

3

De nobres, de espanéficos Doutores,  
Que dizem *massacrar, rango, conduta,*  
*Afroso, aferes* venha devoluta  
A cópia, a ornar os Vates, e Oradores.

4

Ponhamos Barros, Sousa, e o bom Ferreira  
No cadoz de sedičas Livrarias,  
Que enraivem lá das guapas bizzarrias,  
Do falar culto dum cabal Faceira.

5

Este se a esmo leu livro Francês,  
Tem de verter lições de língua Lusa:  
E nós de ir à tal fonte encher a infusa,  
Pexotes, que só lemos Português.

## SONETO

**A** trilingue serpente silva, e roja  
Pela esmaltada encosta rastolhando,  
Em torno agudos olhos derramando,  
O colo azul e verde ao ar arroja.

A Águia altaneira, a quem tal vista anoja,  
Desce a aferrar-lhe a garra, e remontando,  
As roscas com que a cinge espedaçando  
Vencedora, de alentos a despoja.

Serpeava assim meu ledó Pensamento  
Pelos florentes prados da Esperança  
Trajado de loução contentamento:

Quando Márcia gentil c'uma esquivança,  
Com que pune qualquer ousado intento,  
Despedaçou a minha confiança.

## ODE

Ultra Sauromatas fiere hinc libet, et glaciale  
Oceanum.

JUVENAL. *Satyr.* 2.

Sous un climat moins aquatique  
Je veux respirer désormais;  
Adieu, Messieurs les flegmatiques,  
Bonjour, bonsoir pour jamais.

Que triste festa, Aguiar, que hoje nos fazes,  
No dia dos teus anos!  
Longe de tua Clóris, entre arrufos  
De focinhudo acinte,  
Dá-te volta o juízo, atassalhado  
Da reforma iminente,  
E do dente roaz, ânsia curiosa  
De adivinhar despachos.  
O bom Monge que sonha noite e dia  
Pintadas Indianas,  
Tem mais longo o nariz, mais cova a face,  
Tem mais grisalha a grenha.  
Alfândegas, Malsins, como uns duendes,  
O sp'rito lhe mantêm.  
E a *Chocolat* c'o vulto abraseado  
Lhe acena co' Espadilha.  
Delmira (coitadinha!) faz resenha  
De quanta enfermidade  
Escurece os canhenhos de Galeno,  
E encara, uma após uma,  
Qual lhe vem mais quadrada nos sintomas,  
Não tidos, mas cismados;  
Faz trombas, se a acudir-lhe às vãs doenças,  
Pronto se não desunha  
Filinto. – Este olhos longos, saudosos,  
Em Paris encravados,  
Não vê, não ouve, não atenta a nada,  
Que a partida não seja  
Fora destes paúis, apetecida,  
Cobiçada, anelada.  
Tudo lhe enfada, tudo o desconforta;  
Só quer França, e mais França.  
Com tais caras de enojo, e de fastio  
Esperas de alegrar-te?  
Guarda esta festa, guarda o espalhafato  
De pratas, porcelanas,  
De luzes, massapões, cafés, Licores,  
Para as terras alegres,

Onde brincam bonecos divertidos,  
E não cervais Casmurros.

## EPIGRAMA

**F**ÁBIO, ao cair da noite húmida e fria,  
Do chupado carão despe a alegria;  
Não, porque chore sol, do dia enfeite;  
Mas porque acende luz, que gasta azeite.

## SONETO

**S**E um gesto meigo, se um olhar gracioso,  
Que onte' observei, oh Délia, em teu semblante,  
Não são os véus dum ânimo inconstante,  
Nenhum mortal me vence por ditoso.

Oh quanto o Deus Amor me quer mimoso!  
Longe da amada Pátria, triste e errante,  
Encontrar fé em tão gentil Amante,  
Que o meu amor compense fervoroso!

Prometo a Amor queimar e largo incenso  
No casto altar do peito, e a alma rendida  
Votar a Délia com prazer intenso:

Sim: que a Amor brando, a Délia enternecida  
Só graças dou de seu favor imenso,  
Se entrego a Amor o peito, e a Délia a vida.

## ODE

Il n'appartient qu'à ceux, que leurs vertus suprêmes  
Egalent aux Dieux mêmes,  
De savoir estimer le langage des Dieux.

J. B. ROUSSEAU. *Od. au Prince Eugène.*

Gaudet enim virtus testes sibi jungere Musas  
Carmen amat quisquis carmine digna gerit.

CLAUDIAN.

**E**M perene chuva, dos Céus caem,  
No vasto mundo as Ditas, e Infortúnios,  
Quais, pelo Outono descem bastas folhas  
A tapissar os bosques.  
Nos palácios do Samio Policrates  
As sobejas venturas se amontoam;  
E os bens que estraga, de enfadado, o rico,  
Às portas lhe recrescem.  
Mas vêm, umas sobre outras, porfiadas  
As desditas buscar o desditoso,  
Que a Fortuna encetou c'o cego açoute  
De severos trabalhos.  
Assim treme o rochedo Acroceráunio  
Retalhado do trépido corisco,  
Enquanto Menfis des-nevosa encara  
Com sossego, o Céu puro.  
Não levantou de mim a mão pesada  
A fera Sorte, desde às Parcas duras  
Do justo fio da Paterna vida  
Fez infausto presente  
Os dolos, as injúrias desabridas,  
As iras novercais mal merecidas  
Nos bens lançaram despiedoso estrago,  
Na fama, injusta nódoa.  
E a Calúnia, que espreita os passos francos,  
Dos Cultores da vera Sapiência,  
Laços me armou subtis, para enredar-me  
Em duradouras penas.  
Um Deus só pode, ou dele humana imagem  
Erguer-me deste pego de desgraças;  
Qual generoso Alcides a Teseu  
Tirou do Inferno, ao dia.  
Nem a Deus um mortal melhor retrata,  
Que, quando cheio de divino alento,  
Arrosta os p'rigos, corta pelos sustos,

E salva ambígua vida.  
Ou como tu, com braço de ouro abrange,  
E encosta ao brando seio o desvalido,  
Que a tormenta, entre as ondas implacáveis  
Lançou sobre os escolhos.

## SONETO

MOTE

Dos Céus toda a beleza peregrina.

GLOSA

**N**ÃO me luz, nem me aquece o Sol dourado,  
Se não vejo em Delmira a minha Aurora:  
Ela é na Primavera a minha Flora;  
Nem sem ela me ri viçoso o prado.

Qual Minerva, no trilho mal pisado  
Da virtude as passadas me afervora,  
Na nuvem, Íris os listões me cora,  
Quando em mar de tormentas sou tomado.

Se como, e Baco a mesa me adereça,  
Não é mais linda, que ela, Hebe divina,  
Bem que a ambrósia imortal a Jove of'reça.

Rende-a, Amor: que terei, quando benina  
A meus abraços, nova Cípris desça,  
Dos Céus toda a beleza peregrina.

# LUTA DE HÉRCULES

## COM O RIO ACHELOO

OID. Metam. 9.

DA mocha fronte a causa lhe pergunta  
O Herói Neptuneo, e a causa dos gemidos;  
E assim responde o Calidónio Rio,  
Que a coma hirsuta cinge de caniços:  
«Triste emprego me pedes. Que vencido  
Ama dar relação de seus combates?  
Por inteiro os direi; que mais formosa  
Me foi a briga, que a vencida feia.  
Tão grande Vencedor me afrouxa a mágoa!  
De Dejanira o nome a teus ouvidos  
Devia de chegar; Virgem mui bela,  
Foi de muitos galãs ânsia e cobiça.  
Mal do buscado Sogro em casa, co' eles  
Entro: – Por Genro teu me aceita (disse)  
Oh filho de Partáon. – Diz-lhe Alcides  
Igual frase. A nós dous os mais cederam.  
Conta este, que por Sogro dava à Noiva  
A Jove, e os decantados seus trabalhos,  
E da Madrasta as bem cumpridas ordens.  
Desdoura-se em ceder a um home' um Númen.  
(Lhe tornei) – (Que inda Alcides Deus não era...)  
Em mim vêes o Senhor das férteis águas,  
Que serpeiam, descendo, em teus Estados:  
Nem Genro hóspede sou, de estranhos vindo,  
Mas teu Patrício, e de teus bens comparte;  
Se não me obsta o não ser da régia Juno  
Aborrido, e faltar-me o complemento  
Das bem lidiadas ordens. – Se me jactas  
Que a Alcmena tens por Mãe, por Pai a Jove,  
Ou falso é o Pai, ou vem-te o Pai dum crime:  
Sem adúltera Mãe tal Pai te frustras.  
Ou Júpiter, (escolhe) é Pai fingido,  
Ou foi desonra tua o nascimento.»  
Já há muito, que me olhava carregado  
Falar-lhe assim; já mal forçoso as iras  
Acesas sogigava... Eis me responde:  
«Eu mais hábil que a língua tenho a dextra:  
Conquanto na peleja te conquiste,  
Vence-me embora em falas.» Feroz trava  
O combate. Corri-me de ceder-lhe,  
Eu, que inda há pouco ferros arrojava.  
Dos ombros lanço ao longe o verde manto,  
Os braços solto, e arcadas na postura  
Abro ante o peito as mãos, à luta os membros.

C'ó pó, que apanha nas cavadas palmas,  
Me sparge, e a seu turno se enlourece  
Co'a ruiva areia, que por si derrama.  
Eis me abrange a cerviz, eis as micantes  
Coxas; ou de abrangê-las faz desígnio;  
Daqui, dali me investe; mas em balde  
Me busca, que o meu peso me defende,  
Não menos, o rochedo, que acometem,  
Com grão murmúrio as vagas, e ele firme  
No próprio peso seu imóvel jaz.  
Retraídos, tornámos à refrega,  
Já no desplante, e em não ceder seguros:  
Pé contra pé, já lhe entro todo o peito,  
E meus dedos c'os seus entresachando,  
Frente a frente, co'a minha empuxo a sua.  
Taes concorrer já vi torosos Touros,  
Quando é ansiado prémio da peleja  
Da devesa a novilha mais egrégia;  
Duvidam sobre qual caia a vitória  
De tamanho domínio. Sem proveito  
Três vezes rejeitar forceja Alcides  
Meu peito, que a seu peito sobrestava;  
Na quarta (o abraço sacudindo) solta  
Os revirados braços, e me impele,  
(Verdade professei dizer) co'a dextra  
Me vira súbito, e me encurva as costas  
Com todo o seu pendor. – Cuidei que tinha  
(Nem finjo vozes, com que o pejo encubra)  
Um monte sobre mim. De certo o abono.  
Mal que os braços entrecho, que escorriam  
De sobejo suor, e os anéis firmes  
Dos membros descingi, eis me persegue  
(Eu arquejava) e aspirar forças me tolhe,  
Já me abarca o pescoço, e c'os joelhos  
Bato, por fim, c'ó chão, e mordo a areia.  
Recorro à astúcia, de inferior no esforço.  
Eis, longa cobra, dele me deslizo,  
E arcando o corpo em retorcidos colos,  
Com fero silvo bato à língua as farpas.  
Das minhas artes ri, e zomba Alcides:  
Desde o berço aprendi a domar cobras,  
(Me diz) e quando a muitos dragos medres,  
Que escasso que és, à vista dum só vulto  
Dessa Lerneia Echidna, tão fecunda  
Nos próprios cortes seus. Das cem cabeças  
Não cortas uma, que não brotem duas,  
Que herdem mais fortes na cerviz morada;  
Cobras trás cobras no ramoso colo,  
Medrando para mal, dos cortes pulam.  
E eu domei-a, e domada a impus da vida.  
Em que te fias, quando alheias armas  
Em falsa serpe disfarçado moves.»

Disse: e à cerviz tal nó c'os dedos me arma,  
Que não me ansiara mais tenaz ferrenha,  
As fauces, que das mãos remir debato.  
Vi-me vencido; e só de bravo Touro  
Me resta a forma, e val: nela mudando  
Os membros, re-pelejo. Pela esquerda  
Me aperta o bojo c'os nervudos braços,  
E segurando a presa, a instiga, e segue.  
Té que me humilha os cornos, e mos crava  
No duro chão, baqueado eu na alta areia.  
Nem se deu por cabal: co'a fera dextra  
Quebra o corno que empunha, e mo destronca  
Da mocha fronte. As Naias o sagraram  
De frutos cheio, e de cheirosas flores,  
E no meu corno a boa cópia é rica.

## ODE

..... At fides et ingenii  
Benigna vena est, pauperemque dives  
Me petit.

HORAT. *Lib. 3. Od. 17.*

**A**O banquete dos Deuses convidados  
Fôreis, Amigos, se do Céu bem quisto  
Na arca rodassem fúlgidas medalhas,  
    A sabor da Vontade.  
Em dourada baixela, em porcelana  
Viriam preciosas iguarias  
Aguçar desdenhosos apetites  
    C'o regalado cheiro.  
Altos Lacaios com librés custosas  
Em polidos cristais derramariam  
Caríssimo Tokai, fino Constância  
    Em borbulhosas ondas.  
Mas quem almoça aqui depõe à porta  
Arrotos de bazófias opulentas,  
Cum prato de Amizade, e uma fé pura  
    Singelo se contenta.

## SONETO

AOS ANOS DA EX.<sup>MA</sup> S.<sup>RA</sup> D. A. AP.

**H**OJE Amor, nos palácios deleitosos  
De Idália, onde dá leis a todo o Mundo,  
Com gesto airoso, com dizer jucundo,  
Declarou aos Cupidos respeitosos:

«Neste dia dos anos mais viçosos  
Daquela em quem meu forte império fundo,  
Ordeno que os Mortais culto profundo  
Lhe rendam, em rendê-lo venturosos.

Ide, Vassalos, derramar no peito  
Humano um alvoroço desusado  
De, a tal bondade, se sentir sujeito.

Venha o Universo, e admire tanto agrado,  
Que eu só me dou do mundo satisfeito,  
Se, a seus pés, hoje o vejo ajoelhado.

## BILHETE

**N**UM quarto de papel (não todo limpo)  
Que entalado no espelho achei acaso,  
Nesta erma sala, em que falece tudo,  
Quando viúva chora ausentes Amos,  
Escrevi estas regras de queixumes  
Contra a rija investida porfiada,  
Que embruscando-me a mente, que esguardava  
As estocadas da matreira língua,  
Deixou entrada falsa ao sorrateiro  
Borgonha tavernal, que cala a furto,  
C'o ruído da pérfida algazarra,  
A deitar fogo ao Templo da barriga.  
Ah! manhosa investida! Tu, Troiano  
Cavalo, foste, prenhe de maranhas,  
Que deste às modorradas sentinelas  
Soporífera morte; com teus fachos  
Ergueste incêndio de veloz lavoura,  
Que ateou pelas veias espantadas  
Precipitado ardor em todo o corpo.  
Tu mandavas, Sinon astucioso,  
Ao da Razão alcáçar refulgente  
Frequentes globos de aleivoso fumo,  
Que traçava enublar seu raio activo.  
Ela o rompeu; mas foi lidado o esforço;  
E não saiu sem custo co'a vitória.  
O calor lavra longo nas entranhas,  
Nas roxas cinzas, que a água mal extingue;  
E à noite o avivam, com mordazes beijos,  
Os fétidos famintos percevejos.

## ODE

Non semper idem floribus honos  
Vernis.

HORAT. *Lib. 2. Od. 11.*

**P**ERDES, Andrada, <sup>[xxiv]</sup> co'a tardia vinda  
O mais guapo lavor, os mais amenos  
Dias, que inda teceu a Primavera  
    Para brio dos Campos.  
Quanto receio, triste te arrependas  
Das malogradas horas, que não tornam;  
Des-que escapam no carro despedido  
    Do flamejante Febo!  
Com mão escassa esparge a Natureza  
Dourados dias de aprazível face  
Neste enublado frígido contorno,  
    Em que me pôs a sorte.  
Flora o matiz de alegre bordadura  
Lançou sobre as vistosas verdes roupas.  
Já os frutos avivando o colorido,  
    Co' a madurez vizinha,  
Às flores dão ciúme; e deleitando  
Ao que ama antes sabor, que cor sem suco,  
Dos amantes de Flora, e de Pomona  
    Dispartem a contenda.  
Os bosques já recendem c'os morangãos,  
Convidando a colhê-los mãos gulosas.  
C'um pedaço de pão num guardanapo,  
    E na garrafa a pinga,  
Na dextra a cuia da alva palangana,  
E o tempero do açúcar não mesquinho;  
Podemos merendar, à tripa forra,  
    Morangãos na floresta.

## SONETO

**G**RAÇAS ao Céu, Filinto, conseguiste  
A tarda mas risonha Liberdade;  
Já não arrastarás, contra vontade  
Duro grilhão, que (incauto!) aos pés cingiste.

Feliz o que aos farpões de Amor resiste!  
Que lhe conhece o fito da maldade;  
Mais feliz quem da esquiva crueldade  
Quebra a cadeia, e cessa de ser triste.

Nise que a solde; e ao cepo rigoroso  
Ate outro amante mais obediente  
Mais meigo, mais cortês, menos queixoso.

Tu, de vivente louro cinge a frente,  
E triunfante exulta. Amor fastoso,  
Já te não conta entre a cativa gente.

## RABOLEVA DO SONETO

**P**ICOU-ME esta insolência. Meu Cupido,  
Se escravos queres, dá-lhes menos dura  
Prisão, dá mais carinho, mais brandura;  
Seja o teu cativo apetecido.  
Fazes fugir? C'os teus cruéis rigores,  
De teu Reino os mais finos amadores.  
Prenda-me, incauto, o teu amável erro,  
Mas com laços de flores, não de ferro.

## ODE

Scribis ut oblectem studio lacrimabile tempus,  
Ne pereant turpi pectora nostra situ.  
Difficile est quod amico mones: quia carmina lætum  
Sunt opus, et pacem mentis habere volunt.  
Nostra per adversas agitur fortuna procelas,  
Sorte nec ulla mea tristior esse potest

OVID. *Trist. Lib. 5.*

QUERES, Verdier, que a Ernesto, e que a Marília  
Cante enlaçados no himeneu gostoso:  
Dá-me a voz dela, dá-me o prazer santo  
Do afortunado Esposo.  
Melpomene, entre as Musas, só entoa  
Lúgubres cantos, cantos adaptados  
À Lira inculta do afligido Vate,  
Sem Ti, sem Bens, sem Pátria.  
Crês Tu, que em Tomes desterrado Ovídio,  
Cantou Corina em júbilo alaúde?  
Ou que os brincões Amores lhe ditaram  
Festivo Epitalâmio?  
Até que a mão da Parca o sp'rito ansiado  
Dos laços lhe soltou do corpo débil,  
Prantos tecla em verso mal limado  
A saudosa Musa.  
Paris é o meu Tomes, onde choro  
Os, que ver me é vedado, amigos firmes:  
Lisboa a minha Roma, onde tem presas  
A alma as raízes ternas.  
Mas pois que inda a Fortuna despiedada  
Gozar me deixa um peito agradecido,  
Já que hinos não entoo, faustos votos  
Vos tecerei perenes.

## MADRIGAL

VISTES vós, pelo albor da madrugada  
Vir um Zéfiro brando descosendo  
Do embruscado horizonte o manto horrendo  
De nuvens com que a Noite era abafada?  
Pois minha alma assim stava em treva escura.  
Eis que de Márcia, ao longe o albor diviso;  
Eis que o Zéfiro alado, de um sorriso  
Vem dissipar-me as nuvens de amargura.

## SONETO

AOS ANOS  
DA SNR<sup>a</sup> D. MARIANA DE AMORIM E SOUSA,  
E DA SUA FILHA  
A SNR<sup>a</sup> D. ANA ISIDORA L. DE SOUSA.

**S**OBRE os anos da bela Mariana  
Fazem conselho os Deuses da alta Corte;  
Jove o querer dos Fados, desta sorte  
Expõe à Companhia soberana:

«Dará prazer à Terra Lusitana,  
Caras delícias do feliz Consorte,  
E a Parca encolherá o fatal corte  
Enlevada na graça mais que humana.

E à gentil Ana, oh Padre Omnipotente,  
(Diz Vénus) que anuncias de ventura,  
Ana, meu doce amor, e glória ingente?

Ana! (diz Jove) Estrela tem segura  
Para encantar a humana e etérea gente;  
Basta que iguale a Mãe na formosura.»

## ODE

Voi c' havete gli scheni sempre  
Contra l'arco d'amor ch' indarno tira.

PETRARCA. *Sonet 24.*

**J**UNTANDO as pontas da ebúrnea lua  
Tiraste, sem cessar, flechas a Nise,  
Amor, em vão téqui. Ela sorrindo,  
De teus farpões zombava.  
Com a alva mão as setas disparadas  
As vai do coração des-caminhando,  
E, caídas no chão, as quadra em pilha  
Para troféu isento.  
Queres tu não falsar do peito a senda:  
Amor, que raivas de baldar os tiros?  
De meus suspiros numa spessa nuvem  
Os teus farpões envolve.  
E porque a sequeidão de esquiva Nize  
Não resista; e antes cale na alma o golpe,  
Molha os tiros nas lágrimas caudais,  
Que de ternura verto.  
Vinga-me; e vinga-te. Que é grão desdouro  
Do braço, que humilhou o ingente Alcides,  
Ser vencido da impróvida esquivança  
Duma inerme Donzela.

## EPIGRAMA

LIA um Autor.... (Não digo bem) – cantava  
Um canhenho, sem sal de Poesia;  
E a gente, que os versinhos mal ouvia,  
Em cousas mui diversas cogitava.  
Leu, e cansou. – (Perg.) – «Dos versos repetidos  
Quais acharam melhores?» – (Resp.) – «Os não lidos.»

## SONETO

MOTE

Uma Prelada de virtudes cheia.

GLOSA

**D**O Céu se abriu a porta onnipotente,  
E vi junta em Conselho a Divindade,  
Como quando quis dar na prima idade,  
à sua image' o Pai da humana gente.

Prerrogativas da Divina mente  
Se revolviam de alta qualidade:  
Virtude, Religião, saber, Bondade,  
Régio solar, Prudência; e Zelo ardente.  
Ora uma, ora outra em grão se preferia,  
E no Congresso eterno se pleiteia  
Qual a tão alto posto se devia.

Quis Deus, c'uma mortal encher a ideia:  
Pôs os olhos em vós, que em vós só via  
Uma Prelada de virtudes cheia.

## LA CULTA GALLICI-PARLA

CULTA Gallici-parla é um tempero  
A todo o molho do falar à moda.  
*Conduta, aferes, rango* em viva roda  
Mexe um Peralta com *afroso* esmero.  
Pois se vai mais a pino a algaravia,  
Descarta-lhe um *ressorte*, uma *insónia*:  
    E fica muito inchado  
O Patau, de outros tais pataus louvado.

## ODE

Sed licet asperiora cadant spoliisque relictis  
Non te deficient nostræ memorare camænæ.

TIBULL. *Lib. 4, Panegyri ad Messal.*

**N**ÃO temas que a teus versos sonoros  
Do Tempo alcance a foice, nem que o Letes  
Em suas negras águas sonolentas,  
Doce Alfeno, os afogue!  
Apolo, (crê-me) os perfilhou gostoso,  
E divisa lhes pôs, que à Idade, à Inveja  
Respeito influíram: com ela intactos  
Verão o fim dos séculos.  
Quando a Crítica a vara judiciosa  
Estender aos Poemas Lusitanos,  
Daqui, dali, sem conto, derrubando,  
Te guardará no seio;  
Por dar-te em mimo às Musas; dar a Baco  
O altíloquo arrojado Ditirambo.  
Filinto ingénuo, Mathevon honrado  
Por Ti serão eternos.

## FÁBULA

CERTO Ministro assaz prudente, e honrado  
Quis comprar uma quinta em sítio ameno.  
Soube-o logo o ruim tratante Almeno,  
    Que vem azafamado  
Inculcar-lhe uma mui rendosa, e linda;  
Bom jardim, bons repuxos, belas ruas,  
Casas com boa vista, junto às suas,  
Lagar, cocheira, poços, caça... Ainda  
    Almeno continuava  
A ladainha do famoso acerto;  
    Quando o outro lhe atalhava  
A fala, mal que teve descoberto  
    Que o tinha por vizinho.  
Eu acho-lhe razão: que eu não quisera  
Por quanto há hi no Mundo, ter morada  
Vizinha de má língua, alma danada;  
Nem de quem ser mais que eu se considera.

## ODE

Quis desiderio sit pudor, aut modus  
Tam cari capiti?

HORAT. *Lib. 1. Od. 24.*

**S**E arrojado, os grilhões não despedaças  
Da ferrenha Preguiça, caro Amigo,  
Enfiarás tardias Primaveras,  
Sem que Paris te veja.  
Com olhos longos os fiéis Amigos  
Verão o Inverno arregaçar a cauda,  
Que enfadonhos chuveiros largo escorre  
Sobre os inchados gomos;  
Sem que mais aguçoso te despaches  
A pôr a cabo as desleais promessas,  
Que lá do azul mirante viu Apolo  
Já três vezes falidas.  
Para quem volve o Sena as guapas águas,  
Se ao deixar de D'Herman o alcáçar nobre,  
Buscando o escuro sótão de Filinto  
Não vens atravessá-las?  
Clio me diz que as Tágides saudosas  
Mandaram nova às Ninfas cá do Sena;  
Que de seus braços se arrancava um Vate  
Por Hebe desperdiçado;  
E que pediam terno acolhimento  
Para o mimoso seu, e assunto digno  
Das Cítaras de Alfeno, e de Filinto  
Por elas inspiradas.  
Outras Hebes aqui de leves plantas,  
De matador astuto desalinho,  
Só da fama rendidas? já te esperam  
Com sôfrego alvoroço.  
E Filinto, que a Pátria, e os dias ledos  
Vê no desterro seu, por entre lutos,  
Não só te espera, mas estende a vida  
Só por tornar a ver-te.

## FÁBULA DE J. DE LA FONTAINE

### *O DOUDO QUE VENDE SISO*

**N**ÃO posso aviso dar-te mais sisudo,  
Que o de sempre esquivar dum doudo o alcance:  
Fugir de gente eivada no miolo  
Foi sempre sã receita.

Na Corte há bobos: Reis com eles folgam,  
E c'os remoques lépidos, que largam  
A velhacos, a tolos, a ridículos.

Um doudo, pelas ruas, pelas praças,  
Dizia em seu pregão – Quem compra siso?  
E os sempre-crentes homens acudiam  
À compra diligentes.

Primeiro, de barato, dava o Doudo  
Muita careta, muita monaria;  
Mas logo que ensacava na algibeira  
Dinheiro d'algum tolo,

C'um bofetão, que vinha rebolando  
Lhes dava duas braças de barbante  
Aos tais fregueses, em lugar de siso.  
Uns se agastavam: mas que valem iras?  
Ser por elas de todos mais zombado?  
Fora o rir, como os outros, mais acerto,  
Ou safar-se, sem chuz, nem buz, levando  
O bofetão, e o fio.

Quer bem levar de tolo a surriada  
Quem sentido esquadrinha figurado  
No proceder dum Louco.

Dum doudo as obras qual razão descifra?  
Quanto volve nuns textos desvairados  
A mão do Acaso o volve.

Mas fio e bofetão davam tortura  
A certas cachimónias.

Um dos logrados vai-se ter c'um Sábio,  
Que logo lhe entornou, sem muito empacho;  
O Oráculo seguinte:

«Hieroglíficos meros vende o Doudo.  
Deve o prudente, duas braças longe  
Se pôr, de quem tem eiva no miolo,  
Se afagos tais não quer recolher dele.  
Bom siso vos vendeu. Não sois logrado.»

## SONETO

ANDAVA Amor doente, tresnoitado,  
E sem poder dormir, magro, amarelo:  
Já dava um fio a Morte ao cru cutelo,  
Decepador do colo malfadado.

Hipócrates acode apressurado,  
Manda cortar-lhe as unhas e o cabelo;  
Mas foi por panos quentes em bacelo,  
Que um Cabrito roeu esfomeado.

Vem Himeneu (medicinal visita!)  
Dorme Cupido (mal que ele entra) uma hora.  
Dá-lhe um abraço o Irmão – noite bendita

Passa o Amor. Mas por cura duradora  
Lhe ala na testa Hímen marital fita,  
Que adormenta a afeição mais veladora.

## ODE

*No dia dos meus anos, 23 de Dezembro de 1798*

Ingrata misero vita ducenda, in hoc,  
Novis ut usque supetam doloribus.

HORAT. *Epod.*

VENS hoje, triste Dia, de meus anos,  
Encapotado num gabão de nuvens,  
E arrastras no coalho de altos gelos  
As intanguidas pernas.  
Virás mal vindo, a não trazer na cola  
De Frigi-fuga lenha três carradas,  
Ou pelas algibeiras, e entre-forros  
Sonante Chocalhinho.  
Que vens tu cá buscar? Cinco ou seis achas  
Ardendo em rubri-loura labareda?  
Câmaras bem forradas? Serpentinhas  
Com transparente cera?  
Vens cá buscar, em mesa acobertada  
Com toalha de Harlém, finos manjares?  
Vinhos de Carcavelos, Malvasias  
Em cristais reluzentes?  
Como vens enganado! Oh coitadinho!  
Acharás no fogão dous tições negros,  
Que se roçam, se beijam, que se abraçam  
Na ânsia de tomar fogo.  
Se trazes fome, – comerás connosco  
Estrondosos feijões, com que festejes,  
Lá pela noite, os meus sessenta e cinco,  
Que enceto entre pobres.  
Tal não cuidava a que me deu ao mundo  
Nem o que (a invejas salvas) me bastara:  
Tal não cuida o benévolo Araújo;  
Que, a cuidá-lo, o emendara.

# ODE

## A UMA AUSÊNCIA

Fazer poderá ausência que eu não veja  
Aquela viva imagem não fará  
Que da alma onde anda escrita se me aparte.

FERREIRA. *Sonet. 15.*

### I

DEITADO à sombra de frondoso Ulmeiro,  
Olhos fitos na veia vagarosa  
De sonoro regato,  
Que as margens beija desta veiga triste,  
Contemplo o como tardos  
Da minha amarga ausência os dias descem.

### II

Mas se às cores do Oriente alongo a vista  
Quando Aurora as pomposas roupas traja,  
Logo à mente me sobe  
O alvoroço, a alegria, com que o Mundo  
Adora a minha Márcia,  
Se aparece e nos abre novo Oriente.

### III

Se acaso alvos jasmims, se castos Lírios  
Entretecidos com vermelhas rosas  
Pelos jardins encontro,  
Raia-me na alma o rosto lindo e puro  
Da minha ausente Márcia,  
Que assim as faces tem, tem níveo o peito.

### IV

Ao ver rodar no Céu a argêntea Lua,  
E os claros lumes marchetar a Sfera,  
Lembram-me as mansas noites  
Bafejadas dos mimos saborosos,  
Com que me prendou Márcia  
Na quadra mais feliz da idade minha.

V

Se me ofrece, por fim, pincel afouto  
Amor, sob'rano do Orbe, ingénuas Graças  
Com meigo nó prendidas,  
No peito o coração me indica a pulos  
O retrato de Márcia,  
Sob'rana de meus ternos pensamentos.

# ODE

*Ao ano 1756*

..... Quis talia fando  
Temperet a lacrymis?

*Aeneid. 2.*

LÁ te vás afundar no Vasto Oceano  
Dos passados Sucessos,  
Ano fecundo em mortes, em desastres!  
Oh percam-se contigo  
No eterno olvido os últimos vestígios  
Dos males, que aos humanos  
Afligiram, e penas que há sofrido  
A Virtude oprimida.  
Quem dará conto às lágrimas vertidas  
Pela triste Inocência,  
Nessa tua carreira desgraçada?  
Quanto sangue (que ainda  
Clama vingança) numa crua guerra  
Não deixou derramado  
Torpe sede de bárbaras matanças!  
Que cena dolorosa  
Se me abre horrível, e me espanta a vista!  
Pátria minha! Alemanha!  
De saques, mortes te acumula a fúria  
Da tua própria prole!  
Fuzilar vejo para teu destroço  
Esse ferro homicida,  
Que para amparo teu fora forjado.  
A ameaçadora frente  
Ergue a violenta Força, e traz o Estrago  
E Pavor aos dous lados.  
Que tristezas, que lutos nestes Campos,  
Onde as messes, e as flores  
São pisadas aos pés por gente alheia?  
Escapa à voraz chama  
Do Colono a esperança e assídua lida,  
Para cair ao gume  
Da estragadora fouce. Vai fugindo  
Meio nu o Serrano,  
Da Choupana, que a arder já principia,  
E vai buscar um couto  
(Contra impios homicidas que o salteiam)  
Nos levantados muros  
Da Fortaleza, por mesquinho prazo.

Que se agastado o ordena  
O Fado; e se esvoaçando sobre a triste  
Cidade infortunosa  
O Anjo da Morte traça que troveje  
Contra ela o fulminante  
Bronze, aluídos os seus merlões soberbos  
Esmagarão na ruína  
Quantos os vêm tomar por seu Amparo,  
Qual rápido contágio  
Lavra pelo brincão lanoso gado,  
Ou qual verna geadas  
Que os topos cresta das nascentes flores.  
Fana a sorte da Guerra  
Num golpe a c'roa próspera, e destrói  
O precioso edifício,  
Da Ventura, que um séc'lo de trabalhos  
Em assentar lidara.  
Apenas volta os olhos o Colono,  
Que não vê nem relíquias  
Da passada fortuna. Bem disseras  
Que há longo tempo lavra  
Na sua herdade à peste arruinadora.  
Vê soltos em desordem  
Servir de ofrenda ao ídolo da guerra  
Da sua indústria os frutos.  
Gemendo, e lastimoso os vê, passando  
Desconsolada vida,  
Té que desesperado, ou famulento  
O laço lhe desata.  
No mais renhido da peleja cae  
A última vergõntea  
Dum tronco ilustre. O destemido Moço  
Era a ávida esperança  
Da sua alta linhagem, – mais da Pátria.  
Salteado de homicidas  
Caíu; e logo em pântanos de sangue  
Seus matadores caem  
Remordendo raivosos, té que arrancam  
Sua alma atassalhada  
De desejos de morte, e de vinganças...  
Pára, oh Musa; e estas terras  
Embebidas em sangue desampara;  
Destes objectos hórridos  
Arreda a vista, oh Musa; e nunca entoes  
Os dias das batalhas,  
Da cólera de Deus; não prostitutas  
Teus hinos aos louvores  
Do Vencedor. Celebrem muito embora  
Com métrica ufanias  
E mandem-lhe as proezas aos Vindouros;  
Que ainda que os meus Cantos  
Houvessem de adquirir imortal glória  
Nunca eu o altar das Musas

Profanarei c'ó incenso da Lisonja  
 Tributado a Tiranos.  
 Ouça stúpido o vulgo essa nomeada,  
 Que vai de Pólo a Pólo;  
 Se o pregoa o clarim, o adulam Vates,  
 Que conquistou tal Reino,  
 Derrotou tal exército. Com que ódio  
 Verão nossos vindouros  
 O orgulho desse Herói embriagado  
 De glória, e de Ventura?  
 Calado então das armas o tumulto  
 Têm de o julgar os Sábios,  
 E ao Mérito a Verdade põe o cunho;  
 Sem que às acções esconda  
 Desta a fraqueza, nem daquela o vício.  
 Quem é que ameaça o Mundo  
 Com horrível estrago? e quem o cobre  
 De mortes, de desordens?  
 Que dextra tantas move armadas hostes?...  
 Afastemos, oh Musa  
 O Fantasma intrincado da Política,  
 Que os olhos nos fascina  
 C'ó seu falso ouropel. Paixões vorazes,  
 Ao lume dela acende  
 O seu facho a Discórdia. Altivo Orgulho  
 E barbara Filúcia,  
 Lívida Inveja, Impulso vingativo,  
 De vossos Cofres tiram  
 O direito das gentes os Tiranos.  
 Correi, ide esconder-vos  
 Onde nunca apareça a face vossa  
 No conspecto das gentes;  
 Vós de todos os males deste Mundo,  
 Sois a fonte, e o flagelo.  
 Se a Herói, contudo, é força vestir armas,  
 Correr da Glória ao Templo  
 Sem que turva Ambição iluso o arraste,  
 Que ensanguentados louros  
 Deteste; e contra a voz da Humanidade  
 Não aferrolhe o peito,  
 Nem a míseros brados cerre o ouvido;  
 Que saiba por barreiras  
 À crueza, e console os afligidos,  
 Com benévola dextra;  
 Nos prósperos sucessos lhano e humilde  
 Que se vença a si próprio,  
 Quando o cingem os louros da vitória:  
 Quando com mão terrível  
 (Que abate o forte, ampara o desvalido;)  
 Então direi a brados  
 «Herói digno de Fama por virtudes;  
 Seu sacro simulacro  
 Tem sempre de luzir no Templo eterno.»

Ante Aquele que abrange  
O passado, o presente, e inda o vindouro  
Com ideia infinita,  
Pensamento não há, que se lhe encubra.  
Oh Deuses cá do mundo,  
Ele scruta o interior de vossos peitos;  
E querereis vós sempre  
Da cólera Celeste ser o açoute?  
Da divina Bondade  
Sede antes as imagens, reforçando  
Da paz pública as bases:  
Assinalai somente o poder vosso  
Por amplos benefícios;  
Deponde-me essas armas carniceiras;  
Vinde colher louvores  
E nossas bênçãos, dando paz ao mundo.  
E tu, oh Paz amável,  
Vem bem-aventurar os lassos Povos,  
Que te estão implorando,  
Que os braços te abrem, que por ti suspiram,  
Assaz, e mais que muito  
No mundo reina a túrbida Discórdia.  
Não sofras que raivosa  
Essa Fúria infernal, sanguenta Erinis  
Nos desmanche o sossego,  
Seu poder malfeitor do Mundo arranca.  
Seus vínculos sagrados  
À sombra da Oliveira, que tu amas  
Vão apertar festivos  
A cândida Inocência, c'o Descanso.  
Quanto respira no Orbe  
Tem de alegrar-se co'essa amável Dita,  
Dita que eterna dure.  
Nações, contra Nações não mais se vejam,  
Nem Guerreiros furiosos  
Medir-se de alto a baixo ameaçando-se:  
Nem mais se cubram plainos  
Com searas de lanças faiscentes;  
Nem clame ao morticínio  
Brônzeo Clarim; inútil seja o gume  
Das lanças. Curvos sejam  
Em fouces os alfanjes, e em arados  
As lâminas cruentas.

## DIÁLOGO ENTRE UM AMIGO E UM AUTOR

AMIGO

**F**EZ contra ti uma Ode Filaminta.

AUTOR

Quem lho pode impedir? Tem pena e tinta:  
Fazer Odes é livre a toda a gente.

AMIGO

Diz muito mal de ti.

AUTOR

Eu lho perdoo.  
Malhou em ferro frio. Se ela mente,  
Do ardor com que rimou, bem me condoo.  
Se verdade falou, tempo perdido;  
Que os seus versos ninguém (que eu saiba) há lido

## ODE

Mitte civiles super urbe curas.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

**N**ÃO solta o velho Lavrador curvado,  
Da mão calosa a relha, nem disjunge  
Os bois agricultores, do penoso,  
Indefesso trabalho.  
De squálido suor enxuga as bagas  
Na ceifa, se a tremer lançou à terra  
O pão, rogando ao Céu as bem medradas,  
As louras esperanças.  
De noite espreita as gotejantes Ursas,  
O ensífero Orion; dorme assustado  
Da nuvem, que fuzila, da ameaçada  
Saraiva crepitante.  
Mesquinho cobre os sofredores membros,  
Guisa enfastioso as regadias ervas,  
Com fito em amuar ouro, em comprar cargos  
Ao perdulário Filho,  
Que em banquetes opíparos estraga  
Preços de cem searas, bebe, joga,  
Num dia, as lidas paternais, os gados,  
As avitas herdades.  
De Galilei a Esposa e um Bonzo ignaro  
Arremessam (fanáticos!) ao fogo  
Matemáticas, Físicas fadigas,  
Granjeio de tinta anos,  
E noites de Janeiro, desabridas,  
Passadas ao regelo, e a vista gasta  
De velar as derrotas das Estrelas,  
C'o achado Telescópio.  
Em vão se lida: os Anos se dão pressa.  
Logremo-nos do dia de hoje, enquanto  
A inábil onda, tristes não cruzamos,  
Meu Político Brito.

## EPITÁFIO

**A**QUI jaz neste mudo moimento  
Um Teseurizador tão avarento,  
Que em só tomar, e em nunca dar sonhava.  
Por não gastar, Quaresmas jejuava:  
Nem Páscoa, nem Natal tinham valia,  
Nem de Entrudo, contra o jejum, o dia.  
Ninguém lhe trincou nunca pão, nem pada,  
Do seu?... ninguém provou: que ele era arisco.  
Do seu?... não digo bem. Comum petisco  
Dava sua mulher, dele aprovada.

## ODE

Hic alies vere mihi faustus atras  
Eximet curas. ....

HORAT. *Lib. 3, Od. 14.*

DEPÕE, oh Musa, o Canto entristecido  
Com que lastimas, há três lustros, perdas  
De Bens, de Amigos, de Renome, e Pátria,  
Em baldadas Endechas.  
Não dês mor pasto ao desbotado riso  
Da Inveja e da Calúnia, recreiadas  
C'os tiros mui certos, inda fixos  
No peito da Inocência:  
Manda embora lembranças dos passados  
Infortúnios, e o seu sabor amargo;  
Que vives entre Amigos compassivos,  
Que dão estima às Musas.  
Contigo as Musas, de Paris, vieram  
Para encurtar-te os dias enfadosos.  
Não vês Apolo, no alto, que nos conta  
De seu desterro as mágoas?  
Com elas te alivia os dissabores.  
Ele perdeu o Céu, se tu a Pátria;  
Ele guardou os bois e ouviu as ordens  
Do inferior Admeto.  
Tu por gados tens livros, lauta mesa  
De Embaixador, servida por Lacaios;  
E tens, com o olho alerta, o seu Mordomo  
De idioma mixti-lingue.  
Há lá nas pipas nos vidrentos vasos  
Nectáreo sumo, perfumadas lidas  
De múltí-modo gosto, louro e tinto  
Gloreio da garganta.  
Olha em torno estes ares povoados  
De lindas formas, engraçados vultos;  
E os parabéns, que os Génios te estão dando  
Da denodada fuga.  
Alegra-te com eles. Zomba – e muito  
De Calúnias, de Invejas, (posto em salvo,)  
De seus tiros, que morrem no caminho,  
Antes do que a ti cheguem.  
Em vez da Lira, empunha a trasbordante  
Taça, em que alegre o pachorrento Horácio  
Cuidados, más lembranças submergia.  
Afoga dentro as nossas.

Depois saúda o Brito, hoje espraído;  
Saúda ao longe o nome de Delmira;  
E inda mais longe lança um grito, que ouça  
Araújo o teu brinde.

EPIGRAMA  
A UM AUTOR QUE TRADUZIU HORÁCIO  
EM PORTUGUÊS

ESSE Horácio em Latim,  
E ess'outro traduzido,  
Cada um seja a seu Nume (quanto a mim)  
Por dívida ofrecido:  
A Vénus o Latino; e o Lusitano  
Ofreçam-no a Vulcano.

## CONSOLAÇÃO

QUEIXAVA-SE a Santeuil certo Marido  
Que no hímen sua Mulher trapaceava.  
«Seu mal Senhor (o Cónego tornava)  
É imaginário mal. Caso é sabido  
Que em muitos lavra; mas que a poucos mata:  
E home' há que daí come, arfa, e contrata.»

# ODE

## À PAZ

Nunc est bibendum, nunc pede libero  
Pulsanda telus. ....

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

COMO vens arraiada, e folgazona,  
C'o hissopo de Oliveira,  
Molhado na água benta dos suores,  
Exorcizar a Guerra!  
Vem, branda Paz; mas arregaça as fraldas,  
Que as não manches de chocas,  
Arrastando-as por tanto bruto sangue,  
Que espargiu a raivosa  
Política, enroscada em falso manto  
E à sombra dos altares;  
Pondo escoras co'a crista, e com a cauda  
À vacilante Astúcia.  
Vem dar às nossas almas regabofe  
De mansidão festiva.  
Haja Danças, Foguetes, Comezanas,  
E Músicas de arromba;  
Mas traze-me Dinheiro, para ir vê-las:  
Que me dorme a algibeira  
A sono solto, há um mês, sem que a desperte  
O som de *Chocalhinho*.

# ODE

## A MADAMA RONCON

La tua chiara virtute, onde fioriva  
Honestate e valor, la Fama accoglie.

GUARINI, *Sonet. 8.*

**N**ÃO títulos pomposos, que a poeira  
Dos jazigos confunde  
C'os nomes vis de acerbos malfeitores;  
Não cabedais avaros  
De infâmias, de traições frutos iníquos  
Entram com pé seguro  
Na barca de Charonte, e lentos trilham  
As esquecidas ondas:  
Mas bem penhora das virtudes o áureo  
Ramo ao tenaz Barqueiro.  
Além dos almos vivirá soberbo  
Teu nome, afável Névia,  
Entre os egrégios, nomes, que calcaram  
Os pretextos do Orgulho.  
Tu deste às iguais tuas o traslado  
Das sociais Virtudes;  
Tu traçaste em teu meigo passatempo  
Adoçar as injúrias  
De rançoso Bioco, da Etiqueta,  
Da fastosa Opulência.  
Olha, como o Céu grato remunera  
Tua tenção graciosa!  
Rodeada de bem medrados frutos  
De fortunosa aliança,  
Vês o paterno brio em cada fronte  
E o Garbo teu airoso.  
Vês tesouros que esparge com mão pródiga  
Sobre o teu fausto Génio  
Para ornar teus magníficos talentos,  
Que em pobres perdem preço.  
O ouro é alma, é luz, que alento e brilho  
Infunde, e arreia as artes.  
Assim puro o rubi cintila aceso  
No rico engaste de ouro;  
Ou tal realça a cândida açucena  
Com as douradas plumas.

## SAUDOSAS LEMBRANÇAS

NISE

**Ai!** que te vás, Filinto, amante amado,  
Deixando-me entre lágrimas, – e o susto  
De te esquecer de Nise. – Ai! quanto injusto  
É contra o meu amor extremo, o Fado!

FILINTO

Não chores, Nise, nesta derradeira  
Amarga despedida:  
Serás lembrada, enquanto eu tenha vida,  
Que cá levo o teu nome na Carteira.

## FÁBULA

### O PRÍNCIPE E O ROUXINOL

UM Príncipe, e seu Aio passeavam  
Num bosque, e como é de uso, se enfastiavam;  
Que é condão da Grandeza.  
Ouvem um Rouxinol, que ali seu pranto  
Em doce canto,  
Pela devesa  
Magoado despedia.  
O Príncipe entre as folhas o descobre,  
Gaba-lhe a melodia  
O garbo nobre.  
Como Príncipe que é, vem-lhe o desejo  
De apanhá-lo,  
E d'encerrá-lo  
Em dourada prisão. – Eis com despejo  
Lança a mão faz ruído,  
Mas pressentido  
O Rouxinol abala; e sua Alteza  
Embasbacado  
Diz agastado:  
«Como, Ave de tal canto e gentileza  
Vive agreste no mato, e espantadiça,  
Enquanto o meu Palácio digno dela  
Inçado é de pardais!»  
«Tomai lição, Senhor; que exemplos tais  
Vereis, quando buscado da Cobiça  
(Que em vos roubar mercês só sonha e vela)  
Vos cansem, vos ofusquem  
Enxames de ruins, e de ignorantes.  
Ponde ante os olhos régios, vigilantes:  
Que o Mérito se esconde, e quer que o busquem.»

# EPITÁFIO

## AOS MEUS VERSOS

J'ai fait un peu de bien; c'est mon meilleur ouvrage.

VOLT. *Epit. à Hor.*

Abstulit clarum cita mors Achilem.

HORAT. *Lib. 2, Od. 16.*

**M**MORREU atraído o fero Aquiles,  
E Alcides, geração de Jove sumo  
No fogo Oeteu depôs a egrégia vida,  
Caçadora de Lernas Nemeus.

O grão Cantor de Trácia que os auritos  
Carvalhos desprendia dos outeiros,  
E em dança mui airosa os revolvia  
C'o reforçado plectro – Que os mistérios  
Da sábia, da escondida Antiguidade  
Cantou Divino – Que apiedou canoro  
O ilacrimável Dite – Em negro inferno,  
(Para mais não voltar) despedaçada  
Das Ródopes Donzelas cai inulto.

Semiramis potente, Helena linda  
Da Morte são despojos invejados:  
Não Poder, não Ciência, ou Formosura  
Sabem virar à lisa fouce o fio.  
Quando estas almas, gloria do Universo  
Mudas desceram às cavernas do Orco,  
Mil Sombras, que pela enojosa Stige  
Viram passar tão saudosos nomes,  
Carpindo o golpe duro as acompanham  
E lágrimas vertendo vão, trombudas.

O grande Homero, e o doce Ítalo Cisne,  
Presunção imortal de Grécia e Roma,  
Dous validos do Pindo nemoroso,  
Por quem choram ribeiras do Permesse,  
Tributos foram do avarento gume.

Da Parca é já vassala, e nas profundas  
Águas do adormecido Esquecimento,  
D'há muito tempo jaz sobre o esquerdo  
Cotovelo encostada a campanuda  
Conceituosa, ataroucada rima.

Os versos do Alpoim, do grão Talaia  
(Tão caros nomes não respeita o Fado!)  
Serão pasto também do roaz Tempo;  
Já lhes abre a garganta, aguça os dentes

E c'os olhos famintos os devora.  
Eu vi o torpe Monstro estar tragando  
Dourados livros, a grão custo impressos  
Na *Real Officina Sylviana*:  
E remoendo estampas, e florões  
Na peçonhenta boca arreganhada,  
Judiava, trincando nas censuras.  
Inda lhe lembro (Ah! com que mágoa o digo!)  
Ver por terra os retraços bajulados  
(Relíquias da dentuça estragadora!)  
Retraços Genealógicos, e Henriqueidos,  
Tantos lauros fidalgos na poeira...  
E vós, Versinhos meus, duros e antigos;  
Cuidais que escapareis? Baixai os olhos:  
Bebei sem murmurar águas do Letes,  
Se bebestes já na Haia as do desprezo  
Não era assim no seio de Élia ou Márcia!

## SONETO

À S. D. V. A. DE S. R.

QUERIA-TE escrever, fiel Amiga,  
Uns versos, quais pedia o meu affecto,  
Dignos de tão formoso e raro objecto,  
Que isentos corações a amar obriga.  
Tomo um livro, o papel pouso, em que diga  
De sempre amar-te o firme, e são projecto;  
Três vezes no tinteiro a pena enceto,  
Sem que possa engrolar-te uma Cantiga.  
Recorro a Apolo: – Apolo fez-se mouco.  
Chamo o Pégaso, as Musas: – Moita. – Apuro  
A ideia, empurro-a a versejar um pouco.  
Nada – Que é seca a veia, o estro é escuro.  
Sobre que livro, ou Demo escrevo eu louco?  
Se és Odes do Bezerra, eu te esconjuro!

# ODE

Exoriare aliquis nostris ex ossibus.

VIRG. *Lib. 4.*

QUANDO, à beira do Lima saudoso,  
O Bernardes suaviloquo entoava,  
Ao som da campesina Cornamusa,  
A meiga cantilena,  
E que em roda do Vate se apinhavam  
Os Faunos, os auritos Egipanes,  
Capri-barbi-corni-pedes-felpudos  
Moradores das selvas;  
E as verdes Hamadrias, co'as Napéas,  
Lá das fontes, o ouvido, e lá dos troncos  
Apontavam, nos sons embelezadas  
Do dulcíssimo metro;  
Bem longe foi de imaginar, que um dia,  
Daqueles mesmos sons ali vertidos  
Se ergueria uma Musa de mais polpa,  
Estadista, e Dançante.  
De Terpsicore Aluno mais devoto,  
Que das heras mimosas de Polímnia,  
Dará bailes no Pindo, em lugar de Odes  
De Píndaro, e de Horácio.  
Horácio trasmudado em traje Luso,  
Estranhará seus versos engoiados,  
Sua atrevida frase, hoje tão chocha,  
Em língua d'etiqueta.

## EPIGRAMA

«**S**IM: seu marido (um Médico dizia)  
Tem asma, tem doença prolongada.  
Tem muito que sofrer.» «Pobre coitado!  
(Lhe responde a Mulher) Mas bem podia,  
Senhor Doutor, curá-lo de maneira,  
Que o despene depressa, e no Céu posto,  
Eu de o ver padecer forre o desgosto,  
E ele de assim viver forre a canseira.»

# ODE

Hic posuisse gaudet.

HORAT. *Lib. 1. Od. 34.*

**N**EM sempre é cego o Numen da Fortuna  
Nem do seu Templo d'Antio espalha a esmo  
A bons, a ruins, a Sábios, a Ignorantes  
As ditas, e as desditas.  
Já a três, ou quatro, que eu distingo, os prémios  
Outorgou do Saber, e da Virtude.  
Hoje exaltados luzem como estrelas  
Na sfera dos diplomas.  
Não te admires, Bezerra, eu sei que ao lado  
Da Fortuna assistiu, regeu a dextra  
Do Nume, que esses dous distribuía,  
A próvida Sapiência.  
Foi acaso (bem sei) que raras vezes  
Dá a vária Deusa atento ouvido  
A conselho de sábios, nem de Numes,  
Despótica em seu Reino.  
Mas esta vez as súplicas puderam  
Da Tutelar da Elísia, que ela olhasse  
Pela honra, pelo bem do povo Luso,  
Dando ao mérito os postos.

# ODE

## AD CURIONEM

*Umbram et secessum viro sapienti convenire*

QUID nos Illecebræ, Curio, tamdiu  
Falsæ pelliciunt, nec bene credulos  
Pompa ludit inani  
Mundi scena volubilis?  
Qaæ dum suspicitur, vixque fugacibus  
Personis animos occupat, effluit  
Tortis sulphure flammis,  
Aut picto similis vitro.  
Vitæ, quin potius heu! nimium brevis  
Horas coligimus, dum superest colo  
Stamen, filaque nondum  
Fatales resecant Deæ?  
Quem non turba fluens, sed ratiu regit  
Non vanæ species decipiunt, neque  
Rerum pessima iudex  
Vugi torquet opinio:  
Non ile aut teneris miles ab unguibus  
Insanam galea caniliem premit  
Aut rursus mare tranat  
Indis sospes ab ultimis:  
Illum non amor aut discruciat metus,  
Non spes auxia; non ille potentibus  
Aulas et male tutos  
Fasces callidus invidet.  
Ergo militiæ transfuga et urbium  
Caram impendit agris rusticus utilem,  
Jacturamque javentæ  
Compensat melioribus  
Annis. Tum patriæ, tum sibi providus

## TRADUÇÃO DA ODE PRECEDENTE

DE que vem, Curião, que tão durável  
Nos ceva falso engodo?  
E com vã pompa crédulos nos logra  
Do Mundo a instável cena?  
Que enquanto encaras nela, e te embeleza  
Com máscaras fugaces,  
Se esvai, qual chispa azul da ondeada flama,  
Qual figurado vidro.  
Porque da vida, ai triste! que é tão curta,  
Não colhemos as horas,  
Enquanto a estriga enroupa a roca; e a Parca  
Fatal não corta o fio?  
A quem rege a Razão, e nunca a turba,  
Nem formas vãs iludem,  
Nem (péssimo Juiz) o Vulgo o esgarra  
Com opinião injusta.  
Nunca o verás soldado em tenros anos  
Insanas cãs com elmo  
Cingir; nem cortar, salvo, lá das Índias,  
Re-navegados mares;  
Nem esperança ansiosa, amor, nem sustos  
Terão de atormentá-lo:  
Que opulentos salões, lúbricas honras  
Sabido não inveja.  
Antes, fugindo a exércitos, e a cortes,  
Sulcis frugiferas ordinat arbores,  
Et quam nunc serit ævo  
Quercus proderit altero  
Fixum blanditiis ac puerilibus  
Natorum studiis, sedulaque et placens  
Castis moribus uxor  
Dulci detinet in domo.  
Lætus sic reliquos ille agitat dies,  
Nec deerit tacito nænia funeri,  
Fletu sparsas amico  
Urnæ cum dabitur cinis.

A. M. DE CURNIEU

Aldeão ara úteis campos;  
E ali ressarce, em seus melhores anos,  
Da mocidade as perdas.

Provendo a si, e à pátria, estorce as alas  
De frutíferos troncos;  
E o Carvalho que planta, será de uso  
À vindoura progénie.  
Na doce casa o prendem com carícias,  
Com jogos os filhinhos,  
E com castos costumes, com agrados  
A cuidadosa esposa;  
Passando ledos os dias, sem que falte  
No quedo enterro a Nénia,  
Quando em urna lhe entrar regada a cinza  
De lágrimas amigas.

# FÁBULA

Homo doctus in se semper divitias habet.

*Phædr.*

QUANTO vale o saber!  
Houve dous Cidadãos numa Cidade,  
(Que por nome não perca)  
Um deles rico, e como é já costume,  
Tão fátuo, quanto rico:  
Pobre era o outro, mas às letras dado.  
Que bem diz o Garção, – que não passeia  
Em dourada berlinda o saber raro.  
Dizia o rico ao pobre:  
«Tens tu, com tanto estudo, lauta mesa?  
Barretadas? Mesuras de Senhoras?  
Quando vás pela praça,  
Vem falar-te o Fidalgo, o Beca, o Cura?  
Com meu luxo sustento  
Pintores guapos, sábios Architectos;  
Amam-me as Damas, louvam-me os Poetas.  
Sei tudo, sem estudo.  
(Toda a gente mo diz, e eu quasi o creio)  
Sou gentil homem, guapo,  
Tenho mil prendas, tenho mil pilhérias,  
É para ver como essas Moças todas  
Me gabão – que é um pasmo – (e é sem lisonja)  
Habito num Palácio;  
Opulentas alfaias,  
Ricas librés, chapéus acairelados  
Fazem mais fausta a reluzente placa,  
Que no peito blasona.  
E tu, com todo o teu saber inútil  
Mal enroupado,  
Desconhecido,  
Encargo da República, dás volta  
Às ruas todas, só, e jejuando  
De afável cortesia:  
Cansado vás cismar na água-furtada,  
Enquanto eu stou com Damas, com amigos;  
Trinco saúdes, festival emborco  
Champanhas, Malvasías.  
Ser rico é tudo, ser letrado é nada.»  
Não acabava, quando um terremoto  
Derriba as casas – lavra o fogo, e queima  
Móveis, papéis – o pó, a chama, o fumo  
O ruído arrasado das paredes  
O clarão de alongadas labaredas,

Que em roda também Templos, e Palácios  
Os gritos, o tropel, o estrago, a morte,  
Ais, soluços, mortíferos arrancos  
Põem em fugida os peitos mais valentes:  
Foge a piedade, foge o parentesco;  
Até o Amor deixava ao desamparo  
    A suspirada Amante.  
Já os dous Cidadãos, a pôr-se em cobro,  
O rico, e o Pobre fogem. Ambos levam...  
    Levam o que é só próprio,  
    Que com eles sempre anda,  
E em que não tem poder tremor, nem fogo:  
Leva ignorância o Rico, e o Pobre estudos.  
Com seu saber, profícuo em tal desastre,  
O Pobre acha agasalho, acha respeito;  
O Rico, sem riqueza, acha ludíbrio.

## SONETO

### AO SENHOR DOMINGOS MAXIMIANO TORRES

QUE Paris, meu Alfeno! Que passeios!  
Que ricos trajes! Damas roçagantes!  
Mesuras de primor! Risos amantes!  
Cortesês, melindrosos galanteios!

Que teatros, de mil belezas cheios!  
Que jardins asseados, e elegantes!  
Que sombras tácitas, que os mui flagrantes  
Furtos, cobrem, de amantes devaneios!

Viva Paris! Aqui a Lira ociosa  
Porei, c'os louros, nos idosos dias  
Aborridos do Amor, da Formosura.

E escreva em baixo a Gratidão forçosa:  
«Aqui Filinto contra as tiranias  
Colheu abrigo, e na soidão doçura.»

## ODE

*Haia, 23 de Dezembro de 1794, dia dos meus anos*

Tædet alieno vivere more.  
Reges et dominos habere debet  
Qui se non habet.

MART.

**J**Á me transborda pela boca o tédio  
De viver (nunca meu) na Casa de outrem;  
E algemando o meu gosto, seguir sestros  
Alheios, e etiquetas.  
Vivam em cepos tais aperreados  
Os que nunca trilharam as veredas  
De Honra e de Estima; e sim, as da Lisonja,  
Parasitos sem pejo.  
Eu (bem que mas cortou vesga Calúnia)  
Bato o acanho das asas, tenho a mira  
Sempre fita no aurífero Futuro  
Independente, e livre.  
Depondo então os trajos constrangidos,  
Vestirei largas roupas à Vontade,  
Sem que outros cingidouros as estreitem,  
Que os liames do Honesto.  
Grilhões se forja, Déspotas se apresta  
Quem inerte prostrou o ânimo livre  
Ante o Rico, que doura (esperdiçado)  
A aviltada preguiça.

## EPIGRAMA

**V**IU-ME Vénus jurar, contra Delmira,  
De não tornar (enquanto eu viva) a vê-la.  
Pérfida rindo disse: «Aplaca essa ira;  
Que as juras faz quebrar Cara tão bela.»

## CARMEN

Conscientia bene actæ vitæ multorumque  
benefactorum recordatio jucundissima est.

SENEC.

**A**UREA tecta regum et  
Aureos currus stupidum  
Vulgus et insolentes,  
Luminibus retortis,  
Divitum spectans epulas  
Invidia macrescit:  
Talia possidentes  
Jactat æquales superis  
Et vocitat Beatos.  
Sed Timor et Cupido  
Sordidus subterlatitant,  
Tabificusque Languor,  
Aurea tecta vestesque  
Aureas; curæque graves  
Improba corda torquent,  
Integer atque purus  
Rustico vivit melius  
Sub lare spreto auri  
Splendidus; ille avaræ  
Abstinens fraudis, veritas  
Legibus odit artes:  
Ille dapibus inemptas  
Liberis mensa in tenui  
Hospitibusque præbet;  
At sibi parcus uni

## TRADUÇÃO DA ODE PRECEDENTE

DEFINHA-SE de inveja o Vulgo stúpido  
Se com torcidos olhos  
Os coches, áscua de ouro, os áureos Paços  
Dos Reis, ou viu as mesas  
Insolentes dos ricos. Dá por émulos  
Dos Divos quem tal logra,  
E Bem-aventurados os pregoa;  
Mas nesses áureos tectos,  
Mas nesses tissus de ouro anda encoberta  
A sórdida Cobiça;  
E com o emagrecido Enojo, os Sustos;  
E as ímprobas entranhas  
Lhe atassalham roazes Des-socegos:  
Enquanto inteiro e puro  
Desprezador de faustos vive splêndido  
Na tosca choça, e quedo  
Se abstém de avara astúcia, e dá de rosto  
Às manhas, que as leis vedam  
Em sóbria mesa, aos hóspedes, aos filhos,  
Dá manjar não comprado.  
Parco consigo só, o ânimo espraia  
Paternal c'os mendigos:  
E se a lúbrica Deusa, a que lhe dera,  
Riqueza, ora lhe rouba,  
Na tenuidade rico, não lhe pena  
Nem dói, se os bens naufragam:  
Calado recordando os bens que há feito,  
Co' essas lembranças folga.

Solvit indulgens animum  
In miseros paternum.  
Lubrica si fruendas  
Diva quas olim dederat  
Nuper opes ademit;  
Non dolet aut gravatur  
Naufragis rebus, modica  
Sorte satis locuples.  
Quæ benefecit antehac  
Mente pertractat tacitus  
Et meminisse gaudet.

AD FRANC. MANUEL

GALLICA cum Latinæ  
Musa mentitur faciem et  
Ora sonosque Musæ,  
Jure timet sibique  
Parva difidens, oculos  
Consulit eruditos;  
Ne gravis et severus  
Censor informem reprobet  
Nec satis expolitam:  
Tu bonus hanc magistra  
Arte concina, et nitidum  
Redde, vel abde cella.

## SONETO

À SENHORA D. M. J. R. D.

**M**AL quero serenar turvas saudades,  
Reclamo à ideia o teu gentil semblante,  
O níveo colo mórbido – a ondeante  
Trança de ouro, prisão das liberdades;

Os olhos, que avassalam Divindades,  
O namorado riso, e o ar fragrante  
Da pudibunda boca, que em amante  
Ardor ateia as ávidas vontades.

Quão feliz quem de perto te enamora,  
Quem te vê bela, quem te está contino,  
Ouvindo arrebatado a voz que adora!

Só o lembrar-me, que amor tão peregrino  
Gozei, e os dons dessa alma encantadora,  
Do ser mortal me despe, e sou divino.

CARTA  
AO SNR. J. A. C. D. C.  
EM QUE SE FALA DA ÓPERA DE PARIS

SUPÕE, Amigo, que és pastel vivente  
Que estás no forno, e mil pastéis contigo,  
Por lados, pelas costas, pelo umbigo;  
Que tanto é o apertão, e o ar tão quente.  
Chama-se esta a Plateia: os Camarotes  
São estufas, (de esguios e acanhados)  
São tabuletas de carões pintados,  
De oucas trunfas, de aéreos birimbotes.  
Nem lhes cede o Peralta em atavios;  
Trescala de perfumes. Entufadas  
Vão até à nuca as faces; traz pejudas  
Cadeias de soalhas, e assobios.  
Lá, de instrumentos rompe a traquinada,  
A quem a alcunha deram de *Overtura*,  
Cada um quer só brilhar, da Obra não cura:  
Com que dispara a música em salsa.  
No teatro, a gritar, cada um se incita,  
E por mais que ouças, não comprendes <sup>[xxv]</sup> nada;  
Na plateia desfecha uma assuada  
A cada Actor, ou Dama, que entra – ou grita.  
É pasmo ouvir Madamas quarentonas  
Uivar, com momos, solfas turbulentas,  
*Le Gros* berrar, abrir vermelho as ventas,  
C’o braço nu, nos ares dar taponas.  
Ali Diana, co’a madeixa solta  
Ao Zéfiro, traçada a saia fina,  
Corre traz Gamos, Tigres – desatina  
Os Cães co’a argêntea trompa, em si revolta.  
Mas, apenas entrou nos bastidores,  
Gamos, Tigres investem co’a Diana;  
Que deposto o carcaz, risonha, e humana  
Se torna em caça, e a caça em Caçadores.  
Vem Júpiter do Céu, c’o raio aceso  
(Alerta o ouvido ao som dum assobio)  
Largar o estouro; – e mui pausado, e frio  
Dar frases sem sabor, razões sem peso.  
Neptuno (quem tal crera) apolvilhado,  
Aqui soltos anéis, ali prendidos,  
Sai dos mares húmidos; e os fidos  
Tritões tiram o Carro não molhado.  
Não me esqueça, falando de Neptuno,  
Dizer-te, que deixando as barbatanas,  
Os Frisões, com servilhas mui maganas  
Dançavam passe-piés, melhor que o Nuno.  
Vi juntos, sem eclipse, o Sol, e a Lua

Conversarem à mão desempachados,  
 Às escuras o Mundo, os Céus parados,  
 Corre o Tempo, e de regra o Orbe jejua.  
 As almas dos Elísios muito humanas,  
 Todas corpos de carne, e de apetite,  
 Dentro, e fora da cena dão convite  
 Às paixões mais gulosas, mais mundanas.  
 Simulacros de ingénua singeleza  
 De mansa condição, de honesta calma,  
 Tormentas furiosas erguem na alma,  
 Que ouro amansa, chovido com largueza.  
 O Palácio de Armida mui formoso,  
 Todo de papel pardo – num instante  
 Mil Duendes do Inferno flamejante  
 O queimam c'um fogacho strepitoso.  
 Dormia uma Pastora (sem ter sono),  
 E o seu mui terno esperdiçado amante  
 Pedia a Filomela que não cante,  
 Que a não acorde com algum tritono;  
 Enquanto ele, com voz de trovada,  
 Os bambolins, e Céus daquela cena  
 Faz tremer, quando o canto desempena  
 Da robusta garganta arrepiada.  
 Não te digo as carrancas, e trejeitos  
 Que Homens, e Damas fazem, quando cantam:  
 Choram crianças, que de as ver se espantam;  
 E é forçoso calá-las com confeitos.  
 Estão longe do mimo, e da doçura  
 Com que o bom Metastásio, e o Peres brando  
 Os cantos, e as palavras animando,  
 Se deram vida, além da sepultura.  
 Guadagni, Egizzielli (que saudade!)  
 Com que extasi escutei o sonoro  
 Canto vosso no Templo majestoso,  
 Que a Amor ergueu José, e à Heroicidade.

## ODE

Dii me tuentur, Diis pietas mea  
Et Musa cordi est: hinc tibi copia  
Manabit ad plenum benigno  
Ruris honorum opulenta cornu.

Horat.. *Lib. 1, Od. 17.*

**D**ESLEAL Pensamento, que, há três lustros  
Te cevas de terrores,  
E cobras mores forças mais temendo;  
Que ora de amor às brasas  
Sopras a cinza, as asas sacodindo;  
E a Lealdade ingénua  
Picando com as puas de Ciúme,  
Baralhas, alvorotas  
Da dulcíssima Vénus o almo Império.  
Já enlutando iníquo  
Os seios da alma com pesado agouro,  
Em mágoas, prantos, sustos  
Molhas da vida o malogrado fio.  
Desafronta-me o peito  
Onde o teu fel (maligno!) derramaste:  
Desce ao lóbrego Averno,  
Às lagrimosas margens do Acheronte,  
Onde escuro nasceste,  
Onde te fartes de ânsias, de pavores.  
Lá, de mim longe, estende  
Sem sono a noite, sem descanso os dias.  
Que eu, cheio de esperanças,  
Abundantes por \*\*\* franqueadas,  
Quero espancar os prantos  
Trajados de amarguras, com que esta alma  
Cingiu feio cuidado.  
Rompo os grilhões: e, de cativo, forro,  
(Já, cansado, e rugindo, os  
Arrastei:) – rasgo os lutos, que inda em torno,  
O Ingenho enegreciam:  
Abro de par em par as tardas portas  
À fugida Alegria.  
Entraí, branda Amizade, entraí Prazeres!  
O meu leal esp'rito  
Alarga os braços, e a acolher-vos corre.  
Que gentis sois! que guapos!  
Vós sois a alma da vida. Vós do peito  
Limpais com mão florida  
As nódoas macilentas, que deixaram

Os Pesares ferrenhos.  
Vós dais mais pura luz ao claro dia:  
Dourais os toscos tectos  
Das palhoças vilãs, e lhes dais cores  
Que enjeitam desdenhosos  
Emprestar aos Palácios arrogantes.  
Dais vívida saúde,  
Dais todo o Bem ao mui ditoso humano,  
Que honrais c'ó tosto vosso.  
C'ó desuso tão longo acerto apenas  
(Absorto!) em conhecer-vos!  
Suspirados Ausentes, abraçai-nos:  
Beijai na branda face  
A mimosa Delmira, que inda sente  
No paladar amargo  
O ressábio prolixo do Infortúnio,  
Mal devido às virtudes.  
Ficai connosco, lépida Alegria:  
Ficai, doce Amizade;  
Debaixo deste colmo soem sempre  
Vossa voz, vosso riso.  
Que eu farei, que aqui desça a acompanhar-vos  
Co'a Lira o louro Febo,  
C'ó tirso folgazão o louro Baco;  
E entre as Graças, e os Jocos  
De quem nos deu descanso tal, o nome  
Discantaram as Musas.

## AMIZADE A LA MODA

### FÁBULA

**U**FANA a Laranjeira c'os dourados  
Pomos que entre a folhagem lustri-verde  
Brilhavam pendurados;  
Com que raiva de Inveja, e o preço perde  
Toda a árvore em redor, em si dizia:  
«Vedes vós, como vem, mal nasce o dia,  
Saudar-me risonhos, e cortesês  
Senhores, e Senhoras?  
Quantas, e quantas vezes  
Me vêm acompanhar, nas frescas horas,  
Que o sol, descendo ao lúcido horizonte,  
Debruça pelo monte  
Compridas sombras, e suaves cheiros?  
Então de meus louvores ouço, em roda,  
A devida harmonia – a tarde toda  
Gabam meus frutos, no sabor primeiros.»  
Mal que a despiu dos frutos  
O Inverno, com seus sopros desabridos,  
Desfez-se a companhia: – os atributos  
Tão gabados téli, são esquecidos.  
Que amigos, e louvores  
De mérito prestante  
Vem co'a riqueza. Vão-se c'os rigores  
Da Fortuna inconstante.

## FRAGMENTO

QUEM esperou jamais, que a linda Castro,  
Viva chama, e delícias do seu Pedro  
    De Avós Monarcas,  
    Do trono digna,  
    Formosa, e pura  
Prendada por Minerva, e pelas Graças,  
    Caísse em mãos de algozes,  
Inocente, e nos anos piedosos,  
Que em vez de morte, adorações pediam?  
Rege um braço fatal inevitável,  
Escondido de nós, nossos sucessos:  
    Saber experto,  
    Prudência cauta,  
    E aguda vista  
Não podem atalhar-lhe as cegas ordens,  
    Nem quebrar da cadeia  
Um só fuzil, um aro, a que estão presas,  
Com nó forçoso, as nossas desventuras.

# ODE À POESIA

Sicut Pictura Poesis.

HORAT. *De Art.*

QUANDO, assentada no sublime Pindo,  
C'os puros olhos cercas  
As maravilhas da alma Natureza,  
Oh divina Poesia,  
Com arraiadas roupas a Eloquência  
Vem sentar-se a teu lado,  
E te brinda co'as jóias mais custosas  
De seu caudal tesouro.  
A música te embebe nos ouvidos  
O dulcíssimo canto,  
Mede as vozes, os mélicos te ajusta  
Altivos devaneios.  
Também desce do Olimpo, em branca nuvem,  
Urânia, que se cobre  
C'o largo manto azul, entretecido  
De fúlgidas estrelas:  
Com ela vêm alados Pensamentos,  
Trazendo em cofres de ouro  
Profundos cabedais de ímprobo estudo,  
Aos Céus, à Terra, aos Mares,  
Pela aguda, tenaz Filosofia,  
Com fadiga arrancados.  
Que novos Campos de risonha messe  
Se descobrem, se enfeitam  
Ao lume perspicaz da tua vista!  
Novos Sóis, novos Mundos  
Povoados de incógnitos portentos  
À conquista se of'recem  
Do teu pincel ousado! Agora juntos  
Tens todos teus poderes.  
Agora, já te inspira activa chama;  
Vás empregando as cores  
Nos debuxados rasgos do Orbe augusto.  
Empinadas montanhas,  
Que das nuvens, dos astros são colunas;  
Ou rios caudalosos,  
Imagens da perene Eternidade,  
De inesgotável urna,  
Ondas, sobre ondas desatando a fio;

Robustos arvoredos,  
Abrigo de animais, soberba coma [xxxvi]  
Da encosta vecejante,  
De multi-cor bonina matizada;  
Ou já, se aos semideuses  
Voltas a mão, de árduo pincel armada,  
Para Ti se abrem francas  
Da Fama honrosa as portas bipatentes;  
Ali padrão glorioso  
Pões por alvo ao valor caro e profícuo  
Ali o primor da arte  
Apurando no Herói de ínclito peito,  
Lhe disferes o braço,  
Com que decepa as pululantes frentes  
Do multi-forme vício.  
Sim; agora, sublime e clara Deia,  
Que finges no alto quadro  
Efigies imortais, com que as virtudes  
Dos Heróis mais prestantes  
Salvas do pego do Acheronte avaro;  
Agora te insto afouto  
Designes de \*\*\*\* o peito nobre  
Vaso de são costumes,  
A mão bizarra, o esp'rito penetrante,  
Gosto reflexo, e paro.  
Esta dádiva afável t'a merece  
A Lira ingénua, e grata.

## ODE

### AO DOUTOR ANTÓNIO RIBEIRO SANCHES

Sunt verba et voces, quibus hunc lenire dolorem  
Possis et magnam morbi depellere partem.

HORAT. *Epist.*

QUANDO já transpusemos as balizas  
Do estio das paixões, e a alma cansada  
Do vórtice azougado, pede ao sangue  
    Consentido repouso:  
Então desce dos Céus em branca nuvem  
A Divina Amizade, e traz consigo  
Os são Prazeres, sazonado fruto  
    Das virtudes amenas.  
Feliz, o que no seio já maduro  
A agasalha prudente; esse entesoura  
Riquezas, que não rouba a sorte iníqua,  
    Nem o tempo desfalca.  
Contra as lanças da seva Adversidade  
Triplicado broquel, mais que aço duro,  
A Amizade lhe opõe, em que despontam,  
    Ou ao menos resvalam.  
Mas tu, santa Amizade, quanto és rara!  
Quão poucos dignos de teu almo riso!  
Nos fundos penetrais da terra se acham  
    Mais presto os diamantes.  
Só peitos puros de lisura ornados  
Ameigas melindrosa. Em tuas aras  
Feliz já pus agradecido incenso  
    Em dias – mais serenos.  
Também já pendurei pelas paredes  
De teu sagrado templo alegres votos  
De lembrados amigos, que salvaram  
    A vida de Filinto.  
Hoje, que em negras nuvens ruim Fado  
Graniza sobre mim penas, desditas;  
Hoje que a Ausência aponta ao peito as flechas  
    De enfadonha saudade;  
No manto da Amizade me recolho,  
Com suas brandas mãos os olhos cubro,  
Por não ver desfrechar de irados arcos  
    Desmerecidos golpes.  
Como faz a Donzela pavorosa,  
Quando o Pólo se acende com relâmpagos

Da Mãe no seio esconde a face, a vista,  
E, com a vista, o susto.  
Tu viste, oh Sanches, cruentar as Parcas  
As tesouras nos fios dos Amigos;  
Mas um sacrário ainda te reservas  
A Lachesis vedado.  
Tu com Sócrates podes, com Aurélio  
Adoçar as mordazes amarguras,  
Que os Deuses (quasi digo que invejosos)  
Te enviam pelo Tempo.  
Nada a Moléstia, nada as cruas Perdas  
Podem curvar uma alma, que se arrima  
Ao pedestal robusto da agradável  
Leitura, que varia.

# SONETO

MOTE

De Amor afronto a feia tempestade.

GLOSA

QUAL no horror da tormenta o Marinheiro,  
Do lenho naufragante ao mar se lança;  
E nu, co'as ondas verdes luta, e cansa,  
Debruçado no trémulo madeiro:

Se lasso o arroja a terra um sobranceiro  
Grosso rolo do mar, co'a praia avança;  
Beija o piedoso chão; jura, à bonança,  
Não mais dar fé, do pélago embusteiro.

Eu já lutei assim de Amor nos mares;  
Assim prometi já não mais sulcá-los,  
E assim pendurei tábua à Liberdade.

Eis que hoje sacrifico em teus altares:  
Vejo os negrumes, vou expr'imentá-los:  
– De Amor afronto a feia tempestade.

## MADRIGAL

**P**ESA esses corações nessa balança  
    (Que o meu e o teu figuram)  
Nossa ausência lhes pôs na cor mudança;  
Porque penas as cores desfiguram:  
Ou tanto os demorou em vivo fogo,  
    Que de muito abrasados  
    (Pelos não tirar logo  
Da forja Amor) são negros de queimados;  
    Ou também por querer  
Que até na cor se mostrem seus cativos.  
Tu pelo peso podes conhecer  
Qual, no amar, fogos sofre mais activos.

## EPIGRAMA

**S**E aos homens se mostrasse toda nua,  
(Diz Platão) a Virtude – encantaria.  
Em muitos a vi eu bem nua e crua,  
E em vez de encanto dava zombaria.

## ODE

Illum agēt penna metuente solvi  
Fama superstes.

HORAT. *Lib. 2. Od. 2.*

QUE não pode a Virtude, quando inflama  
Íncrito peito de prosápia ilustre,  
Qual na aurora do Império valoroso,  
Já tinha claro nome?  
Se leva pela mão o seu Aluno,  
Aos íngremes rochedos escarpados,  
Onde assentou aspérrima o seu Templo  
A cortejada Fama:  
Lhana, aprazível lhe figura a estrada,  
Risonha a encosta do empinado monte,  
E patentes as portas, a seus golpes,  
A entrada lhe franqueiam.  
Já sonoro clarim, com dobre alento  
Abala o Templo, o peristilio treme,  
E ressoa do Herói o apelido  
Nos estranhados ares.  
Com insígnias honrosas o decora,  
Grato ao Monarca, dos iguais inveja,  
Assombro emulação dos virtuosos;  
Os Povos dão aplausos.  
Nomeia, oh Musa, esse homem mais que humano,  
Tão caro aos Portugueses, aos estranhos,  
Tão caro às letras, raro esmalte  
Das almas bem nascidas.  
Consagra nos teus versos sem lisonja  
O nome de Araújo, põe modelo  
Aos que meneiam nas difíceis Cortes  
O Caduceu sobr'ano.

## SONETO

**E**MBORA venha a Ausência despiedada  
Encobrir-te a meus olhos saudosos.  
E os meus tristes suspiros amorosos  
Leve após de teu gesto, oh Márcia amada:

Embora a meu constante amor roubada,  
Te cinjam tristes Argos odiosos;  
Rondarão meus afectos extremosos  
Os umbrais, em que vivas encerrada.

Se és firme à minha fé estremecida,  
Da Ausência zombo, e da violenta Morte.  
Tão fino amor termo não tem co'a vida!

Nem com todo o poder, é dado à Sorte  
Tirar-te donde estás na alma sculpida  
Por mão dum Deus, dos Deuses o mais forte.

## CAIXA DE NOVA INVENÇÃO

Nec minus ipsa meas prodebant somnia curas,  
Somnia secreti non bene fida mei.

CORNEL. GALL.

**S**ONHEI, que à tarde, num calmoso dia,  
Sentado à porta do meu pobre alvergue,  
Tomando o fresco à sombra da parreira,  
Que me faz verde alpendre buliçoso,  
Via chegar um venerando velho  
De traje não comum, que me saúda  
Junto de mim se assenta, e com amena  
E divertida prática experiente  
Até fechada a noite me entretém.  
Convido-o c'ó agasalho do tугúrio,  
C'os frutos do vergel componho a mesa,  
Dou-lhe um leito, despeço-me estranhado  
Do muito que lhe ouvi raro e profundo.  
Na manhã do outro dia me agradece  
O acolhimento, e me insta que lhe aceite  
Um parco dom de gratidão sincera.  
Arredado que fora da pousada,  
Fui, curioso, ver o dom que deixa.  
Vi uma Caixa de arte primorosa  
De labores antigos. Mal que, aberta  
Com pouco custo; ao disparar da vista,  
Dou c'um retrato... move-se a pintura,  
Vai pouco a pouco... Oh pasmo! oh maravilha!  
Avultando em figura. A Caixa mesma,  
Em mole cama de nevada alvura  
Se convertia, quasi sem que os olhos  
Dessem fé da mudança mal sentida.  
Também se alça, e transforma a bem-lavrada  
Cobertura de Caixa, e já disfere  
Cortinas, sobrecéu; este em sanefas,  
Aqueles em festões, em apanhados,  
Com franjas, com cordões, com borlas de ouro,  
Sustinham pavelhão gracioso e rico,  
Consagrado ao prazer, à formosura,  
Que, estendida no leito, figurava  
Ter dado à mórbida atitude as cores  
Do Albano à Vénus: Eis sorrindo terna...  
Aqui ponho balizas; que não cabem  
No papel os remates do tal sonho.



## DESEJO DUM PECADOR PIRANGA

QUEM me dera ser Rei, ou ser Rainha,  
Para de todos ser lisonjeado;  
E depois de pecar muito folgado  
De gostos recheada Ladainha,  
Ir peregrino a Roma em sege guapa  
Agarrar meu perdão aos pés do Papa.  
    Ir (digo) a Roma, velho,  
Incapaz de pecar, já velho e relho:  
E havido um Paraíso neste mundo,  
Ir no Céu agarrar inda um segundo.

## ODE

Nec Læstrigonia Bacchus in amphora  
Languescit mihi

HORAT. *Lib. 3. Od. 19.*

QUE dia tão feliz me fora o de hoje  
Se eu pudesse contente celebrá-lo  
No honrado grémio, na festiva mesa  
De Araújo, e de Brito!  
C'um cristal de dourada Malvasia,  
Retinindo arraiado nos dous copos  
Dos bizarros amigos, empinara  
Poéticos alentos.  
Vira logo ante mim Linces malhados  
Tirar pujantes, pelo campo aberto,  
O Carro triunfal, em que nas Índias  
Conquistador entrara  
O magnânimo Baco, sobraçando  
Do mosqueado Tigre a hirsuta pele;  
E a risonha Ariadna, depostas  
Saudades de Teseu,  
Lançando-lhe ao pescoço pampinoso  
O torneado braço, com meneio  
De amoroso semblante, estar pedindo  
Da pérfida Ilha os beijos.  
Mas, pois desdenha a Malvasia as casas  
Dos Poetas – com tavernal zurrapa  
Seus nomes banharei. Por ora aquietem-se  
Os Bacos, as Ariadnas.

## SONETO

AOS ANOS DA S.<sup>RA</sup> D. M. J. R. D.

MOTE

Dança-se muito, canta-se à porfia.

GLOSA

**E**STE Cedro, que à porta da Cabana  
Vês erguer a cabeça alta e frondosa,  
É dedicado a Márcia, a mais airoso,  
A mais fiel, a mais gentil Serrana.

E os que em latada, ali, de limpa cana  
Coram, entre os jasmims, botões de rosa,  
Vassalos são desta árvore ditosa,  
Que rendem culto à sua Soberana.

Todos os anos, com festões de flores  
Seus ramos rindo estão neste almo dia,  
Que viu a luz do Sol os meus Amores.

Em seu louvor nas taças da Alegria  
Brindo co'estas Serranas, e Pastores,  
*Dança-se muito, e canta-se à porfia.*

## ODE

Tale facis carmen docta testudine, quale  
Cynthius impositis temperat articulis.

PROPERT. *Lib. Eleg. 34.*

O que deve entre os homens, entre os Numes  
Ter ínclito renome,  
Logo ao nascer, em seu semblante ingénuo  
Apolo lhe bafeja  
Divino sopro de arrojados brios.  
Não temas que fraqueie  
Aos duros golpes da Fortuna adversa:  
Antes, qual rija palma,  
Levanta as ramas, que acurvara o peso.  
Recém-nascido as Musas  
C'os Cantos de Virgílio te embalaram,  
E junto de teu berço  
Por Aia te puseram a Harmonia.  
Às vizinhas florestas  
Os louros do Parnasso transplantaram.  
A clara Cabalina,  
As doutas ondas do vocal Permesse  
Banhavam tuas veigas.  
Até Urânia Vénus, (cortejando-a  
Os fiéis Companheiros  
Da ditosa imortal Sabedoria)  
Assentou lá seu Templo;  
E brandos Zéfiro, batendo as asas  
Perfumadas de flores  
Tomou por Mensageiros, que a \*\*\*  
Levassem com disvelo  
Os gomos das virtudes, e em seu peito,  
Como em jardim viçoso  
As plantassem. Tais são as que hoje vemos  
Em Ti tão bem medradas.  
Quis que tão pura se desate, e corra  
Tua clara facúndia,  
Como passa o ribeiro transparente  
Sobre a dourada areia;  
E teus versos tão meigos, tão suaves,  
Fossem dignos de Apolo.  
Se me igualasse co'a vontade o ingenho,  
Oh quanto eu te emulara!  
Oh quanto a ter por mim mais certa a Clio  
Te louvara em meus versos!

Mas melhor Clio tens em teus Poemas,  
Melhor Flaco te louva.

## LIRAS

**A**POLO, quando a mim desce do Pindo,  
Co'a luz, que me alumia,  
Mete na ideia o dia  
Que as sombras da Ignorância vai ferindo.  
Cupido, quando a mim vem de Citera  
Mete o Prazer no peito;  
Meu coração desfeito  
Em líquida afeição, no amar se esmera.  
Dos mais Deuses esqueço o Nume esquivo:  
Dê Juno aos seus Grandezas,  
Dê Pluto aos seus Riquezas;  
Que eu com Apolo e Amor ditoso vivo.

## SONETO

QUEM visse andar Cupidos estendendo  
Esmaltada alcatifa pelo prado,  
Uns dando ao ar perfume delicado,  
Outros c'roas nas árvores prendendo:  
Este afinando, aqueles aprendendo;  
Um canta, outro se arreda, e retirado,  
No chão um joelho, e o outro levantado  
Brandos versos na areia está screvendo...  
Eis do áureo carro nítida se apeia  
Entre danças das Graças e Prazeres...  
Quem não dirá que é a bela Citereia?  
É Nise, que honrar vem Pomona e Ceres,  
Nize, que o Deus, que os Deuses senhoreia,  
E Vénus bela ornou de seus poderes.

FALA  
DE PIGNOTTI  
À SOMBRA DE POPE

..... **A**PLACA, oh Vate;  
O enfado aplaca, e nesta altiva empresa  
Dá-me auxílio, e favor. – Ah! se a miúdo  
Senti ao som de teus sublimes versos  
Pelo peito correr tremor suave,  
Que nos sensíveis ânimos desperta  
A harmonia do Pindo; e se os abalos  
Que outrora te agitaram, quando as belas  
Imagens, que ante os olhos te surgiam,  
Tanto na alma me entravam, que tremia,  
Como acorde co'a uníssonã harmonia,  
Treme, e ressoa a não tocada corda,  
Ao tremor da vibrada companheira.  
Se o voo teu seguindo, tinha a vista  
No portento do ardor, com que rompias  
Pela névoa dos Fados. Se maviosos  
Prantos verti sobre as amargas notas  
Da afligida Eloísa, quando pugna  
Contra os sentidos seus alvorotados,  
Dos Céus, do Mundo rebatida vaga;  
Qual baixel contrastado do Austro e Noto,  
Ao Céu severo of'rece incertos votos,  
E entre o Amante, e entre Deus pende perplexa.  
Empresta-me em tal ânsia, oh Vate egrégio,  
A lira tua, que em silêncio amigo,  
Pende, armada de cordas sonoras.

## SONETO

QUAL corrente de linfa cristalina  
 Dos alpestres rochedos debruçada,  
 Beija a raiz à faia levantada,  
 Salpica a folha à rosa purpurina:  
 Já, rasgando em meandros a Campina;  
 Ora foge, ora volta, ora abraçada  
 C'ó pé do tronco amante, remansada  
 Se demora; que Amor assim lho ensina:  
 Tal desce a minha Márcia aquele outeiro,  
 Mais cândida, que a spuma da corrente,  
 Vindo a Filinto, seu amor primeiro;  
 E ora esquiva, ora meiga, me consente,  
 Ou nega um beijo, um furto aventureiro,  
 Reclinada em meus braços brandamente.

## ODE

Huc vina et unguenta et nimium breves  
Flores amenæ ferre jube rosæ,  
Dum res et ætas et sororum  
Fila trium patiuntur atra.

HORAT. *Lib. 2. Od. 3.*

**A**GORA, que curvadas as videiras  
C'os roxos cachos stão, c'os cachos louros,  
Colhe, oh Mancebo, adorna-me esta mesa  
C'os dons do aceso Baco.  
Colhe as lisas maçãs envergonhadas,  
Os felpudos marmelos, rotos figos,  
A fresca melancia açucarada,  
O melão bem cheiroso.  
Enquanto o hirsuto Nauta verde-negro  
Da barca nos não brada, e cuida em pôr-nos  
Nas escuras pousadas, onde nunca  
Se empina o ruivo néctar:  
Enche as taças, coroa-mas de flores;  
Emborca pela mesa (não me enfado)  
A cerveja espumante, o verde vinho.  
Entornas?... Bom agouro!  
Hoje quero brindar a meu Sacchetti:  
Hoje faz anos que nos foi cedido,  
Merecedor de vir nos tempos de ouro,  
Nascido nos de ferro.  
Sacchetti, o bom Sacchetti, Juiz recto,  
Que o ânimo insubornável não entorta  
A lisonjas, a rogos, a promessas  
Quando reparte o bolo.

## EPIGRAMA

QUANDO vejo um Quintílio virtuoso  
Tão pobre e desvalido;  
Quintílio que perdeu o prémio honroso  
Da virtude, a tal custo merecido;  
E que vejo abundar dobrões a rodo  
Em casa do vil Menas;  
Chover as honras, e a Lisonja; em modo  
Que as espáduas lhe acurvam, de pequenas,  
De formadas de frágil baixo lodo;  
Eu com despeito forte  
Digo entre mim a miúdo:  
«Isto é querer a Sorte  
Dar perros à virtude.»

## SONETO

TU não ouviste, Amor, na despedida,  
Como Delmira ser fiel me jura?  
Que protestos! que fé constante e pura  
Me não promete aquela fementida!

Tu viste os prantos, viste a cor perdida;  
Soluçar, desmaiar de ânsia e ternura;  
Segurar, que inda além da sepultura,  
Leal me guardaria a fé devida.

«Do Céu (dizia) o lume fulminante,  
A vida, a indigna vida, sem piedade  
Me consuma, se falto a ser constante.»

Ah! pasma, Amor, da torpe deslealdade!  
Vem. Vê Delmira em braços doutro Amante.  
Vem. Aprende esta nova falsidade!

## ODE

*Em 23 de Dezembro de 1792, dia dos meus anos*

È la vita appunto um fiore  
Da goderne in un sol matino;  
Sorge vago, ma vicino  
A quel sorgere è il cader.

METASTAS.

**N**ESTA rápida via, que corremos  
Com mal abertos olhos  
Acertamos por tino raras vezes  
Co' a constante Ventura,  
Que a Natureza a todos deparara:  
Mas mil nos transviamos,  
E em vez da Dita, damos c'ò Despenho.  
Este de fama avaro  
Arrosta ervadas lanças, e pelouros;  
Ou, duro, não receia  
De Eolo a sanha nas cavadas ondas.  
Outro os degraus sanguentos  
Pisa arrogante, tropeçando ímpio  
No corpo do Vizir,  
Que desce de rondão decapitado.  
Busca tesouro aquele  
No Serro-frio, entre áridos penhascos,  
Precipitando a vida.  
Surdos todos às vozes da Verdade,  
Que nos ouvidos troa:  
«Homens, vós todos sois lanço da Morte;  
E entre vós nenhum sabe  
Se do crástino Sol o raio puro  
Lhe há-de banhar a vista.»  
Gravou-o assim o Fado em brônzeas folhas.  
A mim fio mais curto  
Dobrou a Parca, a Ti de ouro comprido;  
Mas ambos ignorantes  
Do termo a que se estende o estame nosso  
«Aprendeí, sérios, dóceis  
A máxima imortal de ser felices;  
E a que no Olimpo sacro  
Em perene alegria entranha os Numes.  
Gozai almos prazeres  
Do doce néctar, de Cupido meigo.  
Ponderai, que é só vosso  
Este momento, o resto é da Fortuna.  
Os prantos, as tristezas

Os sustos do Futuro espavorido  
Com duro cadeado  
Cerrai nas covas do profundo Olvido:  
Colhei a flor somente  
Da colorada veiga dos sucessos.  
Sem tocar nas espinhas  
Da muda Reflexão consumidora.  
Bebei suave alento  
Da aura cheirosa dos jardins de Idália;  
Lavai o Esp'rito inquieto  
Nos tanques de Lieu bordi-spumantes:  
E quando em altos mares  
Soprar furioso o vento do Infortúnio,  
Coroai-vos de rosas,  
Que amansam as procelas, ou lhe encobrem  
Os amarelos sustos:  
Erguei aos Numes as Canções prezadas,  
Libai com roxo sumo  
Neptuno e Eolo; o Zéfiro macio  
Infunará as velas,  
E entre empinados retinidos brindes  
Entrareis pela barra.»

## SONETO

QUE escura sombra os olhos te entristece,  
Do afadigado peito remetida?  
Verte-a, meu Bem, nesta alma à tua unida;  
Mingua a dor, se em dous peitos se padece!

Quando a turvada Cheia em forças cresce,  
Do ameaçador estrago entumecida,  
Se o Lavrador a corta, repartida  
Os ameaços quebra, e desfalece.

Não mais me tenhas a alma sufocada;  
Que é mor a dor, qual t'a suspeito agora,  
Do que há-de ser, em mim depositada.

Não cresças o pesar a quem te adora,  
Assaz lhe dói, oh Márcia, a seta ervada,  
Que o Ciúme arrojou com mão traidora.

## DESCRIÇÃO

OH Céus, quanto aprazível sítio é este!  
E quanto este alto plátano copado  
Solta prazer à vista! Não encanta  
Co'as verdes folhas só, que ao longe estende,  
Nem com a majestosa, alçada fronte;  
Mas de flores se veste e de perfume.  
Quem das límpidas águas se não logra  
Tão frescas desta fonte, e tão ligeiras?  
Das ofrendas, que as margens lhe povoam,  
Colho, que é sacra às Ninfas, e a Acheloo.  
Sentis, quão meigo Zéfiro recreia  
Este ar, que se respira, entrelaçando  
Sua frescura ao canto harmonioso?  
Mas, tu, mais c'roas deste sítio a graça,  
Tu, relvoso verdor; que a Natureza  
Lançou airosa pela encosta amena  
Deste combro, que plácido convida  
A recosto, e repouso os passageiros.

# ODE

*Em 23 de Dezembro de 1795, dia dos meus anos*

Sit meæ sedes (utinam!) Senectæ,  
Sit modus lasso malis et viarum.

HORAT. *Lib. 1. Od. 3.*

**N**ÃO quis o Fado meu inda outorgar-me  
Um viver a meu modo; um quintalzinho  
Uma casa modesta, e pouca renda,  
Que eu possa chamar *minha*.  
Que lá me possa erguer ao meio-dia,  
À meia-noite – a bel prazer – e em roda  
Duma mesa frugal ver dous amigos  
Co'as suas duas Clóris.  
Então, vazando um copo... e inda outro copo  
À saúde do bem dansante Olindo,  
Brindaremos Delmira, Dulcineias,  
Descarregando em Brito.  
Logo a afouta Alegria, desatando  
Os nós do pundonor, e da etiqueta  
Virá dar um belisco ao bom gracejo,  
Ao jovial sorriso.  
E abeborado em gáudio pachorrento,  
O bom Filinto lançará a Horácio  
Risonhos olhos, a pedir-lhe vénia  
Para entoar uma Ode.

## SONETO TRADUZIDO

**F**OGE a Amor: que seu mimo venenoso  
Causa, oh Nise, por fim acerbas dores;  
É serpe oculta entre engraçadas flores,  
Taça de flamas, jogo caviloso.

Prazer breve, que dá pesar moroso,  
Jardim regado a fio de amargores,  
Mata escura de atalhos burladores,  
Que em paradeiro dão precipitoso.

É labirinto em que a Razão se enleia,  
Fruto que engana com mortal doçura,  
Brando jugo, que acurva mal cuidado.

Campa de infortunosos vivos cheia;  
Inferno enfim de tanta desventura,  
Que nem do Olvido o rio lhe foi dado.

## O TEMPLO DO DESTINO

LONGE do Pólo, onde as tormentas bramam,  
E além do Sol, além do Firmamento,  
Sobre o Abismo tragador dos séculos  
Se ergue, e sustenta um temeroso Alcáçar  
Chapeado de triple bronze em torno:  
Quando as portas nos buídos eixos rugem  
Rebrama o interior; e os alicerces  
Mandam ouco rimbombo às furnas do Orco.  
Incenso humedecido em nosso pranto,  
Íntimas preces, votos, mágoas, queixas,  
Vapores são que estão subindo sempre  
Aos cercos desse inexorado Alcáçar,  
E que em roda, arquejando, se esvaecem.  
Surdo à dor, ao pesar, esse contorno  
Veda entrada ao clamor, inda avultado  
Com ecos repetidos. Nunca o Nume  
Ouviu um só: que no ar, que os muros corre  
Do brônzeo Templo, embaçam, frios gelam.  
Num quadro lhe reluz de aço brunido,  
Em longo tracto a face do Futuro.  
Move co'a esquerda firme o instável eixo  
Das Estações, co'a dextra desentranha  
Da Urna que volve, as sortes dos sucessos.  
Jaz retirado o trono do Destino  
Em recôncava abóbada faiscante;  
Com raias, com balizas inacessas  
A todo o ímpeto e posses dos humanos.  
Grave, imóvel, em si reconcentrada,  
Sempre severa, sempre obedecida,  
Fatal Necessidade; sobre os homens  
Traz sempre alçado o sanguinoso ceptro,  
Com que abre o abismo, em que se afunda a vida;  
Com féerreo braço aos Reis a fronte encurva,  
E com os pés a Terra submetendo,  
Diz ao Tempo: – *Executa as minhas ordens.*

## ODE

De cada vez te falta mais cabelo.

GARÇÃO. *Sonet. 30.*

CHEGOU o Borges, que nos trouxe a nova  
Da tua lisa-acrescentada Calva,  
Da calvíssima Calva, avessa imagem  
Da Ocasão que foge.  
Pintou-se-me na mente o Tempo curvo,  
Mui ferrenho, em rapar com a agra foice  
Tua felpa de ouro, que dos anos ria  
Na pachorrenta fronte.  
Cai imatura a presunçosa messe:  
Daqui, d'além, despojo do aço avaro.  
Choram as Ninfas o precoce agouro  
Da gasta mocidade:  
Qual vês chorar no rúbido Oriente  
A Moça de Titon luzente aljofre,  
Quando ao sair do leito vê a Calva  
Do derrengado Sposo.  
Vê gastos dous Estios, dous Outonos,  
Com tanta ânsia pedidos, e outorgados,  
Duas vezes branquíssima, ou pelada  
A tesa coma de ouro.  
Também vi do Garção a curta sombra  
De sonoros epítetos cercada,  
C'o seu Delfim de loba, psalmeando,  
Co' a lisa calva às moscas.  
«Dá-me (lhe disse) o teu jocoso esp'rito  
Para cantar do Sousa o calvo assunto;  
Dá-me uns versos facetos, campanudos,  
Versos de desempenho.»  
«Não tenho mais que dar-te (me responde)  
Cansei neste Delfim a Musa toda.  
Busca outro Vate jovial, pelado:  
O calvo Anacreonte.»

## SONETO

FILINTO, em teu amor mal respondido,  
(Me disse o Desengano) a Nise adoras,  
Que noite, e dia emprega as brandas horas  
Nos braços dum rival favorecido.

Já, das portas do peito fementido  
Te pôs fora. Não vês, que quando a imploras,  
Volta os olhos às lágrimas, que choras,  
Aos teus suspiros cerra o duro ouvido?

E tu – inda amoroso... Não tens pejo  
Dela? Dos mais? De ti?... Tão mal tratado  
Com tão seco desdém. Desdém sobejo?

Ah! torna em ti. Rompe o grilhão malvado.  
Ergue da falsa Nise o vil desejo.  
Dá mais fiel emprego ao teu cuidado.

## CARTA

SAÚDE A ALFENO O SEU FILINTO ENVIA

SONETO, pêssegos, quintilhas, – tudo  
Era bom, Meu Doutor; só lhes faltava  
(Porque nada haja sem senão no Mundo)  
O serem por mais vezes repetidos.  
– Não digo os pêssegos, mas sim os versos. –  
Porque os teus são dos únicos que eu leio  
Com mais gosto, e com mais doutrina minha.  
Fique aqui entre nos este segredo;  
Não o saibam B. \*\*\* e Al.\*\*\*\*,  
Que são capazes de engolir-nos vivos.  
Sim: gosto de teus versos; gosto, e muito  
E os teus sonetos têm para comigo  
Patente de sublimes, desde aquele  
Do *Ciúme* (Soneto incomparável!)  
Que eu sei de cor, que não tem de esquecer-me,  
Esquecendo-me quanto a milha Musa  
Me temperou na desleixada Lira.  
Ninguém se queixe. É gosto: e assim o entendo  
E assim o digo a quantos posso, e devo.  
Tu tens nos versos um pensar tão novo,  
Tão bem bebido nas mais claras fontes,  
Que ler-te é ler o século de Augusto,  
Ou no Lírico altivo, ou no jocoso.  
E ninguém desempenha tanto à risca  
O *molle atque facetum*, como Alfeno.  
Haja vista às Quintilhas engraçadas,  
Cheias de Ático sal, de mil donaires,  
Tão novos, tanto a ponto sazonados.  
Oxalá, possa eu vê-las todas findas,  
E a Preguiça, e o *mau olho* as não fascine!  
Haja vista ao Soneto primoroso,  
(Dos pêssegos bizarro camarada)  
Não o mostro a ninguém, que mo não gabe.  
Todos concebem dele a grande ideia,  
Altivo pensamento, ousada frase,  
E ficção bem sustida, e verosímil.  
Condições, que requer o velho Mestre,  
E o perluxo Boileau seu bom Aluno,  
Para que os versos se ouçam com deleite,  
E vivam com bom nome eras, e eras.  
Não esperam tal fado obras de Matos,  
Bem que a tão desejada imprensa vivem;  
Bem que a solícita Segunda Parte  
Viesse pôr espeques à Primeira.  
Têm ambas de morrer morte imatura,  
Sem que cheguem a ter honradas cãs.

Embora as Velhas, e os ruins versitas,  
Extáticos, babando-se celebrem  
Sonetos de *Saveiro*, e *Pobre ou rico*,  
E as *Endechas à sua Lavadeira*.  
Inda melhor, que explicações do Credo  
Saibam de cor cruezas de *Damiana*,  
E suspiros de *Albano*; embora inculquem  
As *outavas da eterna madrugada*;  
Que as Tendas, com muita ânsia, ambas as Rimas,  
Já lhe estão esperando para embrulhos.  
E já, c'o gancho erguido o Esquecimento,  
Ameaça aferrar-lho no seu nome,  
E arrastá-lo às voragens, onde jazem  
Tantos mil seus iguais em prosa, ou rima .

# ODE

À SR.<sup>A</sup> D. M. J. R. D.

Par nè campi del Ciel Rosa nascente,  
Ch' ogni preggio immortale ha in seno accolto,  
E sul labbro di mele ha una sorgente:  
Che qual Palma fiorisce, il cui bel volto  
Somiglia un sol, ch'è d'ogni macchia essente.

BADINI. *Catica delle Cantiche.*

1

**S**E as nuvens de ouro rasga apavonadas  
O sol radioso, e na água reverbera,  
    Imagino ver Márcia  
Que arredando as cortinas do áureo leito,  
Se ergue, e anima o cristal c'o astro do rosto;

2

Se o rouxinol saudoso esmera o canto,  
Por dar ao Sol festivas alvoradas,  
    Imagino ouvir Márcia,  
Da perfumada boca disferindo  
Na Lira de Anfião Canções de Safo.

3

Se as terras matizadas deixa Maio  
Co'as cores da florida Primavera,  
    Imagino que Márcia  
Correu aqueles prados, e co'a vista  
Deu vida, e deu matiz àquelas flores.

4

Se nus os peitos, junto de uma fonte  
Cíntia orna a coma com gentis boninas  
    Logo imagino Márcia,  
Nos tesouros, que Flora lhe oferece,  
Não vendo flor, que ao vê-la não desmaie.

5

Tudo acende de Amor, tudo conquista  
C'o doce riso, c'os formosos olhos  
    A muito linda Márcia;  
Rendido o Mundo a vê, rendido a adora.  
«Quem não será daquele rosto amante»?

## NOVO BÍVIO PARA NOVOS HÉRCULES

**M**ESQUINHOS neste Mundo, sem o auxílio  
D' um lume penetrante, que registre  
Os refolhos d' um pérfido matreiro,  
Jaz vítima do Engano o homem probo,  
Que em bases da Virtude, e da Franqueza  
Funda o Deleite são, funda a Ventura.  
Só dous caminhos se abrem. O da Astúcia  
Com que logre os ruins, e os embeleze:  
Ou do animo despido de interesse,  
De amor da Sociedade, e seus prazeres,  
Que viva só, de si, por si contente.  
Visite os bosques, suba ao serro erguido;  
Amante da singela Natureza,  
Converse os animais, limpos de fraude;  
Rousseau na solidão afortunado,  
Despido de dinheiro, e de malícia:  
Ou Voltaire ricoço, esperto, agudo,  
Seja neste Universo, e seu bulício  
Negaça de Livreiros, e Magnatas.

## SONETO TRADUZIDO

QUANTO em nós possa um gesto peregrino  
Deu-o a Fábula a ver, e a Fé Sagrada:  
Quando Eva tanto a Adão formosa agrada,  
Que por ela enjeitou o dom Divino.

Páris um pomo deu, (pomo maligno!)  
Que Ásia abalou, deixou Tróia arrasada.  
Tu causaste, Maçã desventurada,  
Que a ambos lhes desse o Céu azedo ensino.

Se Adão, se Páris essa graça pura  
Vissem, Márcia, inda mais que Eva formosa,  
Ambos a tua graça, ambos rendera

E inda, apesar da antiga desventura,  
Dessa mão, a Maçã tão perigosa  
T'a recebera Adão, Páris t'a dera.

# ODE

## EM DIA DO ANO BOM

Hæc mihi præcipue canenda dies.

OVID. *Fast.* 2.

CONSIGO levam mágoas e trabalhos  
Os Dias pressurosos;  
Consigo levam festas e alegrias  
Para a vorage' imensa  
Da escura Eternidade. Os anos passam  
Perante os nossos olhos,  
Carregados de impróvidos sucessos;  
E a Parca abre as tesouras  
Contra saudosas vidas imaturas,  
Enquanto esquece o enfado  
Duma alma ruim, votada ao vil desprezo.  
Já, largo tempo, vemos  
Reinar ufanas neste esquivo clima,  
Aborridas dos Numes  
Rota Anarquia, sôfrega Vingança,  
Das Leis em menoscabo,  
Com mágoa e injúria do Saber superno.  
Oh novo – entrado Jano,  
Das benfeitoras portas nos remete  
Bem assombrados dias,  
Opulentos de afortunados gostos.  
Oh traze aos nossos Lares  
O gesto soberano da Justiça,  
A Paz conservadora,  
Hoje de nos tão longe foragida.  
De seu regaço Témis  
Nos entorne abastada os áureos frutos  
De Ordem, de Leis prestantes;  
Com que desfranza a testa negociosa  
O Estadista \*\*\*,  
Se vir lavrar pelos confins tão largos  
Deste abalado Império  
As ideias sublimes que povoam  
Sua mente filântropa.  
Eu mais feliz de vê-lo comprar-se  
Na desejada norma,  
Cante seus altos dons, galardoados  
De alegria, e saúde.

## SONETO

**A**GORA, que nas líquidas Campinas  
Jove de ardentes setas implumado,  
Os almos gomos do Verão dourado,  
Nas entranhas de Juno põe divinas:

Agora, que nas ondas Neptuninas  
Solta o baixel o pano desfraldado,  
E sobre o tronco de verdor trajado  
Canta endechas a Rola, de Orfeu dignas:

Agora que a Natura espalha as cores  
Com larga mão nas orlas dos ribeiros,  
Que ufanas brilham nas viçosas flores:

Vou eu, por entre Choupos, e Sobreiros,  
Bradando queixas contra uns crus Amores,  
E arrancando os suspiros derradeiros.

## RETRATO DE DAFNE

1

**S**E eu soubesse num quadro acertar cores  
Dera ao vivo de Dafne a formosura,  
Garbo de Ninfa, em trajos caçadores,  
Que alcança o veloz vento na espessura.

2

Nos lábios lhe apontara o almo riso  
Duma das Graças; indicara as prendas  
Duma índole mimosa, um peito liso,  
Credor de amantes férvidas ofrendas.

3

Mas imperfeito fora o seu retrato!  
Que não pode a pintura presumida  
Debuxar, sem profundo desacato,  
Tão doce canto, fala tão subida.

4

Que pincel há, que em seu lavor intente  
Imitar, sobre intrépido, arrogante,  
Uma Musa, que enleve de eloquente,  
Uma Sereia, que suave cante?

## ODE

Aux yeux, que Calliope éclaire,  
Tout brille, tout pense, tout vit.

GRESSET. *Epit. au P. Bougant.*

**N**ÃO só foi dado ao Cidadão de Teios,  
Tão valido de Vénus, no declívio  
Dos anos, conceber agudas chamas  
Entre alastrados gelos.  
Filinto, que no altar do Desengano,  
Tinha deposto, inda de sangue tintas,  
As flechas, que arrancara de seu peito,  
Voltou a recolhê-las;  
Quando, ao ver-te, Senhora, em muda efígie  
Levantar se sentiu, soprada, a cinza  
Do mal coberto fogo, e luzir breve  
Insólita faísca.  
Como pode Cupido roubar tantos  
Atractivos à Mãe, prendas às Graças,  
Para adornar com pródigo disvelo  
Uma só formosura?  
Felizes os que gozam face a face  
De tão meigo inefável Paraíso,  
Da branda fala, e movimento brando,  
Que revê do teu peito!  
Se tanto em mim puderam frouxas cores,  
Mais na alma presumidas, que inculcadas,  
O fito de teus olhos deleitoso,  
Que Céus não me abriria?  
Qual nas veias inquietas, e admiradas  
Não serpeará júbilo divino!  
E qual no coração me entrara a furto  
Respeitoso desejo!

## SONETO

QUANDO agora cantáveis, vi, Senhora;  
Ferver as ondas que alva espuma banha,  
E o mudo gado, que Proteu rebanha,  
À flor da água as cabeças deitou fora.

Muitas Deusas, dos mares moradoras,  
Surgem: – Proteu à praia as acompanha;  
E sentado nas fraldas da montanha,  
Co' a fala os ventos rápidos demora:

«Esta Ninfa, que canta, inda algum dia  
Dará a Jove descer do etéreo assento;  
Dará novo ciúme a Juno impia.

E, envolta a majestade em fingimento,  
Virá à nova Deusa da harmonia  
Prestar gostoso amante rendimento.»

EPITÁFIO  
DA SR.<sup>A</sup> D. M. J. R. D.

**S**EGOU da Morte a aguda fouce impia  
A flor que ornava de beldade o Mundo:  
Amor quebrou as setas; com profundo  
Suspiro, junto as pôs da campá fria.

## ODE

À l'envi laissons-nous saisir  
Aux transports d'une douce ivresse:  
Qu'importe, si c'est un plaisir  
Que ce soit folie ou sagesse?      LA MOTTE HOUDART

**F**OGEM os anos; desfrutar a vida  
Não demores, \*\*:  
Poucos dias nas taças  
Verás brilhar o néctar.  
Ri dos Médicos, zomba das dietas.  
A Doença, a Morte espreitam  
Quem das rãs na bebida  
Ensopa ensossos dias.  
Viva o Setúbal, que a Tristeza afunde,  
Cria sangue sadio.  
Empina este, que enramo,  
Porta-júbilos na alma.  
Bom!... Mais um copo... Então!... Não vês já a Baco,  
E, trás ele, a Cupido,  
Que c'o Prazer te esperam  
Numa cama de rosas?

## EPIGRAMA

COM grande devoção Fílis corria  
A ver os Penitentes  
Da procissão dos Passos, certo dia:  
Mas vai neste entrementes  
Com a pressa descose-se um sapato,  
Aqui foi ir ao Mestre dar-lho em rosto;  
E (este bem descomposto)  
Parar a devoção em sfolagato.

## SONETO

**P**UDESTES, astuto Amor, cravar-me o peito  
Com alados farpões abrasadores;  
Que nos olhos de Márcia vencedores  
Armaste o tiro, com que o mal tens feito.

Neles tens trono, neles te respeito,  
Neles tens os desdêns, tens os favores,  
Que nas asas ligeiras mil Amores  
Levam a tanto coração sujeito.

Nem podes ver de lá peito severo:  
De Márcia um volver de olhos santo e puro  
Porá manso e rendido um tigre fero.

Vassalo de teu Reino, ali te juro  
Obediência e fé; deles espero  
À minha fé o galardão seguro.

## ODE

Quem fors dierum cunque dabit, lucro  
Appone: nec dulces amores  
Sperne, puer, neque tu choreas:  
Donec virenti canities abest  
Morosa.

HORAT. *Lib. 1. Od. 9.*

**A**s serras não têm sempre os cumes crespos  
De enregeladas cãs, nem os ribeiros  
Têm sempre as claras águas algemadas  
Com frígidas cadeias:  
Não vibram sempre lanças de águas as nuvens,  
Nem os pólos se acendem sempre em fogo  
C'os relâmpagos feios, enxofrados,  
E c'os fuzis ardentes.  
Já lá sobe, já aponta a Primavera,  
Que afugenta os negrumes detençosos,  
Derrete o gelo, espanca os dias tristes,  
Co'a alegre mão florida.  
Tem o tempo, em que as Graças dos Céus descem,  
Descem brincões Cupidos, convidados  
Dos Campos de esmeralda, que atropelam  
Com pé travesso e leve.  
Amigo calvo e louro, é mais que tempo  
Que partas tu também, que também venhas;  
Que tragas as Lampreias prometidas  
Há mais de três quaresmas.  
Já o sol, três vezes, um e o outro corno  
Do roubador de Europa há aquecido,  
Desque espera por ti Filinto Elísio,  
E de esperar se enfada.  
Já, desque espera, encalveceu Barroco,  
E de bexigas se cobriu a Deusa,  
Que a Vénus deu ciúme; e fez que o Inverno  
Forjou defluxo novo.  
Deixa os labregos hispídeos e hirsutos,  
E as fregonas de calcanhar gretado,  
Que alvo e louro, de azuis-palreiros olhos  
És só digno da Corte.  
Digno és da Corte, digno de Assembleias,  
Digno da Moça sbelta boqui-rúbea,  
Que faz negaça aos olhos cobiçosos  
C'o mal pregado lenço.  
Vem pois; vem dar um dia bom ao Borges  
Namorar os painéis, ver dançarinas;  
Vem; que a Irmã da Canhota quer ter gasto

Debaixo do Capote.  
Dá de mão às Demandas; fecha os livros;  
Arruma Ordenações; não ouças queixas,  
Não trapaças do astuto Requerente,  
Que a Parte, e o Juiz logra.  
Não dorme a Parca, torce o veloz fuso,  
E a nossa vida corre, como o fio  
Da ampulheta incansada, até que pára  
Solto em poeira inerte.

## SONETO

TEU rosto vi, teu rosto peregrino,  
Vi de teu peito as formas delicadas;  
Não as mais: que o Recato as traz cerradas,  
E as chaves deu ao tardador Destino.

Mas Vénus quis num Sonho almo e Divino  
Delas dar-me umas sombras animadas....  
Ah! quanto eram à Deusa assimilhadas  
As perfeições do corpo alabastrino!

Amor então comigo menos duro  
C'ò a estreia me brindou de teus favores;  
Crescendo a sede a meu affecto puro.

Mas se à estreia chegar mimos maiores,  
Eu grato em seu altar painel penduro:  
«FILINTO O VOTOU FAUSTO EM SEUS AMORES.»

## QUARTETOS

I

QUANDO, os Celestes olhos derramando  
Pelos prados bordados de boninas  
Dás alegria ao ar, riso às Campinas;  
Que os parabéns de ver-te se estão dando:

II

Não vês, Delmira, andar no teu cortejo  
Um alado Menino mui formoso,  
Que no rosto promete bonançoso  
Perene gosto de imortal desejo?

III

Tu lhe deste o nascer, asas lhe deste  
Com que subiu, e pretendeu c'os Numes  
Tomar lugar c'os vencedores Numes  
Que roubar de teus olhos concedeste.

IV

Já venceu Jove, e o formidável Marte:  
Fácil lhe foi dos outros a conquista!  
Bem sabes quanto vence a tua vista,  
Quando a voltas airoso a qualquer parte.

V

Hoje é um Deus. Um Deus mui poderoso,  
Que seu impériu ao Céu, à Terra estende,  
Armado de teu Canto, que lhe rende  
O Mundo, de render-se vaidoso.

## ODE

Cor mio, deh, non languire,  
Che fai teco languir l'anima mia.  
Odi i caldi sospiri: a te s'invia  
La pietade e il desire;  
S'i ti potesse dar morendo aita,  
Morrei per darti vita.

CAVAL. *Guarini.*

**N**ÃO te lastimes mais, não desesperes;  
Que o Céu enternecido  
Não quer que, antes que eu, cruzes  
Da Stígia as surdas ondas verde-negras.  
Nem que vejas, sem mim, Cérbero, Fúrias,  
Sombras oucas, errantes,  
Nem Dite em negro trono  
Co' a Morte aos pés, em frente à porta as Parcas.  
Se essa alma, que compôs de duas almas  
Amor, oficial primo,  
Quer desunir Lachésis  
Corte antes ambas; vão ao Orco unidas.  
Sem ti que faço, eu triste odiado resto  
Duma tão linda forma,  
Superste a mais ruim parte?  
Morra esta. Tem tu vida. És digna dela.  
Jurei seguir-te. – O juramento é santo! –  
Pelas ermas estradas  
Do Reino dos temores  
De mãos dadas irei fiel contigo.  
Da Morte, nem de acerbos Dores fujo  
Ao assanhado vulto:  
Manda o Céu, que contigo  
Sinta o golpe da foice agudo e frio.  
As lanças, os venenos, vis Ministros  
Do Infortúnio, da Inveja  
Em vão me buscam. Zombe  
De terrífico aspecto de Saturno.  
O resplendor de Jove favorece  
Ambas as nossas vidas;  
Co'a mão, que torce o raio  
Prende do Influxo as malignantes asas.  
Às súplicas, que arranca o teu perigo  
Do coração de todos,  
Jove a tua vida esconde  
No seio, e argue a Doença, desabrido.  
«Nunca te dei poder nesta beldade.  
O abrigo de meu peito

Deixou, para ir benigna  
Anos compridos aditar o Mundo.  
Emprega o teu furor noutros sujeitos  
De inferiores dotes,  
Em Heróis, em Monarcas,  
Que eu à Terra mandei para servi-la.»  
Assim disse. Amparado eu fui de Apolo,  
Deus tutelar dos Vates.  
Tu, mimosa de Jove,  
Brilha, que ao Céu gratulo ambas as vidas.

## SONETO

**E**NGANASTE-ME, Amor, em teus altares:  
Votos não insto mais, nem dons of'reço:  
És Deus protervo, injusto: hoje o conheço:  
Prometes gostos, pagas com pesares.

Medes horas, seguras os lugares,  
Tentas o amante c'ó ansiado preço;  
Depois entras no jogo, Deus travesso,  
Trocas as sortes em ruins asares.

Ou me lisonjes c'ó fagueiro rosto  
Da falsa Nise; ou de mordaz Ciúme  
Me arremesses o facho, a ambos arrosto.

Não me acobardo ao teu irado Nume,  
D'essa Nise desdenho o indigno gosto,  
E de teu facho amortecido lume.

## EPIGRAMA

**N**ESSES dourados séculos antigos  
O Amor, e o Himeneu eram amigos.  
Entre Himeneu e Amor tal ódio há hoje,  
Que mal entra Himeneu, Cupido foge.

AD F. M.  
POETAM LUSITANUM

Ex gravi morbo convalescentem

CARMEN

SIC est; neque humanæ imerito gemens  
    Inflicta genti tot quereris mala,  
        Francisce, damnatosque longi  
        Terrigenas miseros laboris.  
Eheu! quot atris pestibas urimur!  
    Urunt Medentes acrius: ingruunt  
        Mentis tumultus æstuosi  
        Quos et amor movet et cupido  
Insana famæ: quid quod et insuper  
    Viris adhærens Mercurialibus  
        Plerumque paupertas acumen  
        Ferrea et ingenium retundit?  
Nobis iniquas sic variat vices  
    Volvens arenam Clepsidra mobilem,  
        Ut dulcibus miscens amara  
        Stare diu vetet ulla Fatum?  
Spirare primam qui dedit, ultimam  
    Decrevit horam: ver breve currimus,  
        Fessique mox curvam subimus  
        Canitiem, stabilesque rugas.

Hac lege rerum callidus arbiter  
    Mundique Rector ambiguo semel  
        Mortalibus concessit uti  
        Munere, ne nimium beati,  
Fretique vanis artibus, ebrios,  
    Dum fluxa sensus gaudia detinent,  
        Hanc lucis usuramque vitæ  
        Perpetuam propriamve sperent.  
Ergo querelis pone modum tuis,  
    Condisce vitam, nec muliebriter  
        Frangi neque extoli insolenter  
        Socraticum patiare pectus.  
Est vir ferendo: tu neque desines,  
    Recti decorique officii tenax,  
        Per damna, per fraudes, malorumque  
        Insidias animosus ire  
Quo prisca virtus, quo Patriæ vocat

Cura instruendæ consilio et manu;  
 Scriptisque fales seu jocosis  
 Tædia, seu libeat severis.  
 Olim procelas et celerem fugam  
 Nosti, relinquens (non avibus bonis)  
 Laresque mærentesque amicos,  
 Et Patriam reditus negantem.  
 Sed liberales vertere spiritus  
 Injuriosum non valuit nefas,  
 Nec magna divinis sonantem  
 Carminibus cohibere venam.  
 Te nuper pessima febrium  
 Formidoloso proruit impetu:  
 Quam pone non tangenda furvæ  
 Stamina subsecuere Parcæ!  
  
 Laborioso cum tibi anhelitu  
 Virile tussis concuteret latus  
 Horrenda (vidi) luridusque  
 Marcida tingeret ora pallor.  
 Flevisse Clio, Melpomene suum  
 Flevisse fertur, visa iterum sibi  
 Lugere Flaccum: sed rapaci  
 Te Deus herbi-potens ab Orco  
 Salvum reduxit, non sine plurimo un-  
 de quaque plausu: reddere debitum  
 Carmen memento, nec reposta  
 Pulchra dies careat Lagena.  
 Sic te benigno numine Delius  
 Diu sororum servet amans choro,  
 Longamque depelat senectam  
 Difficilem querulosque morbos.

## TRADUÇÃO

É certo: e não sem causa te lastimas  
 Com gemidos, das penas  
 Infligidas à triste prole humana,  
 Votada a longas lidas.  
 Como ardem negros Males! como os Médicos  
 (Ai!) mor ardor lhe sopram!  
 Brigam na alma estuosos alvorotos  
 Que incita, e que revolve  
 Já do Amor, já da Fama ânsia frenética:  
 Inda entra neste quadro  
 A Pobreza, que aos Sábios, quasi a fio,  
 Com férrea mão comprime,  
 E lhes embota o gume dos Ingenhos!  
 Desse modo a Ampulheta,  
 Volvendo a miúda areia movediça,  
 Nos desiguala os lances;

Nem (mesclando as doçuras c'os amargos)  
A algum, repouso fixo

Outorga o Fado. Quem primeiro alento  
Nos concedeu, balizas  
Assinalou ao derradeiro arranco,  
Nós curta primavera  
Corremos no Orbe, e logo submetemos  
Às curvas cãs o vulto,  
E às rugas duradouras. Lei foi esta,  
Com que, Árbitro sabido,  
O Criador do Mundo deu licença  
Que dessa ambígua dádiva  
Lográssemos: a fim que mais que muito  
Ditosos, confiando  
Em nossas artes vãs (enquanto os gostos,  
De si resvalados  
Embriaguez lavrassem nos sentidos)  
Não puséssemos fito  
Em ter por próprio, e requerer perpétuo  
Da Luz, e Vida o logro.  
Assim põe termo a lastimar-te; e a tempo  
O que é viver aprende,  
Sem deixar quebrantar-te mulhermente;  
Nem que insolente se alce  
Teu Socrático peito lho consintas.  
Saber sofrer é de homem.  
Ferrenho em teu dever honrado, e justo  
Não faltes animoso  
A atravessar por danos, dolos, riscos  
Onde te chama a antiga  
Força, e disvelo de acudir à Pátria  
C'o braço, co'a doutrina,  
Vai enganando o enojo c'o que escrevas  
Jovial, ou severo.  
Com ruins auspícios, já, deixando os Lares,

Os saudosos Amigos,  
A Pátria, que voltar te nega injusta,  
Dos sustos, das tormentas,  
Da desenvolta fuga te inteiraste.  
Ah! que não pode tanto  
A malvada Calúnia, que minguassem  
Teu solto, e nobre Ingenho,  
Nem conteve os divinos sons que rompem  
Da grandíloqua veia.  
Pouco há que, com medonho insulto, a Febre  
Péssima te prostrou.  
Quão perto a fusca Parca pôs o game  
Nos não-tocandos fios!  
Quando, horrenda (eu a vi!) o viril peito  
Te sacudia a Tosse

Com trabalhoso anélito, e tingia  
Co'a palidez da Morte  
O teu murcho semblante. Chorou Clio,  
E inda outra vez Melpómene  
Cuidou carpir (é fama) o seu Horácio.  
Mas com bastante aplauso  
E universal, o Nume herbi-potente  
Te arrancou da garganta  
Do Orco voraz. Oh lembra-te da dívida  
De agradecidos versos:  
E em dia tão formoso não nos falte  
Recôndita botelha.  
Assim com raio amigo, Apolo ao Coro  
Aónio longos anos  
Te guarde; e enfermos ais, rabuje idosa  
Desterre de ti longe.

## SONETO

**M**ENTIUI quem pôs no Templo da Memória  
Os monstros carniceiros, que emprenderam  
Com mortes, com estragos que fizeram,  
Pisar o Orbe co'as plantas da Vitória.

Risquemo-los dos mármoreos da História,  
Onde vis Lisonjeiros lhes puseram  
O vão nome de Heróis. Heróis não eram:  
Que o Mérito moral lhes não deu glória.

Por grande, e só por nobre seja havido  
O que ama o Bem, que o traz sempre no peito  
Com letras indeléveis insculpido.

Que da Virtude o amor nunca suspeito  
De interesse, nem de ambição tingido,  
Só à c'roa imortal tem são direito.

## DITIRAMBO

Juvat integros acelere fontes  
Atque haurire; juvatque novos decerpere flores  
Insignemque meo capiti petere inde coronam,  
Unde prius nulli velarint tempora Musæ.

LUCRET. *Lib. 4.*

LEVA, rápido Bóreas,  
Em tuas frescas asas,  
Leva-me a Chipre, essa Ilha, onde Lieu  
Plantou nectareias parras,  
Onde ensina os Amores  
A beberem à sombra das parreiras.  
Rápido Bóreas, sai do Eólio claustro.  
Estou sequioso, oh Baco,  
Do suco almo e divino,  
Que plantaste nessa Ilha, onde Amor reina.  
Muito há que agita  
Zéfiro fraco  
Minha undosa madeixa coroada.  
O claro Evan já desce,  
E no seu coche etéreo me transporta.  
Grão caso, que volteie  
Leve fita no tope da cabeça!  
Rápido Bóreas, sai do Eólio claustro;  
Que me consume o peito ardente chama:  
As copas sós de Chipre  
Podem frouxar a sede que me afoga.  
Tal sobre os grossos pastos me arrebatas,  
Que nem co'a leve planta  
Curve o cume das ervas,  
Nem da bonina as plumas multicores.  
Das rosas o perfume  
Me preceda obsequente pelos ares.  
Demos volta por Scila, e a assobremos;  
Que a sex-fauce voragem  
Abra ao ver-me, e ao fugir-lhe horrenda uive.  
Lá vem, lá vem; – qual negra tempestade  
Trás claros serros se amontoa ao longe?...  
Já guia até meus olhos  
Através do horizonte fugitivo.  
Não, não. É Baco, e as Onças que o carroçam.  
Sacro dador do vinho, eu te saúdo.  
Saúdo sim: mas... Brómio,  
No peito me arde a sede em labaredas.

Quem me verte aqui vinho  
Dessa Ilha fortunada, em que Amor reina?  
Evan, Evan, Evoé!  
Já rápidos rasgámos  
Dos alvos Céus a estrada omni-patente.  
Em meu atento ouvido  
Pitagórica soa  
Dos orbes a harmonia escasso instante,  
De Áfrico tigre a mosqueada pele,  
Que as espáduas me cinge,  
Se erriça, se arreganha  
Contra o negrume, que em ameaço nosso  
Zurra, e berra... Mas já do azul abismo  
Surdem musgosas testas  
De escarpados rochedos.... Ai que é a Ilha!  
E o Coche desce... O Coche pára... É Chipre:  
Sim: que Evan me aclamou seu sacro nome.  
Evan, Evan, Evoé?  
A Alegria me arranca, e voa correndo  
Àquela gruta florida...  
Tu me acenas de lá, Taça bojuda!  
Vermelhas ondas  
De arroio manso  
Da alma gruta perenes escorregam;  
E os combros verdes  
Das pampinosas  
Ramas distilam  
Gota a gota os rubis na augusta pia.  
Sentados pelas bordas os Amores  
Se humedecem c'ó rúbido deleite:  
E tomados de insano  
Afouto entusiasmo  
Lições de Ditirambos dão, e as tomam.  
Já descem trépidos  
À copa undi-sona,  
E de Lieu, folgando, a face enrugam.  
Os lábios mórbidos  
No humor dulcífico  
Molhando sôfregos,  
Já, debatendo as asas marulhadas,  
Turbam, encrespam a úvida lagoa.  
Um que se azoa, despenhado afunda,  
Beija o porão do vaso;  
Mas, rindo, a salvo, os Deuses o repescam.  
Ei-lo, que vergonhoso  
Numa aselha da taça vai secar-se.  
Acocorado, e tiritando espera  
Que o vapor encantado  
Do licor mui sobejo  
Vá descendo, e a Alegria restitua.  
Mas... já se ergue.... Eis debate as soltas asas  
E de odoro chuveiro nos borrifa.  
Amores, debruçai-vos,

Ponde-me a peito esse frasco santo,  
Que eu sou de Baco aluno:  
Ele mesmo no rápido-rodante  
Coche me trouxe aos pâmpanos desta Ilha;  
Por que eu bebesse...  
Ai! e os Numes, que espreitam curiosos  
Por me ver escorrer dum trago heróico  
O frasco estanque!...  
O licor, com que Júpiter se ensopa  
Nos dias festivos, não é tão doce,  
Inda quando o tempera co'a Ambrósia.  
Mas como assim, oh Brómio,  
Oh Padre, e quão pequena é a minha taça!  
Dá-me vaso maior. Que o peito anela  
Num dilúvio de vinho mergulhar-me.  
Tanto me encanta, e endeusa,  
Que em sua fonte meiga  
Bebera o Olvido, e até bebera a Morte.  
Que é o que lá aparece!... É um gordo almude  
Parri-crinito: o bojo,  
Dali me faz negaças.  
Vem a mim, barrigudo, rubi-néctar,  
Enfrasca-me os velhacos gorgormilos...  
E o couro meigamente  
Coas, licor Divino,  
Nos mais encruzilhados reconcóvios!  
Qual esperta Gazela  
Pula de rocha em rocha,  
De pico em pico, folgazona, e leve,  
Em dias de cerrado nevoeiro:  
Assim vou eu saltando  
Por prados, que a saltar dançam comigo,  
Comigo cambaleiam.  
Da Idália selva os troncos vejo-os dobres:  
E os freixos, descarnadas as raízes  
Vêm correndo trás mim.... Pasmam as Dríades  
De ver como lhes fogem as pousadas.  
Os Rouxinóis puxados  
Na folhagem vivaz volteiam túrbidos,  
E tonos cantam Báquicos.  
Onde corre essa Ninfa espavorida,  
Que através das florestas vai fugindo  
Com a cinta na mão,  
Porque Rosais, ou Silvas, não a estorvem?  
C'uma infusa atestada  
De vinho, um Fauno bêbado a persegue,  
Tremelica, e resvala a cada passo;  
E o vinho salta, e espirra,  
Desborca, e vai golfando nas estevas.  
«Pára, formosa Ninfa, (diz) detém-te;  
Que a amar quero ensinar-te.  
Ah bebe, oh cara Ninfa: que, bebendo,  
Atinei que te amava.

Olha. Vê como bebo...» Eis toma o bojo  
Da infusa, alça-a à boca, que almejava...  
Por faces por orelhas desgarrado  
Rosnando em terra cai, e se esperdiça.  
Então turvado e trôpego  
Busca a Ninfa, que lhe escapou dos olhos,  
Contra a Ninfa braveja, e contra a infusa,  
Que lhe toa a vazio:  
Ao chão a arroja, e em cacos mil a quebra.  
Eu que a Ninfa espreitava em sua fuga,  
Pela fresca pegada  
Sigo o alcance (Ah maligna!) e quasi a colho  
Pela cinta... Eis já volve  
A mim donoso olhar c'um gesto meigo,  
Que ansioso lhe beijara.  
Ei-la se está mirando  
Com largo fasto  
Sobre o espelho do rio, nova Tétis.  
Não atenta não vê  
Que eu manso junto dela  
A mão estendo, abranjo-lhe a cintura...  
Ladina!... que entre os dedos  
Me deixa a subtil roupa,  
Que qual vapor das flores se esvaece.  
Com que vergonha o digo!  
A Cruel se arremessa ao fio da água;  
E as ondas reverentes  
Longe de mim... Ai!... Longe dos meus olhos  
Cobiçosos, a levam.  
Lá se fende, e marulha o grande lago.  
Neptuno mui sereno e majestoso  
Ergue a trisulca lança – e alhana as ondas.  
C'os recôncavos búzios,  
TRIUNFO verdes vêm Tritões troando;  
Porque nesta Ilha entra hoje a Deusa dela  
Formosa e refulgente.  
Já vem chegando e vem sorrindo Vénus  
Na concha multi-cor, multi-lustrosa.  
Assim brilhou, quando a fecunda espuma  
A confiou à praia.  
Desenrugando miudinhas ondas,  
As águas humilhadas, quasi mudas  
À florescente Deusa  
Cousa como hino entoam.  
Penduradas do ramo as avezinhas  
Alegres a saúdam.  
Debaixo de seus pés alabastrinos  
Flora brotando vai louças boninas,  
Que a beijar-lhos se curvam.  
Tigres, Leões se arrastam respeitosos,  
Ante os seus pés mimosos,  
Lambendo o sacro chão que Vénus pisa.  
Já cercada dos Jocos, dos Amores,

Das Graças, e dos Risos, moradores  
 Nos lábios das Donzelas,  
 A Cípria se avizinha:  
 Amor que fecha a marcha do cortejo,  
 Vai dardejando os seus farpões mais meigos  
 Nas ledas Ninfas  
 Desenfadadas;  
 Que olham, que riem, que levemente zombam;  
 E como chufas  
 Lhe vão soltando:  
 «Amor, olá! não tens farpões mais rijos,  
 Na derrengada aljava?»  
 Mas onde a vista cravarei inquieta  
 Entre o vago tropel, que se lhe of'rece  
 De lépidos transumptos  
 Por toda a parte prontos a enlevar-me,  
 A enfeitiçar-me  
 O ânimo absorto?  
 Trás mim retinir ouço os sons festivos,  
 O canto harmonioso, a fruta, a avena,  
 Os brados da alegria,  
 Com que estes insulanos  
 Festejam a Rainha dos Amores.  
 Nas praias dançam floridas Zagalas  
 Junto da bela Deusa,  
 Com leve planta o chão cheiroso pulsam.  
 Trava дума, outra encara  
 Vénus, que estrema as mais donosas delas  
 Para ao coro as juntar das Ninfas suas.  
 Qual se ergue acesa ao longe  
 Poeira, sobre a terra, strepitosa?...  
 É Baco, sim: é Baco;  
 E do vinho de Chipre a Divindade!  
 As Ménades ante ele amotinadas  
 Vêm correndo esparzidos os cabelos,  
 Na sestra mão os fachos fulgurando,  
 Ferem co'a dextra os mosqueados tigres  
 Que o coche triunfal do Nume tiram.  
 Os Silvanos Caprípedes,  
 Os temulentos Sátiros  
 Em chusma transmalhada o mato fusco  
 Vêm de longe trilhando,  
 Enquanto Baco apressurado acolhe  
 A Deusa, e com grinaldas de corimbos  
 Lhe enastra a ebúrnea testa, as ondas de ouro.  
 Com vagarosos passos vêm descendo  
 Pelas férteis encostas  
 Às verdejantes fraldas. Já lá chegam  
 Ao consagrado templo de Ericina.  
 Os outeiros derreiam  
 Com o Celeste encargo as duras costas.  
 Oreadas, Napeias vão diante  
 Folheadas saltando, e dis-cantando:

Invejoso adejando  
Sentado em cima da Águila alterosa  
Jove das altas nuvens as contempla.  
Desferrolhadas  
As bi-patentes  
Portas do Templo,  
De mil amplas caçoulas de ouro fino  
Remoinhos cheirosos esfumeiam.  
Ante os formosos Numes  
Os sacros Vates, seus Ministros, prostram-se;  
E no xadrez de jaspe  
Águas lustrais entornam recedentes.  
Tibulo, Horácio, e o velho  
Convidado de Vénus  
São os Ministros. Seus imortais cantos  
Delícias foram das felices Eras;  
Hoje os reveste fúlgido renome.

ODE  
AOS TIROS  
D'EL-REI D. JOSÉ PRIMEIRO

Quis scit an adjiciant hodiernæ crastina sumæ  
Tempora Dii superi?

HORAT. *Lib. 2. Od. 7.*

QUEM de nós, no balanço dos sucessos  
Deste mar empolado e naufragoso,  
Pode dizer seguro: «Pus um cravo  
Na rola da Fortuna!»  
Ou «Lancei duas âncoras ferrenhas  
No firme peço, e zombo das desditas  
Que ao verem tal contento e tal descanso,  
Descorçoadas fogem!  
Já agora abriu-me Pluto as veias de ouro;  
Deu-me a Saúde os filtros nunca achados  
De perene Juventa, e pôs-me ao longe  
Os limites da Vida!  
Espraçando o desejo, abraço as margens  
De todos os deleites; ledó e livre  
Entre os viçosos, entre os mais floridos  
A meu sabor escolho?»  
Ninguém téqui, ninguém sisudo o disse:  
Nem dirá, se mil séculos correram;  
Não o pode dizer José Primeiro  
Amado, e poderoso;  
Quando entre ceptros, quando entre coroas  
De tantos seus Maiores repousava  
Encostado na base vencedora  
De encanecido Império.  
Traidor chumbo aceitou no régio braço,  
E ante ele se assomou, brandindo o gume  
Da fouce despiedosa, a seca dextra  
Da descorada Morte.

## EPIGRAMA

UM Nobre (porém coxo) desposado  
Com Senhora de rara formosura,  
«Casei com Vénus.» Tinha por ditado  
E a gente que o ouvia  
Assegurava ser verdade pura  
O que o Nobre dizia.  
Mas tanto a apregoou o tal Esposo,  
Que se fez enjojoso;  
E um (dos que muito o ouviu) sonso, e magano,  
Que, sem a Dama ver, via o Marido  
A quem mais perto achou, disse ao ouvido:  
«Vénus deve ela ser; que ele é Vulcano.»

# ODE

## À AMIZADE

Ite procul durum curæ genus, ite labores,  
Fulserit hic niveis Delius alitibus.  
Vos modo proposito dulces faveatis, amici,  
Neve neget quisquam me duce se comitem.

TIBUL. *Lib. 1, Eleg.*

QUÃO forte és, Amizade, quando escoras  
No mérito; e a falange das Virtudes  
Pões em campo contra ásperos reveses  
Da arrojada Fortuna!  
Contra Ti corra a Tirania, o Erro  
Co'a lança ervada, c'os sanguíneos olhos;  
No aço do escudo a lança lhe despontas,  
Com o brilho o deslumbras.  
Mortais, que disvelados, nas estrelas  
Buscais de fausta sorte o incerto agouro,  
Que esperais na doença, no infortúnio  
Restaurador alívio,  
Buscai-o na Amizade; que encostado  
Nas benéficas aras de seu Templo  
Pousa o Socorro, pousam os Disvelos  
De condoída face.  
Ouvís!... ou aprazível fantasia  
Me entretém, e me encanta!... Como descem  
Ruidosos os Prazeres!... Como alegres  
Junto a mim dispõem alas!...  
Que chuva de floridos arremessos  
Cravam no peito às Mágoas?... Lá recua,  
Lá cai a turba infanda!... Aqui ressoam  
Os hinos da Vitória.  
Modesta Vénus, comedido Baco  
Tiram trás si a folgazã Companha,  
Que me trava das mãos, e em danças guia  
A mui vistosos longes.  
Comigo vêm pisando a verde felpa  
Desta veiga aprazível, e sagrada,  
A tímida Delmira, e vem sorrindo  
A Eufrosina, e Aglai.  
Apenas entro no copado cerco  
Duma antiga floresta respeitada,  
Curvam-se as cimas, cerra-se em verdura  
De cúpula alterosa.  
Surge em base de lúcido alabastro

Uma Deusa de plácida presença,  
Trajando airosa simples vestiduras  
Era a meiga Amizade;  
Que a mim se inclina, e co'a mimosa dextra  
Limpando o coração de toda a nódoa  
Me arrojou fora o fel dos infortúnios,  
E o livor da Tristeza.  
Mais se lhe avivam com mais graça os olhos,  
E arraiando de fausto e santo lume  
Senhoril semblante, rompe neste  
Alentador presságio:  
«Virão inda outros dias venturosos  
Que apaguem os vestígios denegridos  
Do injusto exílio, infausto ao Erro armado,  
Quão festivo a Filinto:  
Em que na ufana Elísia entoaremos  
A prudente fugida vencedora,  
A pobreza invejada, e os superados  
Trabalhos, sem desonra.»

## MORALIDADE PARA O DIA DE FINADOS

**M**MORTAIS, com mil contrários tendes guerra;  
É curta a vida; e cedo acabará.  
Hoje cobris a terra,  
Que amanhã (pode ser!) vos cobrirá.

## QUAL É A COUSA, QUAL É ELA?

**C**UBRO c'um manto o sol, em claro dia,  
Para que outrem lho rasgue. Mui lampeiros  
    Mil espreiteiros  
A conhecer-me acodem à porfia  
Cativados da máscara cigana,  
De formosas feições, poucas posturas:  
    Mil aventuras  
Se promete cada um (cada um se engana.)  
    Vem namorar-me,  
    Quer conquistar-me:  
O sábio só, com seu ingenho agudo  
    Da máscara me priva;  
    Eu bem que esquiva  
    Às gaifonas do rudo,  
Do rudo, ou sábio aceito um apelido,  
Com que encubro, ou descubro o meu sentido.

# ODE

## AOS POETAS LUSITANOS

..... Mediocribus esse Poeris  
Non homines, non Di, non concessere columnæ.

HORAT. *De Arte*.

..... Sparge rosas, audiat invidus  
Dementem strepitum I.icus.

Id. *Lib. 3. Od. 19*.

**N**A Lira, que me dás, que Vate ousado  
Queres, oh douta Clio, que eu discante,  
Cujos ecos reclamem, retinindo  
    Nos Lusitanos montes?  
Louvarei antes o Camões sublime,  
E o bravo Gama arando ignotos mares,  
E as Nereidas nuas impelindo,  
    As Naus que ameaça o escolho .  
Mais brando sopra a avena Campesina  
O Bernardes suave, e saudoso  
De cujo canto o plácido ribeiro  
    Enamorado, pára,  
Escutando os antigos sons da Grécia,  
E do Lácio, lá pulsam com trabalho  
A repugnante Lira de Venusa  
    O Caminha, o Ferreira.  
Então, chorando, a Castro abriu a Lusa  
Cena, e lhe deu Melpómene o coturno,  
Com que Eurípides, Sófocles pisaram  
    De Atenas o tablado.  
Amor da Pátria, amor de altivo canto  
A desusados sons a mão lhe adestra,  
Digna de são louvor, que abriu a rota  
    A melhores Ingenhos.  
Coridon, Coridon, nos braços destes,  
As Musas te visitam, te bafejam  
Co'a harmonia do Pindo; e em ti as Graças  
    Canto de Horácio vertem.  
Mais atrevido, e fero engrossa Elpino  
A voz, que na Campina Eleia outrora  
Trovejou Píndaro, infiando os rostos  
    Dos assombrados émulos.  
Alfeno esses vestígios vai pisando,  
Nele fitando os olhos cobiçosos;

E por afouto modo vai tecendo  
Pindáricos delírios.  
Um Bocage, um Targini, com Vicente  
Correm a colher louros no Parnasso;  
E as Musas se dão pressa a lhe enramarem  
As merecidas c'roas.  
Que não pode esperar a Elísia Terra  
De Cesário jovial? Donosa Musa  
A frouxo lhe emborcou na mente ingénua  
O sal, e o mel de Atenas.  
Enquanto humildes Vates afanando  
Nos atolados lodos de Aganipe,  
Se prendem das estevas, sem poderem  
Tregar à esquiva encosta.

## HÁ POUCO QUE FIAR EM MÉDICOS

**N**ÃO há Médico aí, que vos não diga,  
Que um bom copo de vinho generoso,  
Espriado no bojo da barriga,  
Bordão não seja aos velhos vigoroso.  
Quem beber dous terá por conseguinte,  
Dous bordões. – Eu bebi bem quinze – ou vinte;  
E devo ter seguro o corpo inteiro,  
Como Nau cachorrada no estaleiro.  
Ora, pelo contrário,  
O passo mal sustido, o juízo vário,  
Cambaleando,  
Tremelicando,  
Para mal ter-me a prumo, bem o vedes  
Preciso ir pondo as mãos pelas paredes.  
E que se fie em Médicos a gente!  
Olhem em mim, como um Galeno mente.

## SONETO

VERÁS, Fílis cruel, sair correndo  
Destas veias o sangue derramado,  
E verás este peito traspassado  
Dar provas de leal, inda morrendo.

Verás o braço erguido, a mão tremendo,  
Segundar a ferida, e no rasgado  
Coração o teu rosto estar gravado,  
Pela aberta ferida aparecendo.

Com amoroso plácido murmuro  
Sentirás pela mão, bela homicida  
Correr-te, como um sopro brando e puro:

Sim; que abonar-te irá, não ressentida  
Penhor de sua fé claro e seguro,  
Com te beijar a mão, a minha Vida.

## EPIGRAMA

COM fivelas de oval abrilhantado,  
Abrilhantada a cifra, que cobria  
A correia com rasgo entrelaçado,  
Passeiava, parava, e se revia  
Moço, de tanta prata glorioso.  
Quão pouco basta para ser ditoso!

## SONETO

MOTE

Aquela graça, aquela formosura.

GLOSA

OUVI a Márcia. – Eu te amo. – Tão ditoso  
Como eu não foi nenhum mortal tégora.  
Forcejam por sair pela alma fora  
Largas ondas de tão sobejo gozo.

Pelo mundo ir quisera (de vaidoso)  
Donde o sol morre, até o erguer da Aurora,  
Louvando a que em meu peito é só senhora,  
Contando o quanto Amor me traz mimoso.

Por ver esse Orbe atento, e transportado  
De ouvir, que tanta graça estranha e pura  
Recompensa risonha o meu cuidado;

Por ver morrer as belas, de amargara,  
Olhando o Mundo inteiro ajoelhado  
A aquela graça, a aquela formosura.

## ODE

DE M. HOUDART DE LA MOTTE

**B**UVONS, amis, le temps s'enfuit  
Ménageons bien ce court espace;  
Peut-être une éternelle nuit  
Éteindra le jour qui se passe.  
Peut-être que Caron demain,  
Nous recevra tous dans sa barque:  
Saisissons un moment certain;  
C'est autant de pris sur la Parque.  
À l'envi, laissons-nous saisir  
Aux transports d'une douce ivresse:  
Qu'importe, si c'est un plaisir,  
Que ce soit folie, ou sagesse.

## TRADUZIDO

**B**EBAMOS: que nos vai fugindo o Tempo;  
Forrem-se, Amigos, estes curtos prazos  
Talvez que noite eterna apagar venha  
O passageiro dia.  
Talvez, que a todos amanhã Charonte  
Na barca nos navegue. Este, que é certo,  
Momento aproveitemos. C'o este roubo  
As Parcas desfalquemos.  
Émulos uns dos outros, entreguemo-nos  
À suave embriaguez. Que nos importa  
Que ao Prazer que os sentidos nos enleva,  
Chamem Siso, ou Loucura?

## TRADUÇÃO LATINA

**B**IBAMUS. Ætas præcipites agit  
Festina cursus: hanc spatiis Deus  
Inclusit arctis. Nos fugacis  
Damna hilares reparemus ævi.  
Quæ nunc citato carpit iter gradu  
Claudet perenis forte diem sopor.  
Cras forte nos traducet atra

Nave Charon. Quod adest avaro  
Usu occupemus. Postera quod libet  
Fortuna volvat: juverit invidas  
Parcas fefellisse, et severis  
Particulam hanc rapuisse Fatis.  
Ergo potenti nunc decet uvida  
Explere vino corda: quid interest  
Prudens an insanus voceris,  
Certa modo subeat voluptas;

## TRADUÇÃO

**B**EBAMOS: que veloz transpõe a idade  
Despenhada carreira. Em curto espaço,  
Se Deus no-la acanhou, saneemos todos  
Do fugaz Tempo os danos.  
Quiçá perene sono cerre o dia,  
Que ora caminha a passo despejado:  
Quiçá amanhã Charon, na fusca barca  
Nos navegue. Colhamos  
Sôfregos o que ora há: volva a seu gosto  
Vindoura sorte os casos. Triunfemos  
De haver burlado as Parcas invejosas,  
Roubado ao Fado esquivo  
Ténue porção. As almas ensopemos,  
Eia, em potente Baco. E aí que importa  
Que sisudos nos chamem, chamem loucos,  
Se o deleite é seguro?

## ENIGMA

ENQUANTO dous vizinhos  
(Que eu conheci!) sem se ajuntar viveram,  
Ambos tivera  
Honras, carinhos;  
Ambos a todos agradar souberam.  
De graças animados,  
De presunção inchados,  
Tributos recebiam,  
Que entre si, sem distúrbio repartiam.  
Tinham quinze anos, quando à luz saíam  
Tão guapos, tão formosos,  
Tanto a si parecidos, tão airosos,  
Que os disseras num molde ambos fundidos.  
C'os réditos de ofrendas, vassalagens  
E adquiridas ventagens  
Viveram abastados, e crescidos,  
Muitos anos, mas secos, e arrufados.  
Té que enfim de enchimento assoberbados,  
A si mesmo enfadonhos  
Pesados, e tristonhos  
Vieram a ajuntar-se,  
A chegar-se,  
A beijar-se  
Com tanto afinco e tão estreitamente,  
Que sempre unidos,  
Um com outro cosidos,  
Fizeram nojo à gente  
Que os amava,  
Enquanto largo rego os separava.

## ODE

### À PAZ DE PORTUGAL COM FRANÇA EM 1797

..... Est animus tibi  
Rerumque prudens, et secundis  
Temporibus, dubisque rectus.

HORAT. *Lib. 4. Od. 9.*

**N**ÃO tomou a seu cargo a douta Clio  
Decantar de Catão, nem de Aristides  
Invejados palácios, vasos de ouro,  
Opíparos manjares.  
Essas vanglórias (ídolos de ineptos)  
Com mão irada, a Musa as arremessa  
Na água turva do Letes, e dos Donos  
Os nomes desprezados.  
Só da terra levanta, e leva aos astros  
Na alti-sonante Cítara, virtudes  
Benfeitoras do Povo; um Cúrcio, um Décio,  
Imolados à Pátria.  
Com as asas lhe ampara o nome claro  
E às furnas desce da infeliz Inveja,  
A despontar-lhe as flechas venenosas,  
Frouxar-lhe a corda do arco.  
Entoa-me hoje, oh Clio, um desses nomes,  
Que mais celebra com robusto canto;  
Seu duradouro som zombe de avaras  
Fouces do Tempo, e Morte.  
Soe – Araújo – a Lira. Ouça-me a Elísia;  
Gloriosa ouça a Gália ímprobas lidas,  
Com que apertou discordes interesses  
Em disputado laço.

## TRADUZIDA

**Q**UÆ Pindo super imperat  
Clio doctiloquis Castalidum Cloris,  
Regum celsa palatia  
Auratasque trabes, et dapum eburneis  
Mensis impositum ordinem et  
Interfusa scyphos fercula gemmeos,  
Quæ vulgus stolidum stupet  
E montis bifido vertice despicit  
Alti Musa supercili:

Tales delicias, ludicra gaudia,  
Et viles dominos simul  
Lethæis abigit ludibrium vadis.  
At caros populis duces  
Post mortem Lybithinæ eripit, et bonis  
Civem civibus utilem  
Ultro congeneres evehit ad Deos.  
Purus vivit Aristides,  
Vivunt Scipiades et geminus Cato,  
Æternus Deciis honos  
Perstat pro patria non dubiis mori.  
Chartis Illa perennibus  
Quæ commisit, amat nomina pertinax  
Alis protegere aureis:  
Incassum furias spirat et halitus  
Tetros Invidiæ; assidet  
Non segnis rabiem et tela retundere  
Armis vindicibus Dea.  
Nunc, nunc egregium, Pieri, selige  
Cantu quem celebres virum,  
Et voce et cithara prome reconditi  
Thesaurus modulaminis,  
Quale falcigeræ non violent manus.  
Araujo resonet Chelys,  
Araujo Tagus et Sequana personent  
Discordes populos modo  
Nexu difficili jungere callidum.

A M. DE CURNIEU

## ODE

*No dia dos meus anos, 23 de Dezembro de 1797*

..... Neque  
Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.

HORAT. *Lib. 1. Od. 19.*

QUANDO outrora a florente Mocidade  
Vicejava em meu rosto,  
E nos rúbidos lábios, – doce canto  
Florejava esta Lira,  
C’os ricos dons de Márcia, – c’os carinhos  
De seu peito amoroso.  
Mas, mal me pôs as cãs com mão madura  
Pela enrugada testa  
O Lustro doze, e os traços dos amores  
Foi no ânimo apagando,  
Também as cordas deram sons sisudos.  
Não já folgaz Tália,  
Mas as graves Camenas de Stesícoro  
Vinham pregar na Lira  
Quaresmas mui morais, Sénecas odes,  
Repletas de Virtude.  
Tanto Ético sermão saiu do bojo  
Do lírico instrumento,  
Que o Pregador dormiu com o Auditório,  
E dormindo, – e sonhando  
Moral, e mais moral, entrou nos Paços  
Do entorpecido Enojo:  
Dum tombo, que lá dei, caí na furna  
Da ruim Melancolia.  
Que Alcides, que Teseu pudera destes  
Tetérrimos lugares  
Trazer-me à quadra alegre? – A não ser Baco:  
Que me tocou c’o Tírso;  
Que a alma me aviventou amodorrada  
Com Stóicos vapores?  
Salve, potente Baco; o dia de hoje,  
Solene a Ti só voto,  
Dia, em que os meus sessenta e quatro invernos  
Com teu favor, enceto.

## ODE

Quantus eram, pharetra cum protinus ille soluta  
Legit in exitium spicula facta meum,  
Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum,  
Quod canas, Vates, accipe, dixit opus.  
Me miserum, certas habuit puer ille sagittas!  
Uror, et in vacuo pectore regnat amor.

OVID. *Lib. 1, Amor. Epist. 1.*

QUANDO à Cítara de ouro a mão lançava  
Para entoar a Lusitana glória,  
Um Deus, de sobre as cordas se levanta  
    Jovem, formoso, e meigo,  
Que o braço recostando sobre a mesa,  
Afável me induzia a que cantasse;  
E que ele o canto meu reforçaria  
    C'um, que escutara às Musas.  
C'os dedos tenteando os sons Tebanos,  
Desusada responde a mole Lira:  
Brandamente me dá de Anfrisa o nome  
    Entre harmoniosas falsas.  
Então conheço o Deus, que ri, e zomba  
Do azedo enfado, com que o arguo de ímpio:  
«Não bastam, Deus maligno, inda não bastam  
    Seis lustros de servir-te?  
Já Lálage cantei, cantei Delmira,  
E a minha escravidão, e os teus triunfos:  
Já a meus cansados cantos dá de rosto  
    A livre Mocidade;  
E inda zombas das cãs – das cãs nascidas  
Nos pesados grilhões de teu Império?  
Veterano soldado lograr devo  
    Emérito descanso.»  
Nisto me torna o Amor. Canta a teu gosto  
«Fortes Castros, e duros Alboquerque:  
Disfere a voz, a Cítara tempera;  
    Cinge-te a ganhar louros.  
E, este farpão te esperte a voz, e o canto.»  
Na córnea Lua o embebe, e a mim frechado,  
No coração me cala. Os ais rebentam,  
    Os suspiros recrescem.  
«Canta os Heróis (me insulta o Deus protervo)  
Canta-os, se podes.» Eis que as asas bate,  
E aos ares se remonta, celebrando,  
    A certeza do tiro.  
Eu arrancar do peito a seta ervada  
Em vão forcejo. As farpas prendem na alma.

C'ó joelho em terra, ao pérfido, que foge  
Brado em desfeito pranto:  
«Perdoa, ingente Nume; Amor perdoa.  
Não quero Heróis cantar; louros enjeito.  
Meu Herói, minha glória, minha Musa  
Será desde hoje Anfrisa.»

## ODE

..... None videre  
Nil aliud sibi Naturam latrare, nisi ut quum  
Corpore sejunctus dolor absit, mente fruatur  
Jucundo sensu, cura semota, metuque.

LUCRET.

**A**PENAS no alto pego proceloso  
Das revoltas paixões, novos Neptunos,  
Estendemos, ao brado da Virtude,  
A repousada calma;  
E a Rainha Razão pomos segura  
No trono, (onde reinar sempre devera,  
Se com fagueira mão doloso Vício,  
Não a cega, e derruba)  
Olhando para trás, vemos o estrago,  
Que insana, infrene fúria cometera:  
Sobem às faces chamas de vergonha,  
Cerra-se o peito de ira:  
Qual, passado o naufrágio, e o Céu já puro  
Das nuvens da tormenta, o Passageiro  
Vê vir boiando à praia os mastos rotos,  
As nadantes enxárcias.

## SONETO

MOTE

Triunfe na ilustríssima Abadessa.

GLOSA

**D**ESCE dos Céus, oh Musa soberana,  
Que os Hinos nos entoas da Verdade;  
Inspira ao canto meu tal suavidade,  
Que afeiçoe à Virtude a gente humana.

Os mortais imprudentes desengana  
De quanto o império é frágil da Maldade;  
Que a Virtude tem a alta potestade  
De atar do Vício torpe a mão insana.

Põe-lhe à vista em valente quadro os danos  
Desse Amor-próprio, em que a Vaidade empeça,  
E a Vingança, que acende os ruins Tiranos.

Veja-se ao vivo o Mal, e se entristeça,  
Mas ria-se a Virtude, e em muitos anos  
Triunfe na ilustríssima Abadessa.

# ODE

## À PÁTRIA

Invenies aliquem qui me suspiret ademptum,  
Carmina nec siccis perlegat ista genis.

OVID. *Trist. Lib. 1.*

VEM, doce Lira, dom das brandas Musas,  
Com que no verde Pindo  
Gostosas me prendaram, quando apenas  
Encetava três lustros.  
Ali da sacra chama, que rutila  
Nas Apolínias aras,  
Vi desprender-se a aguda labareda,  
Tomar súbita o voo,  
Raiar-me no semblante, e calar dentro  
Nos penetrais do Ingenho;  
Onde ateadada em luz perene aclarada,  
Aquece, aviva os gomos  
Abrolhados das rápidas ideias.  
Lira prezada, e nobre,  
Que nas mãos de meu Mestre decantaste  
Os pendões arrancados  
Ao Parto fero, tão humilde a Augusto,  
Quanto soberbo a Crasso.  
Tu, remontada com as meigas cordas  
De Pafos, de Amatunta,  
Modulavas de Lídia, e de Glicéria  
As graças, os amores.  
Pois que eu ousei, das Musas incitado,  
Mover teus sons tranquilos,  
E estranhá-los com plectro indouto, e rudo;  
E pia me acudiste  
Com canto, que o desdém quebrou de Nise,  
E da formosa Márcia  
Ameigou a cruíssima saudade;  
Agora te intercedo  
Me ajudes a tecer da Pátria amada  
O saudoso elogio.  
Amado Berço de meus novos dias,  
Que arraiando risonha  
Mimosas esperanças, no teu colo  
Me acolheste benigna,  
Arredado de ti, na alheia terra,  
Suspiro e clamo – Elísia;  
Em ti cuido! a ti vejo, de ti falo:

Tu só em meu sentido  
Noite, e dia incessante me apareces;  
Ora trajada de ouro,  
Com reluzente ceptro, em alto sólio  
Majestosa sentada,  
Ao Indo Hidaspe, ao Gange as leis mandando:  
Em gravadas bandejas  
Aceitando os tributos, as coroas  
De tantos Reis Vassalos  
Do altivo Oriente, da África guerreira.  
Os troféus, as conquistas  
Tão várias, tão valentes, tão remotas  
Ornã os altos tectos  
Da sala artesoadada, em quadro imenso  
De duradoura História.  
Ora afligida, e de funéreas cinzas  
Espargida a cabeça,  
Teus filhos mortos, longe derramados,  
Transidos de pavores,  
As mãos erguidas, arrasados olhos  
De compungido pranto,  
Pedindo ao Céu misérrimo socorro  
Sobre a trémula terra,  
Que em fendas se rasgava, e das entranhas  
Vertia impuro alento.  
Lágrimas tristes, lágrimas de gosto  
Doa à fiel lembrança  
Dos infortúnios teus, dos teus triunfos.  
Assaz lhe são devidas!  
Tu me elevaste, à luz recém-nascido,  
Às Musas me elevaste,  
E em meu favor benévola obtiveste  
De Clio almo sorriso,  
Com que animou a mui submissa veia,  
Que hoje em louvar-te esforço  
Tu me deste as lições, em verdes anos,  
De ser profícuo aos homens,  
Com estudo dos bons, e as mãos me abriste  
Para o amparo alheio.  
A ti devo o caminho abalizado,  
Que da Honra às aras guia,  
Meu lado ornaste, na íngreme subida,  
De leais Companheiros,  
O são Merecimento, a sã Virtude:  
Nas asas me encostaste  
Do prazenteiro Agrado, quando o peito  
Quis conquistar honrado,  
E pudica esquivança de Delmira.  
Em seu coração frio  
Tinha provado Amor os seus poderes:  
Mil vezes apagados  
Os factos viu de crepitante lume,  
Que lhe apontou de perto.

Os escassos talentos, com que apenas  
    Lucrei mui breve nome  
Na Elísia saudosa, e estranhos Lares,  
    Bem foram mercês tuas.  
Ah! Tu, que foste ninho tão prezado  
    Desses Varões egrégios,  
Que em letras, que em batalhas te enobrecem;  
    E tu, que Armânia, e Anarda  
Alagaste contente em teu regaço,  
    E de claras virtudes  
O peito lhe abundaste; tu, que deste  
    Ao dócil Araújo  
Imensos dons, que em climas arredados  
    Requerem sumo obséquio  
À Pátria egrégia, que tais filhos brota.  
    Tu, que ao nascer cingiste  
Com amorosas fochas, e a teu seio  
    Apertaste mimosa  
Um Brito, exemplo de honra, e de bondade...  
    Como a tanto desceste  
Que deixes ir a imérito desterro  
    Teus inocentes filhos;  
E a voz não soltas, hórrida não fechas  
    As despiedadas portas;  
Não amparas nos braços?... não rechaças  
    As frechas da Calúnia?  
Devo-te a vida, a luz; mas triste, estranho  
    Consintas em teu grémio  
Monstros de alma cruel, que te desonram!  
    Malévolos poderes,  
Dos bens, da fama honrada estrago, e abismo,  
    De infames línguas couto!  
Porque as indignas vidas não enjeitas,  
    Que enjeitaria averso  
Esse inóspito Cáucaso feroce,  
    E a antropófaga terra?  
Que mal cometi eu contra um covarde,  
    Contra uma vil progénie  
Dum Herói tão famoso no Oriente,  
    Para ir com sujo bafo  
Empanar o meu nome intacto e limpo?  
    Foi culpa inexpiável  
Ter eu mais honra que ele? mais virtudes,  
    Ter alma, que não torça  
A baixezas, a crimes, como a sua?  
    Daqui tomou peçonha,  
Iníquo Delator, com que pôs nódoa  
    No manto ingénuo, e puro  
Que talhar para ele, e seus consortes  
    Rejeita a Natureza.

## EPIGRAMA

O domínio de Terra  
Deus o entregou a Adão. Noé se encerra  
Numa Arca, e toma posse  
Das Águas. Quem do fogo o Senhor fosse  
Não o reza a Escritura,  
Menos que ao Demo caiba. Ao coxo Nume  
Dão ceptro sobre o Lume  
Os Gregos, que aviavam Divindades,  
Qual nós Paternidades.  
No ar, Dédalo reinou com pouca dura:  
Mas o Francês mais leve  
Por *secula* sem fim no ar ceptro obteve.

## SONETO

**T**RAVOU-ME da alma a crua Saudade  
E entre tortos cordéis pô-la a tormento.  
Nunca revolve o aflito Pensamento,  
Que não lhe ache medrada a crueldade.

O Ciúme flamejando impiedade  
Na esquiva fantasia está de assento;  
Dali manda o inquieto Insofrimento  
Assetear a ingénua Lealdade.

O Tempo, com a foice no ar erguida,  
Obriga as Parcas a fiar depressa  
A teia, em que se adianta a minha vida.

Ah! Márcia, se não vens, talvez que desça  
Ao coração a Morte prevenida,  
E a vida, antes que venhas, se despeça.

## ODE

Num te quæ tenuit dives Achæmenes  
Aut pinguis Phrigiæ Mygdonias opes  
Permutare velis crine *Mariliæ*  
Plenas aut arabum domos.

HORAT. *Lib. 2. Od. 12.*

**B**IESTER, o Fado austero tem vedado,  
Que uns com os outros em tenaz corrente  
Se encadeiem os dias venturosos,  
Sem a turba dos tristes.  
A mim pôs por exemplo aos mortais rudes:  
Fez força ao globo da Fortuna instável;  
Com o abalo os meus bens caíram todos,  
Dando praça aos desastres.  
Em vão forcejo, e os mui leais amigos,  
Por dobrarmos o Nume inexorável:  
Surdo a rogos, a lágrimas, não muda  
O sanhudo decreto.  
Sós, neste cru desterro, me consolam  
Dous bens, que segurei na infeliz queda:  
*Sou livre, e gozo ao longe o prazer puro*  
*Da saudosa Amizade.*  
Tu gozas muitos, para mim perdidos,  
Que co'a lembrança o coração me rasgam.  
Tu vês, tu trata os honrados peitos,  
Que o *Mal* não tingiu nunca.  
Ouves Marília, Lálage moderna,  
Que doce ri, que doce canta ao Cravo  
*Mio bel tesoro.... Ah! que saudade aguda*  
Pela alma se me enterra!  
De mim, na Pátria, a melhor parte mora;  
Em porções brandas, entre vós partida:  
Sonho os amigos, quando o Sol falece,  
Sonho-os, quando renasce.